

Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

TÃO LONGE, TÃO PERTO

*Organização familiar e emigração
feminina na Ilha da Boa Vista
Cabo Verde*

Andréa de Souza Lobo

Tese de Doutorado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social do
Departamento de Antropologia da
Universidade de Brasília.

Orientador:
Prof. Dr. Wilson Trajano Filho

Brasília
Dezembro de 2006

À minha querida e saudosa mãe que,
como toda as mães é eterna, e

Ao meu pai, meu herói de todas as terras
e mares.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de tantas pessoas. Minha família, sempre acreditando e confiando em minhas escolhas, durante toda a minha formação acadêmica mostrou-se incansável em sua dedicação, proporcionando-me, além de conforto emocional e um ambiente saudável e feliz, uma infra-estrutura que me permitiu a dedicação necessária a um trabalho como este. Agradeço, em especial, à minha irmã Aninha por estar sempre ao meu lado e dando-me todas as condições necessárias para que pudesse me dedicar aos meus estudos. Agradeço às minhas sobrinhas Carol, Dani e Camilinha pelos maravilhosos momentos que passamos juntos e que muitas vezes aliviaram a tensão inerente à produção acadêmica.

Agradeço ao meu filho Marcos, meu grande amor, por ter esperado, com a paciência dos sábios, as manhãs, tardes e noites em que não pude me dedicar a ele, estando concentrada na produção do trabalho que aqui apresento. Sua companhia amorosa e paciência garantiram sempre minha tranquilidade durante esse período.

Serei eternamente grata ao meu pai, companheiro incansável que tanto me deu força, além de ler com dedicação alguns dos capítulos desta tese. Foi com ele que aprendi que a disciplina e a persistência são grandes aliadas para se atingir os objetivos que almejamos. Sem o incentivo e amor de minha família eu nunca teria chegado até aqui.

Durante todo o doutorado amigos queridos e companheiros de caminhada auxiliaram-me e dividiram comigo os melhores e piores momentos porque passamos. Ju, Soraya, Silvinha, Karenina, Damiana, Patrícia Osório, Mônica vão sempre estar em minha memória, não apenas por sua amizade e incentivo, mas por serem pessoas que, na difícil vida acadêmica, sempre se mostraram solidárias e prontas a partilhar seus conhecimentos. Fabiana e Cris, minhas amigas e irmãs, o meu muito obrigado pela companhia nesta caminhada. Aos novos amigos que fui incorporando desde que retornei de Cabo Verde, Don, Luis, Márcia, Luciano, Igor, Eric, Cibele e Neide, também

registro aqui meus agradecimentos. Nos últimos meses, a companhia de João tem deixado os dias mais coloridos, obrigada.

Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Wilson Trajano Filho, por ter conduzido minha orientação com tamanha dedicação e paciência e por ter me incentivado sempre a fazer o melhor trabalho possível. Ao longo dos últimos anos, foi ele quem me mostrou, de uma forma generosa, a beleza do fazer antropológico.

O carinho com que sempre fui recebida em Boa Vista fez do período em que lá vivi, um dos mais especiais de minha trajetória. Não posso deixar de agradecer às famílias que me abriram suas casas para a realização desta pesquisa, em especial, agradeço às famílias Costa e Lima pela amizade e carinho de sempre e por terem me auxiliado em todos os momentos e dificuldades da pesquisa. Sem eles o trabalho de campo não teria sido tão tranquilo e seguro. Agradeço da mesma forma à Nicha, Bela, D. Lu, Nha Maria, Nha Teodora, Sr. Euclides, Gilda, Claudete, Tatiana, Isa, Nha Bia, Vilma, Isabel, Luis, Valda, Nha Arlinda, Djana, Ariana e tantos outros. Pessoas que me ofereceram não só suas histórias, mas suas casas, suas reflexões, sua ternura e sabedoria. Agradeço, ainda, a Mário pelo auxílio ao longo de toda a pesquisa, mesmo nos momentos de dificuldade pelos quais passamos. Foi ele também o responsável pelo material fotográfico aqui apresentado.

A todos os informantes e amigos que fiz em Boa Vista, renovo meus agradecimentos pela amizade e simpatia com que me receberam em suas casas e em suas vidas, são pessoas como essas que fazem da antropologia uma disciplina tão apaixonante.

SUMÁRIO

Dedicatória	02
Agradecimentos	03
Introdução	07
1. Sobre Organização Familiar	11
1.1. O conceito de <i>relatedness</i>	13
1.2. A matricentralidade	17
2. Sobre emigração: contexto teórico	21
2.1. Mulheres emigrantes	26
3. Trabalho de campo e preocupações metodológicas	28
3.1. O projeto	30
3.2. Vivendo em campo	31
4. A tese	36
Capítulo I	
Apresentando o arquipélago de Cabo Verde e a Ilha da Boa Vista	41
1. Cabo Verde	41
1.1. Um país de emigrantes	44
1.2. Emigração e vida familiar nas ilhas	47
2. Boa Vista	49
Capítulo II	
Casa e família. O ambiente doméstico na ilha da Boa Vista	58
1. “Somos todos, uma só família”	59
2. <i>Nha</i> família	65
3. A casa	66
3.1. <i>Nha</i> casa	72
4. Família solteira	74
5. Crianças	79
6. Paternidade e maternidade	82
7. Afetividade e conjugalidade	85
8. Estratégias femininas	95
9. Proximidade e distância	97
Capítulo III	
Emigração, possibilidade de vida melhor	100
1. A saída de mulheres	102
2. Boa Vista	104
2.1. Antes era só miséria	110
3. Para crescer, é preciso sair	112
3.1. O projeto	117
3.2. Entre o sonho de ir e o desejo de voltar	121
4. O verão	123
5. Trajetórias ideais	131
Capítulo IV	
Tão longe e tão perto. A organização familiar no contexto da emigração feminina	133
1. Famílias de emigrantes	136

1.1. Viabilizando a partida	138
1.2. Quando as mulheres saem	143
2. Emigrantes e seus pais	150
2.1. Mantendo contato	151
2.2. Disputando atenção	155
2.3 Doença e morte	158
3. Relações conjugais e emigração	160
3.1. Visão masculina	166
4. Filhos da emigração	169
4.1. É a vida... vida de crioulo	170
4.2. Quando a reciprocidade é quebrada	174
5. O jogo entre proximidade e distância	176
Capítulo V	
Avós e netos, vidas partilhadas	180
1. O valor das avós	182
1.1. Competição ou complementaridade	185
1.2. Ter tempo	188
2. Filhos de filhas emigradas	190
2.1. Avó como mediadora	191
3. O valor dos netos	194
4. Perspectivas diferenciadas	196
4.1. Avós paternas	196
4.2. Avôs e avós	197
4.3. Netos jovens	198
5. Novos tempos	200
6. Uma outra família	203
Capítulo VI	
Novos tempos, novos atores, novas famílias	210
1. Turismo: novos tempos	212
1.1. A ilha fantástica	216
1.2. O turismo é bom, mas também é mau	221
2. Imigrantes: novos atores	226
2.1. <i>Mandjacos e badius</i>	226
2.2. Italianos	229
3. Novas famílias	230
3.1. Famílias interculturais	231
3.2. Homem cabo-verdiano só é bom para estrangeira. Já a mulher cabo-verdiana...	237
4. Desenvolvimento para quem?	244
Considerações Finais	248
Bibliografia	259

- INTRODUÇÃO -

Aqui temos muito o problema da família desestruturada, não tanto por causa do divórcio, porque a maioria nem casada no papel é, mas por causa da emigração. A mulher emigra e os filhos são criados pelas avós, não tendo a referência de pai e mãe e isso complica muito a questão familiar, pois os avós fazem parte de uma geração muito diferente da dos netos e não conseguem ter diálogo.

A relação com as mães emigradas acaba por ser difícil por causa da distância, pois elas passam um ou dois meses a cada dois anos perto dos filhos e o resto do tempo fora. O pai boa-vistense não liga para a família mesmo, então o peso fica todo na avó. A emigração é o bem e o mal de nossa família.

É uma família desestruturada, não é normal como lá na Europa, por exemplo. Lá o pai e a mãe dividem tudo, a responsabilidade na casa e no trabalho, aqui é só a mulher coitada! O homem só quer saber de seu egoísmo, de sua rua, das *pequenas* (namoradas) e do *grogue* (cachaça).

Daí tem o problema da gravidez precoce e da promiscuidade sexual que está pior agora por causa de muita mistura na Boa Vista, por causa do turismo. O problema é assim: os jovens da Boa Vista se comportam cada vez mais de acordo com influência de coisas ruins justamente por não terem a referência correta do pai e da mãe juntos, como deve ser!

A reflexão é de uma professora do Liceu da Boa Vista. Ela tenta explicar para uma jovem italiana porque Boa Vista estaria perdendo os valores morais que por tantos anos a distinguiu do restante das ilhas do arquipélago de Cabo Verde: povo pacato, simples, alegre e o mais honesto das ilhas. Onde estaria o problema? Primeiro, na idéia de uma família desestruturada em que a mãe encontra-se na emigração, o pai em qualquer outro lugar que não a casa e a avó, já com idade avançada, assumindo funções que não lhe caberiam em uma situação de “normalidade”. Complementar a esse quadro, a explicação da professora incorpora o turismo e a “mistura” como um segundo foco de problemas para os jovens da ilha, a categoria chave aqui sendo a de “má influência”.

A imagem construída pela professora era compartilhada por muitos que foram convidados por mim ou por algum evento cotidiano a refletir sobre a organização familiar boa-vistense. Por diversas vezes fui corrigida: *você quer dizer desorganização familiar não é mesmo?* Esta questão trazia uma ambigüidade importante e sempre presente no entendimento que tinham sobre o que eu fazia ali: ao imaginarem que a família nuclear e monogâmica (e

idealmente européia) seria a única adequada, interpretam que fatores característicos da família boa-vistense seriam sinais de atraso, desorganização ou até declínio das relações familiares. Porém, quando tais explicações eram cruzadas com uma observação atenta e continuada das práticas em torno da família, a ambigüidade ficava mais aparente, inspirando minha insatisfação com os entendimentos sobre desorganização na família da Boa Vista.

Desde os primeiros dias de meu trabalho de campo me impressionou o valor dado à mobilidade e à circulação de homens, mulheres e crianças no universo familiar boa-vistense e logo percebi que tais famílias “espalhadas” não eram frutos de desorganização, tal como explicava a professora, mas de uma outra forma de organização familiar. Embora os próprios boa-vistenses pontuem suas conversas com frases e afirmações que valorizam a moralidade da família cristã enquanto situação ideal, suas práticas e atitudes diante de fatos concretos revelam orientações que pouco tem a ver com ela.

Este trabalho é sobre as famílias boa-vistenses. O que procuro explorar, pelos dados etnográficos, é a lógica particular que subjaz a organização familiar local. Compartilho da idéia de Victor Turner (1972) de que há certos princípios abstratos que operam ao longo do tempo e apesar das crises, conflitos, mortes e, em meu caso, da emigração dos membros e dos desafios dos “novos tempos”. Mais do que isso, que tais princípios de organização e certos valores operam tanto nos momentos de conflitos quanto nos de calma. Neste contexto, é fundamental mostrar como os indivíduos e os grupos tentam manipular tais princípios em seu favor.

Apesar da separação causada pela emigração, muitos tipos de laços que ligam os grupos domésticos locais tradicionalmente continuam a operar de maneira eficaz graças às estratégias que serão aqui exploradas de criar “proximidade à distância”. A coesão familiar na sociedade boa-vistense depende, portanto, da força dos mecanismos para solucionar os riscos de uma estrutura que se especializou em ejetar alguns de seus membros, prioritariamente mulheres adultas, para fora do sistema social. Neste contexto, o pressuposto de que a família tem que viver junta dá lugar a uma *outra* idéia de família. Trata-se de um contexto familiar que guarda características fortes da matricentralidade sempre associada à família cabo-verdiana, mas que ao mesmo tempo empurra as mulheres para a emigração na Europa; de famílias

que percebem o binômio mãe-filho como o vínculo mais importante, porém separam-nos em nome da reprodução familiar; famílias que têm a criança como um valor fundamental, mas que as colocam para circular entre casas e localidades; famílias que constroem a idéia de parentesco por relações de partilha e proximidade, mas vivem os relacionamentos parentais à distância. Seriam estes valores ambíguos? Contraditórios?

A análise que farei vai demonstrar que o sentimento de pertencimento ou quebra nas relações familiares depende de um equilíbrio na manutenção dos diversos princípios de filiação social que mantêm as pessoas unidas. Um princípio emerge de maneira especial, a unidade mãe-filho. Então, a estrutura familiar encontrada na Boa Vista opera, em suas ambigüidades, como um sistema de princípios que fornece a base para que indivíduos e grupos sejam capazes de reproduzir práticas e relações fundamentais ao sistema (Bourdieu, 1991).

O objetivo amplo deste trabalho é, portanto, explorar os contornos deste sistema de valores e práticas que se sobrepõem às influências de uma ideologia de normalidade e que conferem um sentido a este vaivém de pessoas entre grupos domésticos, casas, localidades e países. Assim como está expresso no discurso que abre esta introdução, as idéias em torno do que é ou deve ser a família boa-vistense, quando cruzadas com as práticas que produzem e reproduzem a mesma, fornecem ao ator uma idéia de desorganização. A questão que me coloco é de como entender tal realidade partindo de uma premissa básica da antropologia: qualquer sistema cultural e social tem sua própria lógica, e esta não se encontra na camada externa dos discursos dos atores sociais.

Para isto, busco analisar as formas de organização dos grupos domésticos. Como é estruturada a família boa-vistense? Como entender relações de conjugalidade, de filiação, entre as gerações e de gênero? Porque seriam as mulheres mais proeminentes na vida familiar do que os homens? Qual o lugar da mulher, mãe e avó, neste sistema de relações? Alguns conceitos tradicionais – paternidade, maternidade, família, casa, rua, proximidade, distância – na história de nossa disciplina serão revisitados na tentativa de encaminhar respostas a tais questões, mas com a perspectiva de que o material científico não fornece mais do que verdades parciais, ou seja,

hipóteses que, quase por definição, se modificam a cada confronto com a realidade.

É impossível entender o contexto doméstico boa-vistense sem dar atenção ao fenômeno migratório. Sendo esta uma sociedade que encontrou na emigração a solução para os problemas históricos de secas e fomes e que vê como vocação natural a forte abertura ao outro, a emigração faz parte do *ethos* local, do ser cabo-verdiano, da idéia de uma pessoa plena e com uma “vida boa”. Boa Vista, no contexto nacional, guarda uma especificidade: aqui, ao contrário das outras ilhas, as mulheres emigram mais do que os homens. Então, como as regras, os valores e os comportamentos dos grupos familiares funcionam neste contexto?

Além destas, questões novas se colocam aos habitantes de uma ilha que nos últimos 10 anos passou a ser foco de um discurso desenvolvimentista dos governos local e nacional que privilegia o turismo como a saída para os problemas de subdesenvolvimento do país. Neste contexto, se intensificou um fluxo imigratório para Boa Vista, gerando situações e comportamentos que vêm acrescentar novas idéias e práticas que desafiam o universo familiar local em sua relação mais fundamental, a dos indivíduos com o seu grupo doméstico. A análise do status de tais indivíduos será um bom índice para entender a mudança social, especialmente no que diz respeito à adaptação ao que meus informantes denominam de “novos tempos”.

Com a análise de todas estas variantes pretendo apresentar ao leitor um quadro aprofundado do contexto familiar boa-vistense ressaltando alguns aspectos caros à antropologia. O primeiro ponto é o de que não se pode falar de desorganização ou de uma forma de organização que não obedeça a uma lógica própria. Neste aspecto, meu diálogo não é somente com a teoria antropológica, mas com a própria teoria social dos nativos que encontrei em meu trabalho de campo. Entender seu próprio conceito de desorganização será fundamental para a compreensão da estrutura social local. O segundo ponto é demonstrar como o universo doméstico não está deslocado das demais esferas da vida social, pelo contrário, alimenta e é alimentado por elas.

Como é de se esperar, na busca por uma abordagem capaz de dar conta de um sistema que ordena comportamentos familiares aparentemente definidos pelos próprios atores como desconexos, recorro a discussões

clássicas da antropologia como a oposição entre consangüíneos e afins, relações geracionais, instabilidade conjugal, dentre outros. Porém, é importante estar menos atenta aos modelos imaginados das relações familiares e mais na preocupação de dar vida à trama cotidiana das relações sociais - que coloca em relevo outras lógicas, menos esperadas.

Neste trabalho, lançarei mão da etnografia para explorar a lógica particular da organização familiar na ilha da Boa Vista. A preocupação aqui é com a dinâmica social das relações familiares ressaltando a importância das redes familiares extensas. Pretendo explorar, a partir dos dados colhidos em campo, a lógica particular que subjaz à organização familiar local. Junto-me assim, a uma linha de investigação que, sem jogar fora o conceito de parentesco e a pertinência do modelo ocidental de família, procura desvendar “variantes” significativas que surgem em função de contextos sociais e históricos específicos.

1. SOBRE ORGANIZAÇÃO FAMILIAR: CONTEXTO TEÓRICO

A organização familiar que foi objeto deste estudo apresenta as seguintes características gerais: a unidade significativa é a família extensa; há uma priorização dos laços consangüíneos à relação conjugal; a mobilidade de homens, mulheres e, especialmente, crianças entre várias casas faz parte da dinâmica familiar; o conceito de maternidade é mais social do que biológico, sendo que é preciso a combinação de duas gerações de mulheres para que se realize a maternidade social plena; a casa é a unidade central sendo fortemente associada à mulher e às crianças; o homem tem uma relação marcada pela ausência física e distância no cotidiano dos filhos e das mães dos filhos, contribuindo financeira e socialmente de maneira esporádica; as mulheres adultas emigram deixando familiares, filhos e os pais de seus filhos na ilha.

As unidades domésticas são fortemente centradas na figura da mãe ou avó. As mulheres têm um importante papel econômico e, além disso, os arranjos conjugais que predominam estimulam a instabilidade e a circulação dos homens por várias unidades domésticas durante a vida adulta. Tudo isso opera no sentido de dar maior peso às mulheres no interior das famílias. A centralidade feminina é reforçada pelas redes familiares que, devido à ausência

relativa do homem, operam entre as casas por meio da troca e partilha de coisas, valores e pessoas.

Neste contexto, partilhar é uma categoria fundamental para se entender as relações familiares e isto não está restrito aos laços genealógicos. Pela análise das práticas de partilha, ajuda mútua e solidariedade entre pessoas e grupos domésticos, percebe-se o conceito fundamental de “fazer família”, ou seja, fortalecer laços entre parentes e criar parentesco onde este não existia. Dadas as características da realidade da Boa Vista, o enfoque deve recair no sistema familiar enquanto um processo que é construído cotidianamente.

Acontece que, enquanto parte de uma sociedade crioula – e, portanto, resultado de uma dinâmica social em que se misturam, chocam e interpenetram forças, processos, valores e símbolos oriundos de duas vertentes civilizatórias, a africana e a europeia, dando luz a uma entidade terceira (Trajano Filho, 2006:1) –, a organização familiar da Boa Vista revela práticas e modelos em competição que ora enfatizam uma vertente, ora outra. Sendo assim, paralelamente às práticas que reproduzem um sistema familiar como o descrito acima, operam também valores calcados num modelo de família nuclear, um casal em co-residência e seus filhos, de matriz europeia e que é considerado ideal, especialmente pelas mulheres. Temos, por um lado, práticas que reproduzem formas tradicionais (coerentes com o que se entende por uma matriz africana) de organização familiar, e por outro, a existência de um modelo ideal e vislumbrado que nunca se realiza, dando luz à idéia de desorganização.

Para empreender o desafio de entender este universo familiar tive que recorrer às teorias produzidas por antropólogos que se debruçaram sobre as relações familiares e de parentesco. Estudos sobre a organização familiar são tradicionais em nossa disciplina. Desde os clássicos, nos vemos envolvidos em debates sobre consangüinidade, filiação, descendência, parentesco, universalidade da família, a dicotomia entre o biológico e o social, conflitos geracionais, conjugalidade, entre outros. Tais conceitos tornaram-se indispensáveis ao pensamento antropológico e toda a terminologia de parentesco acabou por se constituir como a área de estudos que mais caracterizava a antropologia como disciplina independente (Pina Cabral, 2003).

Com o desenvolvimento dos estudos na área, pesquisadores foram sendo desafiados a redefinir os conceitos clássicos e novos debates foram surgindo à luz dos materiais fornecidos pelas sociedades estudadas. No período que vai dos anos 60 indo até meados dos anos 80, as teorias da antropologia do parentesco do período clássico sofreram críticas profundas. Edmund Leach (1961) e Needham (1971) foram os primeiros a lançar críticas radicais à teoria do parentesco, instalando-se uma crise na antropologia da época que ficou latente ainda por alguns anos. Foi somente em 1984, com David Schneider que se reapresenta uma crítica ao eurocentrismo do conceito de parentesco que anos mais tarde vai gerar uma discussão da problemática do parentesco em novas linhas, bem como o deslocamento da atenção para outras temáticas, como gênero, casa e outros.

O trabalho de Schneider (1984)¹ nos conduz à desconstrução da categoria parentesco fundada em laços genealógicos. O autor critica o caminho pelo qual desde Morgan os antropólogos aplicaram idéias e valores ocidentais para a análise do parentesco em outras sociedades. Ele argumenta que nem todas as sociedades têm algo chamado de parentesco ou que pode ser definido nestes termos. Afirmando que a centralidade na procriação é assumida *a priori* em tais teorias, Schneider propõe que a categoria não tem valor para a análise de outras culturas porque sua definição está construída e limitada a noções ocidentais. A única solução seria, então, ou abandonar a categoria completamente ou estabelecer uma agenda mais limitada: “dada esta definição de parentesco, este povo particular a possui ou não?” (1984:200).

1.1. O conceito de *relatedness*

Quero reter aqui um esforço analítico que seguiu em diálogo com a perspectiva radical de Schneider e que gerou o conceito de *relatedness*. Carsten (2004), a proponente desse conceito, tem como ponto de partida as idéias de Fortes (1974) sobre os laços de parentesco. Apesar de ser um seguidor de Radcliffe-Brown, Fortes vai além da teoria recebida agregando

¹ Segundo Pina Cabral (2005), o estudo de parentesco de Schneider é hoje considerado o texto mais influente na área de estudos de parentesco pelos comentadores mais abalizados. Prezando pela pureza do conceito, vê o parentesco como objeto de estudo sendo possível somente no seu sentido mais restrito e talvez só nas culturas ocidentais. Veremos mais adiante que Pina Cabral propõe, ao invés de abandonar a categoria, “des-etnocentrificá-la”.

algumas idéias fundamentais: (1) a descendência não esgota o domínio do parentesco, apesar de ser o princípio estruturador do domínio político-jurídico da sociedade; (2) é preciso atentar para o domínio doméstico e para sua relação de interdependência com a estrutura social (político-jurídico); (3) ao contrário da estrutura social, que é relativamente estável, o domínio doméstico só pode ser compreendido trazendo para a análise a dimensão temporal – o ciclo do desenvolvimento doméstico – e (4) os padrões de residência pós-matrimonial também devem ser trazidos para a análise.

Segundo o autor, tendo estes fatores em perspectiva, o estudioso percebe que, normalmente, em uma dada sociedade, podemos encontrar diversos tipos de grupos domésticos convivendo e isso ocorre devido às fases do ciclo em que se encontram. Para entender uma realidade familiar é preciso, então, discutir fatores como a composição da casa, os padrões de residência preferenciais e atuais, os padrões de visitação e amizade e os padrões econômicos e de subsistência tendo em conta o processo. Com Fortes (1974) já se percebe que as dinâmicas familiares só se tornam visíveis quando a análise vai além da unidade doméstica isolada e do momento presente para se vislumbrar a lógica de um sistema mais amplo de relações sociais.

Observa-se uma mudança no eixo teórico das categorias de parentesco, descendência e aliança, o que leva a um deslocamento das discussões. Inspirada por este deslocamento para uma visão processual do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, Carsten critica a abordagem fortesiana por esta ter dado pouca atenção à intimidade dos arranjos domésticos e aos comportamentos e afetividades ligados a eles. Adotando uma perspectiva processualista, utiliza o termo *relatedness* para se referir ao fato de que os laços pré-definidos pelo sangue não definem o sentimento de proximidade, uma vez que este se encontra em contínua construção pelos atos cotidianos de “viver junto”.

Carsten (2004) revisita a crítica de Schneider e confirma o argumento do autor na medida em que, em seu caso de estudo, as idéias de parentesco não são derivadas da procriação. Porém, apesar de concordar com o autor, ela não advoga que se abandone o uso comparativo do parentesco enquanto categoria analítica. Propõe, então, que se utilize o conceito de *relatedness* para indicar as formas nativas de agir e conceituar as relações entre as pessoas. É vivendo

e consumindo juntos, convivendo no mesmo espaço, a casa, que alguém se torna parente. Apesar da substância central do parentesco na percepção local ser o sangue, a maior contribuição ao sangue é a comida. Esta relação entre as duas substâncias faz do sangue uma categoria sempre mutável e fluída. Nesse sentido, ela opta por uma noção mais flexível de parentesco. Tenta demonstrar, primeiro, como as pessoas definem e constroem suas noções de *relatedness*, e então, quais valores e significados eles dão a estas noções. Com base em dados etnográficos, ela mostra como a separação do social e do biológico, que Schneider demonstrou ser o centro da definição histórica de parentesco na antropologia, é culturalmente específica.

Neste trabalho, o conceito de *relatedness* será utilizado como uma forma possível de pensar as relações genealógicas enquanto formas primárias de estabelecer conexão, um primeiro contato, uma primeira troca de fluídos. Porém, enfatiza que isto não é suficiente, pois há um espaço que precisa ser preenchido por signos de proximidade: dar e receber, dependência mútua, trocas recíprocas de materiais, cognitivas e emocionais. Como tento mostrar pela etnografia que apresento, o domínio do parentesco precisa ser praticado em solidariedade. Mais do que isso, se as relações de proximidade não acontecem dentro do universo do sangue, buscam-se caminhos em outras vias, criando-se relações de parentesco onde antes não existia.

No universo por mim estudado operam formas de organização familiar caracterizadas por um contexto social em que indivíduos e grupos não têm acesso aos meios necessários para a realização dos valores que consideram importantes, nunca chegando a alcançar o modelo ideal. Nele as relações familiares são profundamente marcadas por laços sociais construídos cotidianamente pela partilha e pelas trocas de coisas, valores e pessoas e o sentimento de pertencimento está vinculado a um conjunto de referências comuns e à participação numa comunidade de prática.

Neste contexto, viver junto, ser criado na mesma casa, partilhar experiências e coisas são as principais fontes de identificação pessoal de um indivíduo. Sua posição na sociedade está marcada não só pelos laços de família, mas pela relação com as pessoas que acompanharam seu processo de socialização. Dada a importância da mobilidade – entre casas, povoados, ilhas e países – que acaba por gerar o que denomino de “famílias espalhadas”, as

formas de criar “proximidade à distância” são os instrumentos aos quais os indivíduos recorrem na tentativa de lidarem com as inseguranças resultantes da mobilidade que caracteriza esta sociedade.

A casa assume importância central para estas pessoas, é uma marca de pertencimento. As casas são como âncoras que prendem o indivíduo a um grupo num contexto percebido como inseguro e de difícil atualização dos laços familiares. São pelas relações intra-domésticas, entre as casas, que se constrói um sentimento de identidade familiar. A experiência partilhada de viver junto é de fundamental importância, já que se opera uma intensa cooperação entre os membros. O interessante, neste caso, é que isso ocorre mesmo que alguns destes membros estejam ausentes e se vejam a cada dois ou três anos (é o que denomino de “proximidade à distância”). O fato de ter dormido, comido e vivido juntos durante um período de tempo, cria uma relação que se mantém pela vida e que pode ser mais forte do que os laços genealógicos.

Lévi-Strauss (citado em Carsten e High-Jones, 2005:4) sublinha o fato de que a casa é um valor central na organização das sociedades que ele denomina de *societés à maison*. Talvez o princípio mais importante incorporado na casa é o da unidade e resistência à divisão. Segundo ele, a unidade residencial seria refletida nos arranjos espaciais da casa. O segundo fator destacado seria o da comensalidade, o fato de cozinhar e comer juntos. Por último, nestas sociedades as casas seriam fortemente associadas às mulheres, uma vez que elas passam a maior parte do tempo nelas enquanto os homens ficam a maior parte do tempo fora. Em meu caso de estudo, numa cultura em que as pessoas se movem entre diferentes casas com frequência e em que a circulação temporária ou permanente é constante, idéias como estas ganham força: morar e comer juntos é um importante caminho para partilhar experiências, valores e coisas e estar próximo.

O conceito de *relatedness* parece dar conta do sistema de reprodução do tipo que encontramos na Ilha da Boa Vista, onde a ênfase central se coloca na experiência de coabitação e cooperação doméstica entre pessoas relacionadas e tais laços dependem da perpetuação de estratégias de proximidade. A idéia de família seria então um projeto, sempre construído e reavaliado por seus membros a depender de sua capacidade de atualizar estratégias de proximidade (entendida aqui como *relatedness*). Estar presa a

conceitos como o de conjugalidade, paternidade, maternidade, descendência, tais como entendidos pelos clássicos de nossa disciplina poderia implicar em percepções distorcidas e até equivocadas da realidade estudada. É preciso, portanto, procurar instrumentos que ajudem a pensar as diferentes formas familiares numa perspectiva comparativa – perspectiva esta que recusa hierarquias etnocêntricas e, ao mesmo tempo, resgata a especificidade de cada configuração social. Além de descrever formas e padrões, regras culturais de residência e sucessão, padrões de ciclo do grupo doméstico é preciso dar atenção aos modos pelos quais as relações entre parentes são vividas no cotidiano.

Opto, então, pela ênfase das novas etnografias nas práticas cotidianas e na concretude das substâncias compartilhadas entre parentes. Tais perspectivas trazem questões importantes para um novo debate nas teorias de parentesco, onde se percebe que as relações são mais construídas que dadas por uma natureza imaginada ou a existência formal de laços de parentesco.

1.2. A Matricentralidade

As pesquisas antropológicas têm mostrado que existe uma grande diversidade de dinâmicas familiares, mesmo no que chamamos de mundo moderno (ver Boyer, 1964; Little, 1975; Clarke, 1979; Smith, 1996; Fonseca, 2004; Parreñas, 2005). O mito de que as práticas familiares iriam coincidir com um único modelo de conjugalidade que caracteriza a família nuclear e monogâmica foi abandonado e as pesquisas sugerem, hoje, que não existe um padrão universal de família.

A literatura antropológica sobre Caribe e suas formas variadas de organização doméstica, estrutura familiar e parentesco contribuíram para combater a idéia de que existiriam valores irracionais e de que a estrutura familiar de negros e pobres seria anormal. Smith (1996) afirma que tomar a família pela família nuclear é problemático por várias razões². Primeiro, porque se está considerando apenas as conexões biológicas e segundo, porque uma definição externa do que constitui família não pode ser imposta aos grupos

² Sua coletânea (Smith, 1996) reúne trabalhos sobre o tema publicado ao longo de décadas. Seus primeiros trabalhos datam de 1956 e seguem ao longo das décadas de 60 e 70 tratando sobre temas como gênero, classe, parentesco e raça em sociedades afro-americanas.

estudados, sendo, portanto, problemático o pressuposto de que a família vive ou deve viver junta (Monagan, 1960:354).

Aliás, trazer estudos sobre o Caribe para o contexto cabo-verdiano é interessante para a construção do argumento, especialmente quando o tema é a matrifocalidade ou o entendimento de outras formas de família que não a família nuclear. As sociedades caribenhas se aproximam da sociedade crioula de Cabo Verde em aspectos como: a insularidade, sua constituição enquanto sociedade pelo tráfico de escravos, as situações coloniais que guardam algumas similaridades³: estrutura familiar caracterizada pela centralidade feminina, ausência relativa do homem, pobreza, migração, instabilidade conjugal, priorização dos laços consangüíneos dentre outros.

Smith foi pioneiro na reflexão sobre um sistema matrifocal de parentesco. Para ele, na estrutura familiar matrifocal a prioridade é dada ao laço entre mãe e crianças, irmão e irmã ao passo que o laço conjugal é considerado menos intenso afetivamente. Por causa da segregação de papéis conjugais que delega à mulher a responsabilidade com as crianças e da situação econômica desfavorável do homem, são as mulheres enquanto mães que se tornam o centro das relações familiares e sociais.

Para ele um sistema matrifocal de relações domésticas pode ser percebido observando a natureza marginal do papel do marido-pai. Há uma correlação entre a natureza do papel do marido-pai e o papel do homem no sistema econômico (Smith, 1996: 14). O autor sugere que a baixa posição do homem negro na hierarquia local limita-o a empregos de baixa remuneração e requer que ele esteja ausente da casa e da localidade onde vive na maior parte do tempo. Sendo esta situação típica em muitas sociedades chamadas de matrifocais, a explicação de Smith teve uma forte influência nos estudos posteriores.

A família matrifocal é um tópico que atraiu atenção de muitos outros pesquisadores e que, de certa forma, foi utilizado de maneira indiscriminada.

³ Entretanto, as diferenças também são importantes e não devem ser esquecidas. Trajano Filho (2005) defende que por detrás das semelhanças com as culturas da diáspora, do complexo cultural do Caribe ou do mundo atlântico, a formação social que surgiu nas ilhas de Cabo Verde está fundamentalmente ligada às sociedades da costa da África Ocidental por semelhanças estruturais de duas ordens. Primeiro, compartilhou durante muito tempo uma estrutura de reprodução social com os aglomerados mestiços nas margens dos rios da Guiné. Segundo, por compartilhar atributos estruturais da cultura política das sociedades africanas, ligados à formação e reprodução das unidades sociais (2005:6).

Um exemplo são os trabalhos de Kunstatder que definem matrifocalidade como sendo “um grupo de parentesco co-residente que não possui nenhum homem presente regularmente fazendo o papel de marido-pai e a maioria das relações afetivas são entre os parentes consangüíneos maternos” (1963:58). Tal definição é considerada restrita pelos estudiosos (ver crítica de Boyer, 1964 e Monagan, 1985), pois não inclui questionamentos sobre a estabilidade do papel do homem na unidade familiar, um papel que muitas vezes persiste mesmo na ausência física deste. Além disso, não incorpora os laços emocionais e omite o importante papel da mudança como um fator fundamental no entendimento destas relações.

Como salienta Solien (1965), definições de matrifocalidade como as de seguidores de Smith contam apenas que há uma porcentagem de famílias encabeçadas por mulheres, mas não abordam como tais famílias funcionam de fato em nível interpessoal. Em outras palavras, não é abordado, de fato, o que a estrutura *woman-headed* significa. Em alguns casos, a matrifocalidade significa que é a mulher que tem o comando de como o dinheiro é gasto. Outros enfatizam os fatores emocionais da relação mãe-filho, dando pouca atenção para a presença ou ausência do pai. Tendo isso em vista, proponho uma análise centrada no papel real de mulheres e homens num grupo doméstico e em suas posições na comunidade para fornecer uma nova visão sobre matrifocalidade e seus significados.

No caso de Cabo Verde, as análises enfatizam o papel central das mulheres nos cuidados com as crianças e com a casa. Porque, então, as mulheres seriam mais proeminentes nas vidas dos familiares do que os homens? Finan e Henderson (1998) afirmam que em Cabo Verde (especialmente na Ilha de Santiago) foi desenvolvido um tipo diferente de casas chefiadas por mulheres do que aqueles existentes no continente africano e no Caribe. Segundo eles, o padrão da mãe como chefe não é, necessariamente, uma consequência da emigração masculina, mas sim da falta de alternativas e oportunidades econômicas. Os autores exploram as diferentes formas de casas chefiadas por mulheres de emigrantes, viúvas e mães solteiras na tentativa de desvincular a chefia feminina da situação de emigração masculina. Sugerem, ainda, que devido a emigração feminina para

a Itália, importante na Ilha da Boa Vista, pode-se verificar uma diminuição no fenômeno das casas chefiadas por mulheres.

Ao invés de tomar tal afirmação como dado, o que o presente trabalho pretende problematizar é, primeiro, podemos falar em “mulher-chefe-de família” cunhado para o estudo de famílias negras no Caribe quando tratamos da realidade cabo-verdiana? Os homens são realmente ausentes das unidades pensadas como formadas basicamente pelos laços entre mães e filhos? Em situação de emigração da mulher-mãe, como se estrutura o sistema de relações na esfera doméstica e fora dela? Para alcançar respostas a tais questões, é preciso focar o sistema familiar como um processo, ou seja, tentando superar um mal-estar recorrente que perpassa os estudos sobre matrifocalidade: a imagem estática da unidade residencial, a confusão entre sistema familiar e unidade doméstica e a ambigüidade relacionada ao poder doméstico, feminino e masculino (Fonseca, 2004:61).

Na construção do argumento, irei refletir sobre a importância relativa de homens e mulheres nas redes familiares e concluirei que os laços consangüíneos e de proximidade entre homem-homem e homem-mulher têm tanta importância quanto os laços mulher-mulher. Com base nos dados de campo, procurarei mostrar que por trás da colaboração entre mulheres há uma presença masculina que dá apoio tácito à situação e, como mediador, nutre a rede de solidariedade feminina que é central para a vida doméstica local.

O que quero dizer é que por meio do estudo da dinâmica residencial é possível contextualizar a importância de homens e mulheres nas redes sociais. Pela etnografia, pude perceber que há relações de parentesco entre as diferentes casas da vila, que há intensa circulação de parentes agregados à família nuclear, i.e., pessoas temporariamente abrigadas nas casas de tios e primos, que as relações de sangue perpassam as casas e até a vila e, que as crianças são elos importantes entre as casas, as famílias e as gerações. Nesse contexto, a análise não pode se restringir ao universo feminino. O papel do homem, sua presença e ausência também têm algo a nos dizer sobre esta realidade.

Com um estudo pautado em tais perspectivas, acredito que me aproximo do objetivo de encorajar uma visão da proximidade humana (no sentido de *relatedness*) que leva em conta sua multiplicidade e complexidade em

contextos sociais específicos, mas sem abandonar temas e conceitos tão caros à nossa disciplina. Para isso, fico com a idéia de Pina Cabral (2005) ao se referir ao trabalho de Julian Pitt-Rivers e sua proposta de des-etnocentrificar. O que o autor quer dizer é que, ao invés de abandonarmos conceitos históricos de nossa disciplina – como o de parentesco, por exemplo – é preciso identificar em tais conceitos o que eles têm de validade comparativa. “A história de um conceito deixaria, assim, de ser um empecilho à sua validade analítica, mas seria antes um meio pelo qual esse conceito poderia ser des-etnocentrificado – nunca totalmente, está claro, mas sempre mais e mais” (2005:11).

2. SOBRE EMIGRAÇÃO: CONTEXTO TEÓRICO

A estrutura social em Cabo Verde tem uma característica peculiar. Ela expelle seus membros para fora do sistema social. Isto tem feito do país uma sociedade da diáspora desde o processo de colonização (com os *lançados*⁴ na costa africana) até os emigrantes que se lançam hoje em busca de uma vida melhor. Os projetos migratórios estão ligados à necessidade de se ligar ao outro para se constituir a si mesmo. Cabo-verdianos migram para construir suas vidas, suas casas e um futuro melhor. As remessas, envio de bens, visitas e fluxos de coisas em geral seriam espécies de contextualização material dos laços de afeto, estratégia fundamental para a manutenção do sentimento de pertencimento e para a construção da “intimidade à distância” tanto para os que estão fora quanto para os que permaneceram na terra natal.

A mobilidade é um valor na sociedade boa-vistense e opera em diversas instâncias. Há mobilidade entre as casas, ou seja, um indivíduo circula entre casas de parentes com facilidade sendo difícil encontrar alguém que, ao longo da vida, tenha vivido somente em uma casa. Há mobilidade conjugal, visto que a mudança de parceiros é algo comum e esperado para homens e mulheres ao longo de suas vidas. Tem-se uma relativa mobilidade sócio-econômica e profissional, pois os indivíduos podem ter sua condição econômica alterada devido a oportunidades de trabalho em outra ilha, país ou mesmo por causa do turismo.

⁴ Nomes dados a partir do século XVI aos portugueses e cabo-verdianos que se lançavam nos rios da Guiné para fazer comércio com os habitantes locais e que acabavam por se africanizar. Ver Carreira (1977) e Trajano Filho (2006).

Como outras formas de circulação, apesar de esperada, valorizada e reproduzida por esta sociedade, a emigração é fonte de insegurança e desafios para aqueles que a realizam. Na ilha da Boa Vista, caracterizada por forte emigração feminina, pode-se pensar que a emigração gera situações de instabilidade e uma aparente tendência à erosão de laços fundamentais para o sentimento de família.

Ora, se caracterizamos a família boa-vistense como fundamentada na atualização de laços cotidianos em que o “viver junto” é a base para o sentimento de pertencimento a um grupo que é mais amplo do que a família nuclear e conjugal, se concordamos que a mulher é figura central neste universo, que é o foco de autoridade da unidade doméstica (a casa), que é o centro das relações com os filhos e que movimenta as redes de solidariedade que “fazem família” nesta sociedade, então surge uma questão: como uma sociedade em que a mulher é o centro das relações domésticas e extra-domésticas, se especializa em exportá-la? Além disso, como a família continua a se reproduzir num sistema com tais características?

Estudos sobre as estruturas familiares em contexto de emigração são bons exemplos que indicam como as redes de parentesco operam de maneira relevante em situações de distanciamento espacial e temporal. A importância dos parentes aparece com nitidez em grupos onde, diante de difíceis condições de vida e freqüentes separações (inclusive separações conjugais) as redes familiares de ajuda mútua tornam-se indispensáveis, sendo atualizadas, especialmente, pela partilha: na trocas de bens, valores, alimentos, coisas e pessoas.

Muitas vezes se adotou sem críticas a idéia de que a emigração é simplesmente motivada pelo desejo das pessoas por uma vida econômica melhor e um status social mais alto. Algumas teorias construíram visões alternativas a esta, enfatizando outros aspectos da vida em sociedade e enriquecendo os debates sobre o tema. Por exemplo, Olwig e Sorensen (2002) criticam a visão do migrante como um *homo oeconomicus*, afirmando que a busca por melhores oportunidades não está restrita aos cálculos econômicos, mas a construções culturais sobre meios de subsistências. Em outro momento, pela metodologia das “redes sociais”, foi possível se observar e dar a devida ênfase à importância das redes na produção e reprodução de um sistema de

emigração. Foi possível demonstrar, então, como elas interligam pessoas que ficaram em casa com parentes e amigos na emigração e funcionam como catalisadores para mais saídas.

Estudos mais recentes, os chamados “estudos transnacionais”, definem o transnacionalismo como um processo pelo qual imigrantes constroem campos sociais que ligam seu país de origem ao país de chegada (Glick Schiller et al, 1992:02). Tal perspectiva coloca ênfase nas experiências dos imigrantes e nas relações que se constroem no novo lugar, oferecendo uma visão mais sofisticada das complexas articulações criadas pela migração entre o lugar de saída e de chegada. Porém, explora-se muito pouco o universo daqueles que ficam nas localidades de origem e que também vivenciam um outro tipo de relação com a “transnacionalidade”.

Na perspectiva que adoto aqui o foco recai prioritariamente naqueles que permanecem na ilha da Boa Vista e nas relações entre estes e os que partiram. Encaro que as vidas dos que ficam dependem de pessoas, recursos, idéias e bens que se encontram em outros lugares, na emigração. Muitos nunca deixarão a terra natal, porém, é correto afirmar que vivem suas vidas num universo social que enfatiza as relações que atravessam as fronteiras de seu país.

O conhecimento das culturas locais é crucial para as análises da movimentação migratória, especialmente para a integração nos países que recebem. A organização social do país de origem e as idéias a respeito da mobilidade devem ser parte dos instrumentos conceituais que vislumbram analisar o universo migratório. Entender as idéias e as práticas daqueles que ficam é, portanto, uma contribuição importante para a compreensão do processo migratório em sua totalidade.

Meu interesse está (a) nos atributos da estrutura social que produzem a emigração na ilha, (b) nas relações que se estabelecem entre a emigrante e sua terra natal e (c) nas estratégias daqueles que ficam para suprir a ausência de quem parte. Esta análise busca salientar que, mais do que catalisadores ou indutores de transformações locais, certos movimentos de gente, capital e bens têm forte tendência conservadora e contribuem para a manutenção de instituições tradicionais (Trajano Filho, 2005:2).

Para entender como isto ocorre, recorro à perspectiva de Levine (1973), autor de um interessante texto sobre os padrões africanos de personalidade em que faz reflexões sobre as relações familiares em contextos muito próximos àqueles encontrado na Boa Vista. Interessa-me, principalmente, sua reflexão sobre a ausência de ansiedade com relação à separação física, que seria diminuída por uma lógica transnacional de obrigações materiais, e a tendência a caracterizar os relacionamentos sociais pelo idioma das transações materiais.

Segundo Levine, diferentemente das sociedades ocidentais em que o componente emocional nas relações interpessoais é mais importante que as transações materiais envolvidas, os africanos caracterizam suas relações em termos dos tipos de transações materiais envolvidas: quem deu o quê a quem e em quais circunstâncias. O valor dado à troca e à partilha de materiais define a qualidade das relações, especialmente as familiares, descritas em termos de alimentar ou prover comida.

Com relação à ausência relativa de ansiedade em casos de separação, Levine compara ocidentais e africanos. Os primeiros desejam intimidade nas relações sociais e a sua ausência gera ansiedade. Em sua perspectiva, os ocidentais são acostumados a fazer sacrifícios para evitar estar longe daqueles que amam. Ansiedade com relação à separação e sentimentalismo são formas que nossa cultura encontra para lidar com as relações afetivas e íntimas. No mundo africano as coisas operariam de outra forma, “eles demonstram achar a separação física entre os que se amam menos perturbadora emocionalmente e não a percebem como um motivo para a quebra da relação” (1973:138). Portanto, a relativa ausência de ansiedade na separação faz com que homens e mulheres e pais e filhos a encarem como menos dolorosa e disruptiva do que é em nossa sociedade. É a ênfase nas obrigações materiais que faz ser possível manter relações durante ausências prolongadas. As famílias africanas não têm que permanecer intactas residencialmente para que se mantenha social e psicologicamente real para seus membros. Nem as obrigações de parentesco e casamento diminuem com as ausências prolongadas (1973:142). Mais do que isso, os membros dispersos têm um papel central na redistribuição dos recursos econômicos.

Trajano Filho (2005) compartilha com Levine o que denomina de “idéia de um ecúmeno africano” quando se trata do conjunto de práticas e

disposições incorporadas que se conformam num *ethos* compartilhado. As relações entre emigrantes e seus familiares em Cabo Verde podem ser, portanto, analisadas à luz de uma perspectiva sobre o espaço como concebido antes de tudo como espaço social. Conforme nota Trajano Filho, partindo da perspectiva de Levine:

A tendência de “empurrar gente para fora do país” e sua operação regular e duradoura na sociedade cabo-verdiana, marcada desde sempre pelo deslocamento de seus membros, gera tensões insuportáveis que provocariam um esgarçamento do tecido social não fosse a operação de um *ethos* coletivo que enfatiza a relativa ausência de ansiedade com relação à separação física entre os que ficam e os que partem e a manutenção dos relacionamentos, apesar da distância, por meio da continuidade das obrigações materiais (2005:8).

O sentimento de pertencimento está mais ligado à qualidade das relações sociais atualizadas à distância do que à permanência num mesmo espaço geográfico. O que se reproduz, então, é algo conservador e tradicional. A distância acaba por ajudar a preservar padrões de organização tradicional face à crescente mobilidade. O processo migratório deste país pode ser melhor explicado como uma continuidade do ecúmeno cultural africano – que impele os membros das comunidades a se deslocarem para as fronteiras do sistema social – do que ser entendido como um produto mal explicado de transformações contemporâneas difusas de natureza global. “Os fluxos de gente, capital, informação, coisas e valores no tempo e no espaço não são exclusivos da contemporaneidade, sempre existiram no passado. O que mudou foi o alcance da circulação de coisas, símbolos e pessoas” (Trajano Filho, 2005:3).

Meu argumento ao tentar compreender os modos de reprodução das “famílias espalhadas” da Boa Vista, segue a linha adotada por Levine (1973) e Trajano Filho (2005). Entender a situação local como parte deste contexto africano ilumina as práticas locais percebidas em campo e me ajuda a analisar esta outra noção de proximidade, que nem sempre quer dizer proximidade física. Viver junto tem, então, um significado muito mais amplo do que partilhar um mesmo espaço. As famílias tem continuidade graças a expulsão de alguns de seus membros mais importantes, as mulheres enquanto mães.

As emigrantes, que poderiam ser percebidas por muitos como “indutoras da mudança”, expressam em suas relações com a terra natal um aspecto conservador no sentido de incentivar e induzir a manutenção de valores tradicionais no que toca às questões de gênero, matricentralidade, relações geracionais e práticas cotidianas de partilha de substâncias⁵.

2.1. Mulheres emigrantes

Como afirma Bárbara Ehrenreich and Arlie Hochschild no estudo intitulado *Global Woman* (2002), ouvimos pouco sobre o fluxo de mulheres nas teorias da migração: o crescente deslocamento de milhões de mulheres de países pobres para países ricos, onde elas trabalham como babás, empregadas e às vezes como trabalhadoras do sexo. Essas trabalhadoras migrantes geralmente deixam seus filhos sob os cuidados das avós, irmãs ou outros parentes e, cruzam o globo para trabalhar.

As autoras fazem uma retrospectiva histórica do processo migratório do terceiro mundo para o primeiro e afirmam que contrastando com o período de 1950 a 1970, os anos 90 têm como marca a “feminização da emigração”. Apesar dos padrões de emigração serem diferentes em cada região, tem acontecido que o número de mulheres emigrantes, para a surpresa de muitos países “enviantes”, tem superado o número de homens. Mostrarei adiante as diferenças fundamentais entre a emigração feminina e masculina, porém, cabe ressaltar que observamos semelhanças quando o tema é o sentido da movimentação. A maioria vai do sul para o norte do globo, de países pobres para países ricos e geralmente seguem fluxos migratórios já característicos dos lugares de origem.

Na perspectiva de Parrenãs (2002) em um estudo sobre migração feminina nas Filipinas, a saída das mulheres causa grandes impactos e transformações na sociedade: nas relações de gênero, nos padrões econômicos, na demografia e outros. Tais impactos seriam fundamentais na vida dos filhos deixados no país de origem e sendo criados por outras

⁵ Não quero com isto argumentar que a emigração não produza mudanças, que os fluxos de coisas, valores e gente não resultem em transformações na vida local. Meu ponto é que estas transformações são o preço a pagar pela manutenção de um modo de organização social tradicional.

mulheres⁶. Porém se, por um lado, são remetidos à emigração feminina os problemas emocionais sérios porque passam filhos jovens que crescem longe da mãe, por outro, estratégias são utilizadas por mães e filhos para “diminuir a dureza da situação emocional causada pela distância geográfica e temporal prolongada. A dureza é diminuída quando as crianças recebem apoio da família e estabelecem uma comunicação periódica com as mães na emigração” (Parreñas, 2002:40). Nos estudos que tive acesso, sempre é salientado que a emigração feminina tem um preço alto para mães e filhos e que ambos fazem esforços consideráveis para a manutenção dos laços sociais e afetivos à distância.

O contexto da emigração de mulheres na Ilha da Boa Vista vem acrescentar novos dados a estas interpretações. Nesse sentido, a análise que apresento traz questões interessantes sobre como membros de grupos domésticos ultrapassam a distância e quais as circunstâncias que fazem com que estes avaliem quando os laços estão sendo mantidos ou foram quebrados por aquelas que partiram.

Tal avaliação passa pelas estratégias de manter “proximidade à distância” por meio da realização de obrigações sociais e financeiras que cabem à emigrante. Para que seja apoiada pelos familiares, amada pelos filhos e se sinta como pertencente a um grupo é preciso que ela, e os demais envolvidos nesta relação, mantenham um fluxo contínuo de informações, visitas, rumores, troca de coisas, valores, e recursos materiais. Se tais estratégias são atualizadas a contento, a emigração “vale à pena” e a ausência é mitigada, tornando-se proximidade à distância.

Mas o leitor pode questionar as especificidades da emigração feminina, ou seja, em que a saída de mulheres se difere da emigração masculina a ponto de se construir um argumento sobre o tema. Muitos países de origem incentivam as mulheres a emigrar em busca de trabalho, pois elas são mais fiéis do que os homens no envio de dinheiro para as famílias que ficaram e gastam pouco com elas mesmas. Em geral, a mulher envia para casa mais da metade do que ganha. Essas remessas têm um impacto significativo na vida

⁶ Ao falar da emigração feminina não se pode ignorar o papel do homem que, como mostram diversos estudos, faz pouco para aumentar sua contribuição no trabalho em casa.

das crianças, pais, irmãos e parentes em geral – assim como nos “caixas” dos governos de seus países (Ehrenreich and Arlie Hochschild, 2002:07).

Parto do pressuposto de que as responsabilidades assumidas em situação de emigração variam de acordo com o gênero. Como outros estudos demonstram (Akesson, 2004, Dias, 2000, Carling, 2004), quando é o homem que sai, os filhos recebem todo o suporte da mãe que fica e da rede familiar feminina da qual ela faz parte. Como veremos adiante, quando é a mulher que sai, os filhos não recebem o mesmo tipo de conforto. O pai raramente assume o papel de “cuidador”, o que ocasiona a necessidade de arranjos que supram o papel da mulher-mãe na rotina da casa e na vida dos filhos.

Espero também que a análise das características da família boa-vistense contribua para a redefinição da noção de maternidade. É importante lembrar que, assim como a saída de mulheres permite a reconfiguração do lugar destas nas sociedades de partida e de chegada, se reconfiguram também o papel do homem e a concepção de masculinidade. Da mesma forma, são incorporadas novas formas de sociabilidade e novos modos de se pensar a conjugalidade.

A emigração feminina, arrisco dizer que mais do que a masculina, obriga os membros de uma unidade doméstica a negociar papéis não só para definir se a mulher pode sair ou não, mas para estabelecer quem vai assumir as responsabilidades por ela deixada e para definir quais as novas funções daquela que sai. O interessante é que estas estratégias não levam necessariamente a novas formas de pensar e viver o mundo, mas podem funcionar como importantes reprodutores de formas tradicionais da vida local.

3. TRABALHO DE CAMPO E PREOCUPAÇÕES METODOLÓGICAS

O trabalho de campo é um dos rituais de passagem mais esperado para um antropólogo em processo de formação. Sua longa duração, nível de exigência e impactos sobre a subjetividade daquele que o realiza são desafios que constroem os profissionais da antropologia, e suas noções de si e de seu mundo. Na busca pelos dados, nos colocamos por inteiro diante do outro, expondo nossas posições, trocando dádivas, valores e realidades.

É tanto a dimensão de profissionalização como antropóloga, quanto aquela mais pessoal de revisão existencial diante da nossa vivência que pretendo explorar ao apresentar as condições em que os dados que aqui

análise foram produzidos. Minha intenção é de acrescentar à discussão a experiência de uma antropóloga que, imbuída do romantismo dos clássicos que buscavam o exótico em um “outro” distante, viu surgir diante de si Cabo Verde como uma opção viável de pesquisa.

Antes de entrar mais diretamente sobre as considerações a respeito do campo, é preciso que contextualize a trajetória que me levou até Cabo Verde. Ainda estava fazendo o curso de mestrado quando, de forma meio acidental, comecei a ouvir falar sobre Cabo Verde através de uma colega que estava fazendo seu trabalho no arquipélago⁷ e que me levou a conhecer alguns cabo-verdianos que estudavam na universidade que freqüentávamos. Meu contato direto com a realidade cabo-verdiana teve início na tarde de 13 de Dezembro de 1999 quando desembarquei no aeroporto do Sal em meio a um grupo de estudantes cabo-verdianos vindos do Brasil para passar as férias escolares. Naquela ocasião passei três meses fazendo trabalho de campo na Cidade da Praia, capital do país, uma temporada curta, mas que acabou por resultar em minha dissertação de mestrado (Lobo, 2001) e por criar laços de amizade e contatos sólidos que vieram viabilizar uma segunda fase de pesquisa que ocorreu no período de fevereiro de 2004 até maio de 2005, totalizando 15 meses de pesquisa de campo ininterruptos.

Terminado o mestrado, voltei a Cabo Verde por razões pessoais e lá vivi cerca de um ano e meio trabalhando como professora de sociologia no liceu da Boa Vista. Nesse intervalo de tempo tive um filho e me casei com um cabo-verdiano que havia conhecido na altura da pesquisa de campo de mestrado. Apesar de estar “oficialmente” afastada da antropologia, notei que uma vez que temos o olhar treinado pela disciplina, estamos frequentemente atentos diante deste ou daquele traço social que marque determinada realidade. Sendo assim, a convivência não sistematizada e, porque não, descuidada, enquanto estrangeira na Ilha da Boa Vista acabou por me reaproximar da antropologia ao perceber que havia certas esferas da vida desta sociedade que se constituíam como verdadeiras “pérolas” para a investigação antropológica.

⁷ Refiro-me ao trabalho de Juliana Bras Dias, *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília. 2000.

3.1. O Projeto

O projeto de pesquisa que guiou o presente trabalho decompunha a problemática a ser estudada a partir do conceito de domesticidade e tomava o espaço doméstico como palco principal para observar a vida cotidiana e os conflitos que surgem no seio do grupo familiar. Incorporei a noção de domesticidade num contexto de encontro com a alteridade e privilegiando as formas como a idéia de casa é percebida, vivida e experienciada na relação com os “outros”. Estes outros aos quais me referia são os estrangeiros que vêm trabalhar na Boa Vista trazidos pelo turismo, as gentes de outras ilhas que movimentam o fluxo das migrações internas e as emigrantes que partem e retornam, fazendo circular idéias e valores que têm se configurado como elos importantes nessa sociedade que privilegia e se reproduz no contacto com o exterior.

Com isso em mente, elaborei uma estratégia de pesquisa que desse conta da perspectiva do boa-vistense na relação com esses estrangeiros e as transformações que vinham ocorrendo no espaço doméstico. Apesar de não estar interessada num estudo sobre emigração, naquela altura já percebia que não poderia fugir do tema. É difícil falar de Cabo Verde sem tocar na importância que a emigração exerce nesta sociedade, um fluxo que é essencialmente masculino e de importância fundamental no seu processo de reprodução.

Boa Vista não foge a esse padrão, a não ser quando nos questionamos quem emigra. Desde os fins dos anos 60, esta é a principal ilha do arquipélago onde a emigração é essencialmente feminina, o que traz algumas configurações interessantes para a constituição da família boa-vistense, especialmente para os filhos e companheiros das mulheres emigrantes. A situação da Boa Vista demonstra, então, que, mesmo sendo predominante, o fenômeno migratório masculino não é o único padrão existente em Cabo Verde⁸, e que, embora em menor escala, a saída das mulheres provoca

⁸ Além da Boa Vista, mas em menor escala, tem se observado um crescimento da emigração feminina em todo o país, especialmente na ilha da Brava, São Nicolau e até mesmo em Santiago (Lesourd, 1995).

mudanças importantes no comportamento local, mudanças que reforçam a idéia de que os papéis sociais são construídos de acordo com o contexto.

Além das emigrantes, identifiquei outros grupos que circulam na sociedade boa-vistense atraídos pela movimentação turística. Em termos da movimentação inter-ilhas, a entrada dos chamados *badius*⁹ seria a mais importante a ser considerada, tanto pelo número daqueles que entram e fixam residência na ilha, quanto pelo tipo de reações negativas que sua presença ocasiona entre os locais. Em termos da emigração internacional, haveria um pequeno mas importante número de italianos que se estabelecem na Boa Vista por causa da nascente indústria do turismo, fixando residência ali e sendo responsáveis pelo aumento da oferta de emprego verificada nos últimos anos. Havia também os chamados *mandjacos*, africanos do continente que circulam pelas ilhas do arquipélago vendendo artigos artesanais e “bugingangas” em geral (pilhas, baterias, relógios, enfeites para cabelos, perfumes, xampus, etc). Por causa do turismo e das construções de unidades hoteleiras, vem crescendo o número desses africanos do continente que passam a residir na ilha. O que buscava, ao trazer todos esses atores para a arena doméstica, era explorar a diversidade de valores em jogo na elaboração dos projetos individuais e familiares, numa tentativa de indicar as maneiras pelas quais os fluxos migratórios e turísticos conduzem os assuntos familiares.

3.2. Vivendo em campo

Com um projeto bem definido na bagagem, retornei à Boa Vista em fevereiro de 2004, trazendo comigo um sentimento diferente dos meus colegas que também seguiam para o campo em busca de uma nova realidade para estudar e vivendo a expectativa que o encontro com o novo gera em todos nós. Meu sentimento era de reencontro, agora não mais em uma situação de vivência diária descuidada, mas numa relação com novos parâmetros, dentro da sistematicidade que a situação de pesquisa exige. Preocupava-me em como estabelecer uma nova relação e de como me reposicionar diante de pessoas que já me conheciam como moradora local, casada com um homem da ilha e mãe de um bebê.

⁹ São chamados assim os cabo-verdianos provenientes da Ilha de Santiago. A expressão tem um caráter pejorativo.

Como estratégia de aproximação e com base nas informações que trazia na bagagem, primeiro organizei a aplicação sistemática de questionários aos membros dos grupos domésticos locais. O intuito era duplo. Primeiro mostrar a minha nova posição na comunidade e fazer circular a notícia de minha pesquisa. Segundo, obter uma espécie de mapa que me fornecesse um esboço da estrutura familiar, formas de habitação e estratégias de casamento. Os conselhos de Malinowski (1978) foram decisivos na escolha de tal estratégia nessa fase de aproximação, período em que, segundo suas palavras, é sempre bom evitar assuntos delicados e temas complexos.

Com tal trabalho pude confirmar algumas intuições que tinha sobre a organização familiar: o alto nível de emigração feminina, a mobilidade das crianças entre as casas de familiares, o baixo número de casamentos formais e a grande incidência de uniões de fato, a tendência dos filhos de residirem até a idade madura nas casas dos pais, a importância da avó no processo de criação das crianças, entre outros. Sobretudo, a aplicação desse inquérito foi frutífera, especialmente porque ajudou-me a identificar famílias e pessoas das quais poderia me aproximar para realização de entrevistas e da observação participante. Como era de se esperar em um ambiente pequeno, logo correu a notícia de que estava fazendo um trabalho sobre Boa Vista e verifiquei a disposição de muitos em me receber em suas casas e contarem suas histórias.

Passada a fase de adaptação, percebi que um estudo que tem como foco principal as concepções e ações acerca da domesticidade, deve adotar um tipo de estratégia metodológica que tente capturar a dinâmica temporal do ciclo doméstico. Nesse sentido, lancei mão de duas perspectivas analíticas para dar conta das relações entre avós, filhos, netos, irmãos e companheiros dentro da esfera doméstica. A primeira perspectiva, equivalente à experiência distante, tentava recuperar o ciclo de desenvolvimento dos grupos domésticos dentro de um período histórico que englobasse três gerações. Começando por aí, dei atenção aos arranjos familiares e de conjugalidade, padrões de moradias e costumes tradicionais. Tais dados forneceram uma estrutura das relações das pessoas de uma mesma geração, destas com os filhos e com os filhos dos filhos num espaço temporal previamente estabelecido.

Numa segunda perspectiva, explorei as qualidades e práticas diárias focando nos mundos de vida dos atores sociais. Coletei dados a partir das

histórias de vida, dos ciclos de desenvolvimento das unidades domésticas e das histórias dos agregados familiares. Foi importante nessa perspectiva dar atenção aos contextos onde as ações se desenrolavam, focando nos detalhes do comportamento coletivo e individual, enfatizando o caráter fundamental da dimensão vivida como caminho privilegiado de acesso às visões de mundo. Desta forma, busquei estar atenta para a concretude dos eventos que faziam a vida das pessoas na Boa Vista: rumores, brigas, rompimentos, casamentos, partidas e regressos, entre outros.

No desenvolvimento de ambas as perspectivas, primeiro, identifiquei certo número de grupos domésticos com os quais pudesse estabelecer uma relação mais intensiva, participando de suas atividades cotidianas no contexto da casa. O fato de falar bem o crioulo e de ter a referência de ser casada com um cabo-verdiano facilitou minha entrada e rapidamente conquistei uma invisibilidade confortável para o processo de pesquisa. Após alguns meses, deixei de ser visita e passei a circular nas casas sem que isso implicasse a interrupção das tarefas corriqueiras e das discussões e brincadeiras entre parentes. Desenvolvi esse nível de intimidade com cerca de dez famílias, às quais fiz visitas regulares, participando de atividades e eventos diários e, sobretudo, de rodas de conversas informais. O objetivo aqui foi de entrar a fundo nas práticas cotidianas e nas concepções que os nativos têm de higiene, dos cuidados domésticos, das técnicas do corpo, dos cuidados com as crianças, alimentação, divisão do trabalho doméstico, das relações de gênero e ocupação do espaço onde vivem.

Para um grupo mais numeroso de unidades domésticas, realizei uma aproximação mais extensiva, ou seja, visitei pessoas, observei atividades domésticas e realizei algumas entrevistas com diferentes membros de cada unidade familiar contatada. Nessa etapa os rumores foram fundamentais para uma primeira aproximação. Rumores e fofocas que versam sobre o ambiente familiar, infidelidade, práticas de poligamia, estratégias matrimoniais e outras relações da família boa-vistense me ofereceram uma via aberta para a análise das tensões e conflitos inerentes à organização familiar local. O objetivo foi de buscar diferentes versões para um mesmo evento ou conflito familiar no sentido de perceber as perspectivas de homens, mulheres, velhos e jovens diante dos problemas cotidianos, da relação com os estrangeiros, da situação

da Boa Vista face ao desenvolvimento turístico, da emigração feminina e outros contextos.

Com relação a emigração feminina, a pesquisa exigiu que reformulasse a atenção que pretendia dedicar a tal aspecto dessa sociedade. Ao entrar na vida familiar, percebi que é impossível abordar o grupo doméstico senão por uma análise do processo de saída das mulheres. Desde a elaboração do projeto já havia percebido que a ausência física da mulher-mãe acarreta a necessidade de se fazer arranjos na esfera doméstica e o que buscava no trabalho de campo era saber qual a dimensão dessas transformações. Porém, o que percebi após alguns meses de pesquisa foi que a organização familiar local se estrutura de forma a permitir e incentivar a saída de mulheres-mães para a emigração.

Grande parte dos dados aqui apresentados foram recolhidos por meio de rumores e narrativas. Os rumores nesta sociedade são importantes e recorrentes. Como afirma Trajano Filho (1998) para o caso da Guiné-Bissau, são um eficiente meio para pensar sobre as diferenças, conflitos e diversos atributos da sociedade crioula porque o rumor é um ser difuso e não individualizado que não é nada mais do que a sociedade crioula em si, com todas as suas contradições inerentes (Trajano Filho, 1998:420).

Boa parte da literatura nas ciências sociais tem privilegiado a entrevista como procedimento metodológico. Em meu trabalho de campo, apesar de ter utilizado tal recurso, enfoquei outro tipo de fala e outros momentos performáticos. Com isso busquei iluminar dimensões da prática familiar cotidiana que não a do discurso formalizado. Partindo de uma perspectiva mais de *participação observante* (Silva, 2006) do que de observação participante, entrei em contato com estórias relatadas por meus informantes sobre suas situações, opiniões e reações frente às relações familiares. Tais histórias, na maior parte do tempo, surgiram em meio a conversas sobre os mais diversos temas e não, necessariamente, fazem parte de uma seqüência linear de acontecimentos ligados à vida dos indivíduos.

As dificuldades foram muitas. Uma primeira foi a de ter que me adaptar a uma situação pouco típica no universo antropológico. Não me desloquei sozinha, mas acompanhada de meu filho. Além disso, ainda estava casada com um boa-vistense. Tais situações podem parecer confortáveis e até

desejáveis para outros pesquisadores, que têm que lidar com a solidão ao longo do trabalho de campo. Porém, as preocupações com casa e família, se não controladas por meio de uma constante vigilância epistemológica, podem ser entraves ao trabalho do antropólogo, dada a condição muito especial deste.

Por outro lado, fazer parte de uma família boa-vistense enquanto afim e estrangeira foi tanto um fator facilitador quanto um complicador no universo da vila, com suas histórias e conflitos familiares. Ao mesmo tempo em que muitas famílias abriram suas casas porque eu era nora de Nha Teodora, um outro universo me foi, pelo menos inicialmente, de difícil acesso. Manter o distanciamento necessário à prática de pesquisa, por vezes foi um difícil e doloroso exercício existencial, ocasionando a revisão de minha posição enquanto mulher dentro daquele contexto e também em meu contexto de origem.

Outra grande dificuldade encontrada em todo esse processo foi o acesso ao grupo masculino, especialmente aos homens adultos e que mantêm relações com mulheres emigrantes. Em virtude de sua situação delicada no cenário doméstico, do seu caráter ausente no ambiente familiar e pelo fato de eu ser mulher, a abordagem direta se mostrou quase impossível. As poucas entrevistas que consegui não ofereciam dados de boa qualidade e não chegavam a tratar de forma clara suas concepções sobre a relação com os filhos, sobre o lugar ocupado por eles dentro da casa e sobre as relações conjugais. O problema maior era com os homens adultos, pois com os mais jovens e com os velhos a abordagem foi menos problemática e cheguei a capturar suas percepções sobre a vida doméstica por intermédio de outras temáticas que acabavam por desembocar no tema de meu interesse.

Na busca por solucionar essas dificuldades, lancei mão de estratégias que diminuíssem as dificuldades de ter um relato direto. Como a abordagem por entrevistas se mostrou pouco eficaz e considerava importante obter dados sobre as perspectivas deste grupo sobre sua própria situação no contexto da Boa Vista (o que eles pensam da família tal como elas se organizam, o que acham da autoridade dos pais sobre os filhos, do comportamento da juventude, das mulheres, dos estrangeiros e deles mesmos), resolvi extrair tudo isso da observação do comportamento, das conversas informais, das rodas de

sociabilidade (especialmente nos bares), e dos conflitos. Trabalhando assim, acredito ter obtido uma percepção satisfatória da perspectiva masculina.

4. A TESE

O capítulo I versa sobre a história da Ilha da Boa Vista. Entender o contexto histórico da ilha no quadro geral do arquipélago de Cabo Verde é importante, por um lado, para contextualizar suas especificidades no quadro da emigração feminina e o tipo de família que emerge nesse contexto. Por outro, a situação de ilha periférica e seus ciclos de desenvolvimento econômicos são importantes para que o leitor entenda o lugar e a importância da Boa Vista na construção do estado nacional em Cabo Verde, especialmente dentro do discurso desenvolvimentista moderno.

Cabo Verde é uma sociedade crioula e, como tal, guarda características do que Trajano Filho (2006) chama de “processo de crioulação”. Inserir o contexto familiar boa-vistense neste quadro mais amplo das sociedades crioulas ajudará a entender as ambigüidades entre modelo e prática inerentes ao sistema e às quais tomo por desafio compreender neste trabalho.

Além destes fatores sempre me foi ressaltado que meu trabalho era uma rara oportunidade de falar sobre uma das chamadas “ilhas periféricas”, sempre delegadas ao segundo plano pelos governos e intelectuais que trabalham em Cabo Verde. O capítulo inicial tem também a função de dar um retorno à expectativa da população da Vila de Sal-Rei que se percebe numa condição de abandono.

O capítulo II focaliza a organização familiar boa-vistense e a casa enquanto unidade fundamental para o pertencimento social. Ao tratar das relações familiares procuro explorar relações que constituem o centro do grupo doméstico e analisar os laços entre mães e filhos, pais e filhos, homem e mulher, avós e netos e o lugar das redes de solidariedade. Minha preocupação é com a dinâmica social das relações familiares, ressaltando a importância das redes extensas de parentesco e de vizinhança. A casa não é apenas uma estrutura física, mas um *locus* fundamental para pensar as formas como as

peças se posicionam no interior dos grupos sociais e representam o mundo em torno delas.

O conceito de proximidade, inspirado na abordagem de Janet Carsten (2004), vai iluminar a perspectiva local expressa no valor dado ao “viver junto”. Sendo assim, irei explorar o universo doméstico no cotidiano, dando ênfase às práticas de “fazer família” por meio da partilha de coisas, pessoas e valores no interior das casas e entre elas. As redes de solidariedade feminina são de grande importância para o processo de construir proximidade até mesmo onde os laços genealógicos não existem ou são distantes. Neste contexto, a casa assume importância central enquanto marca de pertencimento familiar em um contexto que valoriza a mobilidade.

A matrifocalidade será outro tema importante a ser explorado neste capítulo. Na Boa Vista vemos a existência de uma divisão sexual do trabalho que dá às mulheres uma posição de relativa autoridade, especialmente na esfera doméstica. Por falta de meios econômicos e simbólicos importantes para exercer autoridade, os homens encontram-se numa situação marginal. Realizando um diálogo entre meu caso de estudo e as teorias sobre matrifocalidade, colocarei em questão a ausência relativa do homem e a autoridade feminina nas diversas fases do ciclo de desenvolvimento doméstico chamando atenção para as diversas posições ocupadas por homens e mulheres nesta sociedade.

Por fim, o problema de fundo que perpassa todo este trabalho ganha dimensão analítica neste capítulo graças aos dados etnográfico que apresento. Os boa-vistenses têm um ideal de família baseado no modelo ocidental, mas em suas práticas cotidianas encontram-se longe deste modelo por causa de uma conjugalidade instável, da ênfase dada à mobilidade e da mulher que emigra. Como, então, construir famílias com função de família, i.e., criar filhos, atualizar a solidariedade entre os membros, manter as relações dentro e entre as unidades domésticas? Para responder esta questão, farei uma análise dos conceitos de maternidade e paternidade, uma vez que ser mãe e pai nesta sociedade implica em outras formas de relação que não as reproduzidas pela sociedade ocidental.

O capítulo III descreve a emigração feminina da Boa Vista e como a saída de mulheres é encorajada pela família. A emigração é um projeto que

inicia antes da partida propriamente dita e implica em organização e responsabilidades que envolvem tanto quem sai quanto quem fica. Para que uma mulher possa sair, devem ser criadas e negociadas condições para tanto e estas implicarão em obrigações mútuas que as partes envolvidas têm que cumprir. É este o universo que exploro no capítulo III: o desejo de emigrar, a importância da família e dos laços estratégicos com indivíduos que possam viabilizar a saída, o projeto migratório enquanto um projeto familiar e, depois de efetivada a partida, a série de obrigações que devem ser cumpridas para manter uma “proximidade à distância”.

A circulação ou mobilidade aparece como um valor central para estas e acaba por gerar imagens antagônicas da localidade e do mundo lá fora. O objetivo do capítulo é explorar o ciclo de emigração em todas as suas fases, desde o projeto migratório até as diferentes perspectivas de retorno e analisar os valores, práticas e significados inerentes à idéia de sair para ter uma vida melhor.

Após a exposição do contexto familiar e das formas como a emigração feminina opera, o capítulo IV explora a organização das famílias das emigrantes. O objetivo é perceber como essas mulheres e seus familiares que ficaram na ilha (re)produzem relações de filiação, de conjugalidade e de pertencimento ao grupo doméstico em condições de distâncias espaciais e temporais prolongadas. Analiso as estratégias utilizadas pelos atores envolvidos no processo migratório para construir uma relação que denomino de “proximidade à distância”.

Neste capítulo exploro a importância da circulação de bens, signos e valores entre as mulheres emigradas e os parentes que permanecem para a manutenção de um sentimento de pertença. As encomendas, cartas, telefonemas, bilhetes, circulação de rumores e os retornos periódicos para férias serão analisados para entendermos estas “famílias espalhadas”. Além disso, pelo conceito de “proximidade à distância” o estudo do universo das relações de gênero e das relações entre pais e filhos e mães e filhos quando a mulher enquanto mãe encontra-se ausente iluminará a discussão sobre a manutenção das formas tradicionais de se fazer família em Boa Vista.

No capítulo V continuo a abordar a questão das relações familiares no contexto da emigração feminina, porém, meu foco está num tipo de

relacionamento especial em todo o arquipélago, mas que parece ganhar uma configuração importante entre os boa-vistenses; o da relação entre avós e netos. Dentro da rede de solidariedade feminina construída neste contexto familiar, a avó é a candidata natural a assumir a criação dos netos. Estar com a avó de certa maneira complementa o estar com a mãe e os dois constituem a maternidade social plena.

Minha hipótese é que em uma situação de instabilidade conjugal, com a presença fortuita do homem no universo doméstico e com a saída da mulher e mãe em busca de estabilidade econômica e social para si e para a família (presente na ideia de “vida boa”), a maternidade plena só pode ser exercida pela ação conjunta de duas gerações, ou seja, ser mãe é um processo que começa na fase adulta pelo ato de parir uma criança e só atinge sua plenitude quando a mulher se torna avó e assume as obrigações de *mamã* dentro do sistema. É preciso que haja duas mulheres, a mãe e a avó, para criar e prover uma criança.

Tais práticas são percebidas e atualizadas de maneiras diferentes a depender da perspectiva de gênero - avôs e avós têm relações diferenciadas com os netos -, do estágio de desenvolvimento do ciclo doméstico, da idade dos netos, da situação de avó paterna ou materna e das relações que a mãe emigrante consegue manter com seus pais e filhos. Ser avó é uma fase do ciclo de vida da mulher que provoca novas reflexões sobre a autoridade doméstica, matrifocalidade, relações de gênero e de poder na esfera doméstica e extradoméstica.

Finalmente, no capítulo VI analiso o que os boa-vistenses denominam de “novos tempos”. Incorporo na minha construção da família boa-vistense discursos e práticas sobre a relação de indivíduos e grupos familiares com novos atores que passam e muitas vezes ficam na ilha incentivados pela crescente movimentação turística dos últimos anos. A relação com estes “outros” e a incorporação dos mesmos ao universo familiar local pelo casamento intercultural, tem sido um tema de preocupação e rumores para os habitantes da ilha. No contexto deste trabalho, vem iluminar e enriquecer muitos aspectos desta realidade.

Com os novos tempos vemos surgir configurações familiares que tendem a se aproximar do modelo ocidental que paira sobre as ideias de como

deveria ser a família boa-vistense. Vou analisar se há impactos ocasionados por uma aparente aproximação a este modelo nas relações familiares e, se sim, quais as estratégias em jogo para manutenção de um sistema que ora pende para a realização do modelo ocidental, ora para as práticas tradicionais africanas. A incorporação de estrangeiros neste sistema familiar levaria a uma tendência de mudanças nos padrões locais de organização familiar? Veremos que esta resposta depende de alguns fatores, especialmente o fator de gênero.

- I -

APRESENTANDO O ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE E A ILHA DA BOA VISTA

“Tudo nestas ilhas se combina para impor ao homem um meio de vida duro, difícil e desafiador”.

Antonio Carreira, 1983.

A sociedade de Cabo Verde se caracteriza por uma grande variabilidade social e cultural. A língua crioula, as relações com o ambiente em que vivem, as formas de organização econômica e as formas de sociabilidade são diferenciados por diversos fatores, desde a variada paisagem das ilhas até circunstâncias históricas de ocupação e vivência naquele espaço. Por este motivo, é fundamental especificar de onde se fala quando o objetivo é mostrar a realidade cabo-verdiana. O material analisado neste trabalho é resultado de pesquisa realizada na Ilha de Boa Vista, especificamente na Vila de Sal-Rei. Porém, antes de apresentar a ilha, convém dar ao leitor a conhecer um pouco da realidade de Cabo Verde.

1. CABO VERDE

Cabo Verde se situa na margem sul do Atlântico, a cerca de 500 km do continente africano e cujas dez ilhas, e cinco ilhéus (cerca de 4.033 km²), se distribuem em dois grupos designados em relação aos ventos alísios dominantes do nordeste: Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus Raso e Branco) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus Grande, Luis Carneiro e Cima). Por sua situação geográfica, Cabo Verde marca a extremidade ocidental da faixa do Sahel, sendo as ilhas caracterizadas por condições climáticas de aridez e semi-aridez. Neste país distinguem-se duas estações durante o ano: o “tempo das brisas” ou a estação seca de dezembro a junho, e o “tempo das águas”, ou estação das chuvas de agosto a outubro. Esta última é muito irregular e é freqüente a escassez ou mesmo a falta de chuva.



A identidade nacional cabo-verdiana foi construída por séculos de mistura e criouliização. Nunca houve grandes plantações em Cabo Verde, o que significa que o número de donos de escravos não era grande. Alguns escravos chegavam a escapar para o interior das ilhas, onde passavam a viver da subsistência de pequenas propriedades agrícolas. Se somamos a isso o número de filhos de homens brancos com mulheres escravas, temos o que constitui a primeira base para a sociedade crioula de Cabo Verde (Cardoso, 1998).

Trajano Filho, em seus trabalhos sobre as sociedades crioulas da Guiné-Bissau e de Cabo Verde (1998, 2003, 2005, 2006) emprega o termo “sociedade crioula” ao se referir a um grupo social cuja existência não é nem auto-evidente nem um fenômeno consciente para seus membros. Sociedade crioula é uma formação original (como toda sociedade), diferente das que a constituíram, mas com elas mantendo alguma forma de continuidade que precisa ser desvendada analiticamente. O autor opta pelo termo sociedade crioula, ao invés de híbrida ou mestiça, porque tal termo (que surge a partir de uma analogia com a lingüística) abre a possibilidade de um entendimento mais detalhado sobre o que aconteceu nestas sociedades orientando interrogações sobre seus

espaços de porosidade, como e quando incorporam gente, valores e práticas das vertentes portuguesa e africana.

Na linha de argumentação de Trajano Filho, a criouliização é entendida aqui como a dinâmica social em que se misturam, chocam e interpenetram forças, processos, valores e símbolos oriundos destas duas vertentes civilizatórias, a africana e a europeia, dando luz a uma entidade terceira, uma síntese societária que historicamente tem assumido e se percebe ora em formas tão diferentes, ora de maneiras tão próximas a uma matriz ou outra. O que surge deste contexto, também em meu caso de estudo, é uma sociedade que lida com dois modelos em competição.

A sociedade cabo-verdiana surgiu, então, como resultado da expansão marítima europeia quatrocentista e é fruto, em grande medida, do encontro de “dois mundos”: o português e o africano. Em um primeiro momento, a posição geográfica das ilhas, isto é, a distância que as separavam do reino, é apresentada como um fator negativo, um entrave nas tentativas de colonização. A sua posição geográfica não era estratégica pelo fato delas estarem situadas demasiado ao sul do mundo conhecido pelos portugueses. Outra dificuldade seria a sua localização numa zona quente e seca, não podendo proporcionar o cultivo de produtos mediterrâneos como o trigo, a cevada, a oliveira e outros. A aridez se expressava tanto pelo regime das secas, como pela composição do ambiente, formando um quadro muito distinto daquele que os portugueses haviam, até então, conhecido nos arquipélagos atlânticos.

Colônia Portuguesa até 1975, Cabo Verde originalmente serviu de entreposto comercial para *ladinizar* escravos que seriam distribuídos pelo Novo Mundo. A montagem de toda uma infra-estrutura na Ilha de Santiago fez desta uma grande fornecedora de água potável, mantimentos e alimentos, frutos, carne salgada, tartaruga, permitindo que os navios pudessem efetivar as longas e morosas viagens. Cabe lembrar que, durante vários anos, não houve na costa africana outro ponto seguro de reabastecimento da navegação.

A integração na economia do Atlântico pelo comércio tornou possível que a colônia sobrevivesse política e economicamente, mas a maioria da população sofreu periodicamente por causa das secas, fomes e pobreza. O

fato é que, apesar de seu lugar no comércio do Atlântico, Cabo Verde não era uma parte importante do império português e o poder colonial não fazia grandes esforços para aliviar os sofrimentos causados pela falta de chuva. Os períodos de crise se estenderam pela história do arquipélago até a década de 70, apesar de, neste período, Portugal já estar mais preocupado com sua imagem internacional.

Embora negligenciado pela metrópole, Cabo Verde desempenhou um papel especial no universo das colônias. Desde o começo do comércio de escravos, os cabo-verdianos ocuparam uma posição privilegiada, sendo considerados mais próximos dos portugueses do que dos africanos. Este *ethos* se refletiu no processo de independência do país e no período pós-independência com o debate sobre a africanidade nos meios políticos e intelectuais¹⁰.

Desde 1975, o nível de vida melhorou para a maioria dos cabo-verdianos, apesar dos problemas sócio-econômicos persistirem. Este desenvolvimento está ligado à capacidade de abertura deste pequeno país ao mundo, característica que mantém historicamente apesar da posição marginal (Akersson, 2004:11). Os governos pós-independência mantiveram e incentivaram uma abertura em várias direções, atraindo assistência de doadores internacionais para programas de cuidados com saúde, educação, alimentação e luta contra pobreza. Por outro lado, as remessas do grande número de emigrantes espalhados pelo mundo, desempenham um importante papel na melhoria da situação econômica da população.

1.1 Um país de emigrantes

As dificuldades do país sempre foram muitas, mas o cabo-verdiano se diz de espírito forte. Um povo que resistiu às mazelas de um clima hostil, à pequenez de seu território, à insularidade e a um processo de colonização que só intensificou diferenças sociais. Como afirma o historiador cabo-verdiano Antonio Carreira na epígrafe deste capítulo, tudo nestas ilhas se combina para impor ao homem um meio de vida duro, difícil e desafiador (1983:15). No período pós-independência, os governos enfrentaram o desafio do

¹⁰ Sobre esse assunto ver José Carlos Gomes Dos Anjos, "A condição de mediador político-cultural em Cabo Verde: intelectuais e diferentes versões da identidade nacional" (2004).

desenvolvimento e da organização territorial a partir de duas perspectivas básicas – claramente herdadas do processo colonizador: (1) as condições físicas e geográficas enquanto um entrave ao desenvolvimento e (2) a população, o cabo-verdiano se constituindo enquanto recurso fundamental para o país.

Sempre justificada pela escassez dos recursos naturais e pelas secas periódicas e constantes (ver Lobo, 2001), a população das ilhas foi levada a emigrar desde meados do século XIX. A exportação mais importante de Cabo Verde, desde então, tem sido a força de trabalho humana (Meintel, 1984). Tal fenômeno, amplamente explorado na produção científica e intelectual sobre o país, é confirmado pelo número considerável de cabo-verdianos espalhados pelo mundo, mantendo contato com o país e contribuindo para a manutenção da identidade nacional cabo-verdiana. Após um século de emigração, o número de cabo-verdianos fora do país provavelmente ultrapassa os 460.000 habitantes que vivem nas ilhas.

Américas	270.000	Europa	150.000	África	90.000
EUA	265.000	Portugal	80.000	Angola	45.000
Argentina	5.000	França	25.000	Senegal	25.000
Brasil	3.000	Holanda	19.000	S.Tomé e	
Canadá	300	Itália	10.000	Príncipe	20.000
		Suíça	2.400	Moçambique	1.000
		Suécia	700		
		Noruega	400		

Fonte: Instituto do Apoio ao Emigrante (1998). Os números são estimados e baseados em informações dos líderes das comunidades cabo-verdianas nos países de emigração e dos *staffs* dos consulados.

Pode-se afirmar que a emigração é um dado estrutural desta sociedade desde o período anterior a abolição da escravatura. “Mesmo antes da abolição, a emigração parecia representar para as populações livres e para aqueles que eram alforriados – mas privados do acesso à terra ou ao exercício de uma profissão livre – não somente um meio de assegurar sua subsistência, mas também uma forma de acesso à propriedade (por meio de remessas e/ou regresso ao país), portanto, de mudança na hierarquia social” (Andrade, 1995:181).

Carreira (1983) distingue três ondas de emigração: a do começo do século XX para os Estados Unidos; a segunda corrente do período de 1940, para Portugal, oeste da África (também para São Tomé e Príncipe) e América do Sul e; a corrente moderna que começa nos anos 60. As duas primeiras prendem-se à história da presença colonial portuguesa na África ocidental. Já, a emigração moderna está no contexto da II Guerra Mundial, quando o campo migratório se ampliou para as regiões semi-industrializadas ou “subdesenvolvidas”, especialmente da África. Foi a última onda de emigração que resultou num aumento do número de emigrantes na Europa, Portugal sendo um importante destino.

A cada ilha de Cabo Verde correspondem destinos de emigração diferentes, por exemplo, de Santiago emigra-se, sobretudo para Portugal, enquanto que nas ilhas da Brava e do Fogo se emigra preferencialmente para os Estados Unidos. A estratégia de exportação de pessoas é eficiente porque, mesmo espalhados pelo globo para fazer a vida, os cabo-verdianos são muito ligados à sua terra natal. Sem dúvida, Cabo Verde está entre os países do mundo que mais dependem da emigração – com poucos recursos, um mercado doméstico restrito e uma localização isolada, o país é amplamente sustentado pelas relações migratórias com o mundo. Carling (2004) apresenta os seguintes dados do Banco de Cabo Verde: as remessas de emigrantes cresceram consideravelmente em 30 anos, indo de menos de um bilhão de escudos cabo-verdianos nos anos 70 para quase nove bilhões em 2001. Uma comparação internacional baseada em dados de 1995-99 mostra que Cabo Verde tem o sexto maior nível de remessas *per capita* em todo o mundo¹¹.

A distribuição de presentes que se espera dos emigrantes que retornam, o patrocínio das festas tradicionais e a ajuda financeira periódica a parentes e amigos de emigrantes permitem a redistribuição do dinheiro ganho no estrangeiro. São sintomáticas as manifestações de esbanjamento daqueles que retornam em férias ou definitivamente. Mais do que benefícios aos seus próprios grupos domésticos, os emigrantes movimentam os comércios locais e aumentaram, ao longo da história, a monetarização da economia local. Além

¹¹ Como é comum em estudos sobre remessas na economia nacional, remessas não registradas são amplamente desconhecidas. Em Cabo Verde, pequenas quantias são enviadas *in cash* por correio regular e grandes somas são levadas em mãos por emigrantes em férias ou enviadas por amigos ou parentes que estejam indo para as ilhas.

disso, os efeitos da emigração ultrapassam as proporções econômicas, atingindo desde os objetos, as posturas e as ações que ganham em valor e prestígio, até a organização da vida cotidiana.

A emigração é, geralmente, concebida como um meio, um projeto que tem por objetivo atingir um melhor padrão de vida em Cabo Verde, algo considerado difícil de ser atingido com um mercado de trabalho restrito e com os salários oferecidos nas ilhas. Porém, para os cabo-verdianos, se os meios para viver melhor são encontrados em qualquer outro lugar que não Cabo Verde, não há lugar mais perfeito para desfrutar desta boa vida que as ilhas. É a manutenção desta relação com o país de origem que gera o elo fundamental para que emigrantes nutram o sentimento de pertencimento apesar da distância.

1.2. Emigração e vida familiar nas ilhas

O fenômeno migratório tem efeitos importantes em todos os níveis da sociabilidade cabo-verdiana. Como esclarece Grassi (2006), num exercício de contextualizar a emigração feminina das ilhas, os que emigram são majoritariamente homens que, na maior parte das vezes deixam suas famílias no país. Assim, são as mulheres que têm a responsabilidade de assegurar a educação dos filhos e, também, de vender sua força de trabalho para poderem garantir a subsistência de sua família. Um modelo patriarcal, mas no qual são as mulheres que gerem os recursos.

Ao citar Mário Murteira (1988), a autora confirma a imagem de que “a mulher cabo-verdiana, em particular no meio rural, suporta duríssimas condições de vida e de trabalho, enquanto o homem ainda continua geralmente fascinado pelas oportunidades de emigração. A mulher tenderia, então, a ser mais endógena a Cabo Verde do que o homem, o que não significa que ele perca com facilidade os laços que o prendem à sua terra” (Grassi, 2006:09 *apud* Mário Murteira 1988:187).

Seguindo esta lógica, Finan e Hendersen (1988) observam que a característica mais significativa de Cabo Verde que surge deste modelo de desenvolvimento – baseado numa entrada desigual no sistema econômico mundial – é a do crescimento em importância do número de casas chefiadas por mulheres, especialmente no meio rural. Para os autores, tal posição da

mulher na estrutura se deve à crescente ausência de homens, que é o primeiro grupo a emigrar. Porém ressaltam que as casas chefiadas por mulheres não ocorrem somente nos casos de emigração do homem, havendo situações bastante típicas de mães solteiras ou viúvas. Ter filhos, nestes casos, seria uma estratégia eficaz num contexto de escassez econômica¹².

Dias (2000) faz uma interessante análise da emigração masculina na Ilha de Santiago tomando a perspectiva dos familiares que permanecem. A autora analisa a vida das mulheres que esperam e constroem suas vidas familiares com o marido-pai à distância. Desta análise retiramos a imagem de uma estrutura familiar considerada por muitos autores como característica do arquipélago: onde uma mulher e um homem podem se relacionar sem que necessariamente vivam juntos, a mãe tem um valor central na esfera familiar, o núcleo mãe-filho sendo primordial e apresentando uma matrifocalidade de fato, porém, que opera com uma ideologia patriarcal.

A matrifocalidade, característica da estrutura familiar cabo-verdiana - e muito cedo ressaltada por Carreira (1977) quando aponta uma grande frequência de uniões co-residenciais, sem casamento legalizado e alto número de filhos ilegítimos, além do que denomina poligamia de fato – ganharia novas dimensões devido a ausência do elemento masculino por longos períodos, porém, este contribuindo com um apoio econômico regular e substancial. Sendo assim, apesar das mulheres tomarem quase todas as decisões do dia-a-dia, aquelas decisões mais importantes estariam dependentes do chefe de família ausente. Como afirma Meintel (1984), uma das características mais fundamentais deste modelo é o *ethos* patriarcal que sustenta o princípio da autoridade masculina apesar das mulheres se responsabilizarem por decisões do dia-a-dia. Em suas palavras, “dei-me conta de vários casos em que filhas adolescentes tinham que esperar a permissão dos pais, nos Estados Unidos, a fim de poderem participar de qualquer festejo numa ilhota próxima” (1984:112).

Historicamente, e até como conseqüência da expansão do novo mundo, esta é a estrutura familiar presente no arquipélago e reproduzida no processo de emigração dos membros de uma família, emigração que se constitui como estratégia de reprodução da mesma. Como afirma Dias (2000), ter um parente

¹² É preciso lembrar que a explicação econômica não esgota as possibilidades deste sistema.

na emigração é um símbolo de status e a possibilidade de ter uma vida melhor, seja saindo da ilha por meio das redes sociais que se estabelecem entre a terra natal e o estrangeiro, seja por meio das remessas, presentes, casamentos, construção da casa ou abertura de um “negócio” financiado por um parente emigrante.

Apesar da visão da emigração cabo-verdiana ser apresentada na literatura sobre o país como quase exclusivamente masculina, a saída de mulheres é importante desde a década de 70, começando com a Itália e depois se expandindo para países europeus como Holanda, França e Portugal. Monteiro (1997) observa que em 1989, na Itália, somente um décimo dos imigrantes originários de Cabo Verde eram homens.

O aumento da proporção de mulheres emigrantes foi causado tanto por transformações na sociedade cabo-verdiana, quanto por mudanças na ordem migratória internacional. Diferente do que se poderia pensar, mais importante do que a emigração feminina no contexto da reunificação familiar, é o desenvolvimento de um tipo de saída de mulheres independente da relação com um homem já emigrado. Em alguns casos ocorre o inverso, a mulher emigrando antes e facilitando depois a ida do companheiro, do irmão ou do filho.

Porém, para que mulheres emigrem em um sistema matricentrado tal como aquele aqui apresentado, é preciso lançar mão de estratégias que agregam novos fatores à estrutura no sentido de reproduzi-la. Se, em muitos casos é preciso deixar os filhos em Cabo Verde, por outro lado, as responsabilidades econômicas associadas à matrifocalidade são um forte incentivo para a saída de mulheres. Como nos mostrará o caso da ilha da Boa Vista, nesta nova forma de emigração, algumas características da emigração masculina são potencializadas e outras novas surgem na reprodução do sistema.

2. BOA VISTA

Boa Vista é uma das 10 ilhas que formam o arquipélago de Cabo Verde. É a terceira maior em extensão territorial, porém, é a menos habitada, com uma população de cerca de 4.209 habitantes dispersos por oito povoações,

sendo que a população feminina totaliza 1.872 e a masculina 2.334¹³. A principal povoação é a da Vila de Sal-Rei que acolhe mais da metade da população total da ilha.



A ilha foi uma das primeiras a serem descobertas, mas foi habitada tardiamente, sempre foi pouco povoada e até hoje se constitui como uma das ilhas periféricas no cenário nacional. Porém, nem sempre foi assim. Como salienta Kasper (1987), Boa Vista possui uma história cheia de acontecimentos e fatalidades, consideravelmente determinadas pela relação com o estrangeiro. A ilha conheceu momentos altos como importante centro de comércio das rotas marítimas internacionais, alternados com tempos de crise em que a fome e a miséria devastavam a população.

Com a primeira povoação (denominada Povoação Velha), começa a se formar uma estrutura social de base escravagista (Germano Lima, 1997). Os primeiros habitantes eram formados por uma minoria de colonos brancos e uma

¹³ Nas outras ilhas do arquipélago observa-se um maior índice da população feminina ou, pelo menos, um equilíbrio entre ambas. Alguns exemplos: na capital, Cidade da Praia, a população feminina totaliza 54.770 e a masculina de 50.183; na ilha do Fogo temos 19.428 mulheres para 17.927 homens e em São Vicente a população feminina é de 33.851 e a masculina de 32.820. Dados obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde referente ao censo de 2000.

maioria de negros africanos (certamente escravos). A continuada mistura entre homens brancos e mulheres negras deu origem ao tipo populacional mulato, dominante na ilha. A estrutura familiar reflete essa união entre uma minoria de homens europeus e uma maioria feminina africana. Segundo Carreira, a proporção era de 1:100, uma vez que a mulher europeia não emigrava para a África (1984). Neste contexto, a união entre brancos e suas escravas tinha um forte caráter de liberdade e pode-se mesmo afirmar que tenha existido uma poligamia de fato, mas não *in jure*. Essa liberdade ainda hoje existe (Kasper, 1987:56).

Mais ou menos em 1810, Boa Vista conheceu um importante desenvolvimento das atividades comerciais. Porém, por mais que o comércio tenha sido importante para a situação econômica da ilha, as receitas ficavam restritas a algumas famílias, as quais tinham o domínio das exportações e importações. São famosos até hoje os mercadores judeus como a família Ben'Oliel, que se estabeleceu na ilha a partir de 1850. São também famosas as construções do período (hoje, na maioria, em ruínas). As maiores casas da Vila de Sal-Rei, na época grandes casas de comércio que foram responsáveis pelo comércio da ilha até 1950, eram do famoso David Ben'Oliel.



Casa de comércio de David Ben'Oliel



Casa em que viveu David Ben'Oliel

Paralelamente a estas poucas famílias influentes vivia a grande maioria do povo da Boa Vista que desempenhava atividades de pequeno comércio, pesca, agricultura de subsistência, ou então eram simplesmente escravos. Sem dúvida, o cidadão médio era pobre e sem muitos bens pessoais (Kasper, 1987: 63).

Devido a sua importância na posição comercial, em 1834 Sal-Rei (segundo Germano Lima, 1997 e Kasper, 1987 este foi o primeiro período de florescência econômica) foi proposta para ser capital de Cabo Verde. Em seu favor estava sua privilegiada posição geográfica no seio das ilhas, o clima saudável e as extraordinárias construções. Sena Barcelos (1989) lembra a importância das ilhas ao informar que o governo que tinha assento na Praia, durante os períodos das chuvas (em que os surtos de malárias eram freqüentes em Santiago) se mudava para Boa Vista. Porém, com a produção de tintas sintéticas através da indústria europeia e a diminuição das produções de sal e urzela (devido à infiltração das areias nas salinas), no princípio do século XIX houve uma considerável redução das atividades comerciais na ilha e, conseqüentemente, de sua importância no cenário nacional.

Com a decadência, ao longo do século XIX outros produtos foram responsáveis pela volta do crescimento da praça comercial local: a cal, a purgueira e as louças de barro. Tais produtos começaram a ter importância a partir dos anos de 1880/90 constituindo o segundo período de florescência econômica da ilha. Em 1940 as mercadorias de exportação eram principalmente: cal, carne, cerâmica, sal e queijo e seguiam, essencialmente para Portugal e África Ocidental em navios portugueses (Germano Lima, 1997).

A principal povoação, já nesta época, era a Vila de Sal-Rei, considerada a mais desenvolvida apesar da população de apenas cerca de 1000 habitantes. Seu porto tinha um considerável movimento de navios estrangeiros que preenchiam as necessidades de exportação e importação das mais diversas mercadorias, não só para Boa Vista, mas para o restante do arquipélago. Mesmo dentro da ilha havia uma permanente atividade de levar e trazer porque os artigos da terra, cal, peles, cerâmica, carvão e queijo vinham do interior.

Este fato traz uma característica interessante na configuração familiar da ilha que tem efeitos na estrutura familiar nos dias de hoje. A movimentação das povoações do interior para a Vila de Sal-Rei alimentava uma relação de obrigatoriedade de trocas e partilhas entre parentes espalhados pelas povoações: quem vinha do interior trazia materiais, alimentos e bens de suas povoações enquanto aqueles que viviam em Sal-Rei abrigavam os viajantes em suas casas, por vezes as estadas duravam meses. Na coleta de dados em campo, foram comuns os relatos que salientavam a característica da mobilidade entre as povoações. Tais relatos levavam sempre à característica solidariedade dos boa-vistenses que recebiam os viajantes do interior. Estes, em troca de cama e comida, ajudavam nos afazeres domésticos e com os produtos que traziam de suas povoações.

A movimentação dentro e fora da ilha, portanto, desde muito cedo passou a fazer parte da constituição deste povo e parece ter alimentado uma organização familiar que abriga os passantes, incorpora membros e, pela partilha de bens e serviços, se reproduz num sistema econômico de escassez. Num contexto assim, a distância geográfica, a princípio um entrave para a reprodução de relações familiares, é convertida num meio eficiente de troca e partilha que só fortalece o sentimento de pertencimento.

Voltando aos ciclos econômicos, a pesca só passou a ter uma importância significativa em Boa Vista em 1934, com a fundação da fábrica de peixe e a construção da fábrica de conservas de peixe, a Fábrica Ultra, em 1934/1944. Foi só a partir de 1951 que a ilha do arquipélago mais rica em produtos pesqueiros começou a explorar economicamente este recurso. A partir deste ano, a maior parte das exportações globais da ilha era de conservas de peixe, especialmente o atum. Com a independência do país, o Estado Cabo-verdiano tomou a administração da empresa. Segundo Kasper

(1987), se comparados os dados de produção de conservas nos períodos pré e pós-independência, verifica-se que no primeiro se pescava substancialmente mais.

No imaginário da população da Boa Vista, a Fábrica Ultra é um marco, um símbolo de uma época de fartura, de trabalho para homens, mulheres e crianças e, conseqüentemente, de boa vida. Com sua decadência e encerramento das atividades no começo dos anos 80, se fecha o terceiro ciclo de florescência econômica identificado por historiadores da ilha. Após este período, houve uma diminuição de postos de trabalho e, segundo informantes, se iniciou um período de completo abandono do governo nacional pós-independência com relação à ilha.

Diante dessa situação, a partir dos anos 60 se observa um reforço do êxodo de emigrantes para os países europeus. Regra geral são as mulheres entre 15 e 20 anos que abandonam as ilhas. Estas moças trabalham como domésticas na Itália, Portugal e França. Os poucos homens emigrantes trabalham como marinheiros, cozinheiros ou empregados da indústria na Holanda, França, Alemanha e Suíça, prioritariamente.

O envio das remessas efetuado pelos emigrantes aos seus familiares que ficaram na Boa Vista, principalmente após o encerramento das atividades da fábrica de conservas de peixe, desempenha um papel fundamental no que diz respeito à balança de pagamentos da ilha. Findado o último ciclo de prosperidade numa ilha com pouca população, inexpressiva atividade agrícola, sub-aproveitamento dos recursos pesqueiros, política e economicamente periférica; só resta a opção de emigrar.

Para Germano Lima (1997) esta emigração apresentava algumas características que diferenciavam Boa Vista, por exemplo, de Santiago. Enquanto nesta ilha os emigrantes faziam investimentos de peso, como na compra de grandes propriedades, chegando mesmo, em alguns casos, a substituírem os Morgados no transporte terrestre, no comércio, na restauração, e em outras áreas econômicas; na Boa Vista, além das ajudas aos familiares e amigos, os emigrantes investiam na compra da moradia própria, na moto pessoal, no cavalo de luxo. Foram raros os que tentaram investir nos domínios da pesca artesanal, dos transportes terrestres ou em outras áreas econômicas. O autor assinala, ainda, que a própria ilha, sem

infra-estrutura e sem ligação marítima regular com as restantes ilhas, não oferecia grandes garantias para um investimento bem sucedido. Assim, muitos emigrantes da Boa Vista, com realce para os dois meados do século XX, preferiram investir, sobretudo em casas e comércio.

Ainda segundo Germano Lima, conseqüentemente, enquanto que em Santiago teria surgido, com a emigração, uma nova classe de *pequenos burgueses*, acentuando, ainda mais, a estratificação social, na Boa Vista tal não aconteceu. Pelo contrário, nesta última ilha houve, de certo modo, um nivelamento na sua estratificação social, especialmente depois que as mulheres começaram a emigrar. Primeiro, por que a maioria dos agregados familiares tinha pelo menos uma pessoa emigrada; segundo, e tendo em conta, por um lado, o apego das mulheres com os parentes, o grau de parentesco muito próximo e, por outro, o nível de solidariedade que predominava na Ilha, era praticamente inexistente uma *pobreza* que não recebesse auxílio permanente de um parente emigrado: ou ajudando um dos membros da família a emigrar, ou enviando remessas de dinheiro ou roupas e calçados. A emigração (principalmente a feminina) contribuiu desta forma, para a diminuição do fosso entre as diferentes camadas sociais da Boa Vista (1997:173) que era alimentado pelos proprietários das casas comerciais em períodos anteriores.

É claro que já havia emigração antes deste período, um fluxo quase exclusivamente masculino. Os “marítimos”, como eram chamados aqueles que emigravam nos navios, eram homens adultos que passavam meses em viagens pelo mundo a bordo de navios alemães ou holandeses e depois retornavam à ilha onde permaneciam a espera de novas viagens. As famílias dos marítimos faziam parte da elite local, juntamente com os donos das casas comerciais. Aliás, muitos destes emigrantes, após alguns anos de acúmulo de capital com o trabalho nos navios, investiam em pequenos comércios.

Com a mecanização dos navios e a conseqüente diminuição da necessidade de um grande número de trabalhadores, a demanda por “marítimos” foi diminuindo. Soma-se a isso a crescente dificuldade em entrar em países como Alemanha, Holanda, Suíça. Tais eventos marcaram a diminuição do fluxo (já tímido) de homens emigrantes originários da Boa Vista, justamente num período em que a Fábrica Ultra já entrava em decadência.

A mão-de-obra mais expressiva da fábrica era feminina e sua queda causou um desemprego acentuado das mulheres da ilha. Da mesma forma, a diminuição da comercialização levou à partida das “famílias de brancos” para outras ilhas do arquipélago, o que retraiu ainda mais a oferta de trabalho para as mulheres (o trabalho doméstico em “casa de branco”). Todas estas transformações ocorreram num período da economia mundial em que aumentavam as oportunidades de empregos para empregadas domésticas na Europa.

A Itália foi o país que atraiu o maior número de cabo-verdianas, primeiro as de São Nicolau, depois mulheres de São Vicente, Sal e Boa Vista. Como se sabe, e isto vale tanto para a saída de homens quanto de mulheres, o estado matrimonial do migrante e o grupo familiar que ele deixa no país de origem são fatores que exercerão influência tanto para a inserção dele no novo meio, quanto para a situação econômica, social e emocional daqueles que ficam. Sendo assim, é de se esperar que a migração feminina da Boa Vista, enquanto fluxo predominante desde a década de 70, tenha trazido novas configurações para esta ilha dentro do contexto de emigração masculina das demais.

A ainda pouca literatura que faz referência sobre o tema da emigração feminina em Cabo Verde (Monteiro, 1997; Carling, 2004; Akesson, 2004) tende a afirmar que, devido à saída de mulheres, observa-se uma fragilidade do núcleo familiar monoparental constituído pelo binômio mãe-filho. A exportação de um grande número de pessoas, com concentração de gênero e idade, contribuiria, então, para importantes transformações das estruturas originais. Sendo assim, pouco a pouco, na sociedade boa-vistense, iriam emergindo tipos de famílias diferentes do que existia tradicionalmente. Monteiro (1997) fala até de uma desagregação lenta das células familiares. Um dos objetivos deste trabalho é verificar estas hipóteses.

Desde o último período de florescência econômica, então, a saída de mulheres se constituiu como o fator econômico mais importante da ilha. Até fins da década de 80 observa-se um longo período de estagnação econômica e política, sendo as emigrantes as responsáveis pela movimentação do tímido comércio local bem como a circulação de bens e pessoas. Porém, a partir do início dos anos 90, por causa de suas famosas praias e dunas, a ilha tem sido

alvo de um desenvolvimento turístico intenso, despertando interesses de políticos e investidores estrangeiros.

Mario Semedo, historiador e geógrafo cabo-verdiano, afirma que a ilha se encontra num quarto período de florescência econômica e que de seu sucesso depende todo o país¹⁴. O desenvolvimento turístico é percebido como a oportunidade que Cabo Verde tem, na modernidade, de conquistar um espaço dentro do cenário mundial, desta vez mais igualitário. Ilhas como Boa Vista, Sal e Maio, por apresentarem um tipo geográfico exótico, com suas grandes extensões de areias e praias virgens, têm se constituído como ícones deste discurso desenvolvimentista e, claro, têm ocupado um novo lugar no cenário político nacional.

A população e o governo local têm um novo desafio, a forma de incorporação destes outros, sejam daqueles que passam, os turistas, ou os estrangeiros que ficam na ilha para investir no turismo com pousadas, restaurantes, hotéis, bares, lojas de artesanato e outros. Estes trazem outros, cabo-verdianos de outras ilhas e africanos do continente, para o trabalho na construção civil e no comércio. A intensa imigração dos últimos cinco anos passa a ser, então, o novo desafio para os boa-vistenses.

¹⁴ Informação obtida em comunicação pessoal.

- II -

CASA E FAMÍLIA

O AMBIENTE DOMÉSTICO NA ILHA DA BOA VISTA

“O que permanentemente se reproduz são relações que, por sua vez, produzem novas relações através da transmissão de substâncias partilhadas”.

Bestard, Joan, 1998:231

No presente capítulo reflito sobre a organização familiar local pela análise dos grupos compostos por pessoas relacionadas pela residência comum, pelo casamento, seja ele formal ou não, por relações de filiação e, como em muitos casos, por relações mais amplas de parentesco e de amizade. Os fatores que irei discutir para fornecer um mapa da organização doméstica local são vários: a composição da casa, os padrões de residência, a importância da vizinhança e amizade, as regras de casamento, o lugar do concubinato e as relações entre pais-filhos.

Para realizar essa tarefa, vou me valer dos conceitos centrais de proximidade e distância que são centrais para compreensão da família boa-vistense. Como veremos ao longo deste trabalho, a idéia de mobilidade tem elevado valor nessa sociedade insular. As pessoas mudam de casa, de parceiros sexuais, migram, partem e retornam. Porém, em contraste com toda essa fluidez, o pertencimento à família é algo permanente. Para entender a noção boa-vistense de família, é preciso ficar claro que ela não tem os mesmos contornos da família nuclear ocidental¹⁵, não devendo, assim, ser compreendida como um desvio desta. O conceito de família pode ser usado, basicamente em dois sentidos. De uma forma geral, expresso pela frase “nós somos família”, ou de uma maneira mais específica, quando as pessoas se referem aos parentes mais próximos pelo termo “nha família” (minha família)¹⁶.

Essas duas formas expressam os caminhos pelos quais a proximidade é construída e percebida, ou seja, pela relativa abertura do sistema de

¹⁵ Mesmo se consideramos as influências de um modelo ocidental ideal em Cabo Verde como um todo e as tensões que decorrem de tal influência.

¹⁶ Akesson (2004) também identifica essas duas noções de família em São Vicente.

parentesco e pela construção de relações familiares pelo cotidiano. Em tese, as relações de parentesco se estendem por caminhos sem fim e isso é expresso pela amplitude dos termos tio(a) e primo(a). A primeira vista, não há fronteiras definidas entre aqueles que pertencem à família e os de fora. Porém, se entendemos a idéia de família a partir da expressão “nha família”, entramos num universo de relações íntimas e que acontecem dentro de um grupo bem determinado, apesar de aberto às construções cotidianas. Convido o leitor, então, a uma viagem ao mundo familiar boa-vistense, onde aqueles que são próximos ou distantes não estão pré-dados, mas são construídos pelas relações cotidianas. O conceito de proximidade no sentido de “ser relacionado” (Carsten, 2000)¹⁷, será uma boa ferramenta analítica para darmos conta dos significados nativos de família, residência comum, vizinhança, amizade.

1. “SOMOS TODOS, UMA SÓ FAMÍLIA”

“Família é assim, um ajuda o outro. Por exemplo, vou ajudar o neto a se criar enquanto meu filho mais velho está ajudando o irmão mais novo que está estudando na Praia, assim que é família, assim que é o certo”.

“Aqui vivemos como uma só família, eu ajudei a *agüentar* muitos dos filhos que Nha Josefa teve. Ela ia trabalhar e era eu que *agüentava* as crianças em casa, todos se ajudando!”

“Assim como eu agüentei os filhos de mãezinha, de Nha Josefa e outras, quando tive os meus, muitos amigos e familiares os agüentaram para que eu pudesse ir trabalhar”. Quem *pegou* Denise foi Biazinha e todos os seus irmãos. Por isso digo sempre a minha filha que onde quer que esteja, se cruzar com um deles ela tem obrigação de parar e os cumprimentar, pois se hoje ela está de pé, é graças a ajuda que eles me deram”.

Antonia¹⁸ diz que tem muitos irmãos e que considera a todos como iguais, tanto os irmãos de sangue quanto aqueles da casa de mãezinha, todos lhe devem respeito e a tratam como se fosse sua irmã mais velha. Como foi boa para eles, agora que estão grandes e doutores, sempre lhe enviam encomendas e não medem esforços para ajudar toda a família de Antonia.

As formas pelas quais a proximidade é construída em Boa Vista podem ser percebidas pela amplitude do sistema de parentesco. Em teoria, aqueles que fazem parte da família não estão, necessariamente, restritos a laços

¹⁷ A autora usa a categoria *relatedness*, que pode ser traduzida como “ser relacionado a” (Pina Cabral, 2005).

¹⁸ Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

genealógicos, ou seja, quando estamos no domínio do conceito amplo de família, um dado importante a se levar em conta é o tipo de relação construída cotidianamente por indivíduos ou grupos domésticos. O relato da informante reflete essa característica do sistema e revela pelo menos dois traços importantes na definição de quem está próximo: a solidariedade (manifesta pelo conceito de ajuda) e o tratamento.

Essas categorias são fundamentais para o entendimento do que vem a ser família no contexto boa-vistense e isso assume uma dimensão especial quando estamos na perspectiva das mulheres, uma vez que elas personalizam o ideal de uma família ampla e unida. De acordo com esse ideal, as relações familiares se caracterizam por um comprometimento mútuo, contatos sociais regulares e um fluxo constante de benefícios materiais e não-materiais. O interessante aqui é que esses requisitos, fundamentais para a construção do conceito de proximidade, atuam tanto para fortalecer laços pré-existentes, quanto para ampliar o campo de relações assumidas como de parentes.

Se tomarmos o caso de Antonia percebemos essa dinâmica com bastante clareza. Antonia não foi criada por sua mãe de sangue, mas por uma senhora a quem chama de mãezinha. Foi levada para a casa dessa senhora para ajudá-la com seus filhos pequenos e só saiu de lá para morar com o companheiro. Antonia afirma que sempre foi tratada como filha e irmã, por isso os considera como sua família. Além disso, viveu numa zona da vila de Sal-Rei caracterizada por boa vizinhança, onde vizinhos se tratam como parentes, ou seja, se ajudam. No caso de sua relação com a família de Nha Josefa. Sempre foram vizinhas, se auxiliaram na criação das crianças e nos momentos que definem como sendo de dificuldades. Ao longo das conversas que tive com ambas, ouvi que se sentem mais próximas do que com alguns parentes de sangue. Quando questionei esse sentimento, a resposta foi que família é aquela com que se pode contar e isso não é determinado somente pelo nascimento, pela origem ou pelo sangue, mas pelo tratamento.

Esse tipo de proximidade é formalizado pelo uso de categorias de parentesco aplicadas àqueles com os quais não se tem uma relação genealógica. Mais uma vez voltamos ao relato de Antonia, que incorporou termos de parentesco (mãezinha e irmãos) àqueles com quem conviveu e chama Nha Josefa e outras companheiras de sua zona (termo utilizado para

falar da vizinhança) de primas. Essa é uma prática freqüente e funciona como uma estratégia de aproximação quando se quer valorizar uma relação entre indivíduos ou grupos. Em um aspecto mais amplo, pode-se dizer que o uso extensivo de categorias de parentesco é utilizado para construir uma imagem positiva dos ilhéus, imagem baseada nas relações de caráter solidário dos boa-vistenses.

A idéia de família é associada a um ideal de unidade e harmonia, e aquele que fala sempre ressalta sua contribuição individual para isso. Se pintar enquanto solidário e generoso com relação aos familiares é um modo comum de se representar enquanto uma boa pessoa. Por extensão, o mesmo acontece quando se referem às relações na comunidade. *Somos como parentes; aqui somos uma só família; nosso tratamento é de primos, quase irmãos*, são expressões utilizadas para falar de si e de sua família, mas também para caracterizar o boa-vistense em geral. A comunidade se constituindo enquanto uma extensão da família¹⁹.

É preciso salientar que esses termos, quando explicados a um terceiro são devidamente contextualizados pela expressão, *não somos primos* (ou irmãos/tios/sobrinhos) *de verdade, mas temos esse tratamento*. Outro ponto a salientar é que há critérios para se considerar alguém que não é parente de verdade como tal. Como disse anteriormente, ter tratamento de parente é cumprir certos requisitos de solidariedade mútua e de um tratamento diferenciado e faz parte da concepção de “fazer família”.

Em todos esses casos é possível observar um fluxo contínuo de bens, serviços e informações em circulação recíproca entre casas vizinhas. Bons vizinhos, assim como parentes, trocam refeições, *ajudam* com os filhos uns dos outros, cedem crianças para auxiliar nos *mandados* e, uma vez que não são parentes de verdade, podem casar os filhos entre si (arranjo altamente preferencial). Há uma espécie de fidelidade especial entre os habitantes de uma mesma zona, um tipo de tratamento que se aproxima do sentimento que se tem para com um parente.

¹⁹ É claro que essa é uma imagem idealizada. Quando os contatos ficaram mais próximos, de forma que comecei a entrar no campo das confidências, uma pintura mais complexa emergiu. Nas relações familiares há uma realidade dinâmica e complexa que, ao mesmo tempo em que também é marcada por relações de cooperação, é também um campo de hierarquia e competição. Isso se estende para a comunidade em geral.

Foi nessa zona que eu sempre vivi. Aqui a gente vive como uma só família. Nha Fátima, quem me criou, vive na casa ali da frente e aqui do lado vive uma tia minha. Todo mundo se ajuda quando alguém tem falta. Eu mesma ajudei a agüentar muitos dos filhos de Nha Teodora que vive logo ali em cima. Ela ia trabalhar e éramos nós que *agüentávamos* as crianças em casa, todas sempre se ajudaram porque você sabe, com os pais de filho não se podia contar, pois eles sempre estão na sua rua. Sempre que faço *cachupa*, mando as partes de Nha Fátima e de Nha Teodora, porque temos tratamento de parente. Nha Teodora quando vem da horta, nunca esquece o meu bocado de feijão, é gente amiga que está sempre pronta a ajudar. Aqui na Boa Vista é assim!

Fica claro que, tanto interna quanto externamente às casas, existe uma rede de solidariedade que perpassa toda a organização doméstica e interdoméstica. A participação das mulheres em atividades geradoras de renda depende, em grande parte, da possibilidade de contar com parentes (idealmente a mãe) que *agüentem* as crianças. Essas crianças por sua vez, sentem pertencendo tanto às unidades onde passam o dia quanto àquelas onde passam a noite. De forma muito clara, os limites da organização doméstica ultrapassam não só as fronteiras da casa, mas também os limites das relações consangüíneas. A rede de solidariedade entre mulheres está associada ao princípio de “viver junto” e às regras de reciprocidade que isso implica. Tem-se um *tratamento de parente* com relação àquela pessoa com quem se pode contar, aquela que está perto no dia a dia e que sabe trocar bens, favores e informações, *como se fossem parentes próximos*.



Todo esse sistema é operacional em dois sentidos. Primeiro, com o elevado índice de emigração na ilha, nem sempre é possível contar com a ajuda imediata de uma mãe ou irmã que, estando por perto, são as primeiras com quem uma pessoa pode contar para deixar os filhos, ajudar em alguma tarefa doméstica ou mesmo, num momento de dificuldade financeira. Ao ampliar as regras de reciprocidade àquelas que vivem próximas e em uma relação de vizinhança, as mulheres de uma mesma zona garantem um aumento de suas possibilidades ocupacionais, uma vez que têm sempre a garantia de que alguém a ajudará na criação dos filhos ou em casos de necessidade. Segundo, como afirma a moradora ao se referir ao marido que está sempre na rua, a rede de solidariedade também é fundamental no sentido de diminuir a dependência da mulher face ao companheiro, pois com o homem *não se pode contar*.

As crianças, assim como as mulheres, são atores centrais na manutenção de uma incorporação de gente que não está genealogicamente relacionada ao universo familiar mais amplo. Por sua facilidade em circular entre as casas e pela característica da mobilidade, institucionalizada pela partilha de crianças em Boa Vista²⁰, elas surgem como um elo fundamental entre casas e famílias. Como temos observado nos relatos de minhas informantes, é recorrente o uso da categoria *agüentar* uma criança quando se

²⁰ Tratarei deste aspecto da organização familiar em um tópico distinto, ainda neste capítulo.

quer enfatizar que duas mulheres ou famílias são próximas. *Agüentar* ou *pegar* as crianças de outra é um elo fundamental que reforça ou cria laços de parentesco na Boa Vista em diversos níveis: entre as mulheres envolvidas nessa rede de ajuda mútua, entre os grupos familiares e entre as crianças e as casas em que circulam.

Estar próximo é fator essencial na construção das relações familiares dentro e fora da casa, o tipo de tratamento aproxima, transforma vizinhos em parentes. Mas será que ocorre o inverso? Em Boa Vista costuma-se dizer que há Parentes e parentes, numa tentativa de esclarecer que, apesar do elo consangüíneo que une pessoas de uma mesma família, existe uma gradação entre os mais próximos e os mais distantes. Essa gradação não é dada previamente pela consangüinidade, mas pela relação. O exemplo de uma informante pode esclarecer esse ponto.

Minha família é grande. Meu pai teve cinco filhos antes de conhecer minha mãe e ela teve dois antes de conhecer meu pai, além desses, juntos eles têm seis filhos. Irmão de pai e mãe, eu tenho cinco.

E como é a relação entre vocês?

Não tenho relação com os filhos de meu pai. Só conheço mesmo os irmãos de lado de mãe, aqueles de lado de pai, há alguns que eu nem conheço. Eu conheço três, vivem aqui na Boa Vista, mas na verdade são uns desconhecidos, nem brigamos e nem nos conhecemos! Para mim nem lembro que são irmãos porque nunca fizeram parte de minha vida, nunca vivemos juntos ou tivemos relação! Você até cumprimenta e tudo, mas relação de irmão não tem não. Com os filhos só de minha mãe é diferente, vivemos juntos e para mim não tem diferença entre eles e os outros (se referindo aos irmãos de pai e mãe), somos todos irmãos. Mas os outros, realmente, nem os considero. Eles também não me consideram, não precisamos um do outro e assim está bom, cada um fazendo sua vida.

A idéia de viver junto é tão forte na definição de família que é comum que os conceitos de proximidade e distância, mesmo entre irmãos, sejam associados à relação mantida entre eles. Fica claro aqui que os laços pré-definidos pelo sangue não definem, necessariamente, o sentimento de proximidade, pois ela encontra-se em contínua construção por intermédio das ações e relações cotidianas. Como afirma Carsten, os laços de proximidade são criados pela procriação, mas também pelos atos de cuidar, partilhar, viver

juntos. Tais laços são tão importantes que podem diluir relações baseadas no parentesco, ou criar parentesco onde este não existia (2000:20).

2. **NHA FAMÍLIA**

Quando um boa-vistense fala de forma definida “nha família”, está se referindo a um grupo de pessoas imediatamente próximas a si e com as quais mantem práticas que manifestam fortes laços emocionais, econômicos e sociais. Esse grupo está no centro do universo pessoal de uma pessoa e evoca a imagem de reciprocidade e intimidade, o viver junto. O grupo é variado em sua forma, podendo ser constituído por pais, filhos e irmãos, ou seja, a família nuclear. Porém, o mais comum é que seja formado por avós, avôs, primos, tios, pais, irmãos, filhos e, por vezes, pode incorporar cunhados e os *pais-de-filhos* ou *mães-de-filhos*²¹.

É preciso observar que “viver junto” tem um sentido amplo, não sendo, necessariamente sinônimo de morar junto. Como veremos, o argumento central desta tese é o de que a dispersão geográfica não constitui, *a priori*, um fator de distanciamento ou quebra da relação. É importante estar próximo fisicamente, mas nos casos em que isso não é possível, a manutenção da proximidade social pelo cumprimento de obrigações recíprocas é um fator de manutenção da relação. Por diversas vezes, quando solicitava a um informante que me relatasse quem identificava como *sua* família, eram incluídos familiares que viviam fora, em outra ilha ou na emigração.

Um outro fator a considerar é que o conceito de quem é *nha* família é elástico, podendo incluir ou excluir pessoas genealogicamente relacionadas segundo o tratamento a elas dado. Cheguei a essa conclusão a partir de situações conflituosas que presenciei ao longo do trabalho de campo, especialmente entre irmãos. Nesses casos, os envolvidos advogam que apesar dos laços de sangue, eles não possuem tratamento de irmãos e por isso não são percebidos enquanto *sua* família. Como vimos no último relato, importa menos o fato de serem meio-irmãos ou irmãos plenos, o que interessa é terem compartilhado a infância e outras fases da vida juntos. Nesse sentido, é

²¹ Esses são os termos comumente utilizados para se referir aquele ou àquela com quem ego teve um filho. Além disso, quando o casal mantém uma relação conjugal, esse é o termo que se usa para se referir ao companheiro ou companheira, *meu pai-de-filho* ou *minha mãe-de-filho*.

compreensível encontrarmos primos que se tratam como irmãos e irmãos que não se vêem como parte de uma mesma família.

Ter sido criado numa mesma casa fortalece laços. Histórias de experiências compartilhadas na infância e o caráter da relação que é desenvolvida são, por vezes, mais importantes que os laços genealógicos. Normalmente, a proximidade entre irmãos é definida pela maternidade, ou seja, meio irmãos pelo lado materno têm maior possibilidade de viver juntos do que aqueles relacionados pelo lado paterno. Isso porque é mais comum que filhos de pais que não vivem juntos viverem com a mãe e mais próximo da família extensa desta.

Todos os estudos que tratam da organização familiar em Cabo Verde (Solomon, 1992; Dias, 2000, Monteiro, 1997 e Akesson, 2004) salientam o laço fundamental e constituinte do conceito de família: a relação mãe-filho. Na Boa Vista, esse laço é a base para a formação das redes de reciprocidade entre parentes e não parentes e que provê a estabilidade, continuidade e amplitude das relações de uma pessoa. Porém, mais uma vez precisamos estar atentos ao conceito de maternidade para os boa-vistenses. O laço entre mãe e filho não está, também, restrito às relações entre mães e filhos biológicos, mas envolvem as chamadas “mães sociais”.

Por comparação, os laços entre pais e filhos são mais difusos ou frouxos, e em grande medida, dependem da capacidade que o homem tem de estar próximo dos filhos quando estes são crianças. Ser um bom pai, ou seja, dar suporte econômico, material e emocional é culturalmente aprovado e valorizado. Presenciei, por diversas vezes, pais que atualizam a imagem de um bom pai. Porém, o mais comum é que eles sejam caracterizados pelos próprios filhos como figuras distantes e que justifiquem sua ausência por dificuldades econômicas. Vamos analisar essas relações com maior cuidado ao longo do trabalho, por ora, é preciso entender outra unidade fundamental para o pertencimento social de um indivíduo, a casa.

3. A CASA

Carsten (1995) lembra que a análise das casas não devem ter como foco a estrutura física, mas as interações entre construções, pessoas e idéias. Assim estudos etnográficos podem revelar alguns caminhos diferentes

dos lugares das casas nos grupos sociais e de como representam o mundo em torno deles. Analisando as percepções de Lévi-Strauss sobre as *sociétés à maison*, a autora salienta o potencial teórico do significado de casa e chama atenção para as categorias nativas. É nessa perspectiva que apresento a etnografia que se segue.

As pessoas na Boa Vista são fortemente identificadas com o espaço físico onde nasceram ou residem. A forma comum de se referir a um terceiro é pela expressão, *Fulano de cá Nha Cicrana* (Fulano da casa de Nha Cicrana). Assim como a família imediata, a casa é também uma unidade fundamental para o pertencimento social de um indivíduo.

As casas são, geralmente, próximas umas das outras e, se não há espaço para ampliação das mesmas, as pessoas fazem construções altas e estreitas, sempre deixando a possibilidade de construir novos cômodos uns sobre os outros. Essa é uma particularidade interessante, as casas nunca estão terminadas, há sempre a possibilidade de aumentar o espaço. Em Boa Vista, especialmente na parte nova da Vila (uma zona de ampliação), a maioria das casas não é rebocada por fora e isso é justificado pela falta de recursos. Eles preferem concluir a obra por dentro e as mulheres se preocupam em manter o ambiente sempre *fresco*, ou seja, pintado e colorido.

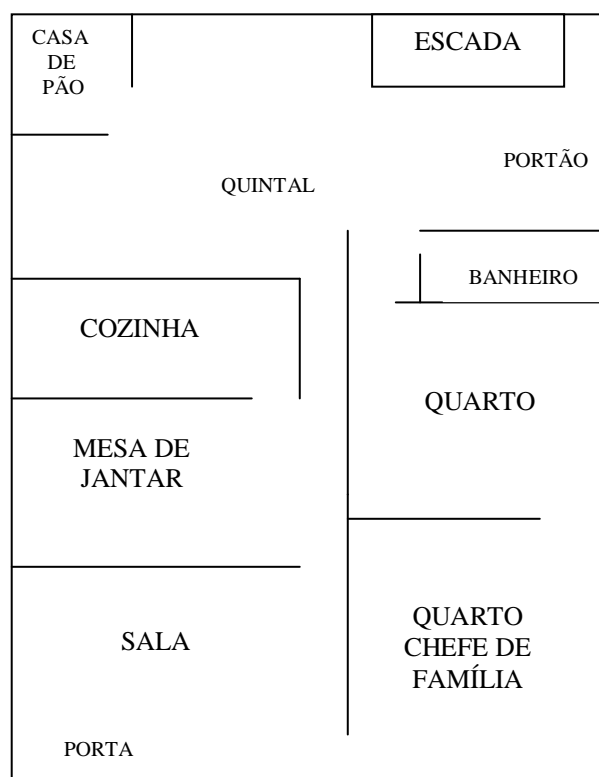
Há pouca variação no desenho, salvo pequenas mudanças. O tamanho e forma da casa variam de acordo com o período em que foi construída. Há uma diferença importante entre casas antigas e modernas e isso reflete os arranjos residenciais tradicionais e modernos e as diferenças existentes a depender do ciclo doméstico. Para me referir a esses arranjos vou utilizar os termos nativos *nos casa* (nossa casa, utilizado quando querem se referir a casa dos pais ou onde foram criado) e simplesmente *casa* ou *nha casa*, quando se referem a sua moradia.

A *nos casa* é sempre percebida como lugar movimentado, agradável e alegre. Geralmente é a casa dos pais, avós ou parentes mais velhos. O símbolo da casa boa de se viver ou de estar é o *portão*, as casas que têm portão são aquelas em que parentes e amigos podem entrar sem pedir licença, está sempre aberta, cheia de gente e animada.

As casas mais antigas são as que apresentam essa característica: um pequeno quintal com um portão que só se encontra fechado à noite, pois, ao

longo do dia está apenas encostado e por ele os parentes e amigos podem entrar sem bater ou pedir licença. Quase nunca se usa a porta da sala, considerada como entrada “chique” para as visitas. Estas casas têm uma construção curiosa e que valoriza o lugar de socialização por excelência: o quintal. Entrando pela porta principal, nos deparamos com um longo corredor que divide os cômodos da casa, geralmente temos a sala do lado direito, os quartos dispostos de um lado e de outro e a cozinha.

Ao final do corredor temos o quintal, e é aí que as mulheres e crianças passam a maior parte do dia cumprindo suas tarefas (os *mandados*), cozinhando, pilando o milho para a cachupa, comendo ou simplesmente conversando. As pessoas “estranhas” são recebidas na sala enquanto os íntimos entram pelo portão e se juntam aos moradores para uma conversa ou para ajudar nos afazeres domésticos. Geralmente, improvisa-se uma espécie de pia de lavar louças e um fogão a lenha onde é feita a comida. Nesses casos o quintal substitui a cozinha que é pouco utilizada no processo de preparação dos alimentos.



Planta de casa com quintal - casa de Nha Teodora

As construções mais modernas não têm nem o quintal e nem o portão. Explicaram-me que é porque os terrenos vendidos pela Câmara Municipal são muito pequenos e que por isso preferem fazer um terraço onde possam lavar e secar as roupas. Nesses casos, a cozinha é o lugar onde as mulheres passam a maior parte do dia, enquanto a sala continua tendo a mesma função de receber as visitas de pessoas distantes, não relacionadas. O corredor central também é abandonado nessas construções e os cômodos são distribuídos de maneira que os quartos de dormir se concentrem em uma parte da casa contígua à cozinha, enquanto a sala é posicionada separadamente, logo à entrada principal.

Assim como as antigas, essas casas são construídas de forma a poderem crescer no sentido vertical, ou seja, os projetos são encomendados na expectativa de que ganhem mais um ou dois andares caso haja necessidade futura. A diferença é que, tradicionalmente, esse sistema era utilizado para que os filhos construíssem quartos ou pequenos apartamentos com acesso independente. Hoje em dia, a previsão é de que novas moradias sejam construídas para aluguel, sendo revertida em renda para a família.

Os cômodos são, em geral, pequenos e com pouco mobiliário. Na sala, o sofá é um artigo de luxo, o mais comum é encontrarmos cadeiras ou poltronas dispostas em frente da televisão e uma estante aberta onde são expostos enfeites, porta-retratos (em grande quantidade) e os conjuntos de louças que devem ser usadas em momentos especiais. As paredes são cobertas de fotografias da família que se encontra na emigração. Em algumas moradias, a geladeira é colocada como peça central na sala e é sempre coberta por enfeites, um vaso com arranjo de flores artificiais ou imagem de santo em cima. Os quartos não possuem mobiliário especial, o do chefe da família (mulher ou homem) está posicionado imediatamente ao lado da sala, não é muito amplo e possui cama de casal, armário e um conjunto de malas e caixas onde dizem guardar os presentes que recebem das emigrantes.

É bastante comum que malas e caixas de papelão façam às vezes do guarda-roupa. Dentre as pessoas que convivi somente poucas (além dos chefes de família) tinham um lugar específico para guardar suas roupas e pertences. Inicialmente não entendia esse padrão, pois não tem equivalência direta com a situação econômica. Logo percebi que faz parte do valor dado à

mobilidade, ou seja, a idéia de estar de passagem. Especialmente os mais jovens circulam tanto interna quanto externamente às casas. Sempre se espera um cômodo melhor para o qual o membro da família possa se mudar, os quartos independentes são os mais cobiçados. Além disso, é comum que uma criança ou jovem passe períodos em casa de parentes, isso faz parte do cotidiano e é um fator importante para a manutenção da reciprocidade e solidariedade entre as casas.

Nas casas tradicionais, existem os chamados quartos independentes cujo acesso se dá pelo quintal, geralmente são os quartos dos filhos homens que podem circular livremente sem ter que entrar na casa principal. Nas situações que acompanhei, esses quartos foram construídos quando os filhos já estavam adultos, numa espécie de expansão da casa principal e com o objetivo de poder abrigar uma nova família. A existência desse quartos e a possibilidade de ampliação permitem uma variedade de arranjos residenciais, ou seja, o pertencimento a casa pode se dar de diferentes formas, havendo extremos em que a casa pode ser composta até por 20 membros.

O núcleo da casa é um grupo de parentesco próximo (*nha família*), geralmente próximo à mulher. Mas a *nos casa* pode incluir afins, parentes distantes, crianças de outros e servidores domésticos. É importante observar que o número de moradores de uma casa não é estático. Pelo contrário, a rotatividade é um fator comum e esperado entre seus membros. Dos 67 grupos domésticos com os quais trabalhei de forma sistemática, 47 apresentavam essas características: famílias extensas onde, em redor do grupo central (pai e mãe - ou somente a mãe - e irmãos mais novos), iam se formando outras famílias nucleares.

Estas outras células familiares possuem formas variadas e que mudam no processo de desenvolvimento do ciclo doméstico. É preciso observar também que, quando falo de *nos casa*, estou tratando de grupos domésticos cujo núcleo é composto por pais – ou somente a mãe - com idade já avançada, com filhos adultos e, em todos os casos estudados, com netos que são criados com a ajuda dos avós. O relato de Nha Maria exemplifica essa situação:

Todos os meus filhos homens têm filhos, um tem dois, outro tem um, todos moram aqui e todo mundo ajuda. Bom, agora Mirna já tem sua casa que conseguiu com o trabalho no estrangeiro, mas todos os filhos

dela foram criados aqui, agora como já estão grandes e podem assumir suas responsabilidades eles foram ficar com o pai na casa deles. Marcela também tem sua casa, mas quando ela foi para o estrangeiro os dois filhos ficaram aqui comigo. Depois, quando ela orientou a vida, continuou a ir para o estrangeiro e agora que estão todos criados foram para sua casa. Carla ainda não tem casa e vive aqui comigo, ela e sua filha. Djisa também ainda não tem casa, mas já abriu um quarto lá em cima para ficar com seu *pai-de-filho* e seus dois meninos. Deise teve também um filho com um homem *mariado* e vive aqui comigo, ela e o menino. Esses três aqui (aponta para três meninos que brincam no chão do quintal) também a mãe deles está em Portugal e deixou os três aqui comigo, esse aqui ela deixou com um ano e tal. O pai está aqui na Boa Vista, mas é comigo que eles moram.

Pois é minha filha, todos os netos se criaram aqui dentro, eu tenho 15 netos e vivem todos ao meu redor. Eu já tenho até bisneto! Ela mora com a mãe, mas deita é aqui comigo, bem atrás de mim. De vez em quando ela diz “eu vou ver minha mãe”, e eu respondo “vai menina, vai e me deixa aqui em paz no meu sossego”, mas daqui a pouco ela volta de novo, pois não sabe estar longe de sua *mamã* (risos).

O relato acima salienta as características da formação desses grupos domésticos tão comuns em Sal-Rei. A tendência dos filhos é de permanecerem na *nos casa*, por um longo período. No caso dos filhos homens, mesmo quando alugam um quarto para dormir ou quando decidem coabitar com a *mãe-de-filho* (seja na casa da família da moça ou numa nova casa), eles fazem as refeições na casa materna e continuam a contribuir com as despesas da *sua* família. A saída das filhas mulheres se dá mais cedo, pois normalmente são elas que vão viver com os *pais de filhos*.

Mesmo nesses casos, o vínculo íntimo com a mãe é sempre alimentado, e as filhas continuam a ajudar nos afazeres domésticos de sua casa de origem, intercambiam comidas, deixam os filhos para morar com a avó e contribuem com as despesas. A relação estreita que os filhos possuem com a família de origem fica clara pela expressão *nos casa* e é fundamental para a manutenção econômica e social da unidade. Por esse motivo, as mães alimentam uma relação íntima com as filhas adultas, onde a unidade é mantida por relações cotidianas de dar, receber e demandar favores e a presença daqueles que já formaram uma nova casa.

O fato é que nesta fase de desenvolvimento do grupo doméstico é raro vermos um casal de idade avançada vivendo sem a presença de filhos, netos ou algum parente próximo. Apesar disso, há situações em que os filhos e netos

já cresceram, alguns já foram viver em suas casas, outros saíram para suas atividades de trabalho e a mãe fica sozinha. Nesses casos há um sentimento de abandono no discurso das mulheres e uma idéia de que o tempo bom era o tempo em que a casa estava cheia. Como me disse uma delas: *o trabalho era maior, mas é melhor do que estar sozinha.*

3.1. **Nha casa**

Ter uma casa é um valor central e tem um significado importante para a definição de uma vida de sucesso. Construir uma casa é um projeto comum entre adultos e jovens da ilha, pois a realização desse projeto marca a transição para a fase de maturidade social plena. Ter uma casa faz da pessoa um adulto autônomo e respeitável.

Já vimos que o padrão de residência local tende a ser formado por famílias extensas, mas isso não significa que os jovens casais não busquem meios de constituir a própria moradia. Como mostrei, ter uma casa própria é um símbolo de sucesso e indicador de responsabilidade própria dos homens e mulheres adultos. Porém, todos os meus informantes concordavam que o ideal era morar perto da *nos casa*, na mesma zona em que foi criado ou, numa segunda hipótese, perto de algum parente. De fato, esse é um padrão comum de moradia em todas as povoações da ilha, o de que a vizinhança seja formada por parentes genealógicos, sejam eles filhos, irmãos, tios ou primos.

Para a constituição de uma nova moradia é preciso cumprir alguns passos. O primeiro é o da compra do terreno. Homens e mulheres jovens buscam sempre uma forma para comprar um terreno da Câmara Municipal. O sucesso nessa empreitada depende de questões financeiras, mas também da articulação dos indivíduos com a Câmara ou com pessoas de influência que possam emprestar uma quantia ou facilitar politicamente o processo de compra e o valor do terreno²².

Estando de posse do terreno, o indivíduo começa a planejar as formas de iniciar a construção da casa. Mais uma vez, dadas as limitações financeiras, planejar e executar o projeto pode ser um processo longo e que vai depender das relações do indivíduo com profissionais, políticos e familiares que possam

²² Em um ano eleitoral, por exemplo, é comum que a “fila” de pessoas interessadas em comprar um terreno da Câmara Municipal diminua consideravelmente.

facilitar-lhe a vida. As construções também podem durar anos e o fato de serem frutos do próprio trabalho é altamente valorizado. Poder dizer “eu construí minha casa bloco por bloco” valoriza o projeto e significa que aquele indivíduo é alguém com *seriedade* (tem responsabilidade, é esforçado).

As mulheres também compram terrenos e constroem suas casas. Para elas este pode ser um processo ainda mais longo, pois dependem da relação com homens para “subir” uma casa. Durante o trabalho de campo, acompanhei a construção da casa de China e os valores associados a tal processo. China não tem marido. O *pai-de-filho* vive com outra família e a visita com frequência, mas não contribui economicamente com as despesas do filho ou da casa. Ela tem quatro irmãs na emigração e, com a ajuda destas iniciou a construção de sua casa há cerca de cinco anos atrás.

China é conhecida na Boa Vista por ser uma mulher de fibra, uma das poucas que não emigrou (ficou na Boa Vista cuidando da mãe viúva e ajudando a criar os filhos das irmãs emigradas), mas que conseguiu se “orientar” na vida através do trabalho num pequeno bar e da ajuda daquelas que estavam fora. Quando conversávamos, ficava claro que o maior símbolo de seu sucesso era o fato de ter sua casa coberta²³ e quase pronta para morar. Sempre enfatizava os sacrifícios para juntar dinheiro, os favores que teve que pedir e os amigos que a ajudaram a levantar os blocos. Na visão de amigos e familiares, China tinha tanta fibra que valia mais do que muitos “homens que têm medo de trabalho”. Era freqüente afirmarem que ela havia trabalhado nos blocos de cimento para ter seu pedaço de casa e por isso merecia muito respeito.

Apesar dos filhos adultos permanecerem por muito tempo na casa de origem, ter uma casa é importante e desde a juventude o indivíduo ambiciona executar seu projeto. Ser proprietário de uma casa, especialmente para as mulheres, é uma segurança importante face a fluidez dos relacionamentos conjugais. Dá segurança econômica e reduz a preocupação com os gastos da vida cotidiana. A casa também é fator importante na reprodução social do

²³ Cobrir a casa é um evento importante na vida do indivíduo, é um dia de festa (tradicionalmente a cobertura era feita com mutirão) e é um símbolo fundamental de responsabilidade. Significa ter um teto, ou seja, que o indivíduo tem o seu lugar.

sistema de solidariedade recíproca que mantém o conceito amplo de família fazendo sentido local e transnacionalmente.

4. FAMÍLIA SOLTEIRA

No cotidiano da casa, a mulher se sobressai à primeira vista. Seja enquanto mulher, mãe, filha, irmã ou avó, ela é a figura central no fluxo da vida familiar boa-vistense. Independente de ser a chefe da unidade doméstica, as mulheres se sentem responsáveis pela casa e família. Irmãs mais velhas cuidam dos irmãos mais novos e dos homens da casa. Quando estes não têm mãe ou parceira que cuide de suas coisas e alimentação, recorrem à ajuda da irmã. Então, a mulher, independente de sua posição enquanto mãe, irmã avó ou filha, é central para a reprodução da vida cotidiana da casa e da família num sentido mais amplo.

Na esfera econômica, a mulher também é a responsável por ganhar o dinheiro necessário para colocar “comida na mesa”, roupas nas crianças e utensílios na casa. Os parceiros masculinos (*pais-de-filho*), irmãos ou filhos podem ajudar, e é esperado até que venha deles a contribuição econômica mais substancial, porém, em última instância, a responsabilidade e o gerenciamento da vida doméstica cotidiana está com as mulheres. Aí entramos num outro aspecto da organização familiar, a divisão de papéis no interior de um grupo doméstico.

Idealmente, os papéis são organizados segundo linhas de sexo e idade, ou seja, existem tarefas masculinas, femininas, tarefas de crianças e de adultos. No entanto, tudo depende da composição do grupo doméstico e da disponibilidade de ajuda externa. Não se espera que os homens adultos participem das atividades rotineiras da casa, porém, num plano ideal espera-se que ele trabalhe na rua e cumpra sua função de provedor, o que de fato nem sempre acontece. Quanto à mulher, espera-se que ela seja a responsável pela organização da casa e, mesmo nos casos em que acaba cumprindo a função de provedora através de um trabalho remunerado, seu domínio continua sendo o da casa. Por sua vez, o homem, mesmo que não possua trabalho, não deve estar em casa por representar um estorvo, seu lugar é na rua.

Na reprodução da solidariedade entre casas, ou seja, na formação de um campo de relações familiares que se estendem ao conceito de *nha* família,

cabe à mulher o lugar de protagonista. Na formação do que chamei aqui de rede de solidariedade, a focalidade da mulher é evidente. Veremos que nas relações entre emigrantes e locais essa característica se repete, são as mulheres que cuidam das crianças que ficam, são elas que recebem as remessas de dinheiro vindas do exterior e quando uma emigrante telefona, é à mãe que ela procura.

Na antropologia, a posição central da mulher no campo do parentesco é normalmente entendida pelo termo “matrifocalidade”. O conceito foi introduzido por Raymond Smith (1996:39-57) nos anos 50 e estava ligado ao contexto no qual a maternidade era considerada o papel primordial da mulher. É a partir dessa relação tão intensa entre mãe e filhos que se desenvolve, na literatura antropológica sobre África e Caribe, um longo debate sobre a matrifocalidade. Quero chamar atenção para a complexidade dessa temática. A organização matrifocal não é simples de ser definida e se espalha por diversos tipos de unidades, inclusive aquelas ditas nucleares. Os fatores que devem ser discutidos na definição de matrifocalidade são muitos: composição da casa, padrões de residência preferidos e usuais, padrões de visitação e amizade, econômicos e de subsistência, enfim, cada um desses fatores tende a reforçar, ou não, o papel da mulher-mãe no sistema estudado.

Até o momento, minha análise sugere que o sistema familiar na Boa Vista tende a reforçar o papel da mulher-mãe no centro do grupo doméstico. Quanto ao papel do marido ou pai, mesmo quando se trata de uma relação estável de conjugalidade, seu lugar é quase sempre ambivalente e de distância com relação à companheira e aos filhos. Acredito que é dessa distância masculina que emerge positivamente a relativa força da mulher. Mas cabe uma pergunta antes de prosseguir: é adequado, nessa realidade, usar o termo mulher chefe de família cunhado para o estudo de famílias negras no Caribe (Smith e outros)? Os homens seriam, de fato, ausentes das unidades domésticas centradas na relação mãe-filho?

É preciso não associar diretamente, portanto, a distância evidente entre pais e filhos e pais-de-filhos e mães-de-filhos com a ausência física e simbólica do homem na esfera familiar. A distância vai depender tanto do lugar de onde se fala quanto da fase de desenvolvimento do ciclo doméstico. Então, além de fatores como presença ou ausência masculina na esfera familiar ou da questão

da chefia econômica do grupo doméstico, na definição da matrifocalidade deve ser levado em conta os laços emocionais entre mãe-filho, mulher-marido e o lugar de ambos na sociedade.

Se é verdade que o homem adulto não mantém relações de proximidade com *mãe-de-filho* e filhos, a situação pode mudar de figura se desloca-se a análise para a relação entre filho adulto e mães velhas, ou entre irmãos e irmãs, ou ainda entre homem velho com seus filhos adultos e suas mães. O homem está sempre presente nas famílias enquanto filhos adultos, namorados, irmãos, primos, amigos. Nestas formas e dentro destas redes, o homem coopera e assiste os outros econômica e socialmente, porém, não é dominante e nem, necessariamente, tomador de decisões. Como afirma Blackwood (2005), não é porque, em algumas situações sociais, o homem não está presente num papel de dominância, que ele não possa atuar em outras formas de proximidade.

Entendo que há uma focalidade feminina na família boa-vistense no sentido de que a mulher é mais central no grupo doméstico e joga o papel de líder psicologicamente. É ela o membro mais estável do grupo e é ela quem influencia os filhos em seu desenvolvimento²⁴. É questionável afirmar a centralidade feminina somente pelos fortes laços entre mães e filhos, mais do que isso, a mulher alcança essa posição central por articular sua capacidade de ser a pessoa responsável pelos acontecimentos e reprodução da vida cotidiana.

Com relação à autoridade doméstica, idealmente, essa cabe ao homem da casa. Porém, observamos grande variação de situações que contradizem esse ideal. Primeiro, há muitas casas encabeçadas por mulheres sozinhas. Segundo, a depender da condição do homem e da mulher que habita a casa, a mulher pode ser identificada como chefe. Porém, mais do que procurar a quem cabe a chefia formal de uma casa, é importante perceber que, havendo ou não um homem na unidade, a responsabilidade da vida doméstica cotidiana é da mulher, sendo que as tarefas domésticas e relações de solidariedade são divididas e partilhadas entre elas.

²⁴ Devo salientar que a mulher em questão não precisa ser necessariamente a mãe biológica e, como veremos mais adiante, muitas vezes não o é. Quando tratar desse assunto ficará mais claro ao leitor a centralidade da *rede de solidariedade* entre mulheres para esse tipo de organização familiar.

E a situação do homem que não consegue trabalho remunerado e, ao mesmo tempo, não participa das atividades rotineiras da casa? Ele realiza uma quebra nessa rede de solidariedade existente entre os membros do grupo doméstico? Pelo que afirmam muitas mulheres com quem conversei sobre esse assunto, idealmente o homem deve contribuir financeiramente para o sustento da casa. Porém, na prática, elas afirmam que “com homem não se pode contar”, seja por causa das outras mulheres com quem ele anda, por causa do alcoolismo, pela falta de compromisso com os filhos, ou simplesmente porque o homem é da rua.

É fácil identificar uma clara conexão entre as categorias *mulher* e *casa* e *homem* e *rua*. Tal conexão não está ligada à subordinação feminina, mas pelo contrário, conduz à dominância feminina na esfera doméstica. A casa é, então, o lugar das mulheres e para as mulheres, conseqüentemente a família também é o reino das mulheres. Com isso não estou querendo dizer que a mulher boavistense não trabalhe fora de casa. Como já afirmei, em geral, é ela a responsável pela maior parte do orçamento doméstico, trabalhando em hotéis, mercados e mercearias, como funcionárias do governo, como empregadas domésticas ou então emigrando. Quando não possuem um emprego fixo, trabalham dentro de casa com a ajuda dos filhos, podendo lavar roupas, vender pães, bolos, pizzas e outros produtos caseiros. Muitas vezes transformam a sala dianteira numa pequena mercearia ou bar, para gerar renda para a família.

A conexão entre *homem* e *rua*, é uma percepção compartilhada por mulheres e homens quando refletem sobre o lugar do primeiro na esfera familiar. É esperado que eles passem seu tempo no trabalho e, quando desempregados, nos bares, nas praças, jogando *uril* ou em outros locais pensados como masculinos. Em uma reunião do *grupo da família*, promovida quinzenalmente pelo padre da igreja católica em Sal-Rei, os presentes definem claramente o que *pensam* os homens da Boa Vista: o padre, em seu discurso, incentivava as mulheres a demandarem uma maior presença masculina em suas casas. Alguém diz que tudo que o padre disse era bonito, mas não funciona na Boa Vista porque os homens são muito influenciados pelos colegas. Quando a mulher vai pedir alguma coisa ou reclamar de suas atitudes, o homem responde que ela não tem nada a ver com isso, que não manda nele e ele faz o que quiser de sua vida.

Nessa altura, o único homem presente intervém e diz que a família na Boa Vista é solteira, isto é, não tem marido. Outra senhora diz que a maioria das mulheres sofre do mesmo mal, pois os maridos se preocupam mais em agradar os amigos do que a mulher. *O meio da Boa Vista é mesmo difícil, pois todos se influenciam e não podem ver o marido fazendo companhia à mulher que logo o criticam e colocam complexo na pessoa. Aí ele acaba fazendo só o que o colega aprova, ou seja, se preocupa mais com os colegas do que com a família.*

Estar fora de casa compartilhando o tempo com outros homens (geralmente parentes próximos ou companheiros de uma mesma zona ou vizinhança) parece estar associado a uma imagem de independência altamente valorizada no universo masculino, mas se essa imagem transmite a idéia para os companheiros de que ele não é *mandado pela mulher*, por outro lado, o que ocorre dentro da esfera doméstica é uma perda de autoridade. A independência aqui seria sinal de sua exclusão do cotidiano da casa. Na verdade, eles não ficam em casa não só porque querem ficar com os amigos, mas também porque sua presença em casa é um estorvo. Estar na rua nessas condições é aceitar sua condição subordinada, de um “presente ausente”, mas, numa aura de superioridade.

Com os homens fora da casa, é a mulher que passa a ser dominante econômica e psicologicamente. Ela se mantém enquanto membro mais estável do grupo e, mesmo nos casos em que não é o esteio econômico da casa, é ela quem exerce a autoridade ao tomar decisões, definir como o dinheiro que entra na casa será usado, sendo a figura que mais influencia os filhos em seu desenvolvimento.

Apesar disso, não se deve ignorar o papel do homem, estando ele ausente ou presente. Mesmo que ele não exerça autoridade de fato, no plano do discurso, é o homem que chama para si o poder de tomar decisões e se apresenta como o chefe do grupo doméstico²⁵. Nas casas em que marido e mulher vivem juntos, tal discurso é compartilhado pelas mulheres e pelos filhos

²⁵ De acordo com o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde no ano de 2000, dos 1105 agregados familiares recenseados, 777 eram chefiados por homens e 328 por mulheres. Da mesma forma, em um levantamento feito por mim na Vila de Sal-Rei em cerca de 200 unidades domésticas, as mulheres se denominaram como chefes do agregado em apenas 68 das unidades questionadas.

que são incentivados a ter uma atitude de respeito para com o pai. Essa relação de respeito é formal e ganha expressão na distância que marca o relacionamento entre o pai e os filhos na Boa Vista.

5. CRIANÇAS

As crianças, como as mulheres, são elos fundamentais na manutenção das redes de solidariedade. Quando bebês, são o centro das atenções das mulheres da família, especialmente as mais jovens. *Pegar* ou *agüentar* pode ser entendido como ajudar a criar em dois aspectos: tomar conta ocasionalmente ou tomar a criança para si. Moças jovens, por volta dos 15 anos, *pegam* muitos meninos no primeiro sentido do termo. Conversando sobre esse tema com um grupo de quatro moças, cada uma contava que já *pegou* pelo menos três crianças de outra pessoa, seja parente ou vizinha. Isaura conta que quando a irmã mais nova nasceu foi ela quem a agüentou, lhe deu banho, lhe deu comida, vestiu, colocou para dormir, tudo era ela quem fazia. A mãe biológica não se ocupava muito da criança, cuidava dos mandados e fazia pão para vender. Isaura conta que fez isso para muita gente, e que quando teve seu filho, outras meninas *pegaram* a criança também. Para que ela pudesse trabalhar, cada dia ele estava na casa de um familiar, pois sua mãe vivia na emigração.

Crianças dos cinco aos 10 anos são os mais freqüentes mediadores entre as casas. Elas são os veículos de mensagens, presentes e itens de troca (alimentos, utensílios domésticos, dinheiro). São as crianças que as mulheres enviam com coisas e alimentos que são fundamentais para a reciprocidade que mantém as casas relacionadas. Elas são constantemente chamadas para fazer os *mandados*: carregar baldes de água na cabeça, alimentar os animais de criação²⁶, levando os recipientes com *comida de bicho* na cabeça, lavar as louças, *pegar* (tomar conta) as crianças mais novas, levar e trazer recados, fazer pequenas compras e, quando maiores, ajudar no preparo dos alimentos. Tais responsabilidades começam a ser assumidas paulatinamente pelos

²⁶ Na Boa Vista, muitas famílias ainda possuem pequenas criações de porcos ou cabras, por isso os restos alimentares são guardados em um recipiente (balde) que deve ser depositado ao fim de cada dia no local onde os bichos se encontram, para que eles se alimentem. Nos casos de família que não possui criação de bichos, os restos são enviados a algum parente ou vizinho que tenha algum animal ou são depositados no mar.

meninos e meninas por volta dos cinco anos de idade e tendem a aumentar à medida que ganham mais idade.



Crianças fazendo “mandados”

Por volta dos 12 anos, começa a haver uma diferenciação entre afazeres de moças e rapazes, cabendo a estas os cuidados com os mais novos, alimentação e higiene da casa. O que resta a eles são afazeres da rua, ou seja, desde muito cedo os rapazes são liberados da esfera da casa. Os jovens só se vêem livres dos *mandados* quando começam alguma atividade geradora de renda para si e para a família. Pelo que pude perceber, essa ajuda pode variar desde as responsabilidades nos afazeres domésticos até contribuições em dinheiro para as necessidades da casa.

Faz parte dos mandados ir às lojas para compras urgentes, bem como são responsáveis pela venda dos produtos de venda produzidos pelas mulheres da casa. Além de levar e trazer dinheiro e materiais, as crianças também levam e trazem palavras entre as casas, seja transportando recados ou rumores. Em situações de conflitos, elas são as únicas que podem circular entre duas casas em que os adultos não mais circulam. Crianças, por sua característica mobilidade, personificam e reproduzem grande parte das

relações de troca que são necessárias para a manutenção desse conceito amplo de família²⁷.

Além dessa circulação cotidiana, estar entre as casas tem outro significado na Boa Vista. A mobilidade se estende ao que podemos chamar de circulação²⁸ de crianças. O sentido aqui é de que outros, parentes ou não, podem *agüentar* uma criança por um tempo determinado. Isso ocorre com frequência entre pessoas que se tratam como parentes. Crianças, além de serem veículos importantes para a partilha e a troca recíproca, são também objetos de partilha e reciprocidade.

O mais freqüente é que uma criança resida mais ou menos permanentemente na casa de um parente próximo à mãe, especialmente com a avó materna. Os arranjos e motivos para dar uma criança à outra casa são variados. A variação também inclui o tempo de residência, a criança pode permanecer numa casa por meses, anos ou toda a vida. Receber uma criança de outro, especialmente quando a situação não envolve parentesco consanguíneo, significa ser solidário.

Sempre que alguém tentava me explicar essa prática comum de tomar filhos de outros para agüentar, afirmava que isso é um fato corriqueiro para o boa-vistense, ajudar um ao outro, assistência mútua e solidariedade são categorias centrais para o discurso de família e comunidade para as mulheres e a partilha de crianças se insere nesse discurso moral sobre o que deve ser o comportamento correto para um boa-vistense.

Como já foi visto no caso da relação entre irmãos ou meio-irmãos, na perspectiva de jovens e crianças um fator importante para a definição de família passa por saber onde e com quem elas vivem. A proximidade não é dada somente pelo nascimento. Trata-se de um processo que envolve um complexo de idéias em torno da concepção de partilha. Em outras palavras, não é necessária a existência de laços genealógicos para que uma pessoa seja considerada parte de *nha* família. Nesse sentido, as crianças têm um papel

²⁷ Apesar de sua ampla inserção na vida comunitária, há dois momentos da sociabilidade que lhes são interditados, situações de doença e morte. As casas de doentes graves ou a casa do morto são os únicos lugares na Boa Vista que não encontramos crianças. Essas visitas têm um forte caráter de obrigatoriedade e formalidade. Há pouca conversa, muita bebida e comida e uma atmosfera quieta. A criança não é bem vinda nesses eventos.

²⁸ Utilizo circulação de crianças aqui no sentido do inglês "foster children". Adoção não é a categoria adequada no caso boa-vistense, visto que a circulação de crianças não tem um caráter formal ou fixo.

fundamental, seja circulando no cumprimento de seus *mandados*, seja se movimentando entre as casas pela instituição do empréstimo, elas unem as diferentes casas, reforçando e/ou criando laços de parentesco.

6. PATERNIDADE E MATERNIDADE

A relação entre mãe (e mais tarde veremos que a avó é figura central nesse sistema) e filhos tem um caráter muito especial. Se há alguma relação percebida como duradoura e estável na esfera familiar boa-vistense, é esta que liga as mães aos filhos. Além disso, defendo que a relação de filiação tende a predominar sobre a relação conjugal na constituição do grupo familiar, e isto é percebido pelas mulheres da ilha. Por exemplo, Sónia afirma que não aceita desrespeito do *pai-de-filho* por que na *hierarquia do gostar*, em primeiro, segundo e terceiro lugar está sua filha, depois vem sua mãe e, só muito depois, em último lugar, é que vem seu *pai-de-filho*. Outra mulher, Nha Joana, ao relatar os sofrimentos que passou com o *pai-de-filho* ao longo da vida, afirma que pede a Deus para que,

apesar de todo sacrifício que eu passo com esse homem, para ele me dar coragem pra eu trabalhar e criar meus filhos todos com cara em pé. Nós todas passamos sacrifício para criar nossos filhos, a gente trabalha duro para criar os filhos porque *pai-de-filho* não ajuda grandes coisas. Felizmente eu tenho minha mãe e minha família que me ajuda muito). Todos os meus filhos sabem que sua mãe trabalhou muito pra eles, que ela deu todo o carinho que ela poderia dar, toda ajuda que pôde e, portanto, eu sou feliz com meus filhos, pois são todos carinhosos com sua mãe, todos sabem tudo o que eu passei por causa deles, todo o sacrifício com seu pai. E hoje eles fazem tudo o que podem para mim.

Quando pergunto sobre a relação desses filhos com o pai, ela afirma que eles devem respeitá-lo, mas não têm por ele a *amizade* que têm para com ela, e justifica dizendo que foi *comigo que eles sempre puderam contar*. Mesmo nos casos em que pais e filhos residem numa mesma casa, o laço emocional com o pai é frouxo, a relação é caracterizada pela distância, enquanto no que diz respeito à mãe, percebe-se uma grande proximidade e um grande calor afetivo.

Ainda na infância, o papel do pai varia a depender do padrão de residência adotado. De forma geral, a relação entre pai e filho será mais ou

menos intensa conforme os pais vivam ou não juntos. Nos casos em que o pai vive separado fisicamente da mãe, seu papel se restringe a visitas periódicas aos filhos. Quanto à ajuda econômica, isso dependerá de diversos fatores e não são raros os casos em que as mães reclamam de não receber qualquer apoio financeiro do *pai-de-filho*.

O fato de pais e filhos viverem numa mesma unidade doméstica pode resultar numa convivência mais próxima e numa troca de obrigações mútuas no dia-a-dia da casa, porém, não significa que sua relação seja emocionalmente mais intensa. Maisa sempre viveu na casa dos avós paternos com o pai, pois a mãe emigrou quando ela era ainda menina. Foi a avó paterna quem assumiu a responsabilidade por sua criação e de seus irmãos. Apesar de ter vivido sempre próxima ao pai, ela afirma ter respeito, mas não uma relação de amizade, pois ele sempre *entrou e saiu e nunca foi capaz de perguntar, “minha filha, você está bem? Nunca quis saber se ela está bem ou mal, entra e sai dessa casa e só abre a boca para brigar. Já minha mãe não, sei que ela daria um braço para não ver os filhos sofrerem.*

O relato de Maisa revela que não há uma ausência de relação entre pai e filho, essa relação existe e é mediada por um sentimento de respeito à autoridade paterna, é ele quem dá *guerras* e os filhos devem respeitá-lo. Porém, entre os filhos, também há um sentimento muito próximo daquele relatado pelas mulheres quando se referem à presença do marido na casa, sempre como uma figura com quem *não se pode contar*. Isso não apenas no sentido financeiro, pois geralmente é a mãe ou a avó que assume as despesas escolares e de alimentação dos filhos, mas também na esfera psicológica e na transmissão de saberes, domínios pelos quais o pai passa distante, especialmente na fase em que os filhos ainda são crianças. Nessas circunstâncias, a centralidade da mulher e de sua rede de relações ganha força e os laços emocionais entre esses membros estáveis da unidade doméstica tendem a se fortalecer de tal modo que a situação do homem enquanto marido e pai fica cada vez mais marginal.

Tive conversas sobre as relações familiares com cerca de 40 jovens, entre moças e rapazes. As situações familiares eram variadas no que concerne aos padrões de moradia, porém, no que diz respeito ao tipo de relação que mantêm com o pai e com a mãe, os relatos são bastante homogêneos. A mãe

é sempre uma figura central. A voz dos meninos e meninas ficava mais terna quando se referiam a elas e sempre me relatavam fatos que exemplificam os esforços feitos pelas mães em busca da felicidade dos filhos. Quanto aos pais, dos 40 entrevistados, 16 nunca chegaram a conhecê-los e, dos 24 restantes, 12 diziam não ter nenhuma relação com eles. Questionados sobre a importância do pai em suas vidas, a resposta geral é de que a presença dele nunca os influenciou, pois ele sempre foi figura distante.

Poucas vezes consegui abordar os homens de forma direta a esse respeito. Nossas conversas sempre tomavam um rumo distante ao domínio familiar e, quando insistia no tema, suas respostas eram evasivas e superficiais. Geralmente pediam que eu conversasse com a mãe de seus filhos, pois esse era um assunto de mulher. Os dados que tenho da perspectiva masculina sobre a vida familiar em geral, são mais derivados da observação contínua de suas atividades diárias, dos lugares que freqüentam e de conversas informais (geralmente realizadas nos bares e botequins) que consegui arduamente, depois de muito insistir, sem sucesso, nas entrevistas ou em conversas obtidas nas visitas às unidades domésticas.

Creio que minha dificuldade de acesso a esse universo, por si só, já é um dado interessante e confirma a relação de distância que o homem tem para com o universo doméstico. Durante todo o tempo em que estive em campo, fiz visitas regulares há muitas unidades domésticas formalmente chefiadas por homens e, salvo raras exceções, eles nunca estavam presentes. Por outro lado, quando encontrava amigos ou conhecidos na rua, geralmente estavam na companhia de outros homens, sozinhos ou com outras mulheres.

Toda essa relação de distância não retira ao pai a vontade de ter filhos. Na maioria dos casos, a mulher engravida a pedido do namorado ou amante e ele espalha a boa novidade a todos, com orgulho e alegria. Ter um filho é um valor importante no universo masculino, assim como ter uma mulher (ou várias). Ambos são símbolos de masculinidade exibidos constantemente nas rodas de conversas entre homens. Porém, a relação que ele mantém com os seus pares, pode colocar essa masculinidade em xeque. Um homem que vive sempre atrás da mulher, que está sempre em casa e que não tem autoridade sobre os filhos é um *frouxo*. Enquanto as mulheres valorizam a idéia de estar próximo, os homens se envolvem com o universo doméstico por meio de um

pertencimento distante. O homem deve ter uma família (e isso significa ter filhos), mas seu relacionamento com ela deve ser marcado pelo distanciamento.

7. AFETIVIDADE E CONJUGALIDADE

As relações conjugais entre homens e mulheres aparecem no discurso local como tendo um caráter transitório. Ambos tendem a encontrar mais de um parceiro ao longo da vida. Especialmente os homens, que raramente vêem as relações conjugais como compromissos permanentes. A maioria deles mantém relações afetivas com mais de uma mulher ao mesmo tempo. As noções de masculinidade são fortemente associadas à atividade sexual e a prática de se relacionar simultaneamente com várias mulheres é o elemento central na definição do que é ser um “homem de verdade” – não que o contrário seja associado à homossexualidade, mas ao fato de ser um homem frouxo, “mandado pela mulher”.

A monogamia para a vida também não é esperada para a mulher, mas há aqui uma grande diferença. A mulher deve ter uma relação de cada vez, enquanto ao homem, é tolerado (o que é diferente de ser permitido) que tenha relações afetivas com mais de uma mulher em um mesmo período. A sexualidade é algo positivo, algo que tanto o homem quanto a mulher precisam e gostam. A vida social noturna é intensa para os padrões locais e o sexo é tópico constante nas conversas de homens e mulheres. O homem é o conquistador, apesar de a mulher dar sinais claros de interesse, bastando um sinal desta para que eles se sintam à vontade para partir para a conquista. No cotidiano das relações entre os sexos faz parte do *ethos* masculino conquistar.

A vida sexual para rapazes e moças começa cedo, geralmente antes dos 15 anos. A perda da virgindade não é fonte de muitos comentários, não se trata de um evento que mereça preparação por parte das mulheres. Da mesma forma, isso não é visto como um problema, ou seja, fonte de conflitos familiares, mas o mesmo não ocorre com relação à gravidez. Apesar de ser um fato comum no cotidiano da Vila, a gravidez é fonte de preocupação e conflitos na esfera familiar.

As primeiras reações à gravidez de uma moça são diversas, tanto podendo ser encarada como um fato comum, quanto podendo gerar atitudes

de reprovação. Isto faz com que ela esconda o fato dos parentes, se submeta a um aborto, saia ou seja expulsa de casa. Em todos os casos, ela busca refúgio ou pede socorro às parentes ou vizinhas e, por intermédio delas, restabelece as relações com a mãe num segundo momento. Esse é um processo ritualizado no caso da primeira gravidez de uma jovem: a tentativa de esconder, depois um rompimento com a família, a mediação de parentes e amigas e o restabelecimento da relação.

Em seguida inicia-se a fase de reconhecimento da futura criança pelo suposto pai. Esse é um assunto para a avó materna, pois a reação do homem varia nessas circunstâncias. Quando a paternidade é negada, é a avó quem assume a inteira responsabilidade sobre o neto e pode até mandar a filha para a casa de um parente que vive longe para evitar que o casal continue se encontrando. O reconhecimento legal por parte do pai é muito valorizado na Boa Vista. Se o homem duvida da fidelidade da mulher, ele se recusa a assumir a criança até que ela nasça, momento em que pode verificar, pela sua aparência, se ele é realmente o pai.

Assumir um filho para um pai e sua família significa “dar sobrenome”. Tal fato implica a criação de laços entre os envolvidos diretamente (pai, mãe e criança) e entre as famílias de um lado e de outro. Pina Cabral (2006), em um estudo preliminar sobre nomenclatura na Bahia, reflete que o primeiro nome (ou nome próprio) transporta significados sobre a natureza individual da pessoa que o usa, podendo ser questionado ou até ser atribuído um caráter negativo a este. O autor lembra ainda que dar o primeiro nome pode representar uma tentativa de manipular a identidade do outro através dos significados que se atribui ao nome dado – por exemplo, tal nome significa força, outro significa doçura. Dar o primeiro nome é, ainda, uma possibilidade de “homenagear” alguém²⁹.

Portanto, interessado na forma como, através dos nomes próprios, se constituem associações entre pessoas, o autor argumenta que pelos nomes se constitui família. No caso dos sobrenomes, estes são nomes de grupos e as

²⁹ Homenagem é, no caso estudado por Pina Cabral (2006), uma categoria nativa. O ato de homenagear alguém não se restringe ao primeiro nome, podendo tomar outras formas como a formação de um nome pela combinação de sílabas dos nomes dos parentes homenageados, entre outras.

implicações que têm para a pessoa que os porta tem mais a ver com a natureza do grupo do que com a referência semântica ao nome.

A idéia de fazer família pela nomeação de uma criança nos fornece um caminho interessante para entender o processo de reconhecimento de paternidade em Boa Vista. Em primeiro lugar, reconhecer um filho significa registrar para o Estado, passo que tem um sentido importante para a mulher e sua família, pois garante, em certa medida, o prestígio da moça perante a sociedade. Afinal, se confirma que o homem a quem ela atribuía a paternidade de fato era o pai, retirando a dúvida sobre a sua fidelidade. Há inúmeras histórias em Boa Vista que versam sobre a paternidade, especialmente enfatizando que uma dita mulher afirmava que o pai era A e a criança nascia com a cara de B. Ao contrário do que se pode pensar, o grande alvo de tais piadas não é a mulher (apesar da má reputação que um fato como este lhe traz), mas o suposto pai que acreditou ser o pai da criança.

Quando engravida, a mulher “dá a criança” a um homem. A depender da situação do casal o homem irá tomá-la ou questionar a veracidade da afirmação da mulher. Nesta última hipótese, haverá um processo de negociação entre os envolvidos, processo geralmente conflituoso e que deve terminar somente com o nascimento do bebê e a confirmação da paternidade pela categoria “parecer com”. Sendo a paternidade confirmada, o homem reconhece a criança registrando em cartório, ou seja, dando seu sobrenome.

É aí que entramos no segundo aspecto importante do reconhecimento da paternidade: o sobrenome propriamente dito, que é muito mais do que o registro. Para o pai e sua família, reconhecer é dar o sobrenome paterno, o nome da família do pai. Por exemplo, um filho de alguém que se chama Antonio de Souza Lima herdará o sobrenome paterno Lima, caso seja reconhecido. Isso significa que pertence aos Lima e será identificado formalmente como tal, independente das relações de proximidade que opere entre eles. Tal fato é mais importante à medida que subimos nos estratos sociais e chegamos às famílias que constituem a elite boa-vistense. Dar o sobrenome significa primeiro, que a criança também pertence ao grupo e terá alguns direitos; segundo, significa uma forte possibilidade de estreitamento das relações entre as mulheres das famílias envolvidas, especialmente as duas avós.

Para a família da mulher significa que esta “tem um pai”. Assim como afirma Pina Cabral (2006) para o caso baiano, também na Boa Vista - um contexto em que as unidades sociais primeiras são as relações uterinas e tendo em vista que o casamento formal é apenas uma possibilidade dentre tantas outras - observo que ter um pai e, sobretudo, um pai que assume a criança, é um privilégio tanto para a mãe quanto para a criança. Não é um privilégio material, visto que assumir a paternidade não garante apoio econômico, ajuda na educação ou mesmo a proximidade entre pai e filho, mas é um privilégio simbólico, já que ter o nome o pai, neste caso o sobrenome, é marca de qualidade face ao modelo considerado ideal para os boa-vistenses.

Quanto à mãe, geralmente a quem cabe dar o primeiro nome, ela tem a possibilidade de fazer uma “homenagem” a alguém, podendo ser ao pai da criança ou algum outro parente da própria família ou da família deste. O nome dado pela mãe é, portanto, tanto um meio de criar vínculos com a família paterna como de reforçar os laços consangüíneos. Isso vai depender da qualidade das relações conjugais entre mãe e pai. Se o pai “merece”, esta é uma boa chance de homenageá-lo. No caso da Boa Vista, não podemos vincular a homonímia integral somente ao fator merecimento, mas também a uma estratégia de criar vínculo entre pai e filho que a mãe pode utilizar numa tentativa de aproximar o homem de seu universo.

Nos casos mais conflituosos, a homenagem pode ser transferida para algum homem da família materna, geralmente o avô materno, um tio ou outro parente que tenha dado apoio à mulher grávida ou em alguma outra fase de sua vida. Nestes casos, o homem que recebe a homenagem deve cumprir algumas responsabilidades em troca do reconhecimento público que recebe. Seja pelo nome próprio ou sobrenome, o processo de reconhecimento de paternidade é mais uma forma de se “fazer família”³⁰ no sentido de *relatedness*. É preciso lembrar, ainda, nesse contexto, da importância de ter um filho homem, tanto para o pai quanto para a mãe que aguarda a criança.

O caso de Dina e Lucas ilustra meu argumento - um casal de jovens, dependentes de suas famílias e que mantinham uma relação às escondidas. Dina me conta que não eram namorados, pois ele tinha sua *pequena*.

³⁰ Há ainda outras possibilidades de se fazer relação pela nomenclatura: os apelidos ou “nominhas” e os tecnonímios (Fulano de casa de fulana ou cicrano de beltrana).

Encontravam-se de vez em quando e ela acabou por *pegar barriga*. Lucas, de início, negou a paternidade alegando que a moça não *andava* só com ele e não iria assumir filho de outro. O fato gerou uma crise que ocasionou na ruptura das relações entre as famílias envolvidas. As discussões se prolongaram até o nascimento do filho, que veio ao mundo com a *cara do pai*. A este só restou assumir a paternidade e registrar a criança, ou seja, dar-lhe seu sobrenome paterno. A tia de Dina contou-me que teve vontade de não permitir o registro, mas uma criança não pode *ficar sem o sobrenome de um pai, por pior que ele seja*. Em compensação, o nome próprio dado à criança foi o do bisavô de Dina, um *homem correto, de respeito e que nunca injuriou nenhuma de suas mães de filho*, segundo me contou a tia da moça.

A situação de Dina não é excepcional, ouvi e acompanhei de perto muitas histórias como essa e vi que o desfecho nem sempre se repete, não é recorrente que o pai assuma de imediato a paternidade formalmente, ou seja, dando o sobrenome à criança. Além disso, mesmo nos casos como o de Lucas, assumir a criança não garante proximidade apesar de criar possibilidades para que isso ocorra. Quem toma conta da criança e assume a responsabilidade de fato, pelos seus cuidados e sustento, é a avó materna ou, mais raramente, a avó paterna.

Quando um casal tem um filho, raramente vão para uma casa em separado. Normalmente a mãe, junto com a criança, continua a viver com sua mãe ou família na qual foi criada, enquanto o pai permanece em sua casa. As relações de filiação, nesse caso, têm supremacia sobre a conjugalidade.

Nos casos em que o casal encontra-se numa idade mais madura, o caráter transitório das relações tende a ser menos freqüente. Os casais vivem uma relação conjugal de fato, não formalizada pelo casamento, mas vivendo juntos, ou, ainda que em casas separadas, visitam-se diariamente. Normalmente a mulher vai dormir com o *pai-de-filho* ou companheiro, mas passa o dia e afirma morar no que chama de *nos casa*, com os familiares imediatos. Essa estabilidade é relativa, pois a mulher sempre fica tensa. Apesar de ter a consciência da instabilidade do sistema de união informal e dos casos que o homem mantém com outras mulheres, a mulher espera que a relação perdue por longos anos.

Quanto maior a idade, mais comum é o discurso de busca pela tranquilidade e estabilidade conjugal por parte dos homens. Eles afirmam querer uma vida tranqüila ao lado de sua *mãe-de-filho*. Apesar disso, é raro encontrarmos casais adultos que vivam numa situação formalizada pelo casamento legal, a forma mais comum de conjugalidade é a união de fato e o casamento legal é mais exceção do que regra.

A rejeição a idéia de casamento geralmente está ligada à percepção de que é uma cerimônia cara e pouco importante. Porém, na prática, ele é sempre vislumbrado enquanto possibilidade ou projeto, mais para as mulheres do que para os homens. Elas esperam casar e o momento em que o desejo se concretizará depende mais deles do que delas. Direta ou indiretamente, o poder de decisão é masculino. Era freqüente ouvir as mulheres dizerem que estavam aguardando o homem se acalmar para formalizarem a união, pois casamento é coisa séria e é para a vida toda. Essa hora chega com a idade já avançada, quando os filhos já estão criados e os netos já circulam pela casa dos avós.

De acordo com o censo de 2000, de 328 mulheres chefes de família recenseadas, 163 se diziam solteiras, 42 em regime de união de fato e apenas 14 se declararam casadas. Este dado está em conformidade com minhas experiências de campo, onde pude entrevistar, observar e conversar com dezenas de mulheres e homens sobre esse tópico verifiquei que a voz geral é a de que o casamento é visto como um passo sério, que exige responsabilidade e que é *para sempre*.

O casamento formal é um importante símbolo de prestígio e ainda mais quando a cerimônia é realizada na igreja. Vemos, então, o modelo cristão, tão valorizado nesta sociedade enquanto referência de forma de vida ideal, sendo, finalmente, realizado pela formalização de uma relação conjugal que já perdura por anos em situação de "informalidade". A raridade estatística dos casamentos formais não significa um distanciamento do modelo cristão do casamento. Pelo contrário, indica uma adesão plena a ele. As pessoas se casam formalmente só quando se sentem em condições de seguir a risca o modelo, mantendo o casamento para sempre. Tudo sugere que mais vale a pena não se casar do que fazê-lo para depois romper com tão importante laço.

O homem se casa quando está disposto a assumir a responsabilidade para com a família, mesmo que já o venha fazendo de fato. Com o casamento formal, que implica coabitação, a mulher se sente segura. Essa é a fase em que o homem já está sossegado e mais presente no universo doméstico, geralmente é nesse período que ocorrem os casamentos religiosos, cerimônia organizada pelos filhos e netos e que tende a comemorar os longos anos de união do casal. Foi assim com Nha Teodora e Sr. Euclides. Quando completaram 25 anos vivendo juntos, os filhos organizaram a cerimônia de casamento na igreja para comemorar e oficializar a união. Nha Teodora me confidenciou que sempre quis casar, pois é religiosa, porém nunca tiveram condições econômicas para tal. E também porque Sr. Euclides bebia muito e era *homem de sua paródia* (festa). Agora ele já havia cansado dessa *má vida de andar só com os companheiros* e estava mais sossegado, por isso resolveu casar e fazer a festa que os filhos queriam.

O caso da Boa Vista não é diferente das outras ilhas cabo-verdianas e de várias sociedades caribenhas. Por exemplo, Edith Clarke, em seu estudo sobre a Jamaica (1979), afirma que a instabilidade é a característica central das relações conjugais nas sociedades crioulas, notando que nestes contextos sociais são institucionalizadas relações extra-residenciais, não-domiciliares ou de visitação, e com várias alternativas de padrão conjugal. Uma outra característica central é a de que a idade ideal para o casamento é elevada, sendo típico o casamento precedido por vários anos de coabitação. É normal que pai e mãe se casem depois dos filhos já crescidos e até mesmo quando já são avós. A autora ressalta ainda que são poucos os homens que têm somente uma união conjugal. A maioria está envolvida com duas ou mais, além de se envolverem numa série de encontros fortuitos.

Porém, ao analisar as fases por que passam os relacionamentos conjugais, fica uma questão: ao invés de aceitar a idéia de instabilidade presente nos discursos locais, será que o casamento adiado não significaria uma estratégia dentro de outra escala de prioridades? O casamento na Boa Vista não teria, como em alguns casos africanos, um caráter processual?

Para esclarecer tal ponto, proponho voltar à análise do casamento Tallensi feita por Fortes (1969), onde ele demonstra que as uniões são instáveis nos estágios iniciais. Um jovem raramente fica permanentemente com

sua primeira noiva e as moças vêem seu primeiro casamento como um experimento, exceto nos casos em que o marido é mais velho ou o casamento é fruto de uma negociação. Homens maduros dizem não lembrar todas as mulheres que tiveram. Apesar da idéia e casamento não ser de um laço eterno para os Tallensi, muitos casais ficam juntos para a vida. Em seu esforço por entender o casamento africano, Radcliffe-Brown (1952) afirma que não devemos pensá-lo como um evento ou uma condição, mas como um processo em desenvolvimento.

Diante destes exemplos, arrisco dizer que as relações conjugais na Boa Vista podem ser menos instáveis do que aparece no discurso de meus informantes. A instabilidade como fator negativo surge, então, como um choque entre as práticas locais e um modelo ocidental, que conforme Pina Cabral (2003), funde filiação, conjugalidade e residência para a constituição da família. Diante de um modelo ideal que valoriza a perspectiva ocidental-cristã, o universo local aparece como disfunção. Na minha análise percebo que, assim como as formas tradicionais africanas, o casamento aqui é progressivo, resultado de um processo de negociações longo e que se desenvolve em fases. Diferentemente do caso de Clarke, o que temos aqui não é instabilidade, mas processo.

Na explicação local, o casamento e outras formas de união não podem ser vistos como formas alternativas de associação conjugal em que o indivíduo é livre para escolher. Enquanto a união de fato é um tipo de arranjo que não envolve um laço conjugal seguro ou uma relação bem definida de parentesco, o casamento legal é visto como um passo sério e que exige responsabilidade de ambas as partes. O casamento ocorre, então, como um último estágio de uma associação que antes tomou outras formas: primeiro de casos fortuitos (com ou sem filhos) e depois de uniões de fato e, finalmente, o casamento. Este último sendo uma indicação de que foram preenchidas as condições econômicas e sociais para tal. O casamento é o sinal de que as partes contratantes se aprovaram a ponto de se submeterem ao risco de mudança de status e da responsabilidade que o casamento implica. Esse tipo de união marca o fim de uma livre associação que pode, teoricamente, ser dissolvida a qualquer momento. Na concepção das mulheres, só se deve casar depois que o homem pára de *andar por aí e senta a cabeça* em casa.

Porém, antes que chegue esse dia, elas percorrem um longo caminho marcado pelos conflitos gerados por relações paralelas entre seus *pais de filhos* e outras mulheres, o que vou chamar aqui de *casos*³¹. É comum que os homens mantenham casos com outras mulheres além daquela com quem residem ou mantém uma relação mais duradoura. Essa mulher que poderia ser denominada de *fixa*, neste complexo emaranhado de relações instáveis que os homens contraem, é a chamada *mãe-de-filho*. Isso não significa que ele não tenha outras *mães de filhos*, e sim que essa foi a primeira com quem o homem manteve uma união informal, seja de coabitação ou não.

O fato de o homem querer ter mais de uma mulher é visto por todos como algo inerente à sua natureza. Acredita-se que o desejo sexual masculino os torna predestinados a múltiplos relacionamentos. Cabe às mulheres o lamento, enquanto eles defendem o direito de ter uma vida *sab* (boa, agradável, alegre, gostosa). Ter uma vida *sab* é mais do que ter um prazer individual, é um estilo de vida altamente valorizado pelos homens. Está ligado à noção de virilidade, um importante símbolo para a construção da masculinidade. Nos bares ou rodas de amigos, os homens sempre falam de sua boa potência sexual, de suas conquistas e de como se saíram de situações conflituosas entre duas ou mais mulheres.

O costume de *ter casos* gera comentários positivos e negativos, a depender de quem fala. Para o homem, é através dessa prática que ele ganha prestígio entre seus companheiros. As mulheres vêem este costume com uma ambigüidade, pois, ao mesmo tempo em que os *casos* masculinos são fontes de conflitos, algo que deve ser evitado, é também algo esperado. No decorrer do trabalho de campo, não encontrei muitos casos de uniões estáveis com mais de uma mulher, mas a maioria tem ou teve algum tipo de relação de concubinato em algum momento de sua vida.

Em certa medida, essas relações rapidamente se tornam públicas por meio dos comentários que variam entre a aprovação e a repreensão, tudo depende de como se efetiva a traição³². Isso fica muito claro no relato de Sônia, que vive há 18 anos com o *pai-de-filho*. Em uma de nossas conversas

³¹ Optei por utilizar esse termo porque é bastante difícil encontrar um outro termo que equivale à expressão nativa de "ter com fulano (a)".

³² Essa é uma categoria nativa usada frequentemente pelas mulheres ao se referirem aos casos que os companheiros têm com outras mulheres.

sobre o comportamento dos homens boa-vistenses, ela se diferencia das outras mulheres dizendo que nunca passou pela situação de ver o seu homem com outra *pequena*. Afirma nunca ter admitido essa falta de respeito: de homem passar na sua frente ou andar na rua com outra mulher. *Ele faz das suas porque todo homem faz, mas faz bem feito, bem escondido pois até hoje nunca peguei. Já ouvi falar, mas ver, nunca vi. Enquanto for assim está tudo bem, tudo dentro do respeito.*

Sónia não foi a única que me fez esse tipo de afirmação. É mais freqüente quando as mulheres mais maduras comparam os tempos antigos com os tempos de hoje. “Antigamente” se refere ao tempo em que os homens tinham outras *pequenas* e até famílias, mas era tudo *dentro do respeito*, ou seja, não *esfregavam a outra na cara de sua família*. Segundo elas, hoje as coisas mudaram muito e ninguém tem mais respeito, hoje estão com uma, amanhã já aparecem com outra passeando pela praça, para todos comentarem. A partir desses relatos vemos uma grande preocupação com os rumores que a traição pode causar, e não com o fato em si. Como afirma Sónia, *trair todo homem trai, o importante é que seja com respeito.*

De fato, as traições e os conflitos entre rivais são assuntos preferidos nas rodas de conversa entre mulheres e homens. Tenho inúmeros relatos de brigas, flagrantes e casos de agressão entre rivais, inclusive de casos que chegaram à polícia. Os relatos variam no que concerne à natureza das relações: casos esporádicos, jogos de conquistas e até de dupla residência. As mulheres enviam recados e ameaças àquelas que *invadem* sua relação com o companheiro. Caso o aviso não resulte no fim dos boatos, elas chegam às vias de fato. As informações sobre o suposto caso, circulam por intermédio das *faladeirezas* (fofocas) e a rivalidade ganha maiores proporções à medida que esses rumores ganham ampla circulação, o que no plano dos rumores significa credibilidade. Em situações de suspeita, as mulheres, parentes e amigas partem para um processo de investigação que pode durar um longo período.

Todo o esforço se resume em afastar a rival de seu companheiro, na tentativa de que a relação não perca e, principalmente, não gere filhos. Há um receio explícito de que ela seja *trocada* pela outra, talvez por isso a preferência de que o caso seja às escondidas, pois esse é um sinal de que o homem não pretende assumir a outra *pequena*. Por outro lado, quando o caso

se torna público, a mulher é pressionada a tomar uma atitude, seja enfrentando a rival (fisicamente se for necessário) ou terminando a relação com o *pai-de-filho*³³. Na grande maioria dos casos, os homens que mantêm relações com muitas mulheres, afirmam que jamais admitiriam o mesmo comportamento de sua parceira e nunca brigariam para causa de uma mulher.

8. ESTRATÉGIAS FEMININAS

Nesse universo de relativa instabilidade da presença masculina, quais as estratégias utilizadas pelas mulheres no sentido de manter um controle mínimo sobre a relação conjugal? Jovens meninas geralmente alimentam idéias românticas. Assim como algumas de nós, sonham com um parceiro bonito, atencioso, respeitador e fiél. A atração sexual e o gostar, para moças jovens, vêm em primeiro lugar e, por causa disso, muitas têm problemas econômicos e familiares.

Leida é uma jovem de 18 anos. Namorava um rapaz com 16 anos de idade e engravidou. Devido a gravidez, teve muitos problemas familiares e acabou por ser acolhida pela família do rapaz. Leida conta que sua família não gostava do pai de seu filho e por isso fez pressão para que ela retirasse a criança, como ela se recusou disseram que quem ia assumir a criança seria o pai. Como o *pai-de-filho* não tinha trabalho, ela e a criança ficaram morando na casa da avó do rapaz, aonde foi criado e vive com a mãe e outros familiares. O *pai-de-filho* continua sem trabalho e também causa problemas por causa das namoradas que arranja. Mas continuam juntos, pois ela se diz habituada a ele e se o trocar por outro passará pelos mesmos problemas.

É comum encontrarmos na literatura sobre conjugalidade cabo-verdiana, que um fator importante na manutenção de uma relação conjugal é que o homem tenha condições de prover os filhos. Porém, na Boa Vista esse não é um fator que provoque o fim da relação. São comuns os casos de mulheres que mantêm a relação com um homem que não a suporte emocional e economicamente. Quando perguntava por que manter uma situação de

³³ É claro que isso raramente acontece de fato, o máximo que vi acontecer foram ameaças ou separações temporárias. Geralmente a disputa ocorre entre as duas mulheres, o homem sendo apenas o pivô do conflito. Porém, nos escassos relatos que tenho, de mulheres que tomaram uma atitude, elas passam a ser uma referência de como a mulher deve agir com um homem que a desrespeita.

conflitos e definida por elas mesmas como humilhante, a resposta era sempre a mesma: a mulher é fraca, tem espírito fraco.

Ser fraca não quer dizer que seja dominada ou sem poder em todos os sentidos da vida. Ser fraca significa que ela é a parte débil da relação entre os sexos. Assim como acontece com a masculinidade poligínica, a debilidade feminina é construída e percebida como algo inerente e inevitável no universo da mulher. A sexualidade feminina predispõe a mulher a ser inapta/incapaz de resistir a uma conquista masculina. Além disso, há a noção de que os homens são todos iguais e que um bom companheiro é raro. A saída pode ser dupla, não ficar com ninguém, pelo menos alguém fixo, ou permanecer com o mesmo, pois não adianta trocar.

Como vimos ao tratar da importância do reconhecimento paterno, o nascimento de uma criança é, às vezes, uma estratégia para assegurar o apoio do homem. É comum que ela engravide numa tentativa de criar um sentido de obrigação mais forte por parte dele. Isso frequentemente não dá certo e ela acaba por ter vários pais de filho ao longo da vida, tendo que sustentar a todos sem o apoio constante do homem.

Eu e Herculano *já temos* há 20 anos, nunca vivemos juntos na mesma casa porque ele *já tinha* com Lilina quando eu cheguei. Nós engravidamos mais ou menos na mesma época, porque a primeira filha deles tem seis meses de diferença de meu Evandro. Mas a família dele fez pressão pois eram vizinhos e tinham uma relação de parentes. Logo ela veio ficar grávida de novo, foi viver na casa da família dele e assim vivem até hoje. Eu não sou de confusão e por isso *nunca me meti* no meio deles, para mim está bom assim. Não foi porque ela chegou primeiro do que eu não, porque chegamos juntas, mas foi porque ela usou de esperteza e acabou arranjando três filhos dele, aí ele não tinha como escapar e acabou vivendo junto com ela. Mas nunca fiquei sem homem, ele sempre esteve presente quando precisei, apesar de que nunca deu muita coisa para o filho. Agora as outras que querem se meter eu não deixo não, brigo mesmo, porque elas já me encontraram aqui e não vou dar o que é meu assim tão fácil, são 20 anos juntos, não é qualquer pixinguinha (prostituta) que vai tomar conta não (Filomena).

A vantagem de ser primeira *mãe-de-filho* em relação às outras está no fator tempo. É importante o argumento de que ela *já estava* quando as outras chegaram. Esses dois fatores dão a ela um “direito” sobre o homem que se expressa concretamente no fato dela poder brigar por ele. Porém, isso não

garante a estabilidade da união, pois o homem pode, a qualquer momento, abandonar a *mãe-de-filho* e estabelecer uma relação *fixa* com outra mulher.

Os exemplos que observei apontam para a perspectiva de que a *primeiridade* é um fator favorável à estabilidade da relação. A infidelidade incomoda e é fonte constante de brigas entre as mulheres rivais, muitas vezes geram conflitos entre o casal e a mulher ameaça abandonar o companheiro, mas isso dificilmente ocorre. O mais comum é, por um lado, o sentimento de que já foi investido muito tempo na relação e, por isso, se tem o direito de querer conservá-la. Por outro, há a sensação de impotência ou fraqueza própria das mulheres. Elas sentem que não conseguem se desvincular de um relacionamento que já dura um período considerável, já gerou filhos e justificam que se deixarem o *pai-de-filho*, vão arranjar outro que lhes fará igual ou pior, por isso ficam onde estão e evitam ter um filho de cada pai. Outra razão levantada para explicar porquê mantêm a relação está relacionada ao fato de que ele circula com outras, mas sempre volta. Creio que é aí que reside todo o conflito entre rivais, no receio de que ele opte por uma relação mais estável com a outra e a abandone.

Um fator importante é a pressão familiar para que o homem permaneça com a *mãe-de-filho* da qual se é parente ou vizinho. Como já ressaltai, é comum encontrarmos casais que sempre viveram como vizinhos, namoraram desde crianças e hoje mantêm uma relação estável. Nesses casos, não é só o fator tempo que entra como facilitador da estabilidade, mas também a proximidade das casas. O fato de *residirem perto* gera um vínculo tal entre as famílias, que fará dessa mulher a parceira preferencial e vice-versa. Quando qualquer outra ameaça essa relação, há toda uma mobilização familiar no sentido de afastá-la.

9. PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

O objetivo central deste capítulo foi fornecer ao leitor um quadro amplo das relações familiares na Boa Vista. Nesse exercício, busquei trazer questões clássicas da antropologia – organização familiar, relações de parentesco, conjugalidade e filiação – mais próxima à percepção nativa sobre o que é “ser relacionado”.

Outros autores (Carsten, 2000; White, 2004; Akesson, 2004; Parreñas, 2005) têm seguido a mesma linha analítica adotada aqui. Carsten utiliza o termo *relatedness* como saída para uma posição analítica pré-dada entre o biológico e o social sobre a qual muitos estudos antropológicos estão baseados. A autora não se mostra plenamente satisfeita com esse novo conceito. Segundo ela, “o problema óbvio que o conceito traz é o de que, se usado num sentido restrito, somente para exprimir relações fundamentadas em conexões genealógicas, cairá no mesmo problema que o conceito de parentesco, e se for usado em um sentido mais geral e que atravesse outros tipos de relações sociais, pode se tornar tão amplo que corre o risco de cair num vácuo analítico (:05). Porém, ela afirma que através dele podemos dar conta de perceber que os laços pré-definidos pelo sangue, em determinadas situações sociais, não definem o sentimento de proximidade, pois esta se encontra em contínua construção no cotidiano de partilhar, cuidar ou “viver junto”.

Inspirada por essa discussão, me aproprio do conceito de *relatedness* traduzido como proximidade, para entender as relações familiares na Boa Vista. Como busquei demonstrar, os laços de proximidade são criados pela procriação e relações de sangue, mas também por atos e relações cotidianas. Os estudos de Carsten e outros me chamaram atenção para a importância de diversos tipos de relações que não estão baseadas em laços de procriação e a ferramenta analítica que me oferecem foi fundamental para entender relações de vizinhança, o conceito amplo de família, o empréstimo de crianças e as formas de organização da casa na Boa Vista.

Porém, a realidade boa-vistense se impôs e me fez ir além, mostrando que assim como a proximidade não está restrita aos laços de sangue; ela também não existe só nas relações de convivência diária. Meus dados sugerem que o sentido nativo de “estar junto” vai além da presença física dos membros da família em um mesmo espaço, e requer o cumprimento de um conjunto de obrigações, mesmo quando se está longe.

Só entendendo a perspectiva de proximidade e distância pelos sentidos nativos de partilha de substância e experiências é que podemos compreender como são construídas as relações entre mulheres emigrantes e seus familiares. Pela análise da organização familiar em situações de emigração feminina

veremos que, apesar da distância espacial e temporal que se estabelece entre as emigrantes e seus familiares, há todo um esforço no sentido de combinar elementos que criam o sentimento de pertencimento, de “estar ligado a” e de reprodução do sistema de relações características da Boa Vista – um sistema baseado na ajuda mútua, solidariedade e cumprimento de obrigações em reciprocidade.

EMIGRAÇÃO, POSSIBILIDADE DE VIDA MELHOR

Neste capítulo apresento uma análise da emigração feminina da Boa Vista, suas práticas e significados. O conhecimento sobre quem, porque, quando e como se deixa a terra, é decisivo para entender a complexidade e a amplitude desse fenômeno em Cabo Verde³⁴ e fundamental para nosso entendimento da vida familiar na ilha (ver capítulo IV). Pela análise das práticas de emigração, percebemos como a mobilidade é um valor importante nessa sociedade e que, por intermédio dela, teremos a dimensão do significado de ser e ter um emigrante no seio familiar. Para isso, exploro a emigração feminina mais em sua prática do que nas idéias sobre a emigração, ou seja, estou interessada na experiência local e diária do significado de deixar a ilha ou nela permanecer. Pretendo mostrar que as estratégias de emigração são, realmente, negociações que envolvem diversas pessoas, todos desempenhando um papel importante e podendo contribuir para o sucesso ou fracasso de um projeto emigratório que é individual, mas com obrigações coletivas.

Este caráter ao mesmo tempo individual e coletivo do processo migratório em Cabo Verde pode trazer reflexões interessantes e que não serão esgotadas neste trabalho. Se, por um lado, as mulheres que emigram justificam sua saída nas necessidades familiares, por outro, desenvolvem valores individualistas expressos na conquista de um novo status social e independência financeira, na idéia de sacrifício pessoal, nas roupas que usam e na experiência individual de ter vivido em outro mundo. De onde vem este individualismo? Da experiência de emigração? Acredito que a resposta seja positiva, porém, a emigração cabo-verdiana é secular. Podemos afirmar que esta é uma sociedade hierárquica, mas com traços individualistas?

³⁴ Trabalhos recentes sobre o fenômeno emigratório cabo-verdiano ressaltam que ele não pode ser entendido somente por explicações econômicas e sim em sua diversidade de causas e efeitos. O ponto de partida deste capítulo - quem emigra? - segue a linha desses trabalhos, de não tratar a emigração cabo-verdiana como um fenômeno uniforme e preso a percepções convencionais. Sobre o tema, ver os trabalhos de Dias (2000), Akesson (2004) e Carling (2001).

Espero que a análise que segue suscite tais reflexões ao leitor. Por hora, cabe lembrar que as práticas em torno da emigração estão associadas a um processo social e histórico no qual elas são reproduzidas. Quando os cabo-verdianos emigram, estão partilhando um sistema complexo de valores, idéias e percepções sobre o que significa emigrar. Porém, o indivíduo não é um mero reprodutor desse sistema. Os desejos individuais de emigração não são somente produtos da história. Ao optar por sair, ele lança mão de experiências de vida, ações e entendimentos que fazem do fenômeno migratório um processo multifacetado, que varia no tempo e no espaço.

Argumento que, assim como os homens, as mulheres partilham do *ethos* da emigração como algo que é, a um só tempo, natural e necessário. É importante chamar atenção para este aspecto porque, como salienta Carling (2004), desde a década de 70 a emigração feminina tem se tornado importante no arquipélago, porém pouca atenção tem sido dada à saída de mulheres nos estudos sobre o tema. Homens e mulheres emigram em Cabo Verde, trabalham e têm responsabilidade social para com suas famílias. Ambos têm aspirações com relação à vida no exterior e emigram em busca de melhores condições de vida e tal fenômeno influencia a vida local de formas diferenciadas (:117).

Acrescento ao argumento de Carling (2004) que a saída das mulheres não é apenas consequência de mudanças na ordem migratória internacional. A saída de mulheres se desenvolve no contexto de transformações importantes nessa sociedade e não deve ser analisada apenas como uma variação dos diversos tipos de emigração. Mulheres e homens emigrantes têm uma atitude ou um compromisso diferenciado com aqueles que ficam. É essa diferença que exploro neste capítulo, a partir do estudo em Boa Vista.

Apesar de não estar interessada em fazer uma análise do desenvolvimento da emigração cabo-verdiana, algumas palavras sobre a dimensão histórica deste fenômeno são apropriadas. Complementar à análise das práticas, o entendimento histórico revelará continuidades entre o passado e o presente, tornando possível a compreensão dos princípios geradores das práticas em torno desta emigração.

1. A SAÍDA DAS MULHERES

A idéia da emigração é um fato inevitável na vida de qualquer cabo-verdiano. Com uma história de constantes emigrações, sucessivas gerações de cabo-verdianos têm crescido vendo a circulação ou mobilidade como uma parte intrínseca de sua vida. Dizem-se acostumados com as partidas e chegadas e afirmam que o sentimento de saudade já faz parte do ser cabo-verdiano. Ao mesmo tempo em que a saída do país é associada à separação, saudade e sacrifício, os cabo-verdianos encaram de forma positiva sua abertura ao outro e ao contato com o *mundo lá fora*. Desta forma, a história de emigração, através do tempo e do espaço, não só tem orientado o cabo-verdiano a continuar procurando um futuro melhor no estrangeiro, mas também solidificou os laços com o mundo exterior às ilhas (Carreira, 1983).

Apesar de ser amplamente discutido na literatura sobre Cabo Verde, o fenômeno migratório quase sempre foi tratado como exclusivamente masculino. Segundo Monteiro (1997), somente nos anos 80 é que os estudos começaram a contemplar as mulheres no quadro do desenvolvimento migratório e a perceber que um número crescente delas emigrava sozinha, com motivações e objetivos diversos. Tais estudos chamam atenção para o fato de que “a emigração feminina não se limita a melhorar o nível de rendimento da família, mas contribui para veicular certas aspirações de melhoria da condição das mulheres nas comunidades de origem” (:382). Na visão do autor, influenciadas por um fluxo inicial bastante tímido nos fins dos anos 50, cada vez mais mulheres decidiram emigrar, especialmente para a Itália, iniciando um processo com características específicas.

As primeiras emigrantes para a Itália de que se tem notícia são provenientes da Ilha do Sal e foram levadas por funcionários da empresa aérea Alitalia para trabalharem como empregadas domésticas ainda em 1957. Porém, o início do fluxo se deu em 1963³⁵, com a ida de moças que freqüentavam o seminário de São Nicolau, intermediadas por padres capuchinhos. Estes, em contato com pessoas em Roma e outras cidades, arranjavam trabalhos

³⁵ De acordo com Monteiro (:340), em fevereiro de 1963 a Itália atravessava um *boom* econômico e, ao mesmo tempo, enfrentava uma carência de mão-de-obra no setor doméstico, convertendo-se numa nova terra prometida para as cabo-verdianas.

domésticos em famílias da média burguesia italiana para moças que freqüentavam o seminário participando do coral e da catequese. Assim esses sacerdotes ajudaram um pequeno grupo a sair de sua terra em busca de trabalho no exterior. Por sua vez, as primeiras emigrantes logo começaram a chamar suas irmãs, primas e amigas dando início a uma rede de mulheres ligadas por parentesco ou laços de amizade (Monteiro, 1997).

Com a dinâmica e o crescimento dos fluxos verificados a partir da década de 70, começam a chegar mulheres de outras ilhas, especialmente São Vicente e Boa Vista, com um perfil diferente daquelas levadas pelos padres. Muitas delas já eram *mães-de-filhos*, oriundas de famílias com poucos recursos econômicos e que buscavam trabalho não só para o sustento dos pais, irmãos e demais familiares, mas também dos próprios filhos que haviam deixado em Cabo Verde (1997:343).

Essas mulheres trabalhavam e viviam nas casas onde eram empregadas. Este regime interno não lhes dava chance de abrir possibilidades de outros trabalhos ou de levar filhos e companheiros para se juntar a elas. Ainda assim, Monteiro nos fala de algumas mulheres que conseguiram abrir as portas para parentes masculinos que chegavam à Itália com vistos de turismo, vindos de outros países europeus. Muitos iam em busca de uma parceira legalizada com a qual pudessem casar e regularizar sua situação.

A gravidez era um problema para as emigrantes na Itália. Algumas emigravam grávidas e não eram aceitas pelos patrões. Há relatos de que era necessário esconder destes o fato de ser *mãe solteira*, sob risco de perda de trabalho. Em caso de gravidez na Itália, com a falta de alojamento e o tipo de inserção laboral no setor doméstico, essas mulheres eram obrigadas a levar os filhos nascidos na emigração para o país de origem, confiando-os aos familiares que estavam em Cabo Verde.

“Naquela época, a sociedade italiana, ainda muito atada a certos preconceitos, atribuía ao conceito de *mãe-de-filho* uma conotação pejorativa, depreciativa. Era encarado como uma via para a prostituição, quando em Cabo Verde essa era e continua a ser uma figura normal” (Monteiro, 1997:345). Como veremos, a separação entre mães e filhos, laço central no contexto cabo-verdiano, marca diferenças importantes no processo migratório feminino,

tanto com relação aos retornos periódicos e/ou definitivos, quanto no que diz respeito à quantidade e continuidade das remessas financeiras enviadas.

2. BOA VISTA

Conheci Dona Teodora em meus passeios de fim de tarde na Praça de Sal-Rei, onde levava meu filho para brincar. Costumava ver aquela senhora de cerca de 60 anos, sempre muito bem vestida, perfumada, maquiada e com um ar de certa superioridade. Nossa interação começou de forma tímida, com diálogos corriqueiros sobre as crianças, fatos da rotina da vila, da política, entre outras coisas. Logo descobri que ela era ex-emigrante, já aposentada na Itália e vivendo agora na Boa Vista. Conteí a ela sobre meu trabalho e, com muita simpatia, ela se dispôs a me ajudar falando sobre sua trajetória de vida.

Dona Teodora foi para Itália nos anos 60 e lá passou mais de 30 anos. Vê com prestígio o fato de ter sido a primeira boa-vistense a seguir para a emigração e por ter iniciado o caminho para todas essas que agora lá vivem. Ela emigrou com a ajuda de um primo que vivia em São Vicente e que, percebendo seu esforço, prometeu lhe tirar daquela *miséria de vida*. O elo era uma senhora que ele conhecia na Itália e que procurava duas empregadas crioulas. Foi assim que D. Teodora e uma amiga da Boa Vista seguiram para Nápoles. Chegando lá, encontraram mulheres de outras ilhas (Sal, São Vicente e São Nicolau), mas da Boa Vista elas eram as primeiras. Conta que naquela época era muito fácil emigrar (*bastava só um bilhete de identidade e pronto!*) e que, como as amigas de suas patroas gostavam de seu trabalho, pediam mais moças cabo-verdianas. Uma foi chamando a outra e assim o fluxo foi crescendo.

Dona Teodora bate com orgulho em seu peito e diz: *quem começou tudo fui eu, eu mesma. Chamei Isabela e depois chamamos todas as outras. Primeiro era só Nápoles e Roma, agora já tem boa-vistense em todos os cantos da Itália, até em Milão, onde a vida é muito dura por causa do frio. As cabo-verdianas tinham boa fama entre as patroas e, quem trabalhava bem não tinha dificuldades. Para quem tem cabeça a emigração vale a pena. É duro, mas, com trabalho se tem a chance de construir uma boa vida.*

Dona Teodora, entre outras, vem mostrar que o ciclo migratório na Boa Vista teve influências da emigração feminina do Sal e de São Vicente num

primeiro momento, mas depois ganhou força própria por intermédio das redes de solidariedade entre mulheres e parentes. Todos os relatos informam sobre a facilidade de se emigrar na década de 70 e a demanda das patroas italianas por mulheres cabo-verdianas. Porém, é preciso lembrar que tal facilidade para emigração, presente em seu discurso, precisa ser contextualizada. É certo que não havia, nos anos 60, as restrições tão duras à emigração como hoje em dia nos países europeus, porém, este era o tempo de Portugal colonial, onde obter um passaporte e mesmo uma autorização para viagem não era coisa fácil. O discurso da facilidade para emigrar deve ser visto, então, como um juízo, uma idealização do passado em comparação com as dificuldades enfrentadas na atualidade.

Dona Teodora conta sua história com orgulho, pois agüentou as dificuldades até o fim e só voltou depois que tinha uma casa construída e sua *reforma* (pensão) garantida. Salienta que a maioria não agüentava e acabava voltando sem nenhum direito pelos anos trabalhados. *Eu não, esperei completar a idade, tive todos os meus direitos e só agora estou sentada. Tenho minha reforma, minha casa toda mobiliada com as melhores coisas da Itália e, além disso, até hoje ajudo a minha gente, pois disso nunca esqueci: dos meus que ficaram nessa vida de pobreza.*

Muitas das que saíram nesse período, não seguiram o projeto inicial devido a uma série de dificuldades de adaptação e acabaram por retornar a Boa Vista sem ter cumprido os objetivos iniciais³⁶. Esse não foi o caso de D. Teodora, exemplo de emigrante que seguiu uma trajetória ideal: emigrou ainda jovem, viveu cerca de 30 anos na Itália sem, contudo, esquecer de sua família. Ao longo dos anos construiu uma casa, acumulou bens, ajudou parentes e amigas a emigrar e somente retornou depois de adquirir todos os direitos pelos anos trabalhados, ou seja, a aposentadoria. Além disso, sempre manteve contato com sua terra, vinha periodicamente em férias e, nesses períodos

³⁶ Carling (2004) diferencia três tipos de emigrantes retornados: os retornados clássicos (que voltam com uma pensão adquirida no país de emigração), os retornados de mãos vazias (os que fracassaram, ou seja, retornaram tão pobres quanto foram) e os intermediários (que não tiveram sucesso pleno, mas construíram algo, uma casa por exemplo). Dentre as mulheres retornadas da Boa Vista, conheci somente D. Teodora como um exemplo de sucesso pleno (retornada clássica). Grande parte das ex-emigrantes pode ser inserida na categoria de retornadas intermediárias. A meu ver, a explicação deste fenômeno tem origem no compromisso da mulher emigrante com a família deixada na Boa Vista.

trazia *malas e malas de prendas e coisas para a família e amigos, era sempre recebida com muita festa e felicidade. Naqueles tempos a miséria era grande.*

As dificuldades a que D. Teodora se refere (e que são recorrentes nos relatos de outras mulheres) têm tanto a ver com questões de adaptação no novo país, quanto ao vínculo com problemas familiares em Cabo Verde³⁷. A questão da discriminação pela cor é um fator importante, mas a diferença no ritmo de vida é a maior dificuldade que elas dizem encontrar. Morar no mesmo lugar que trabalham implica em excesso de trabalho para elas. Reclamam que a patroas são folgadas e extrapolam os horários que elas têm direito, além disso, só têm um dia de folga por semana, trabalhando aos sábados, domingos e feriados. Todos estes fatores constituem dificuldades importantes para tais mulheres, que afirmam passar por grandes sacrifícios em busca de uma vida melhor.

Ao longo de meu trabalho de campo, encontrei muitas mulheres como Dona Teodora. Apesar das diferenças de trajetória, o traço comum em seus discursos é a ajuda aos que ficaram, seja mandando buscá-los, seja enviando dinheiro e outros bens. A maioria, porém, não seguiu a trajetória ideal e retornou a Boa Vista sem conseguir *construir algo*. O motivo principal de interrupção de um projeto de emigração tem origem na família, ou melhor, nos filhos que permaneceram em Cabo Verde. Fevereira, outra retornada, relata a dificuldade que teve em continuar na emigração:

Naquela época, as senhoras italianas não gostavam de raparigas que tinham filhos sem maridos, as moças eram muito maltratadas e eu senti isso na carne, sofri muito por isso. Tinha deixado meu primeiro filho com minha mãe e não era casada com meu *pai-de-filho*, fui muito discriminada. Além de ser preta, ainda era mãe solteira. Foi por isso que eu e muitas outras companheiras voltamos. Além das saudades que sentíamos, ainda tínhamos que esconder a existência de nossos filhos. Eu vim de férias uma vez e aí apanhei barriga, não tive mais coragem de voltar. Hoje me arrependo! Se tivesse voltado para a Itália minha vida estaria melhor, teria conseguido terminar de construir minha casa e hoje não estaria nessa vida de miséria. Não *tive cabeça*, tentei voltar depois, mas aí a emigração já estava difícil.

Esse tipo de relato é bastante comum. Na maioria dos casos a emigração é interrompida e essas mulheres voltavam sem direitos pelo período

³⁷ O problema da adaptação ao país de acolhimento foi tratado nos estudos sociológicos clássicos sobre o fenômeno migratório.

trabalhado³⁸. Hoje, em geral, as retornadas desfrutam um padrão de vida mais elevado do que a média. Vivem em casas mais espaçosas e equipadas com artigos trazidos da Itália (*kasa d'emigrant*). Mesmo as que não *tiveram sucesso pleno* (caso de Fevereira), conseguiram levar alguma filha, sobrinha ou prima e até hoje usufruem dos privilégios de ter vivido um dia na emigração. Tais privilégios são também de ordem simbólica. Em caso de fracasso no objetivo de acumulação de riquezas, essas mulheres lançam mão do fato de terem saído e de hoje terem os *olhos abertos*. Isso as diferencia daqueles que nunca saíram, ou seja, pessoas de mentalidade restrita, *olhos fechados*.



Casa de Emigrante

Desde os anos 80, o fluxo de saída de mulheres diminuiu consideravelmente e isso se deve às dificuldades impostas pelo país de acolhimento, apesar disso, nunca se deixou de emigrar. A opção por sair do país continua se constituindo como fator preponderante nas trajetórias de vida de jovens e suas famílias. Nesse contexto, algumas questões podem ser colocadas: porque na Boa Vista são as mulheres que emigram? Como são as

³⁸ Dados sugerem que algumas cabo-verdianas eram enganadas pelas patroas. Pelas dificuldades com a língua e certa dose de ingenuidade, muitas delas perderam sua condição de legalidade porque as patroas não cumpriam a burocracia de renovação dos *papéis* e foram obrigadas a retornar. Outras retornaram sem direitos adquiridos porque achavam a burocracia *muito complicada*.

mulheres emigrantes e como se diferenciam dos homens?³⁹ Conversei sobre esse tema com diversas pessoas ao longo do trabalho de campo e as respostas giravam em torno de um maior compromisso que as mulheres têm em manter um laço estreito com familiares que ficam: *as mulheres nunca esquecem aqueles que ficam para trás*. Para meus informantes, essa segurança não é transmitida pelos homens, pois estes não pensam tanto na mulher e nos filhos e, muitas vezes, acabam por constituir novos relacionamentos lá fora, esquecendo daqueles que deixou em Cabo Verde.

Esse assunto surgiu em uma das muitas conversas que tive com Gau, uma amiga que tem três irmãs na emigração. Ela defende que na Boa Vista *são as mulheres que emigram porque a sociedade acha que as mulheres têm mais cabeça do que os homens, pensam mais na família. O homem quando emigra esquece da família e a mulher não, mesmo lá fora sempre está ligada aos seus*. Gau admite que há mulheres que acabam por desaparecer, mas coloca esses casos no campo das exceções (enquanto para o homem isso seria regra). Monteiro (1997:470), num estudo de caso feito em Nápoles na década de 80, afirma que as mulheres fazem mais remessas que os homens, elas enviam cerca de 17,6% do que recebem por ano, enquanto eles enviam de 6,6% a 13,3%, a depender do nível salarial. Além de enviarem mais dinheiro, foi observada uma maior continuidade nas remessas no caso das mulheres. O autor diz que essas características têm a ver não só com a maior estabilidade que elas possuem no mercado de trabalho, mas com uma maior solidez na relação com os familiares em Cabo Verde. “No caso dos homens observa-se a ausência de uma ligação sólida e permanente com a terra natal e uma instabilidade no mercado de trabalho masculino” (:471).

Os dados de Akesson (2004), sobre emigração em São Vicente, também coincidem com as afirmações de Gau e a teoria de Monteiro no que se refere à ligação da mulher emigrante com os familiares que deixam em Cabo Verde. Com base em dados do Banco de Cabo Verde (período de 1990-2001), a autora afirma que as remessas das emigrantes na Itália são altas e contínuas. “Laços entre mães e filhos são centrais no parentesco cabo-verdiano, e as

³⁹ Seria interessante tentar encontrar essas respostas também nos casos de São Nicolau, São Vicente e Sal, ilhas em que a emigração feminina também é importante, porém não é majoritária.

mães são moralmente obrigadas a sustentar os filhos financeiramente. Por intermédio desses filhos e daqueles que cuidam deles, as mulheres emigrantes na Itália geralmente mantêm contatos fortes e duradouros com sua terra” (:40).

Não se pode deixar de levar em consideração os dados históricos do processo emigratório para Europa nos anos 50. Estudos sobre emigração (ver Carreira, 1983; Monteiro, 1997; Akesson, 2004) demonstram que na primeira metade desta década, os homens encontravam emprego fácil como marinheiros nos navios que desembarcavam no porto de Rotterdam (e também na Alemanha e outros países do nordeste da Europa). Em fins da década de 60, tanto a Holanda, quanto outros países da Europa pararam com o recrutamento de imigrantes e “fecharam” as portas para mão-de-obra estrangeira. A emigração cabo-verdiana, apesar de ter continuado, teve uma queda considerável e, segundo Akesson (2004:38), os homens passaram a entrar em países europeus por intermédio de casamento com mulheres que já estavam na Itália.

Os homens da Boa Vista também se beneficiaram do processo de emigração para Holanda. Hoje, vivem na ilha muitos ex-emigrantes desse período, a maioria donos de pequenos comércios na Vila de Sal-Rei e interior⁴⁰. Associam o fim da emigração masculina na ilha ao *fechamento* das fronteiras da Holanda e Alemanha e ao incremento da tecnologia dos navios de carga. Segundo Juarez (que foi emigrante por 12 anos no trabalho em barco, contratado por uma empresa da Noruega), quem emigrava primeiro eram os homens, o destino principal era a Holanda e o trabalho era de marinheiro nos grandes barcos. Foi assim até fins da década de 60. Depois, esse tipo de emigração foi ficando mais difícil, primeiro por causa das fronteiras e segundo por causa da tecnologia que foi melhorando e exigindo menos trabalhadores. Juarez fala que quando seu irmão mais velho emigrou, trabalhavam cerca de 60 pessoas num barco e que quando ele saiu esse número já estava reduzido para 25 homens. Hoje, um barco não precisa de mais de 10 marinheiros.

Todos esses fatores contribuíram para o começo da emigração feminina na ilha. O aumento do fluxo para a Itália veio como consequência da demanda do mercado italiano e da ampliação e fortalecimento das redes de relações

⁴⁰ Bons exemplos de retornados clássicos, segundo categorização de Carling (2004).

entre emigrantes e locais que acabaram por formar um *ethos* de emigração de mulheres na Boa Vista. Apesar de homens continuarem emigrando em Boa Vista e de mulheres também saírem em média escala em todo o arquipélago (especialmente nas ilhas do Sal, São Vicente e São Nicolau), Boa Vista é identificada no cenário nacional como a ilha de emigração feminina, onde as mulheres saem e garantem o sustento de filhos e companheiros e estes ficam sentados nas calçadas esperando a remessa chegar. Como veremos no próximo capítulo, essa fama que se espalha por todo o arquipélago é tanto influenciada pelas relações familiares locais quanto exerce influência sobre as mesmas. Processo dialético que define e redefine os conceitos de família em Boa Vista.

3.1. Antes era só miséria

Apesar de ser um fenómeno tardio, se comparado com a emigração masculina, é o início da emigração feminina que marca uma redução da miséria na percepção dos boa-vistenses. O passado é sempre lembrado por sua pobreza e pela ausência de uma saída para a má situação na qual a ilha sempre se encontrou. Segundo meus informantes, foi a partir do fim da década de 60 que a população conseguiu *abrir* os olhos e isso aconteceu por intermédio das mulheres emigrantes. A emigração masculina era importante desde a década de 50, mas as pessoas acham que os benefícios trazidos pelos homens, ficavam restritos aos familiares dos marinheiros e não à sociedade como um todo. *As famílias de emigrantes tinham vida boa e até ajudavam os outros, mas a ilha era pobre.*

Nilda relata bem esse processo ao contar a história de sua família desde que eram crianças. Ela fala das dificuldades que passaram na vida e lembra que Boa Vista era *um lugar abandonado por Deus, uma miséria só! O que veio levantar Boa Vista foi a emigração, foi graças às mulheres que saíram que o povo daqui abriu o olho e pode ter alguma coisa para oferecer aos filhos. Antes da emigração era só miséria.*

O suporte econômico daqueles que vivem na emigração é de importância fundamental para quem fica. As opções de trabalho são restritas e a maioria da população em idade adulta vive de *fazer mandados* (trabalhos temporários ou venda de produtos alimentares confeccionados em casa). É

geral a idéia de que em Boa Vista se trabalha muito e nunca se vê o resultado. Todas as expectativas de vir a ter algo são depositadas na emigração de um dos membros da família. Nesse contexto, a emigrante ideal é aquela que vive uma boa vida fora, ajuda as outras a sair, *agüenta* a família que ficou e, em um grande final, retorna com sucesso para sua terra com os *olhos abertos*. Nas palavras de Carling (2004), cumpre os três fatores fundamentais de um projeto migratório: recrutamento, remessas e retorno.

É importante ressaltar que, apesar de um discurso que valoriza a emigração feminina e da mulher como única responsável pela quantidade e constância das remessas, os homens emigrantes são os maiores responsáveis pelas remessas no contexto nacional. Boa Vista tem uma situação particular dentro do país, mas no restante do arquipélago é o homem quem emigra e ajuda os familiares que permanecem nas ilhas, inclusive mulheres e filhos. O que interpreto a partir dos dados aqui apresentados é que, dada a situação de instabilidade conjugal, mulheres e filhos não são beneficiados com regularidade por homens emigrantes. A fidelidade e o sentimento de compromisso masculino parece estar restrito à família consangüínea mais próxima (*nha* família), sendo que o sentido de família da mulher é mais amplo, o que gera benefícios um grupo maior de pessoas.

As emigrantes incorporam essa forma de pensar e trabalham não apenas para uma melhoria de vida individual, mas para a manutenção de boa qualidade de vida da família. Cabe lembrar que as remessas devem ser vistas em contexto, não são só financeiras, incluem um fluxo de laços emocionais, simbólicos e materiais (uma diversidade de artigos, roupas, sapatos, utensílios para casa, eletrodomésticos⁴¹).

A valorização da emigração não está restrita a fatores econômicos. Por intermédio das emigrantes, Boa Vista – ilha até então pouco importante no cenário nacional, com uma população pequena, *pacata* e *desorientada* (que pouco conhece, de *olhos fechados*) – não só está no mundo, mas tem o mundo em si. Os fluxos de coisas e valores oriundos da emigração são tão importantes quanto os fluxos monetários que elas movimentam. Hoje Boa Vista

⁴¹ No período em que trabalhei como professora no Liceu da Boa Vista, sempre ficava impressionada com a qualidade das roupas e calçados dos jovens. Isso era mais intrigante quando conhecia seus locais de moradia, geralmente casas muito humildes.

tem os olhos abertos como me disse Nilda, *não somos mais desorientados, sem saber como as pessoas vivem no estrangeiro, agora vivemos como qualquer pessoa lá fora pode viver!*

3. **PARA CRESCER É PRECISO SAIR**

Sair da pobreza é uma das razões clássicas para explicar a emigração em Cabo Verde. A falta de segurança econômica é a principal razão levantada pelos cabo-verdianos para justificar um projeto migratório⁴². A história da família de Balosa é um exemplo disso. Ela vem de uma família de muitas mulheres. O pai era marinheiro que trabalhava num barco que fazia o percurso entre as ilhas e, quando morreu, deixou a mãe com oito filhos.

Fomos para a Itália por necessidade, nosso pai morreu cedo e precisávamos ajudar a mãe a criar os irmãos menores, na Boa Vista não tínhamos como trabalhar e por isso fomos. Primeiro foi Cesária, depois eu, Didina, Tancha e Nilda. Essa não agüentou nem cinco meses e veio embora. Foi bom porque ficamos sossegadas lá, sabendo que Nilda estava cuidando de nossa mãe e de nossos filhos aqui na Boa Vista. A vida na Itália é muito sacrificada, mas vale a pena porque se não tivéssemos emigrado talvez estivéssemos todos mortos de fome, a emigração foi nossa salvação e de nossos filhos, antes era só miséria! Graças à emigração os nossos filhos não têm que passar pelas dificuldades de passamos.

Esse tipo de discurso é comum entre as primeiras emigrantes, algumas já retornadas, que associam sua emigração não ao desejo de conhecer outros países, mas como uma necessidade, única saída para os problemas de pobreza pelo qual passava Boa Vista⁴³. As categorias fome e salvação salientam o lugar estratégico da emigração de membros da família. No discurso acima, emigrar implica sair de um pólo negativo de escassez total de possibilidades expresso pela categoria fome, para um mundo de oportunidades e de reversão do quadro local negativo. Oposto a uma Boa Vista de fome, o emigrante encontra um mundo exterior de salvação.

⁴² As razões econômicas são as principais motivações para a migração internacional, conforme aponta uma série de trabalhos sobre o tema. Não é, portanto, uma peculiaridade cabo-verdiana.

⁴³ Na década de 50 até início da década de 80, a principal fonte de renda na Boa Vista vinha da fábrica de conservas de atum, a Fábrica Ultra. Os empregos eram sazonais e, na época que a Fábrica estava fechada, a população não tinha opção de renda com a qual pudesse contar. Esses períodos são lembrados por todos pelas dificuldades e pela miséria.

Ressalto que a emigração não é um projeto individual. Ela mobiliza toda a família, que se organiza estrategicamente para enviar alguns membros e manter outros em casa. Analisando o discurso de Balosa e cruzando com a genealogia familiar, verifico que a saída das irmãs obedece a ordem de nascimento e que Nilda, a filha mulher mais nova, chega a emigrar, mas retorna para cuidar da mãe e dos filhos das irmãs que estão na emigração. Sendo assim, a saída de mulheres opera por meio de estratégias que visam a reprodução da esfera familiar. A decisão de quem emigra e quem fica deve estar de acordo com os interesses e necessidades do grupo familiar. Assim como as estratégias matrimoniais dos camponeses do Bearn (Bourdieu, 1980), a emigração tem como finalidade não somente a manutenção do grupo doméstico, mas a maximização de suas potencialidades.

É interessante notar que muitos desses relatos vinculam a emigração à condição masculina na esfera familiar: ao pai que morreu, ao marido que não pode mais emigrar nos barcos, à ausência de renda fixa do homem ou à falta de suporte econômico por parte deste. Como solução aparece a emigração, e a mulher que sai passa a assumir a tarefa de sustentar a família. Nesse sentido, a emigração funciona como garantia de uma condição econômica estável, não mais sustentada pelo homem. Soma-se a isso, a incapacidade e desinteresse masculino com as questões familiares. Hoje em dia, muitas jovens desejam emigrar para terem uma vida independente e não mais estarem sujeitas à instabilidade conjugal e aos maus-tratos de homens. Para elas, o homem caboverdiano é muito *basofo* (machista e vaidoso) e gosta de mandar nas mulheres, se a mulher não tem uma opção e não tem os *olhos abertos*, vai estar sujeita a *basofarias*.

Isso nos leva a um outro motivo que leva a mulher a mobilizar esforços para sair, as relações afetivas. Ivone é uma moça de 22 anos, concluiu os estudos secundários com relativo sucesso e desde então trabalha no Centro de Informação Turística da Câmara Municipal. Vive com a mãe, empregada do governo, e o pai, ex-emigrante e dono de um bom número de barcos de pesca de lagosta. A situação econômica da família é estável e elevada para os padrões de vida local. Apesar disso, desde que freqüento a casa de Ivone, observo a mobilização da mãe e da própria moça para que ela saia da Boa Vista.

O motivo não é de ordem econômica, apesar de que cálculos financeiros são feitos no sentido de demonstrar o quanto Ivone e sua família serão beneficiadas se conseguir sair. O que impulsiona o desejo de emigrar é a relação que Ivone mantém com Robson e que já dura oito anos. Tal relação já trouxe muitos problemas à moça, inclusive afetando seu convívio familiar. A mãe diz que a filha é *fraca* e que permite todo o tipo de abuso por parte do rapaz. Por causa dele, Ivone já teve que se submeter a dois abortos e a uma série de humilhações (por causa das diversas *pequenas* que o rapaz já teve ao longo do namoro). Além disso, D. Tanha reclama que *Ivone nunca dorme em casa e não ajuda nos mandados domésticos, não trabalha direito e está com a vida parada, a única coisa que faz é correr atrás dele.*

A solução encontrada por ela é retirar a filha da Boa Vista e, nesse sentido, mobiliza todo o grupo familiar para que consiga os papéis para tal. Ivone partilha do desejo da mãe, especialmente nos momentos em que a relação passa por alguma crise (o que acontece com frequência). Em um desses episódios ela desabafa: *preciso ir embora daqui com urgência! Só assim vou conseguir me livrar de Robson. Acho que o que sinto por ele é fraqueza. Já passei por muitas coisas por causa dele, Andréa! Fui até parar no Posto Policial por causa dele!* Ivone disse-me por diversas vezes que não tem forças para sair da relação e que a única solução é sair da ilha. Primeiro tentava vagas para estudar em Portugal e no Brasil, mas não teve sucesso. Agora, tenta fazer contatos para conseguir ir para a Itália⁴⁴.

Histórias como a de Ivone são comuns entre as jovens da ilha. Como foi discutido no capítulo II, a mulher se auto-define como o pólo fraco em uma relação afetiva e a emigração surge como alternativa para sair de um relacionamento considerado negativo. A idéia de fraqueza é, então, incorporada pelas mulheres boa-vistenses como uma motivação que legitima, perante a sociedade, um projeto migratório. O interessante é que a emigração

⁴⁴ Dentre as moças jovens, especialmente aquelas que concluíram o ensino secundário, há uma preferência por sair para estudar no Brasil ou em Portugal. Assim como Ivone, articulações são feitas para que consigam bolsas de estudo ou algum outro tipo de benefício para estudar no exterior. Nesses casos, a emigração surge como consequência da saída ou mesmo como uma segunda opção. Observo operar um sistema classificatório onde Brasil e Portugal é destino de estudo e Itália é destino de trabalho. Há, também, uma hierarquização, ou seja, sair para estudar traz mais status do que sair para trabalhar. Isso ficará mais claro ainda neste capítulo.

não implica quebra do relacionamento. A maioria das emigrantes mantém o vínculo afetivo à distância. O que parece ocorrer é uma mudança de status.

O sentimento de estagnação é também uma razão para querer sair. A idéia de que *li é tud na mesm* (aqui é tudo sempre na mesma) é recorrente nas conversas sobre o estilo de vida da Boa Vista. É importante ressaltar que o fato de estar tudo sempre na mesma não é só símbolo de repetição, mas também de negatividade. A vida na Boa Vista é vista como repetitiva, ruim, pobre, sem perspectiva. Duas jovens amigas sempre se queixavam da vida na ilha em nossas conversas. Vânia dizia que até o próximo verão iria decidir sua vida, se não conseguisse ir para o *curso* (estudo superior), iria embora para trabalhar e tentar pagar os estudos, o que não podia mais era ficar aqui na Boa Vista estagnada! Gilsa era da mesma opinião,

Aqui a vida não é boa, a pessoa fica parada, nada acontece! Por fim, a mulher acaba por se envolver com esses homens que não querem nada da vida e se conformam com um emprego na obra! Você já notou que os homens aqui não correm atrás de nada, só querem receber um pequeno vencimento e se conformam com isso? Eu não quero isso para mim, meu sonho é sair, ir para o curso (universidade). Se não conseguir, vou tentar arranjar trabalho na Itália ou outro lugar, mas aqui na Boa Vista eu não fico mais nem um ano!⁴⁵

A oposição das categorias “parado” e “movimentado” é explicativa de muitos aspectos da vida boa-vistense. A idéia de movimentação é altamente valorizada. Dentre os diversos motivos para emigrar, está o fato de que a mulher percebe esta como uma oportunidade de melhorar seu status. Elas falam dos benefícios do progresso, da liberdade e da emancipação, o estrangeiro seria o lugar para a aquisição de tudo isso

Particularmente para as mais jovens, o sonho de sair deixa a vida na ilha sem sentido. Passam os dias fazendo um trabalho aqui e ali, organizando *paródias* (festas, reunião entre amigos), ou seja, vivem *desenrascando* até o dia que conseguirem emigrar. Aspiram ser emigrantes, e nada mais (Akesson, 2004:64). Nada que acontece em sua sociedade os mobiliza e, embora sejam

⁴⁵ Gilsa encontra-se no Brasil desde Julho de 2005, é estudante de administração em uma faculdade brasileira.

forçados a continuar na ilha devido às dificuldades em torno da emigração. Em suas cabeças, a única possibilidade de crescer, de ter um futuro, está fora⁴⁶.

Não podemos descartar ainda o desejo de conhecer um outro mundo por intermédio de uma experiência de emigração. Mimina, uma emigrante que já vive na Itália há 20 anos, conta que não emigrou por luxo, foi para ajudar a família também. Mas o que mais a impulsionou a sair foi a curiosidade de saber como era a vida no estrangeiro. *Sempre achei Boa Vista pequena para mim, queria ver o mundo lá fora, abrir os olhos!* Mimina não tem filhos e ajudou a família a terminar de construir a casa que a mãe começou quando estava na emigração, porém, sempre quis aproveitar a vida na Itália para conhecer o mundo, ver como as outras pessoas vivem. *Meu dinheiro não era só para mandar, aproveitei para estudar enfermagem e para viajar pela Europa, conheço tudo! Sempre que volto para Boa Vista vejo que não há lugar melhor no mundo, mas é preciso sair daqui!*

Então, mulheres não emigram somente para sair de um destino ruim, saem também em busca do que consideram bom. Esta é uma atitude positiva face a emigração, sendo justificada por uma busca do que valorizam ou gostam e não como uma fuga para sair de algo ruim. Além disso, há o status, a valorização de ter conquistado a nova condição com base em seu próprio sacrifício pessoal e o fato de ter seu próprio dinheiro. Tudo isso se reflete nas roupas que usam, nas novas experiências, na independência econômica e no domínio de um outro mundo. Num processo cíclico, um projeto que começa com o desejo de buscar uma vida boa (social, cultural e financeiramente) termina com o argumento *a posteriori* de *abrir os olhos*, esta sendo uma consequência importante da realização do projeto. Assim, a experiência de *abrir os olhos* que as emigrantes expõem tanto em seu discurso quanto na prática alimenta os novos projetos.

A idéia de que *para crescer é preciso sair* é um denominador comum às diversas razões para emigrar. A valorização dos símbolos vinculados à emigração acaba por fazer com que certos bens passem a ser uma necessidade local, o resultado é um processo circular onde há uma demanda

⁴⁶ Veremos no capítulo VI que o desenvolvimento turístico constitui, hoje, uma possibilidade concreta de emprego na ilha. Ainda assim, a emigração continua sendo encarada como a saída prioritária para melhorar de vida. O turismo acaba sendo incorporado no discurso local como mais uma possibilidade para tentar emigrar.

crecente por bens e valores que só pode ser suprida com o trabalho lá fora. A localidade ficando, então, cada vez mais e mais dependente dos bens e remessas associados a emigrante.

Daí entende-se os atributos negativos (fraco, parado, de olhos fechados) e positivos (forte, movimentado, de olhos abertos) associados respectivamente à Boa Vista e ao mundo das emigrantes. Paralelo à imagem negativa que se constrói sobre a ilha, com poucas mudanças e nenhum avanço, temos a experiência contrastante daquelas que já foram e telefonam ou retornam, enviam encomendas e relatam novas experiências, novas vidas, novos bens. As mulheres emigrantes são, então, símbolo de tudo o que a emigração tem de positivo: movimento, força, estabilidade econômica, solidariedade, abertura ao outro.

3.1. O projeto

Conheci Maria há alguns anos. Na época, ela aguardava que uma prima que estava na Itália enviasse os papéis para que conseguisse visto para emigrar. Foi Maria que, por intermédio de um rapaz com quem namorava na época, obteve um visto de turismo para a prima poder entrar na Europa. Agora, como retribuição, a prima tentava buscá-la. Para Maria, a emigração era a oportunidade de dar um melhor futuro aos seus quatro filhos. Seus *pais-de-filhos* não prestavam assistência a eles e era ela a responsável pelo sustento de todos. Com os ganhos que conseguia na Boa Vista, era quase impossível construir algo para o futuro. Em nome dos filhos, ela estava disposta a sofrer os sacrifícios de uma vida na emigração.

Quando retornei a Boa Vista em 2004, Maria já havia emigrado. Os filhos continuavam na casa da mãe de Maria, onde ela também vivia quando a conheci. No verão do mesmo ano ela retornou, pela primeira vez, para passar as férias. Conversamos sobre as experiências vividas nos três primeiros anos na Itália e sobre seu projeto de vida.

Agora meu plano é trabalhar e trabalhar mais! Assim posso ajudar minha família aqui na Boa Vista. Quero também tentar colocar pelo menos dois filhos que estão aqui para irem trabalhar no estrangeiro. Com eles lá, posso pensar em sentar na Boa Vista para descansar. Mas tudo isso é depois de eu construir minha casa, antes disso eu não volto de vez não! Tenho que ter meu teto, nem que seja um quatinho com uma cama,

basta ser meu. A vida na Itália é só dificuldade, Andréa! Se aqui tivesse uma condição melhor, não queria que meus filhos saíssem, mas aqui a vida fica parada. Não tem remédio, para ter um futuro é preciso emigrar!

Para compreender o processo emigratório feminino no contexto da emigração cabo-verdiana em geral, é preciso entender não só o *porquê* se emigra, mas *como* as pessoas se articulam para sair. Inicialmente, as mulheres buscavam formas de conseguir contratos de trabalho que garantissem um vínculo ainda antes da partida. Hoje em dia esse tipo de estratégia está cada vez mais difícil e as mulheres lançam mão, basicamente, de duas estratégias. A mais comum é deixar Boa Vista com um visto de turismo e, na Itália, tentar entrar na legalidade. A outra opção é iniciar o processo na Itália através de uma documentação que comprove renda e trabalho garantidos. Geralmente as boa-vistenses já emigradas são o vínculo, tentam conseguir a documentação com os patrões italianos e enviam para parentes e amigos em Boa Vista. O objetivo aqui é de seguir para a Itália já com um visto de trabalho.

Em ambos os casos, a aspirante a emigrante estará sujeita à aprovação de seu pedido na embaixada, situação sempre difícil nos dias de hoje⁴⁷. Na tentativa de influenciar o processo, elas lançam mão de relações de amizade e de apadrinhamento que possam intervir na análise de seu caso. A busca é por encontrar alguém com boas relações com funcionários da embaixada que facilite os trâmites internos para que aquele caso seja percebido como especial. É importante sair do anonimato e ter seu nome associado a alguém de influência que forneça boas referências ou sensibilize os funcionários com relação àquele caso em especial.

A obtenção de visto é sempre um processo complicado. As pessoas investem tempo, dinheiro e contatos para conseguir preencher os requisitos exigidos pelas embaixadas. Apesar disso, ninguém sabe se conseguirá ou não ter seu pedido aprovado. Ovi, muitas vezes, que essa é uma questão de destino. Isabel conta que tinha toda a documentação regular para sair e nunca conseguiu, tentou mais de uma vez, em embaixadas diferentes, e nunca obteve sucesso. Por sua vez, a irmã conseguiu na primeira tentativa. Por quê? A explicação de Isabel é a de que não estava em seu destino emigrar.

⁴⁷ Sobre uma análise do processo de obtenção de vistos de turismo, ver Carling (2004).

A idéia de destino não está restrita à obtenção do visto. Emigrar é um projeto de vida compartilhado por muitas mulheres na Boa Vista. Creio que, diante de uma oportunidade, todas as boa-vistenses optariam por sair. Porém, a emigração não está no destino de todas. Destino aparece aqui como uma categoria moral que explica porque, dentre um universo de mulheres que teoricamente têm as mesmas condições para sair, algumas obtêm sucesso e outras não. Além daquelas que tentam e não conseguem, há outras mulheres que nem chegam a se articular para sair, a justificativa é de que não têm perfil de emigrante ou que não conseguiriam se adaptar à vida fora da Boa Vista. Estas mulheres também associam ao destino o fato de terem ficado na ilha.

Lembro ao leitor o caso da família de Balosa. Em sua família, quatro irmãs conseguiram emigrar, porém, uma delas retornou alegando não adaptação. O fato é que não era estratégico para a família que todas as mulheres estivessem fora, pois a mãe já era *grande*, os outros filhos eram homens e os netos deixados, muitos. O retorno de Nilda era a garantia de que as outras pudessem permanecer na emigração. A análise de Bourdieu (1980) sobre as estratégias familiares para a reprodução da casa Bearnais nos ajuda a entender, pela semelhança, o caso da Boa Vista. As estratégias de casamento, onde uns casam localmente, outros saem e há ainda os que ficam na casa como dependentes (celibatários ou não) são arranjos que garantem a reprodução da *maison* no caso por ele estudado e que dependem de fatores como número de filhos, sexo, idade, ordem de nascimento, entre outros.

A exportação de mulheres na Boa Vista não é, assim como Bourdieu nos chama atenção, aleatória. A definição dos membros que irão emigrar faz parte de um conjunto de estratégias familiares que visam a reprodução do próprio grupo. É interessante notar que algo que é do domínio das estratégias aparece no discurso dos atores como destino, como algo irremediável e que foge ao seu controle ou vontade. Pela análise das estruturas familiares cruzadas com os membros que emigraram, pode-se retirar um padrão em que as mulheres saem mais do que os homens, as que nascem primeiro têm prioridade sobre as mais novas e aquelas que não têm filhos também são priorizadas. Dentre este universo, há sempre uma mulher que permanece na casa, na maioria dos casos, a caçula.

A emigração é vista como remédio inevitável para os problemas inerentes à vida na Boa Vista. Argumento mesmo que é um rito pelo qual caboverdianos devem passar para serem pessoas plenas. Enquanto rito de passagem, idealmente ele só termina com o retorno, obedecendo às fases de separação, liminaridade e agregação.

Porém, essa solução tem caráter provisório, a estratégia de emigração é sempre temporária e os projetos construídos mesclam o sonho de ir e o desejo de retornar. A volta é tão sonhada quanto a partida, e ambas guardam uma característica semelhante: a incerteza de realização. Tão importante quanto a decisão de emigrar, é a escolha do momento de retorno. Sem dúvida, um momento delicado que depende de um conjunto de fatores que determinam se a emigração valeu a pena ou não. O caráter coletivo de um projeto que aparenta ser individual determina, em grande parte, a duração do mesmo.

Já tenho minha casa construída e, assim que meu filho terminar de estudar eu venho sentar em Cabo Verde, pois não tenho mais nenhuma vontade de ficar na Itália. Se não fosse por causa dele, eu já estava aqui há muito tempo, mas não é justo que eu veja meu filho com vontade de estudar e vir sentar na Boa Vista e deixá-lo sem escola. Não, eu e ele temos uma amizade muito bonita e faço todo o esforço para que ele seja um homem de condição. Por causa dele ainda não voltei. (Balosa)

Outro acontecimento que modifica o projeto migratório é a (re)constituição do núcleo familiar. Cada vez é mais comum o desejo, de ambas as partes, de que os filhos (e em alguns casos os companheiros) se juntem à mulher na emigração. A presença deles torna menos provisória a relação dessa mulher com o país de acolhimento e a tendência em adiar o retorno definitivo passa a ser uma realidade.

A gerência dos recursos obtidos com o trabalho lá fora também é outro fator importante na definição do retorno. Há muitos relatos de mulheres que não conseguem administrar os ganhos financeiros de forma *a construir algo*, se deslumbram com a grande oferta de artigos, roupas e bens que são oferecidos nos países de emigração e acabam por gastar tudo o que têm. Voltar sem nada é uma grande humilhação para a emigrante e sua família e, diante de situações como essa, algumas mulheres optaram por romper laços com a terra natal.

Os projetos de emigração concebem a saída como um instrumento que objetiva a aquisição de um bom padrão de vida em Cabo Verde, ou seja, o

sentido é de trabalhar fora com a intenção de retornar (Carling, 2001). Portanto, os três Rs – recrutamento, remessas e retorno (Papademetriou and Martin, 1991, *apud* Carling, 2004) – são fatores fundamentais nos projetos de emigração e em seus impactos no desenvolvimento local. Apesar de recorrentes, tais fatores devem ser analisados de forma ampla, dando conta da dinâmica migratória e, especialmente em situações de gênero, das diferenças na relação entre emigrantes e a comunidade local. Continuaremos explorando esse tema.

3.2. Entre o sonho de ir e o desejo de voltar

Os projetos de emigração envolvem duas perspectivas sobre o que é a vida na Boa Vista e no estrangeiro: as imagens de quem fica e de quem vai. A análise de suas vidas é sempre feita em comparação com esses dois mundos. Como afirma Akesson, ao analisar a emigração em São Vicente, a terra e o estrangeiro são vistos como intrinsecamente diferentes, um servindo de antítese ao outro. Acrescento que essa diferença permanece nas perspectivas das emigrantes e dos que ficam, mas a concepção negativa ou positiva vai variar a depender da perspectiva de quem fala.

Eu posso passar todos os anos do mundo fora daqui, mas quando chego, eu sei que estou na minha terra, não tem lugar nenhum no mundo igual a isso aqui! É o melhor lugar do mundo! Agora, quando eu voltar para Itália, pelo menos durante um ano eu sei que tenho força para suportar tudo, porque já abasteci aqui nesses meses que eu passo com minha gente. No ano seguinte, é para preparar para voltar para cá de novo. Não dá para vir todos os anos porque tem que juntar dinheiro para trazer, mas se pudesse, vinha mais vezes porque não tem vida melhor do que na sua terra, mesmo com todas as dificuldades. Infelizmente é preciso sair. (Mimina, emigrante há 20 anos).

Boa Vista não é lugar para se viver! Não sei o que você faz aqui, Andréa. Não entendo como você pode sair de um lugar como o Brasil para vir morar na Boa Vista, aqui não tem nada! Meu sonho é sair daqui, não agüento mais essa vida parada. Estou dando expediente para sair dessa vida, depois venho de férias no verão, aí sim vai ser bom! (Sônia, moça de 25 anos que conseguiu emigrar ao longo de meu trabalho de campo).

Para quem está na Boa Vista, a terra natal não tem nada a oferecer, é pobre, parada, estagnada, pequena, as pessoas têm os olhos fechados;

enquanto o estrangeiro é símbolo de progresso, novidade, possibilidade de crescimento, movimento e renovação. Já para quem se encontra na emigração a terra natal é lugar de segurança, beleza, solidariedade, família. É *o melhor lugar do mundo*. Nesse caso, o estrangeiro é visto como um mal necessário, lugar de sacrifícios, ilusão, saudade.

Sempre de forma antagônica, as imagens dos dois mundos são contrastadas nas conversas do dia-a-dia e intensificadas pelas trocas constantes entre aqueles que estão na Boa Vista e na emigração. O intercâmbio de informações e de bens acaba por diluir as fronteiras entre os dois pólos. Hoje em dia, mesmo quem nunca saiu da Boa Vista tem acesso a conhecimentos sobre outros lugares e formas de vida⁴⁸. Nesse sentido, a emigração não é algo extraordinário e desconhecido. Entretanto, as idéias antagônicas permanecem por intermédio de um jogo de idealizações do mundo do outro. Os boa-vistenses vivem entre o sonho de ir e o desejo de voltar, num jogo que valoriza mais do que a emigração em si, valoriza o movimento, a mobilidade.

Então, na prática cotidiana, é preciso diferenciar as imagens sobre o mundo do outro das reflexões que se faz sobre suas experiências. As emigrantes, por meio dos presentes que trazem, do que conseguem construir e das melhorias que proporcionam, alimentam a visão do *mundo lá fora* enquanto um lugar onde se pode ter tudo o que quer. Porém, em seu discurso, relatam a experiência de uma vida de sacrifícios e do estrangeiro como uma *ilusão*. Ao mesmo tempo em que idealizam o retorno para sua terra, que é *o melhor lugar do mundo*, criticam a forma de vida dos locais e os classificam como pessoas sem *nenhum expediente* (parados, sem atitude, acomodados). Tais construções geram respostas e, muitas emigrantes são acusadas de *ingratas*, *basofas*, e de esquecerem das promessas que fizeram antes de partir.

Se por um lado, as emigrantes são um importante elo com o mundo exterior (mediadoras principais num fluxo constante de riquezas, bens, símbolos, pessoas e valores), representam e reproduzem o que chamei de

⁴⁸ Hoje, mais do que nunca, essa circulação de informações não é mais privilégio das emigrantes. Boa Vista está cada vez mais ligada ao mundo por intermédio dos meios de comunicação e pelo turismo. Ainda assim, a perspectiva de *quem já foi* é de suma importância para a construção das imagens sobre o estrangeiro. As emigrantes têm a autoridade de quem já *viveu* essa experiência.

ethos da emigração, por outro, sua posição de intermediárias também contribui para o florescimento de tensões e conflitos no meio de origem. A análise do período em que essas construções se intensificam (as férias de verão) vai nos ajudar a perceber que, apesar de haver uma idealização do *mundo lá fora* que alimenta os projetos de emigração, há um conjunto de tensões entre quem já foi e quem ficou que devem ser consideradas.

4. O VERÃO

“Por volta das 16:30, fui novamente ao aeroporto. Soube que hoje chega mais um avião trazendo as *talianas*. Na verdade elas chegaram ontem na ilha do Sal e aguardam vôo para Boa Vista desde então. O avião que chega é um ATR com capacidade para 48 passageiros e estava lotado. A situação do pequeno aeroporto da Boa Vista não era diferente, estava repleto de gente espalhada ao longo da grade de arame que separa a pista de pouso do estacionamento. A ansiedade era grande. O avião aterrisou às 17:15 e, quando as portas se abriram, vi o desembarque de algumas dezenas de mulheres em grande estilo. Todas muito arrumadas, maquiadas, com roupas coloridas e sapatos altos de bico finíssimo! Não posso esquecer do excesso de bagagem e dos gestos ao falar. O crioulo é falado com certa dificuldade, com um charmoso esquecimento de expressões corriqueiras da língua local. Seu estilo não chega a surpreender aos que as esperavam, mas arrancam comentários de admiração.

Todo o aeroporto ficou em festa, eram beijos, abraços e exclamações de surpresa diante das mudanças ocorridas no período de distanciamento! A emoção e alegria do reencontro contagiava a todos e poucos conseguiam evitar as lágrimas diante de mulheres que choravam abraçadas aos filhos que deixaram crianças e, hoje, não reconheceriam se vissem na rua! Entre o italiano e o crioulo, familiares se abraçavam e lamentavam o tempo passado distante. Elas gritavam, em meio a lágrimas, como era bom estar de volta à sua terra. Nesse momento, chorei de saudades dos meus!”

A influência dos emigrantes retornantes⁴⁹ que trazem para casa presentes e experiências excitantes é relatada por muitos autores e em várias partes do mundo (ver Akesson, 2004; Dias, 2000; Linares, 2003; Rodrigues, 1999). Como em muitos desses estudos, na Boa Vista, a condição mesma de ser emigrante implica que esta deve retornar para casa em grande estilo. Se, como vimos, a opção por estar fora é motivada pela busca de algo melhor do

⁴⁹ Dias (2000), utiliza a categoria de retornante para analisar os emigrantes que retornam periodicamente para a ilha de Santiago. Uso a categoria aqui no mesmo sentido que a autora, na tentativa de dar conta da mobilidade destas emigrantes que voltam para a terra natal, mas não tem a intenção de nela permanecer.

que a vida local poderia oferecer, conseqüentemente, voltar sem alguns signos de uma *vida boa* significa fracasso⁵⁰. Nesse sentido, o retorno exige uma preparação por parte de quem chega.

Um primeiro ponto a ressaltar é o de que, para visitar a terra natal, é preciso estar com a situação legal regularizada na emigração, com os papéis em dia. Esse processo pode demorar muito e não são raros os casos de mulheres que passaram três, cinco ou dez anos sem poder retornar em férias devido à situação de ilegalidade na Itália. Só o fato de poder viajar já é um símbolo de que a emigrante está em boa situação na emigração.

As viagens são sempre muito esperadas e planejadas pelas emigrantes, especialmente nos casos de um primeiro retorno. O esquema é bianual. Há uma visão geral de que aquelas que optam por viajar todos os anos não pensam no futuro, gastam muito e não conseguem acumular bens ou construir uma boa vida. Por outro lado, aquelas que, apesar de legalizadas, passam mais de três anos sem retornar, podem ser acusadas de *ter esquecido dos seus*. Deve haver, portanto, um equilíbrio que demonstre responsabilidade e controle do que foi adquirido na emigração e uma fidelidade com a terra natal. Uma das formas de medir esse equilíbrio é pela freqüência dos retornos em férias.

Em Boa Vista, os que esperam as retornantes também se preparam. Os rumores e planejamentos em torno do verão começam já no mês de abril. A partir dessa época, as conversas giram em torno de saber quem tem as férias marcadas para aquele ano ou não. As emigrantes mandam recados sobre a provável data de chegada⁵¹ e, com esses dados em mãos, os locais conseguem prever se o verão será bom ou não, ou seja, movimentado ou parado.

O período que vai de maio a agosto é atípico na Boa Vista, vemos jovens mobilizados, organizados em *maltas* (grupos de amigos), casas sendo

⁵⁰ Histórias de fracasso povoam as conversas sobre emigração. Na Boa Vista, elas são mais ligadas aos homens que saíram e voltaram *ruins da cabeça* por causa da bebida ou de *alguma coisa que colocaram na bebida deles e os deixaram loucos*. Apesar de raro, consegui casos de algumas mulheres que também retornaram *ruins da cabeça*. Em se tratando de mulheres, o fracasso está mais relacionado à *fraqueza de cabeça*, ou seja, ao deslumbramento diante de tantas possibilidades que a vida lá fora oferece. Muitas emigrantes são apontadas como *sem cabeça* (sem juízo), pois passaram tantos anos na emigração e não construíram nada, gastaram seu dinheiro em besteiras (cosméticos, roupas), paródias e na *vida boa*.

⁵¹ No próximo capítulo, tratarei da importância e do impacto desses rumores na esfera familiar.

reformadas ou pintadas, ruas movimentadas, enfim, nada que lembre a vida calma e a estagnação típica dos relatos de quem deseja sair. Fui a Boa Vista pela primeira vez no mês de janeiro e, diante de meu deslumbramento com a paisagem e com o ritmo de vida local, as pessoas sempre me diziam, *se você gostou da Boa Vista agora, você tem que vir no verão. Aí você verá como a Boa Vista é boa!* Nesses momentos eles me relatavam os eventos, o calor, as noites de *paródia* e colocavam na movimentação toda a positividade intrínseca aos meses de verão.

Uma série de atividades é organizada pelo poder público local (a Câmara Municipal organiza feiras, encontros, a Festa do Município e o Festival de Praia de Cruz) e outras (tais como danças, festas, concursos, acampamentos, festivais de música, passeios) são frutos da mobilização das *malts*. As duas festas mais famosas marcam o início e o fim do verão, são respectivamente a Festa do Município e o Festival de Praia de Cruz. Ambas envolvem a presença de músicos de renome nacional e internacional e reúnem uma grande quantidade de pessoas. Estas festas definem os calendários de férias das emigrantes, que permanecem na ilha por cerca de dois meses.

Ser uma emigrante em férias é percebido como uma situação ideal é a união do melhor dos dois mundos. “É quando a labuta da vida cotidiana é transformada em recreação e se pode, simplesmente, esquecer as dificuldades de se fazer a vida em Cabo Verde. Ser cabo-verdiano se transforma em bênção” (Carling, 2004:117). Observo que o caráter especial deste período não está restrito a quem retorna, mas se estende a todos da ilha.

Apesar da descontração típica desse período, há uma série de obrigações que devem ser cumpridas de ambos os lados. O reencontro, tão esperado e planejado, gera expectativas que precisam ser cumpridas. Especialmente para quem retorna, esse é o momento em que suas trajetórias serão avaliadas.

Logo à chegada, uma vez instaladas, há a demanda por certos rituais. Após alguns momentos com os familiares, ainda vestidas tal como desceram do avião, elas partem pelas ruas da Vila para visitar as suas *gentes de grandeza*. Geralmente são familiares ou vizinhos de idade mais avançada, que devem ser visitados antes de qualquer pessoa. Entre uma casa e outra, elas

vão encontrando amigos, pessoas conhecidas e, já nesse momento, começa a ficar clara a ambigüidade que envolve a situação de retorno.

Os conflitos latentes, dantes escondidos por um discurso de idealização da trajetória do outro, começam a aparecer nas atitudes e reações daquelas que chegam e dos que lá já estavam. Quem e como cumprimentar, é uma questão delicada e fonte de conflitos. Rosa, muito irritada, me relata essa problemática.

Têm algumas emigrantes que foram há dois ou três anos atrás e voltam se fazendo de boas para Boa Vista! Umas esquecem o crioulo e falam só italiano, outras te olham na rua e fingem que não te conhecem! *Elas dão só prá doido* (se fazem de bobas)! Acham que nós que ficamos aqui na Boa Vista somos parvos ou desorientados e não sabemos de nada! Como é possível esquecer sua língua? Como é possível esquecer de uma pessoa com quem você viveu a vida inteira? Isso para mim é querer *dar para bom*! Por isso que eu não salvo (não cumprimento), espero que elas venham me salvar, não vou ficar fazendo festa para uma pessoa que pode olhar para mim e perguntar quem eu sou! Fiz isso uma vez para nunca mais, não sou parva!

Salvar (cumprimentar) uma emigrante é motivo de preocupação. Ouvi diversos relatos como o de Rosa sobre a forma certa de cumprimentar alguém que não se vê há alguns anos. O mais adequado é esperar que o cumprimento parta de quem chega. Assim, como se espera que elas visitem as pessoas de grandeza, informando-lhes de sua chegada, é esperado que a emigrante reconheça a todos, seja simpática e faça festa ao encontrar antigos amigos. Quando ela não cumpre as expectativas, é acusada de *grandiosa* (metida, arrogante). É comum a seguinte expressão, *limpávamos a popa* (bunda) *na pedra juntos e agora ela finge que nem me conhece*, ou, *só porque passou um tempinho fora, já esqueceu que foi daqui que ela partiu e que é para cá que ela vai voltar!*

Por parte da emigrante, essa também é uma situação complicada e muitas vezes elas se queixam de serem incompreendidas por aqueles que ficaram. Irene me conta que já aconteceu de esquecer de alguém sem querer e dessa pessoa não ter falado com ela nunca mais! Por causa de um mal-entendido, acabou por ficar com fama de *grandiosa*. Reclamações de falta de compreensão são comuns entre as retornantes e não estão restritos aos ritos de saudação. Dizem ser muito cobradas em todos os aspectos e acusam os

locais de pensarem que são ricas e que vivem vidas de princesas lá fora. Aliás, uma imagem alimentada por sua própria conduta e que carrega, em si, a ambigüidade de sua condição. Aliás, a ambigüidade é a marca da retornante, ela em si é símbolo, ao mesmo tempo, de tudo o que se pode ter e de tudo o que não se tem; os signos que traz são, ao mesmo tempo, de status e fontes de tensão.

Por sua vez, as emigrantes jogam com a ambigüidade na relação com os locais. Enquanto se preparam para os retornos, compram as melhores roupas, presentes caros, alimentando a aura de magia em torno da emigração; no plano do discurso, ressaltam os muitos sacrifícios pelos quais passam para construir uma vida melhor para toda a família. Ao relatar a *vida lá fora*, tentam desconstruir a imagem de que se ganha dinheiro em abundância e com facilidade. Apesar de perceber que, de fato, a vida lá fora é mesmo dura e o custo de vida é alto, interpreto a ênfase em tal discurso como uma estratégia de valorização de sua trajetória enquanto emigrante. Quanto mais fortes os signos de sucesso trazidos por elas, e quanto mais importantes as dificuldades pelas quais passaram para atingir esse sucesso, mais valorizada será a trajetória.

Seja por intermédio das críticas ou rumores, seja pelo que elas representam, o fato é que as retornantes são as estrelas do verão na Boa Vista. Elas estão presentes em todas as festividades, comportam-se de maneira extravagante e, apesar das fortes críticas que sofrem, suas atitudes *estranhas* ou ousadas são toleradas. Por tudo isso é fácil identificar quem são essas mulheres, destacam-se pelo cheiro, maquiagem, pelo modo de falar o crioulo e pela moda que trazem (cf. Rodrigues, 1999). Quando falam, se “confundem” no crioulo permeando-o com expressões italianas, andam em grupos e estão sempre rodeadas por muita gente. Elas são a atração da ilha, seja nas ruas, nas danceterias, restaurantes e bares.

Enquanto representantes ou mediadoras do mundo lá fora, lhes é permitido um comportamento diferenciado, mais do que isso, é esperado que elas voltem com uma nova perspectiva e que influenciem os locais em suas formas de falar, vestir e se comportar. Porém, mais uma vez, deve haver um equilíbrio no comportamento da emigrante. Apesar de estar entre os dois mundos, a emigrante não é uma estranha e, enquanto nativa, deve agir de

acordo com as normas de sua sociedade. É verdade, como veremos, que sua condição de mediadora lhes permite um lugar especial na sociedade, porém, a definição de que lugar é esse não é precisa, o que frequentemente é fonte de desentendimentos e tensões.

A posição central ocupada pelas emigrantes gera problemas, por exemplo, na relação com as mulheres locais, especialmente para aquelas que lutam por uma relação conjugal estável. A chegada dessas “italianas” é vista como ameaça aos relacionamentos entre os casais. As mulheres se queixam que os companheiros ficam loucos por outras *pequenas* nessa altura do ano e, além disso, muitas emigrantes retornam com a intenção de recuperar relações do passado. A preocupação de Ivone traduz bem o sentimento dessas mulheres,

Ai meu Deus, eu não vejo a hora desse verão acabar! – diante de minha admiração ela explica - Só aí Robson vai voltar a ligar para mim, tudo vai ficar calmo novamente e acabarão os problemas. No verão fica tudo muito agitado e as coisas acabam por fugir de nosso controle, é gente demais na zona! Elas vêm todas bonitas e cheirosas e eles esquecem que depois elas vão embora, nós é que vamos ficar.

Os mais jovens definem esse período da seguinte forma: *no verão ninguém é de ninguém*. Moças como Ivone são consideradas fora de contexto, por não entenderem o ritmo do verão. A troca de parceiros é muito rápida e, diante das novidades, é comum que as parceiras locais recebam um *cartão vermelho* ou sejam mandadas *para o banco*. Essas expressões são utilizadas nos casos em que o companheiro troca a mulher por uma emigrante. Nesse período do ano, a mobilidade de parceiros sexuais é tão importante que é foco de quase todas as rodas de conversa. Os rumores giram em torno dessas trocas e são inúmeros os casos de homens que abandonam suas *mães de filho* para curtir o verão com uma recém-chegada.

Analisarei as implicações das trocas de parceiros e das relações afetivas com emigrantes no próximo capítulo. Por ora, quero salientar que a rivalidade entre essas mulheres é expressa no plano simbólico e que, invariavelmente, as residentes tendem a sair perdendo nessa disputa. Os rumores assumem um lugar importante nesses casos. É por intermédio de hipóteses levantadas a respeito da conduta das mulheres na emigração, que

as locais diminuem as desvantagens de sua condição. Além disso, há tentativas de subestimar os traços característicos das emigrantes com fortes críticas ao seu jeito de vestir, falar e se comportar.

Acontece que nessa disputa pela atenção masculina as locais acabam por reproduzir, ainda que de forma tímida, tanto a moda trazida pelas emigrantes nas malas cheias de presentes, quanto um comportamento sexual mais liberal que o de costume. Entre mulheres mais jovens isso é um fato expresso na idéia de que o verão deve ser aproveitado ao máximo, período em que *ninguém é de ninguém*.

As disputas e tensões não são restritas às mulheres. Dentro da esfera familiar temos percepções diferenciadas a respeito da emigrante que retorna, e isso vai variar em grau de tensão a depender das expectativas que ela consegue suprir. No capítulo seguinte apresentarei o universo familiar no contexto da emigração e darei atenção especial aos conflitos entre emigrantes e seus pais, mães, filho(a)s e irmã(o)s. Por ora, quero enfatizar que, dentre as situações de conflitos entre mulheres, o homem sai como maior beneficiado. Enquanto alvo de disputas, ele é legitimado a circular entre as locais e as retornantes que não querem abrir mão de sua posição. Então, estas mulheres são estrelas também para os homens que tentam, persistentemente, tirar proveito de sua liberdade.

As tensões estão presentes também fora da esfera familiar. A cada evento as rivalidades são atualizadas e aparecem como frutos de perspectivas diferenciadas sobre a realidade da Boa Vista e do exterior. O fato de terem agora os *olhos abertos* faz com que as emigrantes critiquem o modo de vida local por sua estagnação, pobreza, sujeira e maus hábitos. Em um discurso ambíguo, que varia entre a exaltação da Boa Vista como o melhor lugar do mundo e as duras críticas que fazem ao modo de vida local, elas se diferenciam dos locais em um jogo de aproximação e distância.

O tradicional Encontro de Emigrantes promovido pela Câmara Municipal é o momento em que essa diferença é bem marcada. O Encontro é anual e tem por objetivo a abertura do diálogo com os emigrantes. Além dos membros da Câmara, costumam estar presentes representantes dos bancos principais do país, da TACV e do governo do Estado. Todas as instituições representadas ouvem as queixas e observações dos emigrantes presentes e, depois, tentam

informá-los e esclarecê-los. O encontro tem a duração de um dia e, após o debate, é oferecido um almoço aos participantes. As reclamações são muitas e o alvo principal é a TACV, considerada incompetente, cara e acusada de fazer pouco por *quem movimenta o país*.

O segundo alvo principal é a alfândega. Os emigrantes se queixam de pagarem preços e taxas abusivas quando desejam enviar cargas para as construções de suas casas ou para ajudar os familiares. Reivindicam também um tratamento especial, pois movimentam *a alfândega do país, que acaba por ganhar muito dinheiro em cima de quem está lá fora tentando construir uma vida melhor*.

Por último, é a Câmara Municipal que recebe diversas queixas sobre o estado em que a ilha se encontra. Na reunião que participei, as reclamações se repetiam nas vozes dos emigrantes que pediam a palavra. As questões eram sobre o excesso de lixo, falta de higiene, agressividade por parte de quem nem é da Boa Vista, problemas com a juventude local. Uma mãe se revelava preocupada, pois, quando saiu da Boa Vista deixou-a de um jeito, agora, quatro anos depois, voltou e não reconheceu mais sua ilha. *Os filhos, que deixei aqui para poder espiar vida lá fora, os encontrei em péssimo estado, sem ir à escola e dando problemas para minha família, é preciso fazer alguma coisa!*

Por vezes, a reunião decorre com reclamações mais acaloradas. Em resposta, os representantes das instituições esclarecem muito pouco. Centram seus argumentos na valorização do emigrante e nas vantagens da emigração. “Vendem” alguns produtos criados para que os emigrantes tenham um maior espaço na sociedade e, por consequência, sejam incentivados a investir nela.

No restante do dia, durante o almoço de confraternização, ouvi comentários de reprovação às inúmeras reclamações feitas pelos emigrantes. O grupo de residentes reclamava que os emigrantes só fazem criticar quem ficou e *esquecem que quando foram Boa Vista estava muito pior do que é hoje, e agora, só porque foram viver fora, ficam fazendo um monte de exigências e não vêem o que melhorou*.

Os meses de verão decorrem nesse ambiente de descontração e de disputas, ambas inerentes ao reencontro. As confraternizações (principalmente as festas, passeios no mar e acampamentos) são os momentos privilegiados de interação entre retornantes e locais. Porém, à medida que se aproxima o

mês de setembro o clima de alegria, festa e rumores dá espaço ao sentimento pesado da despedida, a hora da partida se aproxima e, em breve, o *marasmo* tomará conta das vidas de quem fica. A partida é vivida com a resignação típica de quem se diz acostumado com as idas e vindas, afinal de contas, *para voltar é preciso sair*. As disputas são suspensas, dão lugar ao sentimento de saudade e ao desejo de partir também.

5. TRAJETÓRIAS IDEAIS

Ao longo desse capítulo, procurei mostrar a estrutura migratória da ilha da Boa Vista. A discussão que quis levantar, e que continuo a debater no próximo capítulo, é a de que, se as circunstâncias que encorajam essas mulheres a emigrar, retornar e ficar, são influenciadas por um *ethos* de emigração, elas também são conseqüências específicas das experiências locais.

Mayer, em seu estudo sobre a mulher Xhosa, mostra que ela vê Londres como uma fuga para sua sujeição ao homem e a outras mulheres. A maioria concorda que Londres é o lugar para ser livre e independente. Como salienta o autor, as mulheres têm razão de gostar deste novo ambiente, onde o status depende menos do que é dado e mais do que é conquistado. Embora as distinções de sexo e idade continuem a ser relevantes nas relações interpessoais, algum dinheiro pode ser ganho, propriedades podem ser construídas ou adquiridas e experiências podem ser vividas sem depender do sexo, senioridade ou status conjugal (Mayer, 1961 *apud* Little, K, 1973).

Da mesma forma, a valorização de bens e valores externos ao universo boa-vistense faz da emigração a melhor saída para as mulheres da ilha. Apesar de parecer contraditório, é na condição de emigrante que elas podem exercer de forma plena sua posição de centralidade no domínio familiar, pois tem em seu favor o domínio de bens e valores fundamentais para viabilizar uma boa vida familiar para si e para seus parentes.

A trajetória de vida ideal para essas pessoas implica em circulação. Dentre as diversas razões para emigrar analisadas aqui, a valorização da categoria movimento (versus estagnação) aparece como ponto comum. Sair é importante não apenas pelas possibilidades financeiras de melhoria de vida, mas porque é preciso *abrir os olhos*, ver o *mundo lá fora*. E tão importante

quanto sair, é fazer circular bens, informações e valores por intermédio das encomendas e da comunicação com a terra natal. Nesse processo, os retornos periódicos aparecem como momentos privilegiados de troca entre locais e emigrantes e onde estes contribuem para alimentar uma visão do estrangeiro.

A mobilidade é parte integrante da concepção de uma vida boa, é signo de sucesso do projeto emigratório. A análise dos retornos periódicos revela que não é importante simplesmente emigrar, mas, ao longo desse processo, é ideal realizar uma série de movimentos no espaço. É no verão que os movimentos espaciais atingem o clímax e que as idéias sobre as transformações ocorridas na vida de quem saiu e quem ficou são atualizadas. Pelos conflitos, conseqüentes da posição ambígua que as retornantes assumem, essas relações são renovadas e o sentimento de pertencimento é reforçado.

Continuarei a tratar destes temas no próximo capítulo. Mais uma vez, o conceito de mobilidade e/ou circulação será importante para entender as mudanças periódicas nas formas de residência e na constituição do grupo familiar. Tendo contextualizado, primeiro, as características da vida familiar da Boa Vista e, segundo, o processo de emigração feminina da ilha, agora quero chamar atenção ao fato de que é preciso estar atento aos efeitos, na esfera familiar, desse processo que é circular, que muda continuamente e que atualiza as relações familiares na Boa Vista.

- IV -

TÃO LONGE E TÃO PERTO
A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR NO CONTEXTO DA EMIGRAÇÃO FEMININA

A emigração cabo-verdiana é um processo que envolvia somente os homens. Por isso, o regresso à Ilha de origem, para constituir família ou passar a velhice tranqüila, Era um fator rotineiro. Ocasionalmente, uma ou outra senhora cruzava o oceanos ao encontro do esposo que preferia radicar-se no exterior.

A evasão de mulheres começou timidamente. Hoje, às levas, quais rosas peregrinas, elas navegam quimeras e decepções nos países além-mar. Povoam fábricas e casas de família. Enfrentam obstáculos, inclusive a barreira lingüística, para garantir condignamente a sobrevivência (...)

São heroínas, forasteiras do destino, a quem competia à nação amparar e proteger. Esse tipo de evasão empobrece a nação denunciarmo-la porque, em seu bojo debandam-se mães, esposas e irmãs. São elas vítimas do infortúnio, rosas peregrinas que compartilham a dor de nossa tumultuada existência.

“Rosas Peregrinas”, Arthur Vieira, Noruega, 1990.

No capítulo anterior, vimos que o desejo de sair está vinculado a obrigações sociais para com a família. A busca de um futuro melhor para os filhos e da melhoria da qualidade de vida da família é fator corrente e importante na construção do discurso sobre a emigração. O presente capítulo vem aprofundar a análise sobre o caráter familiar da emigração feminina. Para isso lançarei mão dos dados analisados no capítulo II sobre a estrutura de parentesco e da vida doméstica da Boa Vista, buscando explorar a integração dessas esferas com a dinâmica do fluxo migratório e demonstrar que estratégias são desenvolvidas para manter as pessoas próximas mesmo em longas distâncias de espaço e tempo.

As redes familiares serão analisadas a partir de pontos de vista diferenciados: da mulher que emigra, do companheiro (pai dos filhos ou não), dos pais e dos filhos que permanecem. O intuito é de elucidar a experiência de uma vida familiar baseada em campos relacionais que ultrapassam a esfera local e analisar como essa experiência toca os aspectos sociais, econômicos e emocionais mais fundamentais da vida de seus membros. Já vimos que em meio a uma sociedade em que a fluidez e a mobilidade é tão valorizada, o pertencimento à família é algo permanente. O que este capítulo vem acrescentar à nossa discussão é que o sentimento de pertencer é o foco não só da vida cotidiana da Boa Vista, mas é fundamental na manutenção dos laços entre boa-vistenses em casa e na emigração.

Considero importante entender os valores culturais associados à idéia de uma “boa vida familiar” em uma sociedade marcada pela mobilidade populacional e em que a conectividade sócio-econômica em escala global tem se constituído como uma estrutura básica de sobrevivência e existência. O conceito de família na Boa Vista não se restringe ao que usualmente entendemos como sendo a esfera familiar, algo de caráter local e doméstico. Como afirma Hansen (1992) ao analisar a dimensão da domesticidade em África, as denotações do termo doméstico geralmente envolvem um espaço ou lugar físico (casa), tipos de atividades relacionadas a ele (trabalho ou afazeres domésticos), relações que implicam poder (controle, domesticação). Por outro lado, a mesma autora afirma que o domínio do doméstico não pode ser definido de forma estática, mas deve ser concebido como um domínio analítico para o estudo e com significados culturais que variam histórica e culturalmente.

Este é o desafio que me proponho a enfrentar no presente trabalho: entender uma concepção do doméstico ou do familiar que anda junto com a idéia de dispersão e emigração de alguns de seus membros. Meu objetivo é dar conta de um contexto em que as obrigações familiares (sociais e econômicas) não estão concentradas em unidades familiares nucleares, mas fazem parte de amplas redes de relações entre parentes que se encontram distantes no espaço e no tempo e que, ainda assim, desempenham importantes papéis.

O que veremos a partir dos dados etnográficos que apresento é que a distância espacial não diminui, necessariamente, a proximidade (*relatedness*)

das relações de parentesco. A idéia de proximidade ou intimidade na esfera familiar boa-vistense está menos ligada às noções de tempo e espaço do que na reciprocidade das interações familiares, dos cuidados e no cumprimento das obrigações entre membros da família. Na análise de três tipos de relações fundamentais – das mulheres emigrantes com seus pais, companheiros e filhos – buscarei demonstrar que o que conta é o fato dos membros estarem desempenhando os seus papéis, mesmo que distantes fisicamente.

Além disso, a emigração de um membro feminino, que poderia nos levar a pensar que seria fonte de uma reorganização dos grupos domésticos a tal ponto que questionasse a ideologia da centralidade feminina, acaba por reforçar as relações de gênero nessas famílias. Voltamos, então, a discussão sobre matrifocalidade.

No processo de construção de meu projeto de pesquisa, quando entrei em contato com a literatura sobre o tema (discutida no capítulo II), minha primeira reação foi a de que o estudo na Boa Vista viria contrapor tais teorias. Afinal, como falar de matrifocalidade se a mulher-mãe não está presente? Fatalmente, caberia ao pai tomar para si a responsabilidade dessas crianças e, se isso fosse verdade, sua posição ausente e distante seria transformada a partir da saída das mulheres. Muito cedo descobri que esta reflexão inicial estava mais baseada em referências culturais do que é ser pai e mãe em minha sociedade, que nas formas como os boa-vistenses pensam e agem a este respeito. Com minha análise espero demonstrar que não é assim que as coisas ocorrem e que a saída de mulheres leva a novos arranjos matrifocais, ou melhor, ao fortalecimento de um modelo centrado na mulher que já é importante na sociedade cabo-verdiana: a relação avó-neto⁵² e a rede de solidariedade feminina.

Para entender meu argumento de que, embora espalhados, mães, filhos e avós mantêm laços fortes, e mais, que embora próximos, pais e filhos continuam distantes, volto ao conceito de proximidade utilizado no capítulo II, pois tal conceito será fundamental para o entendimento dessa família dispersa. Tal como proposto por Carsten (2003) e Van Der Geest (2004), a idéia de

⁵² Ainda não será nesse capítulo que empreenderei a análise dessa relação. Dada sua centralidade para a vida familiar boa-vistense, o relacionamento entre netos, avós e outras mulheres da família merece um capítulo próprio (capítulo V).

relatedness é de que relações devem ser vistas como “construídas pela prática cotidiana”, mais do que por uma natureza imaginada ou a existência formal de laços de sangue. No universo do parentesco, há um espaço que precisa ser preenchido por signos de proximidade: dar e receber, dependência mútua, trocas recíprocas de valores materiais, de conhecimento e de sentimento.

Como procurarei salientar pela etnografia que apresento a seguir, as relações entre parentes na Boa Vista precisam ser praticadas em solidariedade e assistência recíproca. Se isso não acontece, não há algo em comum, e os laços familiares se tornam tênues. Então, não é a distância física que afrouxa os laços entre mães e filhos, pais e filhos ou entre marido e mulher, mas a quebra das formas de compartilhar. Se, mesmo na emigração, os parentes conseguem criar e recriar relações de interação, cuidado e afeição por trocas recíprocas, ou seja, constroem uma base comum, a relação permanece forte e importante para ambos.

1. FAMÍLIAS DE EMIGRANTES

Cilésia foi criada longe da mãe, que emigrou quando ela tinha 10 anos de idade. Graças a sua saída, a família de Cilésia possui uma casa grande e confortável no centro da vila de Sal-Rei, nunca passaram necessidade e, com o passar do tempo, todas as mulheres da família conseguiram sair para a emigração. Cilésia hoje vive na Itália, na mesma cidade em que se encontram a mãe e as irmãs. Ela partiu há seis anos, deixando cinco filhos na Boa Vista. O pai dos três primeiros também é emigrante e vive bem na Inglaterra. Ela conta que ele tem *feito sua vida* por lá, inclusive já formou nova família, e nunca deu qualquer ajuda aos filhos que ficaram. Os dois mais novos, cada um tem um pai diferente, mas a história é a mesma, os pais nem se lembram que os filhos existem, apesar de viverem próximos fisicamente.

Mesmo com a ajuda que recebeu da mãe para cuidar dos filhos, Cilésia sempre levou vida dura na Boa Vista. Relata que nunca teve medo de trabalho e que, quando era preciso, trabalhava como homem. Chegou a carregar pedras na construção do Marine Club⁵³. *Trabalho na Boa Vista sempre foi difícil, por*

⁵³ Primeiro hotel turístico construído por italianos na Boa Vista, no princípio dos anos 90.

isso não podia escolher. Além disso, tirando minha mãe, nunca tive a ajuda de ninguém, muito menos de meus pais-de-filhos!

Seu sonho era emigrar, pois *na Boa Vista se trabalha como um burro e não se consegue construir nada, mal se consegue o que comer. Lá na Itália não é assim, a vida na terra de gente é mais dura que na Boa Vista, mas com o que ganho, envio para a família e ainda consigo comprar o que quero para mim e para os meus.*

Sua grande tristeza é estar longe dos filhos. Em nossa conversa, ela até levanta a possibilidade de levá-los, mas diz que se o fizer não terá condições de construir uma casa e um futuro. Explica que os filhos devem ficar na Boa Vista para que ela consiga fazer o dinheiro render. O mais novo tem seis anos e vive com a companheira do irmão de Cilésia. Os quatro maiores estão espalhados, dois nas casas das famílias paternas (com as avós), e os outros na casa que foi construída pela mãe de Cilésia e que abriga os dois filhos homens e suas famílias. Relata que a vida não tem sido fácil para suas crianças, mas que todos têm que fazer sacrifício.

Apesar da distância, Cilésia se considera próxima e presente no dia a dia das crianças. *Não há um dia que não pense neles e que não lamente pelo fato de estar longe.* Para aliviar a saudade, telefona todas as semanas, manda encomendas e dinheiro, está sempre preocupada em saber se estão bem e precisando de algo. Esclarece-me que eles entendem sua ausência e que sabem que ela faz o sacrifício de viver na terra dos outros por eles. Além disso, está sempre fazendo o esforço de voltar para a ilha no verão.

Desde que emigrou, tirou férias duas vezes. A primeira quando a avó que lhe criou morreu e a segunda no ano de 2004, período em que nos conhecemos. Diz que voltar para sua terra é a maior alegria que pode ter, vive na Itália pensando no dia em que poderá retornar. Porém, tem que ter paciência. Antes de retornar é preciso construir sua casa com um espaço para abrir um negócio e viver tranqüila em sua terra. Enquanto isso vai fazendo o que pode para ajudar seus meninos a terem um futuro melhor.

Quanto ao namorado, também define a relação como difícil. Cilésia diz ser ciumenta. Apesar de saber que não se pode exigir fidelidade de um homem, especialmente se a mulher está longe, o casal vive muitos conflitos por causa do que fica sabendo quando está na Itália sobre as *pequenas* que ele arranja

em sua ausência. *Por isso brigamos muito, mas o importante é que quando chego, ele se dedica só a mim. Todas as outras vão para o banco!*

O relato acima levanta algumas questões importantes a serem discutidas aqui. Especialmente quando crianças estão envolvidas, emigrar não é escolha fácil para as mulheres que saem. Elas enfrentam o dilema de querer seguir o sonho da emigração, mas têm que abrir mão (pelo menos num primeiro momento) do laço de proximidade física que caracteriza o binômio mãe-filho em Cabo Verde. Na perspectiva das mulheres boa-vistenses, não se pode ter ambos: viver com os filhos e sustentá-los. Nesse contexto, a decisão de partir passa a ser entendida como forma eficaz de melhorar a vida dos filhos por meio de um sacrifício que é partilhado por todos na família, o das crianças serem criadas “sem a mãe”. Essa decisão requer a participação de todos da família e um duplo desafio, o primeiro, antes da partida, de criar uma estrutura de apoio para os que ficam e, segundo, uma vez lá fora, lançar mão de ações para se manter próxima.

1.1. Viabilizando a partida

É bastante comum o fato de o pai ser distante dos filhos. Mesmo quando está perto, até dentro de uma mesma casa, a relação entre eles é caracterizada pela distância e formalidade. Nos casos de emigração masculina na Boa Vista, são freqüentes os relatos como o de Cilésia, em que o pai emigrou, constituiu família fora e não mantém contato com os filhos deixados na ilha. Como é comum o sentimento de que o homem não tem apego às questões de família, é de certa forma, esperado que ele “esqueça” os seus familiares quando sai. Isto não significa que tal afastamento não cause desapontamento, principalmente para os filhos.

Entretanto, é preciso contextualizar o discurso da distância masculina presente na fala dos boa-vistenses. Devo lembrar que não são somente as mulheres que emigram na Boa Vista, embora elas sejam a maioria. Num contexto mais amplo (Cabo Verde como um todo), os homens emigram mais do que as mulheres e as remessas aparecem como recurso fundamental para a economia do país. Como explicar, então, a idéia recorrente de que o homem é distante e não tem apego à família? Para sair desse impasse, sugiro

prestarmos menos atenção ao papel do homem como marido-pai e vemos os personagens masculinos de forma mais ampla, enquanto membros da família.

No caso de Cilésia, apesar dela dizer que não tem o apoio dos pais de seus filhos, pode-se observar que toda a rede de solidariedade feminina formada no sentido de facilitar sua saída, foi mediada por um personagem masculino. Como sua mãe não estava presente para assumir os cuidados com os filhos, nossa informante lançou mão das avós paternas e da companheira de um dos irmãos para “agüentarem” as crianças. O vínculo estabelecido foi entre mulheres, mas passou pela mediação da relação com um homem, ou melhor, dos homens com os quais ela teve filhos e por seu irmão. Mais interessante ainda é salientar que uma das avós paternas que está agüentando os netos é a mãe do pai-de-filho emigrado (de quem Cilésia reclama por nunca ter dado nada aos filhos) e que este manda remessas regulares para a mãe.

O que essa contextualização nos mostra é que, o discurso de que o pai-de-filho não ajuda e que é uma figura distante para a mãe e os filhos, vem diretamente do discurso das mulheres. Porém, se observarmos um contexto mais amplo perceberemos que a ausência física do homem não equivale à ausência simbólica, sua presença muitas vezes é garantida e assegurada pela participação de suas irmãs, tias ou mães na vida das crianças. Ter um pai-de-filho pode, portanto, ampliar as possibilidades de ter quem “agüente” uma criança em caso de saída da mulher.

Os vínculos que a mulher estabelece à distância acabam por gerar expectativas de que sua saída trará benefícios a todos. Assumir os filhos de uma emigrante pode significar a garantia de uma vida melhor. Para que uma mãe emigre, é preciso que as mulheres (avós, irmãs ou filhas mais velhas) que ficam passem a assumir suas tarefas domésticas, a educação e os cuidados com os filhos. Então, sendo as mulheres atores centrais no universo familiar, é a permanência delas na ilha que viabiliza a emigração de outras mulheres do grupo doméstico. Como a história de Cilésia ilustra, o fato da mãe ou outra mulher da família não poder assumir as tarefas da futura emigrante pode adiar, encurtar ou mesmo inviabilizar um projeto migratório⁵⁴.

⁵⁴ Como salientei, o fato de o pai estar presente na ilha influi nessa negociação somente de maneira indireta. Não se espera que ele assuma a responsabilidade em caso de saída da mulher. Em nenhuma das situações que presenciei, vi o pai fazer parte das discussões sobre

Em meu trabalho de campo, pude acompanhar a angústia de Elsa ao tentar conciliar a emigração e os cuidados com os filhos. Assim como no caso de Cilésia, a base do problema está no fato das avós maternas não encontrarem-se disponíveis para assumir a criação dos netos. A mãe de Elsa também vive na emigração desde que ela era criança. Elsa foi criada pela avó já falecida, até que, aos 23 anos, a mãe conseguiu reunir a documentação para que a filha se juntasse a ela na Itália. Elsa já estava fora há cinco anos e retornava periodicamente de férias para visitar a família e encontrar o companheiro. Após o último verão que passou na ilha, já retornou para a Itália grávida. Conseguiu apoio dos patrões e teve a criança lá mesmo, porém, para continuar trabalhando e morando na casa deles, teve que trazer a filha para Boa Vista.

Ao longo do verão de 2004, Elsa tentou conseguir que alguém lhe agüentasse a criança. O problema era encontrar uma pessoa em quem confiar. *Não posso deixar minha filha com qualquer pessoa, tenho que ter a certeza de que será bem cuidada. Minha irmã tem muitos filhos e não é muito boa da cabeça* (no sentido de não ser responsável). *A outra vive lá na barraca⁵⁵ com um badiu. Minha sobrinha é cabeça leve, parece até que está grávida. Se minha mãe estivesse aqui, eu não teria esse problema!* Questionei sobre a possibilidade de a criança ficar com o pai e sua resposta foi enfática, *Deus me livre! Depois que eu for embora ele põe outra mulher dentro de casa para maltratar minha filha, isso nunca! Sento na Boa Vista, mas não deixo pixinguinha* (prostituta) *nenhuma pôr as mãos nela!* Questiono, então, sobre a avó paterna. Ela responde que seria uma opção caso ela já não fosse *mulher grande* (senhora idosa). Além disso, ela não tem filhas mulheres que possam lhe ajudar⁵⁶.

quem ficará com as crianças ou jovens. Em geral, ele continua sem dar assistência direta aos filhos e é a mãe, na emigração, quem mantém as crianças pelo envio de remessas financeiras para as despesas com alimentação, taxas escolares e outros. Além de manter o filho, ela ajuda financeiramente e, muitas vezes, sustenta toda a família que permanece na Boa Vista.

⁵⁵ Espécie de bairro periférico à Vila de Sal-Rei com construções improvisadas com papelão, alumínio e restos de construção, Local habitado por trabalhadores oriundos de Santiago (badius) e africanos do continente (mandjacos).

⁵⁶ Mais uma vez saliento que, embora em segundo lugar, a avó paterna faz parte da rede de solidariedade feminina na tarefa de agüentar as crianças. É, portanto, uma rede que se estende além dos laços consangüíneos da mulher, englobando também laços do que pode ser chamado de uma "afinidade precária". A resposta de Elsa fortalece minha teoria de que o

Num primeiro momento, não entendi a dificuldade de Elsa. Sempre que via a criança, ela estava sob os cuidados de alguma das irmãs ou mesmo da sobrinha de *cabeça leve*. Ao longo do verão, Elsa e o *pai-de-filho* circularam por todas as festas, passeios e eventos e, sempre que perguntava pela filha, ela dizia que estava em casa com alguém tomando conta. Mais tarde, compreendi que o problema não era encontrar uma pessoa que cuidasse da filha, mas alguém que assumisse o *lugar de mãe*. Idealmente, esse lugar só poderia ser de sua mãe ou alguma outra parente confiável. Como a primeira não se encontrava presente e outras mulheres de maior idade não tinham disponibilidade, as opções de Elsa, dentro da esfera familiar, estavam restritas às irmãs e sobrinhas.

Chegado o fim das férias, Elsa teve que retornar para a Itália com a filha. Para não perder os papéis, ou seja, o direito de entrar na Itália e de renovar a documentação e teve que arriscar levá-la. Isso implicaria ter que colocá-la numa creche e alugar um quarto para morar. Segundo seus cálculos, os gastos que teria que assumir equivaleriam a mais da metade de seu salário. Elsa partiu em setembro de 2004 e em março de 2005 já estava de volta. Agora com a documentação renovada, teria mais tempo para tentar solucionar o problema. Ficar com a criança na Itália era, realmente, inviável.

Quando discuti essa questão com outras mulheres, observei que o fato de ter filhos pequenos é um problema, especialmente nos casos de ausência ou falta de disponibilidade das avós. É claro que outras mulheres da família podem assumir as crianças, e isso acontece com muita frequência, porém, essa situação exige um nível de negociação diferenciado e, frequentemente, acaba por gerar conflitos familiares.

Teoricamente, qualquer mulher da família da mãe, ou até mesmo uma vizinha ou amiga próxima pode assumir uma criança que fica, porém, muitas emigrantes reclamam que é difícil conseguir uma casa para deixar os filhos. Se para a avó, assumir um neto é um fato natural e, como veremos no capítulo V, até desejado por elas, para as outras mulheres da família esta responsabilidade só é demandada quando não há alternativa. Não quero passar ao leitor a impressão de que ficar com filhos de outras é um fardo. A

presença de uma criança estabelece um vínculo maior entre a família hospedeira e a emigrante, o que pode ser muito vantajoso para os que hospedam. A criança só passa a ser um peso quando a mãe não cumpre o papel de provedora. O que vale salientar é que, nos casos em que a avó não se encontra disponível, encontrar outra mulher exige, por um lado, negociação e o oferecimento de contrapartida por parte da emigrante e, por outro, uma maior cobrança de quem fica pelo cumprimento das obrigações materiais de quem parte.

A seleção da mulher ideal para agüentar os filhos que ficam está na definição do que é “ficar no lugar da mãe”. Discutimos no capítulo II os casos de crianças que sofrem maus tratos quando vão viver em casas de parentes ou amigos dos pais. O receio de que os filhos não recebam os cuidados adequados, que sejam tratados como empregados (assumindo todos os mandados da casa) ou que não recebam alimentação adequada é um tema recorrente quando uma mãe decide emigrar. É, portanto, uma preocupação central das mães emigrantes que sua substituta preencha os requisitos de tratar as crianças que ficam como se fossem suas.

A história de Marlice ilustra meu argumento. Marlice perdeu a mãe muito jovem, foi ela quem assumiu a casa e os cuidados com os irmãos mais novos. Anos depois conseguiu emigrar com a ajuda de uma tia. Deixou a filha, que tinha um ano, sob os cuidados de uma outra tia materna. Hoje a menina tem 12 anos e já morou em cinco casas diferentes. Marlice conta que em cada casa foi um problema, tendo até o caso de enviar dinheiro todos os meses e a filha não receber nada.

Mesmo estando longe, Marlice conseguia monitorar e solucionar os problemas com a filha. A cada conflito mais sério, ela retornava à Boa Vista para mudar a menina para a casa de outro familiar confiável. Segundo ela, sempre há uma cunhada ou prima disponível, mesmo porque cuidar da menina significa receber todos os meses uma ajuda para as despesas da casa. Mas, se por um lado o dinheiro é um atrativo, por outro, é em torno dele que giram os conflitos entre as emigrantes e os familiares que permanecem na ilha. Por esse motivo, hoje Marlice não se relaciona com alguns membros de sua família.

No olhar das emigrantes, o dinheiro que enviam é frequentemente desviado para outros gastos e não usado com os filhos. Reclamam que as pessoas na Boa Vista pensam que elas são ricas e que devem sustentar a todos da família. Tenho muitos relatos desse tipo de conflito, onde as crianças se queixam de maus-tratos, de não receberem os presentes enviados pelas mães e de se tornarem as responsáveis por todos os afazeres domésticos das casas onde estão “hospedadas”. Para as mulheres que assumem as funções de mãe (e não estou incluindo aqui as avós), o dinheiro enviado pela emigrante quase nunca é o bastante. As reclamações são de que elas não enviam com regularidade ou de que o que mandam não é o suficiente. Em sua visão, acabam por assumir não só os cuidados com as crianças, mas também a responsabilidade por seu sustento.

Apesar dos conflitos, assim como a emigrante depende dessa rede de solidariedade para poder efetivar um projeto migratório, as mulheres que ficam contam com a saída de um dos membros de seu grupo familiar para uma melhoria na qualidade de vida e para que tenham a possibilidade de sair no futuro. Nesse processo, a criança é o elo que une mulheres que partem e mulheres que ficam. Mesmo quando é a avó quem assume uma criança, outras mulheres auxiliam nos cuidados e buscam se aproximar da mãe que está fora. Os filhos são, ao mesmo tempo, um motivo e uma dificuldade para a efetivação de um projeto de emigração. E uma vez que a mulher sai, eles são os grandes vínculos entre a mãe e a família.

1.2. Quando as mulheres saem

A expectativa em torno das remessas é fonte de conflitos familiares também em outras esferas. Nos casos de pais idosos ou que vivem em dificuldades financeiras, os irmãos que permanecem esperam que a emigrante assuma a responsabilidade com os gastos relacionados à saúde e ao sustento deles. Frequentemente esse tipo de pressão é feita sob a justificativa de que, se ela está no estrangeiro, é porque foi apoiada pelos familiares. Então, nos momentos de necessidade, é ela quem tem a obrigação de retribuir. Nos casos de mulheres que deixaram filhos, essa obrigação é ainda maior.

É importante observar que tais obrigações não são somente impostas à emigrante pelos que ficam, ela mesma toma para si a responsabilidade de

contribuir econômica e afetivamente para a melhoria da qualidade de vida dos filhos, pais e demais familiares. Como veremos, há diversas maneiras de estar perto mesmo quando se está longe, as remessas de dinheiro e envios de presentes fazem parte dessas estratégias de aproximação.

Monteiro (1997) afirma que, por causa da emigração feminina, se observa uma fragilidade do núcleo familiar monoparental constituído pelo binômio mãe e filho. No plano familiar, a emigração exerceria um papel importante na transformação e no afrouxamento das estruturas de base e, pouco a pouco, iriam emergindo na sociedade cabo-verdiana diversos tipos de família em oposição à família tradicional.

As relações familiares das emigrantes tendem a se fragilizar com a distância, mas meu argumento é de que não há, necessariamente, um afrouxamento das estruturas. A situação que analiso mostra que, apesar da ausência prolongada, a mulher emigrada consegue manter uma relação estreita com os familiares na ilha e que, mediada por uma rede de informações entre mulheres e pela forte ligação dela com os filhos, a emigrada não só é informada sobre os acontecimentos, mas é um membro presente nas decisões diárias do grupo. Diversas são as estratégias utilizadas para que essa relação seja atualizada apesar da distância.

A comunicação por telefone é um meio eficaz na manutenção dessa proximidade com a realidade local. As emigrantes telefonam semanalmente para parentes e amigos e são informadas do que acontece na ilha. Os contatos à distância não são novidades em Cabo Verde, eles vêm trocando saudações e notícias ao longo das décadas por meio de cartas e mensagens. Com a modernização dos meios de comunicação no país, a frequência desses contatos tem aumentado nos últimos tempos e se tornado um meio eficaz de aproximação.

Apesar de serem restritas, especialmente para quem está em Boa Vista, devido aos preços altos, grande ênfase é dada às conversas telefônicas. Em todos os relatos de emigrantes que buscavam mostrar a preocupação de estar próxima, apesar de viver por anos na emigração, observei a importância dada à frequência dos contatos telefônicos, *há cinco anos não voltava para minha terra, mas telefonava todas as semanas* (Lila). Tive a oportunidade de presenciar algumas dessas conversas percebendo que o contato não se

restringe as conversas genéricas, ao contrário, a emigrante é informada de detalhes do dia a dia da família e da vida na ilha. Ela conta pouco de si, parece estar ávida por saber das “novidades” e suas interlocutoras são muito hábeis ao fornecer as informações.

Para quem está na ilha, essa é a oportunidade de comunicar suas necessidades e suas frustrações acerca da vida em Boa Vista, de demandar o envio de dinheiro ou qualquer outra coisa que necessitem, bem como de expressar o desejo de sair e cobrar da emigrante a ajuda prometida nesse processo. Para as emigrantes, é o momento de exporem seu sacrifício, explicarem que a vida no estrangeiro é uma ilusão e, principalmente, é o meio que encontram para alimentar o sentimento de pertencimento à sua terra e à família deixada na ilha.

É por meio dos contatos telefônicos que elas continuam a fazer parte da rede de rumores, essencial na vida cotidiana da ilha. É comum ouvir que as “italianas”, lá na Itália, sabem de eventos acontecidos na ilha, antes mesmo que os habitantes locais tomem conhecimento. Algumas pessoas brincam dizendo que a Telecom (companhia telefônica local) tem uma via direta aberta entre a Boa Vista e a Itália, só isso justificaria o fato das informações chegarem tão rápido àquele destino. Estar inserido nessa rede significa proximidade, pois só aos de dentro é permitido o acesso a informações veiculadas pelos rumores. Para exemplificar, cito meu caso. Apesar de ter vivido muitos anos na Boa Vista e, de certa forma, ter conseguido inserção em uma família cabo-verdiana por meio do casamento, raramente tinha acesso direto aos rumores familiares, pois era considerada de fora e, aos de fora, não é permitida a entrada em um mundo que é, como eles mesmo dizem, tipicamente crioulo.

A circulação dos rumores é tão importante que, na Itália, elas criaram mecanismos de encontros que permitem o fluxo das informações que são atualizadas semanalmente. Os encontros nos dias de folga, em praças ou centros de confraternização da comunidade imigrada são os momentos de efervescência para as trocas de informações que receberam. Elas espalham rumores e ficam atualizadas sobre quem fez o quê, sobre os arranjos amorosos, crises e novidades da ilha. Emigrantes contam que os encontros semanais renovam suas energias para mais uma semana de trabalho, nesses momentos elas tentam recriar o ambiente boa-vistense para conseguir suportar

a distância e a saudade. Relatam que os telefonemas e, depois, o compartilhamento das informações são fundamentais para a continuidade dos sentimentos de pertencimento aos grupos familiar e de vizinhança.

As trocas de encomendas são também outro meio eficaz de estar em contato. Há um fluxo constante de bens e presentes entre emigrantes, seus familiares e amigos que residem na ilha. A troca à longa distância pode ser feita utilizando os serviços dos Correios e dos barcos de cargas cada vez mais freqüentes entre a Itália e a ilha da Boa Vista devido ao desenvolvimento turístico. Porém, o mais comum é se utilizar do fluxo de pessoas para o envio de encomendas. Não aproveitar a viagem de um conhecido para o envio de qualquer lembrança é mal visto pelos familiares. Se o “esquecimento” não for imediatamente justificado, é interpretado como falta de interesse, descaso e até ingratidão.

Tanto as remessas quanto a troca de presentes (ou encomendas) são interpretadas como signos de “ser lembrado” e como sinal de que a lealdade familiar não foi quebrada por parte de quem partiu. É preciso ficar claro que os envios ocorrem de ambas as partes, por isso estou falando em troca. É tanto obrigação da emigrante, quanto dos familiares enviarem coisas periodicamente. O que se troca é que é diferente.

Cabem as primeiras, o envio de dinheiro, bens que podem adquirir na Europa (roupas, sapatos, bijuterias da moda ou algum item específico encomendado por algum familiar) e medicamentos que sejam difíceis de encontrar nas ilhas. Aos locais, cabe o envio de coisas da terra: queijo, aguardente de cana, ponche, bolachas, pães, peixe seco, mariscos (especialmente lagosta) e doces. As emigrantes também solicitam o envio de fotos dos parentes, especialmente dos filhos.

Como é de se esperar, esse fluxo aumenta no período do verão. O anúncio da chegada de cada emigrante gera expectativas por parte dos familiares e amigos mais próximos. Da mesma forma, a proximidade do retorno à Itália também provoca uma corrida às casas das emigrantes para que levem pequenos (por vezes nem tão pequenos assim) pacotes em sua bagagem. Pedir a alguém que leve uma encomenda, até mesmo quantias elevadas de dinheiro, não causa qualquer problema às pessoas da Boa Vista, pelo

contrário, negar ser o portador é que é fonte de constrangimento e comentários maldosos.

Apesar de ser prática comum e “natural”, a troca de encomendas é uma constante fonte de tensões na esfera familiar. O primeiro conjunto de conflitos gira em torno das expectativas geradas pela troca. Isso não ocorre tanto quando ela parte de alguém que está na ilha, é relativamente fácil saber o que enviar para quem está fora do país. Qualquer coisa que remeta à terra natal e que cumpra a função de diminuir a saudade será recebida como um sinal de carinho por parte de quem está fora. Uma canção de sucesso reflete bem esse sentimento.

Dia que bô bá pa Cabo Verde bô perguntam
 O quê cum cria dalá pa bô trazem
 Oiá um pergunta que bô ta fazem
 Bô crê sabê o quê cum crê pa bô trazem
 Oiá um pergunta que bô ta fazem
 Bô crê sabê o quê cum crê de nha terra
 Trazem só um cartinha
 Pa ca pesá na bô mala
 Trazem só um cartinha
 Ma dôs regrinha
 Ma naquel cartinha trazem Morabeza
 Naquel cartinha trazem um Serenata
 Ma naquel cartinha trazem nha crêcheu
 Naquel cartinha trazem tude quel Mar Azul⁵⁷

Só um Cartinha (letra e música: Lura)

Para quem está fora, qualquer signo que os conecte à terra natal é importante para alimentar o sentimento de pertencimento e para manter a proximidade. O recebimento de encomendas significa que se é lembrado pelos que ficaram em Boa Vista. Isso é fundamental na relação à longa distância, pois a alimenta. Tanto é importante ser lembrado, quanto é fundamental para quem ficou na ilha, lembrar de uma emigrante. Quem envia, espera receber em troca. Estamos aqui no reino da reciprocidade, assunto antigo na antropologia.

⁵⁷ No dia que você foi para Cabo Verde, você me perguntou/ o que eu queria de lá para você me trazer/ olha que pergunta que você me faz/ você quer saber o que eu quero que você me traga/ olha que pergunta que você me faz/ você quer saber o que eu quero da minha terra/ me traga só uma cartinha/ para não pesar em sua mala/ me traga só uma cartinha/ e algumas notícias/ mas nessa cartinha me traga morabeza/ nessa cartinha me traga uma serenata/ mas nessa cartinha me traga o meu amor/ nessa cartinha me traga todo aquele mar azul. (tradução minha)

Porém, quando a encomenda é enviada por uma emigrante, a relação se torna mais complexa, pois, a depender do grau de proximidade entre quem dá e quem recebe, a troca pode ser fonte de conflitos. A emigrante não deve só enviar bens, mas em grande quantidade e de boa qualidade. Observei freqüentes demandas por parte dos parentes que, quando não satisfeitas, eram motivos para acusações de avareza ou de ingratidão.

Em minhas visitas vespertinas, parei um dia na casa de Nha Tina para tomar um suco. Estávamos conversando sobre generalidades quando tocou o telefone, era sua filha Julinha chamando da Itália para informar que tinha enviado algumas caixas de encomenda por um barco que deveria chegar à Boa Vista na semana seguinte. A notícia logo se espalhou por toda a família. Antes de embarcar, há 15 anos atrás, Julinha deixou duas filhas (Diana e Rô) sob os cuidados de Nhá Tina e ambas ficaram ansiosas por saber das novidades que a mãe havia enviado. Duas semanas mais tarde, ouvi que um barco da Itália havia atracado no cais da Boa Vista. Segui para a casa de Nha Tina, pois também estava curiosa para saber o conteúdo das encomendas. Julinha havia mandado roupas, a maioria usadas, alguns alimentos não perecíveis (café, chocolates, enlatados), produtos de limpeza para a casa e artigos de higiene pessoal. Diana e Rô estavam decepcionadas com o que receberam, me mostraram as roupas e perfumes e exclamaram, *Olha só, Julinha⁵⁸ só mandou coisa chlalá (de má qualidade)! Isso aqui tem na loja do chinês aqui mesmo na Boa Vista, não precisava mandar da Itália!*

Fica claro aqui, o valor dado à troca de materiais na definição da qualidade da relação. As relações das emigrantes com seus familiares são descritas em termos de quem deu o quê para quem e em quais circunstâncias. As trocas materiais são obrigatórias nessas circunstâncias e as mulheres são avaliadas, parcialmente, pelo quanto, o que e como dão aos parentes. Quando Julinha enviou artigos considerados de má qualidade para as filhas, gerou um desapontamento geral, isto porque a troca de bens materiais é um instrumento importante para a manutenção do elo em situações de distância prolongada, é

⁵⁸ Chamo atenção do leitor para o fato de que a mãe é tratada aqui pelo nome próprio, o que pode ser visto como uma marca de igualdade, uma ausência de hierarquia. No próximo capítulo veremos a diferença entre a mãe e a *mamã*, denominações que não são meramente referenciais. São importantes índices da qualidade diferenciada das relações entre mães, avós, filhos e netos.

tida como forma de compensar a ausência de um suporte emocional. As emigrantes vivem, portanto, na tentativa de encontrar um equilíbrio adequado na busca por manter a relação viva.

Mas a troca constante de encomendas esbarra, ainda, numa outra fonte de tensões: a necessidade de envolver um terceiro, o portador. Um parente ou amigo próximo que viaja está sempre na posição delicada de não poder negar ser o portador de uma encomenda. Quando seu destino é a Boa Vista, o problema está na responsabilidade de trazer grandes somas em dinheiro. Ouvi muitos casos de pessoas que alegaram ter perdido o dinheiro no caminho ou de terem sido roubadas, justificando o fato da quantia não ter chegado ao destino final, o que pode gerar graves conflitos entre as famílias envolvidas. Mas o problema maior está no excesso de bagagem. Em meu diário de campo encontro essa anotação:

Chy embarcaria para Itália amanhã de manhã e estava super chateada com o tanto de encomenda que tem para levar, "só coisa de gente"! Vidros de doce, bolacha de São Vicente, milho pilado, queijo de cabra, garrafa de ponche e grogue e mais uma variedade de produtos daqui que as famílias mandam para os que estão na Itália quando tem alguém partindo, as tais encomendas! Isso é um grave problema como bem define Chy: se você leva tudo que te dão para levar para os outros, corre o risco de deixar suas coisas para trás para levar coisas de gente; se você diz que não vai levar, as pessoas se chateiam e param de falar com você para o resto da vida e te chamam de tudo enquanto; se você resolve levar tudo, paga um monte de excesso!

Tensões como estas são constantes. Aqueles que partem passam pelo constrangimento de ter que levar grandes quantidades de encomendas, inclusive correndo o risco de serem barrados na alfândega do país de destino por portarem muitos litros de bebidas alcoólicas, frutos do mar, latas de atum e outras coisas. Observo que apesar de verem a situação de portador como negativa, não negam ser portador de uma encomenda. Vemos aí, também, a importância da reciprocidade, pois se hoje se é portador, amanhã o viajante poderá ser aquele que envia ou que recebe. A rede não pode, então, ser quebrada mesmo que isso seja causa de constrangimentos nos aeroportos por onde se passa.

Essas são questões que devem ser constantemente negociadas na esfera familiar. As trocas à longa distância são fundamentais para manter as

peças juntas. A própria existência de conflitos dá a noção da proximidade. Só se espera algo de quem se está próximo, os distantes não são nem lembrados e, conseqüentemente, não fazem parte da rede de reciprocidade que opera entre Boa Vista e Itália.

Ao buscar pelos padrões de personalidade africanos Levine (1973) argumenta que as famílias africanas não têm que permanecer intactas residencialmente para que se mantenham social e psicologicamente reais para seus membros. Nem as obrigações de parentesco e casamento diminuem com a ausência prolongada de um de seus membros. A ausência física é mitigada por uma lógica transnacional de obrigações materiais. A análise de Levine aproxima o caso da Boa Vista do que ele chama de um padrão africano, onde proximidade nem sempre quer dizer proximidade física. Este argumento será aprofundado mais adiante.

2. EMIGRANTES E SEUS PAIS

Neste ponto do trabalho, considero que já está claro que na Boa Vista a relevância da proximidade geográfica não é um pré-requisito para manter laços familiares estreitos. Temos visto também, que a qualidade e quantidade dos contatos vão variar a depender da manutenção de obrigações recíprocas entre os que saíram e os que permanecem. Porém, sempre será possível argumentar que esse jogo de reciprocidade transnacional não passa de uma forma de mitigar a distância física e que certas tarefas importantes da vida familiar são impossíveis de serem realizadas à distância. Defendo que a idéia de “cuidados à distancia” contrapõe esse argumento e que, por meio destes cuidados, parentes distantes conseguem ser tão presentes quanto aqueles que convivem diariamente.

As relações entre pais e filhos, especialmente entre mães e filhas, são de fundamental importância na esfera familiar cabo-verdiana. Assim como as mães dão apoio aos filhos, é esperado que estes retornem os cuidados recebidos quando as mães e pais estão idosos. A emigração das filhas, em grande parte apoiada e incentivada pelos pais, parece se constituir uma estratégia interessante para obtenção de apoio material e financeiro na velhice.

Mas algumas questões surgem daí: será que a distância prolongada acabaria por reduzir não só a frequência das visitas e dos contatos telefônicos,

mas também limitaria as remessas e o apoio inicialmente proporcionado com a distância? Nesse sentido, os filhos próximos acabariam por assumir o papel de cuidar e de serem responsáveis pelos pais, enquanto os que se encontram fora tenderiam a se distanciar. Por outro lado, caso essa estratégia opere, os cuidados das filhas distantes se restringiriam a dar apoio material, ou elas lançariam mão de estratégias de aproximação?

Para dar conta dessas indagações com relação à distância geográfica no universo dos cuidados para com os pais é preciso analisar a importância do que vou denominar de cuidados à distância. Meu argumento é de que, em geral, as emigrantes não só buscam se manter próximas ao longo do tempo (por intermédio das estratégias já analisadas nesse capítulo), mas também cumprem importantes funções de ajuda e apoio, não só material. Minha definição de cuidados incorpora, então, a angústia presente no discurso das emigrantes que revela tanto a prática e a emoção de cuidar dos pais pela frequência dos contatos, lançando mão de formas de aproximação, quanto o sentimento de perda, de “estar longe”, sem participar da interação diária e de eventos cruciais tais como a morte de um dos pais. Veremos que essa é uma angústia inerente ao processo migratório feminino no que se refere também às relações entre mães emigrantes e seus filhos.

2.1. Mantendo contato

Baldock (2000), em um artigo que trata dos cuidados de filhos emigrantes aos pais que ficaram em casa, afirma que estudos sobre as relações familiares intergeracionais têm sido importantes nas análises sobre família. Segundo a autora, tais pesquisas teriam ajudado a demolir a teoria da família nuclear moderna no mundo ocidental, dando exemplos de casos de pais que dão suporte financeiro e emocional a filhos adultos que saíram de casa para constituir novas famílias. No sentido inverso, há também estudos que mostram como os filhos adultos têm se tornado particularmente responsáveis pelas necessidades dos pais idosos, especialmente quando se tornam viúvos (2000:206).

A autora argumenta que há um paradoxo interessante na literatura sobre as relações intergeracionais no mundo ocidental – seu estudo de caso se dá entre intelectuais europeus que emigraram para a Austrália. Se, por um lado

está claro que a proximidade física não é garantia de laços próximos, por outro, há a persistência em achar que certos cuidados dependem de íntima proximidade. Um exemplo disso é o sentimento de abandono que acomete os pais que não possuem filhos próximos.

Vimos no capítulo II que os laços entre pais e filhos adultos permanecem fortes e estreitos em todas as fases do ciclo de desenvolvimento doméstico. A tendência em Boa Vista é de que os filhos permaneçam vivendo na casa dos pais ainda adultos e com filhos. Mesmo quando vivem em casas separadas, especialmente as filhas mulheres, sempre retornam às suas casas de origem para auxiliar a mãe, avó ou irmãs nas tarefas domésticas e cuidam dos pais nos casos de doença e nas dificuldades financeiras. É no mínimo curioso que, mesmo com nova família formada e vivendo em sua casa, os filhos continuem a se referir à casa dos pais como a “nossa casa”. Voltemos ao relato de uma informante que já tivemos contato no capítulo II

Ainda morei muito tempo em *nossa casa* mesmo depois que tive meus filhos, foi no filho cinco que saí para morar com meu pai-de-filho. Nós moramos em três lugares diferentes depois disso, mas aí papai morreu e mamãe ficou aqui, já estava idosa e era eu quem cuidava dela, pois minha irmã estava fora. Então, eu deixava os filhos para trás e vinha cuidar dela, até que resolvi que ou se pagava renda (aluguel) ou se comia e aí virei para trás e vim de novo para *nossa casa* com toda a família.

Quando mamãe morreu a casa já estava velha, era de palha e quando chovia era um horror. Aí meus irmãos disseram: vocês fazem um esforço e concertam a casa que nós te damos a nossa parte! Foi assim que foi feito, todos os irmãos me deram as partes deles porque nós éramos muito unidos. Eles sabiam que eu cuidei de nossa mãe até ela morrer, ela morreu em minhas mãos e eles reconhecem isso.

É comum que uma filha mulher assuma a responsabilidade sobre os cuidados diários com os pais idosos e isso é cíclico no caso da informante. Hoje ela tem duas filhas, além dos filhos e netos que ainda moram com ela, que dividem as responsabilidades domésticas e cuidam dela. Nos casos dos que já têm em suas residências, fazem visitas diárias, ajudam na alimentação e até mesmo auxiliam os pais financeiramente.

Quanto à qualidade da relação com as filhas que vivem na emigração, uma senhora me disse ter muita sorte, pois todas são muito boas e não esquecem de seus pais. Ela sente orgulho em contar que recebe remessas

freqüentes das filhas e que uma delas está até organizando sua ida para a Itália para fazer um tratamento de saúde. Quanto ao pai, elas se reuniram “lá fora” e decidiram que ele não precisa mais ir para o mar, já está idoso e não tem mais necessidade de correr riscos. Elas mandam o necessário para comprar as coisas de que eles precisam. Além disso, os filhos que vivem na Boa Vista também se juntam para dar qualquer ajuda, um traz um peixe, outro o feijão e assim vão vivendo. A mulher considera ter uma família feliz, *sempre ajudei meus pais e meus filhos, agora ajudo meus netos que vivem todos aqui em casa. Meus filhos, como não são ingratos, me ajudam da maneira que podem. Quem tem mais possibilidades, ajuda com dinheiro, alimentos, roupas, quem ainda não está orientado, ajuda com as crianças e com os mandados, cada um dá o que pode.*

O relato vem fortalecer meu argumento de que a emigração feminina, dentro do quadro geral do fenômeno migratório cabo-verdiano, opera estrategicamente no sentido de reproduzir um tipo de organização familiar baseado em solidariedade mútua. No caso dos cuidados que filhos adultos devem assumir quando os pais estão idosos, a saída de alguns membros permite uma divisão das tarefas e a possibilidade de uma segurança econômica. Os que permanecem assumem os cuidados diários e os que partem dão suporte financeiro.

Os cuidados à distância seguem a mesma linha das estratégias de proximidade que venho discutindo neste capítulo, as emigrantes mantêm contatos freqüentes com os pais por meio de cartas, telefonemas, visitas de retorno, pela participação nas tomadas de decisão sobre questões de saúde e bem-estar e por meio da ajuda financeira. Percebi também que a opinião das filhas que estão fora é fundamental quando a família tem que tomar decisões acerca dos pais. Qualquer negociação familiar que envolva questões de saúde, reforma na casa ou viagens só são tomadas após conversa telefônica com aqueles que estão fora. Lembremos que para os boa-vistenses que ficaram as emigrantes têm uma mente mais aberta, já viram o mundo lá fora e, conseqüentemente, têm algo a dizer a respeito de decisões importantes. Por outro lado, a consulta é fator fundamental na manutenção do sentimento de pertencimento de quem está distante.

Para os pais, esse tipo de arranjo permite que lancem mão de três tipos de cuidados. Recebem o suporte emocional, financeiro e os cuidados diários. Como salientou a informante, um valor fundamental na família boa-vistense é ter “bons filhos”, ou seja, filhos que não são ingratos e sabem dar continuidade ao sistema de ajuda que opera na esfera familiar. O sentimento de abandono não está, portanto, vinculado à distância ou à separação, mas à quebra das redes de relações pelos mais jovens, sejam filhos ou netos⁵⁹.

Convivi pouco com Nha Miranda, uma senhora que morava próxima à minha casa na Vila de Sal-Rei. Ela tinha fama de ser agressiva porque era “ruim da cabeça”. Apesar de ter tentado aproximação, ela não gostava de muita conversa e quase não saía de casa. Com o início da pesquisa, me dei conta que Nha Miranda vivia só, fato raro na Boa Vista. Além disso, não recebia visitas nem de crianças que, como já vimos, estão presentes por toda a parte e em quase todos os eventos da ilha. Com alguma insistência, consegui algumas conversas que revelaram que Nha Miranda não parecia ser “ruim da cabeça”, mas uma senhora triste e angustiada por se sentir abandonada pelos seis filhos e 10 netos.

Foram todos embora e esqueceram de mim, vivo aqui sozinha e só não passo fome porque aquelas que estão lá fora mandam alguma coisa de vez em quando, mas se eu morrer dentro dessa casa eles só irão saber quando sentirem o cheiro de morto! Ano passado pedi ao meu filho que mora em São Vicente para que mandasse minha neta para vir morar comigo, pois já estou velha e preciso de companhia, ele negou! São mesmo uns ingratos, agora que não sirvo mais para nada, vivo jogada dentro dessa casa! Ajudei a fazerem suas vidas, pois Boa Vista não tem nada, e eles esqueceram que têm mãe.

O caso mostra uma falha no sistema familiar de Nha Miranda: ao ajudar todos os filhos a saírem da ilha, ela acabou por ficar sem o suporte emocional e os cuidados diários. Apesar de receber ajuda financeira das filhas que se encontram na emigração, se sente abandonada, pois não tem ninguém que cuide dela. O ideal para a manutenção do sistema de reciprocidade é que algum filho permaneça na ilha. Mesmo quando isso não ocorre, ficam os netos que, quando pequenos recebem cuidados, mas muito cedo começam a assumir responsabilidades domésticas.

⁵⁹ Dedicarei especial atenção às tensões intergeracionais decorrente do não cumprimento dos padrões tradicionais pelos mais jovens no capítulo VI.

Quando os filhos não permanecem ou disponibilizam netos para viverem com as mães idosas, são considerados maus filhos e acabam por gerar um sentimento de abandono que, no caso de Nha Miranda, ocasionou um isolamento que é lido pela comunidade como loucura. Tais filhos são recriminados por todos, acusados de ingratos. Pelos dados que obtive, as acusações não passam pela questão de viverem fora, afinal todos tem que “espiar suas vidas”, mas por terem abandonado a mãe, leia-se, não manter contato, não fazer visitas e, principalmente, não enviarem os netos para fazer companhia a ela.

2.2. Disputando atenção

Idealmente, a relação à distância é caracterizada por longos períodos de ausência e curtos e intensos períodos de presença nos retornos periódicos. Dentre outras coisas, as visitas de retorno são importantes para reavivar os laços entre parentes. No caso dos cuidados com os pais, há um sentimento de que o suporte emocional e financeiro dedicado aos pais à distância é importante, mas não tem mais evidência que os cuidados diários. “Estar junto”, mesmo por um período curto de tempo, é fundamental para a manutenção da proximidade na relação. Nesse sentido, os momentos em que as filhas retornam são intensos, marcados por uma efervescência durkheimiana. Elas assumem os cuidados diários para com os pais e esses, por sua vez, tendem a permitir que as filhas emigrantes façam tudo o que desejarem e da forma que acham mais conveniente.

A ansiedade pelo retorno de Rosinha era grande. Ela partira há muitos anos e havia retornado poucas vezes para visitar a família. Nha Tunda justificava a longa ausência da filha dizendo que a vida lá fora não estava fácil e que, apesar de não vir com tanta frequência (de dois em dois anos), Rosinha era uma boa filha, pois não esquecia de sua velha mãe. *Criei o filho de Rosinha desde que ele abriu os olhos, ela tinha que espiar a vida e eu lhe dei todo o apoio. Ela sempre foi uma boa filha e desde que saiu para a Itália nunca deixou que faltasse cachupa em nossa mesa. Mesmo agora, que o menino foi estudar em São Vicente, ela não esquece da mãe.*

Nha Tunda não vive só. Dois filhos homens e cinco netos moram com ela. Além disso, tem uma filha que vive em outra casa com o pai-de-filho, mas

que dá assistência nos mandados diários e nos cuidados com os netos pequenos, filhos de outras irmãs que também se encontram na emigração. No dia da chegada de Rosinha, houve grande movimentação na casa. Nha Tunda mandou arrumar o quarto que estava vazio, fez cachupa com buchada, providenciou queijo de cabra, doce de leite e bolacha. A chegada foi uma festa, Rosinha voltou bonita, com mechas nos cabelos, roupas da moda, malas cheias de prendas e encomendas enviadas pelas irmãs e outros parentes que não teriam a possibilidade de retornar naquele verão.

Mesmo em meio a euforia da chegada, observei que Rosinha fazia observações a respeito da casa, chamando atenção para tudo o que estava diferente desde sua última vinda e, principalmente, sugerindo mudanças. No dia seguinte, quando passei pela casa de Nha Tunda para uma visita, encontrei Rosinha fazendo uma faxina. Comentou comigo que a casa precisava de coisas novas, me ofereci para ajudar e passamos quase todo o dia mudando móveis de lugares, tirando quadros e enfeites antigos que davam lugar a “coisas mais modernas”. Instalou o aparelho de DVD na sala e ensinou Nha Tunda a usar o novo liquidificador multifunções.

Nha Tunda assistia a tudo aquilo calada. Continuava a fazer seus mandados sem interferir nas mudanças que a filha promovia. Esta, por sua vez, justificava dizendo à mãe que as coisas velhas precisavam ser renovadas, que na Itália as casas eram daquele jeito e que assim era bem melhor. Com toda a limpeza e arrumação, retiramos da casa uma boa quantidade de “lixo”, reestruturamos a sala e a cozinha e convencemos Nha Tunda a ralar a cenoura e a beterraba da salada no seu novo aparelho, tudo sob as ordens de Rosinha. Ainda no mesmo dia, Rosinha contratou um primo para pintar a sala da casa e fazer uma pequena reforma no quintal. Terminada a limpeza da casa, Rosinha se voltou para a mãe dizendo que precisava passar um produto nos cabelos, de tratamento na pele e de consultas médicas que a filha iria providenciar.

Graças à proximidade que tinha com a família de Nha Tunda, pude acompanhar de perto a reviravolta que a chegada de Rosinha causou no funcionamento da casa. Ela assumiu os cuidados com a mãe que, antes, eram função dos netos sob a orientação de Dora, a filha que vivia na Boa Vista. Chamou para si a administração da casa, determinou as tarefas de cada neto

nos mandados diários, coordenou a reforma do quintal, promoveu e financiou a viagem de Nha Tunda à capital para tratamento médico.

Por sua vez, Nha Tunda fazia de tudo para agradar a filha. Apesar de me confidenciar que não gostava de sua casa com tantos “paninhos”, cortinas e enfeites, nunca se opôs às mudanças promovidas pela filha. Mostrava com orgulho a reforma que Rosinha financiou: colocou cerâmica no quintal, fez uma escada que estavam precisando há muito tempo, colocou piso em dois quartos e pintou as paredes da sala. Sempre me perguntava o que tinha achado de Rosinha e salientava o fato de ser uma boa filha.

As contribuições da retornante eram muito valorizadas pela mãe, e, nos dois meses em que estive na ilha, os cuidados que lhe dedicou assumiram uma importância maior do que aqueles prestados pelos filhos que sempre estiveram próximos. Estava claro para todos que Rosinha assumiu o lugar de filha preferida, o que gerou tensões entre os irmãos. Estes reclamavam que Nha Tunda não permitia que ninguém desarrumasse sua casa e que nada podia ser jogado fora sem sua permissão, mas quando as filhas *italianas* chegavam, a mãe permitia que fizessem tudo.

Nunca presenciei brigas entre os irmãos, mas (talvez por ser de fora, porém próxima), ouvia falatórios e acusações de ambos os lados. O alvo das disputas era a atenção da mãe. Dora se sentia injustiçada, pois estava todos os dias cuidando de Nha Tunda e, por qualquer deslize, logo levava uma *guerra* daquelas. Relatou-me alguns episódios em que resolveu fazer uma limpeza na casa e a faxina acabou em grandes brigas com a mãe, somente porque arrumara as coisas de seu jeito ou jogara algo fora sem sua permissão. Compara seus episódios com a chegada da irmã e indaga se isso não é injusto. Acusa Rosinha de voltar se achando melhor do que os outros filhos e que, em dois meses, pode mudar toda a estrutura da casa.

Por sua vez, Rosinha critica a irmã por ser acomodada. Afirma que a moça é uma “boa filha”, mas não tem iniciativa para melhorar a vida da mãe. Reclama também dos irmãos homens, todos desempregados e vivendo das remessas vindas da Itália. Seu relato revela uma insatisfação compartilhada por muitas emigrantes, de que os que ficam acabam por se valer somente do trabalho e das iniciativas daqueles que estão fora. Por outro lado, eles têm o

“pensamento pequeno” e se recusam a incorporar as “sugestões” que as emigrantes trazem graças à sua vivência no exterior.

Quanto a mãe, Rosinha afirma que quando está aqui tem a oportunidade de estar junto e poder proporcionar tudo o que não pôde quando estava distante. Há um sentimento de perda da qualidade da relação por estar à parte, e por isso as visitas são tão importantes, são períodos de compensação e fortalecimento de laços. Uma “boa filha”, no sentido boa-vistense, deve se esforçar para proporcionar aos pais tais momentos. Quando elas retornam, devem cuidar dos pais e o fazer com abundância e generosidade, pois estará sendo avaliada por todos. O grau de seu sucesso na emigração depende em muito de suas ações enquanto retornante.

2.3. Doença e morte

A maior angústia relatada por Rosinha e muitas outras emigrantes com quem conversei é a dor de estar longe no momento da morte de um dos pais. Tive a oportunidade de presenciar algumas perdas entre as famílias que me receberam em suas casas e me apresentaram suas vidas. Estar presente neste momento é de fundamental importância, não importa os custos que isso implique. A ausência de um filho ao velório dos pais é motivo de comentários por parte dos outros e uma fonte de profunda tristeza e mágoa consigo mesmo. Rosinha, que foi criada na casa da avó e a considerava como mãe, chora todas as vezes que se lembra que não pôde vir dar um último beijo em sua “mamã”. Afirma que a dor de não ter estado presente é tão grande que não tem palavras para expressar, e promete que estará presente, custe o que custar, no enterro de sua mãe.

O momento da morte de um parente próximo é um dos poucos que não pode ser intermediado por signos de “proximidade à distância”. Nada – nenhum telefonema ou apoio financeiro para o funeral – substitui a presença e o apoio trazido pelo contato íntimo, por estar perto fisicamente. O interessante é que a cobrança não é externa ao indivíduo, é o filho distante que se culpa, cobra de si mesmo o fato de não ter trabalhado o suficiente, ou não ter dado expediente mais rápido para conseguir os documentos – as duas causas mais importantes para não poder comparecer no caso de uma morte repentina.

Por ocasião da morte da avó, Rosinha ainda era ilegal na Itália, por isso não pôde estar presente. Para ela, essa não é uma justificativa que lhe retire a culpa e a dor que sente. Lamenta que a emigração, que trouxe tantos benefícios à sua família (mostra a casa e os móveis ao nosso redor), também traga tanta dor e tanta separação. Chora por não ter tido a oportunidade de cuidar da mãe e diz que a vida do cabo-verdiano é injusta.

Nina teve mais sorte que Rosinha. Estava emigrada quando a mãe, que já vinha adoentada há dois anos, morreu repentinamente enquanto dormia. Porém conseguiu reunir as condições (graças a ajuda de outras parentes emigradas) para estar presente no enterro. Relata que fez um grande esforço e que o corpo teve que ser velado por mais de um dia na “casa do morto” para que desse tempo da filha estar presente. Já findava o segundo dia de velório quando resolveram que não se podia mais esperar. Seguiram então com o corpo para o cemitério do Rabil, todos angustiados porque Nina não poderia estar presente. No momento em que iam abaixar o caixão, alguém gritou que o avião estava chegando. Alguns homens entraram em seus carros e seguiram a toda velocidade para o aeroporto. Quando a filha chegou, os irmãos foram ao seu encontro e choraram muito, todos os presentes se emocionaram com a cena. Nina pediu, então, que abrissem o caixão, chorou muito abraçada à mãe, seu lamento era de cortar o coração. Perguntava à mãe, que sentido teria voltar para sua terra se não a encontraria mais. Depois do choro intercalado por lamentos, foi Nina quem autorizou o enterro. Logo em seguida as pessoas foram se dispersando, todos seguiriam para tomar canja na casa da morta.

Dias depois, tive a oportunidade de conversar com Nina e a encontrei serena. Vestia luto e, juntamente com outros familiares, arrumava as coisas da falecida mãe. Prometia aos irmãos que jamais passaria tanto tempo sem retornar à Boa Vista e se sentia muito triste por não poder ficar de vez em sua terra. Comentou sobre o sacrifício que fez para participar do enterro e sobre a importância de ter enterrado a mãe. A percepção da fragilidade da vida e do significado da distância parece ganhar proporções maiores nos momentos de perda e as emigrantes refletem sobre sua condição de emigradas, como Nina coloca, *nem todo o dinheiro vai para o bolso! Que vida é essa em que, para termos uma vida melhor, temos que estar longe dos nossos! É vida de crioulo!* Apesar disso, duas semanas depois de nossa conversa, fiz parte do grupo que

foi levar Nina ao aeroporto, era hora de partir em meio a promessas de contatos mais freqüentes no futuro. E foi cheia de bagagens.

3. RELAÇÕES CONJUGAIS E EMIGRAÇÃO

Como vimos no capítulo anterior, a instabilidade das relações conjugais podem ser um forte motivo para querer emigrar. O seu caráter instável incomoda as mulheres, especialmente por que, tendo como modelo a ser alcançado a família nuclear monogâmica, se sentem vítimas de homens que mantêm relações sexuais e afetivas com outras ao mesmo tempo. As características tipicamente associadas ao “homem cabo-verdiano”, conquistador, “cachorro” e de pouca seriedade com relação aos filhos e a família, juntamente com o caráter de *fraqueza* da mulher boa-vistense, aparecem como umas das fortes razões que levam as mulheres a saírem.

Além dessas, há também a questão econômica. Já vimos que os homens não garantem uma renda segura com a qual a companheira e os filhos podem contar. São as mulheres, então, que devem fazer o sacrifício para sobreviver economicamente. Para ela, emigrar significa uma esperança de independência e a possibilidade de prover a si e aos filhos, sem ter que recorrer ao homem ou à família. A noção de que a emigração feminina aparece como um caminho para sair de relações de gênero consideradas negativas estava presente no discurso de muitas mulheres com quem convivi, desde mulheres jovens⁶⁰ até aquelas com idade adulta.

Tchica vive com o pai de sua filha há cerca de cinco anos, ela mora na casa dos pais, mas dorme com ele num quarto alugado. A relação é famosa na vila por causa dos conflitos, o homem é violento e a agride fisicamente com certa freqüência. O roteiro é conhecido pelos amigos e comentado por todos, Tchica vai até a polícia, presta depoimento, ele é chamado a depor e, quando o delegado toma alguma decisão, Tchica retira a queixa. Essa seqüência se repetiu inúmeras vezes, até chegar o ponto em que as queixas já não eram registradas pelos policiais.

Minha aproximação com Tchica não ocorreu de forma fácil, tinha certo receio em abordá-la. Por intermédio de amigos comuns fomos nos

⁶⁰ Lembremos de Ivone (capítulo 3), que via na emigração a única possibilidade de sair de uma relação amorosa caracterizada por ela mesma e por sua mãe, como humilhante.

aproximando e, com o tempo, tive muitas oportunidades de falar sobre suas perspectivas. O gancho para entrar no assunto foi, justamente, a decisão que havia tomado após o último conflito, presenciado pela filha de quatro anos: Tchica iria emigrar. Estava tomando todas as providências e fazendo os contatos com uma irmã na emigração para que providenciasse os papéis e lhe tirasse da Boa Vista. A família de Tchica vive bem para os padrões locais, seu pai foi marinho e hoje é proprietário de um mini-mercado bem localizado na vila. Tchica trabalhava com ele e não passava necessidades financeiras. Além disso, a irmã que foi estudar em Portugal e acabou por ir trabalhar na Itália, enviava tudo o que ela e sua filha precisavam. Sua decisão não tinha, então, uma base econômica.

A decisão de emigrar tinha origem na sua relação com o pai da filha. Não agüentava mais viver com ele, porém, não conseguia deixá-lo. Relatou-me as inúmeras vezes em que se separaram por causa de sua agressividade, mas Tchica diz que ele não a deixa em paz. Quando ela sai, o rapaz fica “correndo atrás”, lhe seguindo pelas ruas e até agredindo possíveis pretendentes. Diante de sua insistência, Tchica sempre voltava para a relação. A moça afirmou diversas vezes que tem *alma fraca* e que, enquanto estivesse na Boa Vista nunca conseguiria se livrar dele. Como a situação chegou num ponto em que a filha já começou a sofrer, a única solução possível era emigrar.

É claro que o projeto migratório inclui melhores condições para si e para a filha, a construção de uma casa para o futuro e o auxílio aos pais que já estão idosos, mas é a dinâmica das relações afetivas que mobiliza mulheres como Tchica a criar condições para a partida. Mas daí surge uma questão, o que acontece com os casais em casos de emigração? Pelo menos duas autoras já tentaram responder essa questão, ao tratar do fenômeno migratório cabo-verdiano. Dias (2000), nos relata o caso de Santiago e das mulheres que esperam anos pelos companheiros emigrados. Assumem a casa, tanto no âmbito doméstico quanto na esfera pública, mas estão sempre esperando o “chefe” da casa retornar.

Akesson (2004) retrata uma situação oposta à de Santiago. Na ilha de São Vicente, se as relações conjugais “normais” já têm um caráter de instabilidade, aquelas à distância adquirem um caráter ainda mais fluído. A autora relata que em todo o período em que esteve em campo, conheceu

somente duas mulheres que mantinham relações com um homem emigrante. O mesmo ocorre nos casos em que a mulher sai. Segundo ela, as relações entre homem e mulher normalmente não resistem ao tempo e à distância, pois o homem que “espera” a mulher pode ser considerado um “não homem” (:111).

Em Boa Vista, as coisas parecem ocorrer de outra forma. Apesar de a emigração ser vista como única saída para se livrar de um relacionamento conflituoso, normalmente o casal mantém o compromisso apesar da distância e mesmo que certos problemas continuem a ameaçar a durabilidade da relação. Neida (emigrada há 18 anos) nos fornece um relato completo sobre o caráter dos relacionamentos entre homem e mulher nos casos de emigração desta.

O relacionamento com o pai de Mariana é outra coisa muito difícil, pois só há esforço de um lado, do outro é só egoísmo!

Desde que fui para a Itália foi com o objetivo de construir um futuro para todos nós, mas só há dois anos que cheguei à conclusão de que só eu estava querendo aquele futuro e que não tinha colaboração nenhuma do outro lado. Não é falar mal dele, mesmo porque já lhe falei tudo isso na sua cara, mas ele, como todo o homem cabo-verdiano, só estão preocupados no seu bem-estar. Ele mesmo uma vez disse que se eu não tivesse satisfeita que saísse da relação, pois para ele estava tudo bem, não estava achando nada ruim. Mas claro, eles têm quantas pequenas querem, tem mesmo que estar bem!

Porque nós lá podemos ficar dois anos sem nada e eles não podem ficar aqui sem pequenas? Até tudo bem que dois anos é muito tempo e eles são homens, mas pelo menos que façam escondido e não as claras para sua família ficar vendo e mandando te falar que teu homem estava com tal mulher hoje e com aquela outra amanhã. É um inferno porque ficamos lá de longe, ficamos tristes, choramos e tudo isso atrapalha no trabalho, pois italianos não gostam de ver a *serviente* (empregada) de *bico puxado* (cara feia, emburrada), você tem que estar sempre contente senão tem problemas com eles.

Quando a gente vem de férias, de novo é só problema porque elas não sabem ficar no seu lugar e ficam jogando piada, fazendo intrigas!

Você trabalha, se esforça e vê que do outro lado eles estão preocupados só com o dia de hoje, pois não projetam nem o que vão comer amanhã. Eles não são capazes de fazer um projeto para o futuro e não colaboram com nada, só querem saber de estar bem hoje.

Lá na Europa a gente vê um outro tipo de vida, onde o casal se ajuda. Se for o homem que chega em casa primeiro, ele já vai adiantando o jantar. Enquanto a mulher está fazendo a comida, o homem está dando banho nos filhos, é tudo em colaboração. Aqui não, é a mulher que tem que dar conta de tudo, fazer de um tudo e ainda tem que agüentar o homem com outras mulheres. Por tudo isso, agora prefiro estar sozinha.

A fala de Neida não é isolada e reflete a história de muitas mulheres emigrantes da Boa Vista. Seu exemplo vem mostrar que relações à distância tendem a durar muitos anos⁶¹. Em Boa Vista não temos mulheres que esperam, e sim mulheres que partem para “fazerem suas vidas”. Também não temos homens que esperam, mas que permanecem na ilha “fazendo suas vidas”⁶². Qual o elo, então, que mantém essa união? Arrisco dizer que, assim como no caso de Santiago, o elo é a família, ou melhor, a perspectiva que a mulher cabo-verdiana tem sobre o significado de família, perspectiva que carrega consigo não importa onde esteja - em casa, esperando o homem emigrante (que muitas vezes acaba por constituir novas famílias nos destinos de emigração) ou buscando uma vida melhor em outro lugar. Na primeira parte do discurso de Neida vemos isso de forma clara, ela afirma que saiu para buscar uma vida melhor para todos. Um futuro que ela percebe como compartilhado. Dos companheiros, elas não esperam fidelidade, mas algum tipo de colaboração para a construção desse futuro. Vamos entender isso melhor.



Emigrante recém-chegada e seu pai-de-filho

Se as relações com outras mulheres já é, de certa forma, tolerada entre as boa-vistenses, com a justificativa de que não se encontram na ilha, verifico

⁶¹ Assim como nos relata Neida, dentre as mais jovens, apesar de chegar a durar muito tempo, as relações tendem a acabar. Segundo as emigrantes com a experiência da emigração, não conseguem agüentar ao comportamento do homem cabo-verdiano.

⁶² É importante perceber que “fazer sua vida” não tem o mesmo significado para homens e mulheres, para eles significa ter liberdade para exercitar sua masculinidade, conquistar outras mulheres, ser da rua. Significa não assumir compromisso familiar direto com a mãe-de-filho. Para as mulheres, fazer a vida significa melhorar a vida, a sua e a da família.

um aumento considerável dessa tolerância. Neida argumenta que não deveria ser assim, mas que até entende o fato dele não “agüentar” ficar sem ter relações sexuais por um tempo prolongado. O problema, nos casos de relações com emigrantes, está menos no fato do homem manter outras relações do que nos rumores que isso gera. Pela rede de informações que opera entre Itália e Boa Vista, elas recebem com freqüência notícias a respeito dos “movimentos” de seus homens e da Itália enviam recados e ameaças às suas rivais. Esse diálogo à distância é comum, esperado e anima as rodas de conversa na vila, mantendo a rivalidade entre as duas (ou mais) mulheres latente.

O conflito se instala, de fato, nas visitas de retorno, caso a rival insista em disputar o homem com a emigrante. O esperado é que, assim que a emigrante anuncie seu retorno, o homem se desvencilhe de seus casos amorosos com outras mulheres e se dedique a titular. No dizer local, as mulheres da ilha vão sempre “para o banco” quando a emigrante retorna. O comportamento adequado é de que o homem fique exclusivamente com sua emigrante, que esta ignore o conhecimento de seus casos anteriores e que a outra mulher se conforme em “ficar no banco”. Enquanto as coisas ocorrem dessa forma, os conflitos estão controlados e a relação tende à estabilidade. Porém, não é assim que as coisas acontecem de fato.

“Ficar no banco” é uma metáfora ao jogo de futebol, esporte que movimenta o cotidiano do universo masculino local. Seriam as relações afetivas encaradas como jogos de perdedores e ganhadores, onde não há segundo lugar, onde só se perde ou se ganha? Num jogo assim, a preferencial ao posto de titular seria sempre a emigrante que, apoiada por uma equipe (as mulheres de sua família), monitora à distância os movimentos de sua adversária. Por sua vez, se a substituta for paciente, pode ganhar o posto de titular nos períodos em que a emigrante encontra-se impossibilitada de entrar em campo e este é o maior risco que a titular tende a enfrentar.

É comum que o homem não coloque a outra pequena “no banco” e continue a manter relações com as duas, o que ocorre é um maior cuidado para que a emigrante não perceba, fato quase impossível em Boa Vista, pois rapidamente os rumores se espalham e o conflito pode até virar caso de polícia. Normalmente, é a emigrante quem vence o jogo e acaba por guardar

seu lugar de titular, ou seja, sendo reconhecida como “a” mulher na esfera pública (veremos mais adiante como a manutenção da emigrante enquanto companheira é vantajosa para o homem). À outra, cabe esperar que o período de férias termine para que retome sua posição.

Vemos, então, uma manutenção do padrão de comportamento muito próximo àquele descrito no capítulo II, em que a mulher não considera que seja ideal, mas espera e, em certa medida, permite que o homem mantenha relações com outras mulheres, desde que seja “com respeito”, leia-se, tomando os cuidados para que essas relações mantenham um caráter privado, escondido. O que parece ocorrer é que essas mulheres saíram de sua ilha, mas o deslocamento geográfico não significa, necessariamente, uma mudança imediata nos estilos de vida tradicionais.

Porém, se nessa esfera, vemos uma tendência à perpetuação de padrões locais de tolerância da mulher às relações extra-conjugais, quando analisamos a segunda parte da fala de Neida, onde coloca que só ela faz o sacrifício para todos e que o homem não idealiza ou realiza projetos, percebo mudanças. O discurso de Neida reflete o quanto o status da mulher é afetado por sua saída para um país estrangeiro.

As mulheres boa-vistenses que permanecem não têm muitas opções de trabalho. Vivem de trabalhos informais como vendedeiras de sua produção doméstica, trabalham informalmente ou, as que têm mais sorte, conseguem um emprego em hotéis ou em órgãos do estado. Sejam quais forem as opções, ela encontra-se sempre à mercê da ajuda familiar ou da disponibilidade (ou vontade) do pai-de-filho em lhe auxiliar nas despesas. A emigração é vista como possibilidade de virar a mesa e inverter as posições. Dentre as vantagens de emigrar estão não só as possibilidades de emancipação da dominação masculina, mas de aquisição de independência econômica e, conseqüentemente, um maior poder financeiro, enfim, uma melhora geral no padrão de vida. A mulher emigrante tem um status diferenciado não só na casa, mas também na vida pública. Neida, após muitos anos de emigração, usou o seu status de emigrante de sucesso para tomar as rédeas da relação e decidir que não queria mais levá-la à diante. Os problemas com outras mulheres eram recorrentes e, apesar disso, a relação durou 18 anos. Porém, quando percebeu que ele não compartilhava sua luta por uma vida melhor, não

a ajudava, ela desistiu da relação e rompeu os já tênues laços conjugais. Em sua fala vemos, ainda, a presença da influência do padrão de conjugalidade europeu, que funcionou como um modelo ideal a ser alcançado.

3.1. Visão Masculina

Para os homens, esse tipo de reação é sempre uma surpresa. Nunca esperam que a mulher “tenha forças” para abandonar uma relação de muitos anos e que envolve filhos. Especificamente nesse caso, o pai-de-filho de Neida me confessou que não acreditava no fim da relação, que certamente a moça se arrependeria e que ficariam juntos quando ela retornasse à Boa Vista. Aliás, essa é uma opção cada vez mais comum entre mulheres emigrantes mais jovens, se envolvem com homens da ilha durante as férias e, depois, seguem para a Itália “sem compromissos”. Para eles, um relacionamento assim não apresenta muitas vantagens uma vez que não gera um envolvimento por parte da mulher. O período do verão é o das “conquistas”, a oportunidade que os homens têm para iniciar relações afetivas ou fortalecer casos do passado. Seja qual for a intensidade do envolvimento, a mudança de status da mulher que emigra gera algumas conseqüências interessantes ao universo masculino.

Benvindo me explica que, como manda a tradição, o homem é quem deve pedir a mulher em casamento. Mas no caso de casamento com as italianas, há a gozação de que o homem é pedido em casamento, pois é ela quem dá a festa, o fato (terno), as alianças, constrói a casa, enfim, patrocina tudo. Conseqüentemente, ela é quem manda na casa e o orgulho do homem fica ferido. Segundo ele, isso antigamente era um problema e uma ofensa para o homem, pois era a italiana que o pedia em casamento e não ele. Cacá se defende dizendo que no seu caso não foi assim, casou com uma italiana, mas não aceitou que ela desse a festa, quem patrocinou tudo foi uma irmã sua que também estava na Itália, assim não teve problemas! *Casei com italiana, mas faço minha vida como qualquer um!* É interessante notar que o que está em jogo não é a questão de gênero, uma vez que a mediação feminina foi utilizada para manter o *status*, o que está em jogo e gerando problemas para este homem é a relação conjugal.

O homem boa-vistense é conhecido em todo o arquipélago como dependente de suas mulheres. Alguns chegam até a dizer que eles são

chulos⁶³, expressão que não se aplica aqui à prostituição feminina, mas no sentido de que põem as mulheres para trabalhar e depois se utilizam do dinheiro e dos benefícios adquiridos por elas.

Quando ainda estava em Santiago, antes de conhecer Boa Vista, era essa a imagem que me passavam os moradores da capital do país a respeito do homem boa-vistense. Depois, já na ilha, continuei a ter acesso a diversos exemplos de homens que viviam sustentados por emigrantes. Em rodas de conversa onde o tema surgia, sempre ouvia histórias de certo fulano que receberia altas quantias de dinheiro todos os meses, ou algum outro que só andava em grande estilo e não trabalhava para isso, mais outro que vivia numa casa chique e nunca levantou um tijolo sequer. Os comentários sobre esses homens se multiplicaram em meu diário de campo, de tal forma, que resolvi procurá-los para conversar.

A opinião masculina sobre o tema é variada. Houve quem desmentisse o boato, argumentando que essa fama era injusta e que o homem boa-vistense é trabalhador, o problema é que não tem sorte, pois a ilha não oferece condições para se progredir na vida. Outros confirmavam a fama e me forneciam mais exemplos de homens malandros que viviam “encostados” nas pobres italianas que se sacrificavam no estrangeiro. Surpreendentemente, um dos entrevistados confirmou e defendeu a posição masculina, dizendo que o homem boa-vistense seria burro se ficasse “carregando pedra” na Boa Vista para ganhar um tostão, enquanto pode viver na tranqüilidade ganhando 40 tostões.

Apesar da diversidade de discursos, todos têm um mesmo ponto em comum, aquele que depende ou explora a mulher nunca é quem fala, é sempre um outro. Na introdução deste tópico temos a fala de Benvindo, que afirma que no passado o homem que casava com uma italiana tinha a fama de ser sustentado e mandado por ela, seguida da autodefesa de Cacá, que logo diz que com ele não foi assim! Ainda em sua fala temos um aspecto interessante: não permitiu que a noiva patrocinasse o casamento, mas que a irmã o fizesse. De qualquer forma, a festa foi financiada por uma mulher, só que de seu grupo familiar, o que não gera o desconforto de ser sustentado.

⁶³ No dicionário Aurélio, o sentido desta expressão no Brasil é de rude, ordinário, ralé. Em Cabo Verde a palavra parece ter o sentido do português falado em Portugal, de cafetão.

Nelsinho também relata sua experiência de viver com uma emigrante já há muitos anos, comenta sobre as dificuldades de um relacionamento à distância, sobre o cuidado que sempre teve em não assumir outra mulher apesar de sempre ter tido suas “saídas” e as dificuldades que enfrentaram por causa dos rumores maldosos. Em meio à nossa conversa, ele mesmo esclarece que não é daqueles homens que ficam sentados esperando vir remessa da Itália, afirma que tem seu trabalho e os dois se ajudam para melhorar a vida. Porém, considera que essa fama da Boa Vista é justa, pois há muitos homens que não trabalham esperando pela mulher que está fora. *Nas outras ilhas o pessoal goza bastante, dizem que o homem da Boa Vista põe a mulher para trabalhar na emigração para ficar sentado em casa esperando o dinheiro chegar ao banco. Em muitos casos isso é verdade, acho que até na maioria, mas no meu não!*

Antigamente, como afirma Benvindo, casar com uma emigrante era uma vergonha, um fato que exigia justificativas como as de Cacá, de que tudo foi financiado por outra e não pela noiva. Atualmente isto é considerado um acontecimento comum, e mais uma estratégia legítima de conseguir sair da ilha. Ao longo do trabalho de campo, presenciei três casos de casamentos por procuração, relacionamentos que se iniciaram no período de férias, se fortaleceram pelas estratégias de aproximação e se solidificaram por meio do casamento à distância. Para a emigrante, a relação com um homem da ilha representa mais um vínculo com a terra natal.

Não penso que a fama de “chulo” se constitua um problema, nem para os homens que ficam, nem para as mulheres emigrantes. Para os primeiros, manter um relacionamento com uma emigrante é vantajoso por diversas razões, a questão das remessas é apenas uma delas. Uma principal vantagem de viver com uma estrangeira é o status. Ela retorna em grande estilo, perfumada, com novos hábitos, é o centro das atenções e, conseqüentemente, o homem que está ao seu lado usufrui dessa condição. Além disso, nas palavras de Nelsinho, estar longe da mulher é difícil, mas tem suas vantagens, principalmente quando o homem quer dar suas “saídas”.

Até onde pude perceber a ênfase na possibilidade de ir se juntar a ela no estrangeiro, numa perspectiva de reagrupamento familiar ou de ter maior possibilidade de construir uma casa é maior do que nas quantias recebidas. No

que se refere às remessas, estrategicamente, eles dizem que recebem presentes e alguma ajuda, enfatizam que não pedem, mas são elas que têm o desejo de enviar. Ressaltam também que não recebem ajuda ou remessas somente das mães-de-filhos. Não podemos esquecer que esses homens possuem irmãs, mães e tias na emigração e que estas, por obrigação familiar, ajudam os familiares que ficam na ilha. A ajuda de mulheres de um mesmo grupo familiar não gera constrangimentos, pois faz parte do contexto familiar de troca à distância.

As mulheres também compartilham o discurso de não sustentar seu pai-de-filho. Nenhuma das entrevistadas me disse que sustentava o companheiro, mas me relatavam histórias de muitas outras que o faziam. Mesmo no caso de Neida, que acabou por abandonar o *pai-de-filho*, não justificou o fim da relação em bases econômicas, mas porque via que ele não partilhava de seu projeto, não tinha ambição. Em suas palavras, não pensava no dia de amanhã. Após ter tido acesso a uma visão de mundo diferenciada, passou a ver a postura do companheiro como egoísta. Por outro lado, o fato de enviar ajuda aos filhos, irmãos, pai é relatado de forma natural e também no contexto de obrigações recíprocas⁶⁴.

4. FILHOS DA EMIGRAÇÃO

No processo de emigração cabo-verdiana, as crianças são deixadas para trás pelos pais que partem em busca de melhores oportunidades sociais e econômicas e passam a constituir um importante elo nas redes transnacionais das famílias. No caso da emigração feminina, há uma complementaridade (potencialmente conflituosa) nas relações que se desenvolvem entre as mulheres que partem, que passam a ser as primeiras provedoras econômicas dos filhos, e as que ficam, que passam a ser as primeiras provedoras de cuidados para as crianças deixadas na ilha.

Até o momento, tenho tentado construir o tipo de ambiente doméstico no qual as crianças são criadas, mas ainda não explorei as formas como elas reagem crescendo nessas famílias dispersas e globalizadas. A partir de agora,

⁶⁴ Veremos no capítulo VI que, devido a transformações que têm ocorrido na esfera familiar local, até essas remessas vem sendo questionadas ou percebidas como fonte de marginalidade, preguiça e alcoolismo entre jovens rapazes.

começo a analisar o campo social das redes familiares do ponto de vista dos filhos. O objetivo é de elucidar como suas experiências, de crianças ou jovens que vivem em uma casa baseada em redes relacionais globais, influenciam os mais fundamentais aspectos sociais, econômicos e emocionais de suas vidas.

Para entender um sistema como esse, cujo elo fundamental está no binômio mãe-filho e os dois vivem fisicamente separados, é preciso lembrar que as obrigações familiares não são concentradas em unidades familiares nucleares, mas fazem parte de amplas redes de relações onde parentes fora da família imediata podem desempenhar importantes papéis. Nesse tipo de rede familiar outra parente que não seja a mãe pode cuidar das crianças.

É mesmo esperado que mulheres mais velhas que já não estão mais ocupadas com a busca pelo sustento, se concentrem nos cuidados com as crianças. Num contexto assim, a emigração não parece ser tão dramática, pois apesar do elo entre mãe e filho ser forte, outras relações no interior da família (em especial com a avó materna) assumem forma, substância e função de maternidade social minimizando os efeitos da distância entre a mãe emigrada e os filhos. Para que o sistema funcione bem, é esperado das emigrantes que dêem suporte econômico tanto aos filhos quanto àqueles que deles cuidam - aos primeiros porque é sua obrigação e aos segundos, porque devem a estes a chance de terem saído.

4.1. *É a vida... vida de Crioulo!*

Alex é um rapaz de cerca de 20 anos de idade. Sua mãe emigrou quando ele tinha dois anos e tanto ele quanto o irmão foram criados por uma tia materna. O pai sempre viveu em Boa Vista, bem próximo a casa onde foram criados, mas os filhos nunca viveram com ele e, segundo Alex, eles nunca tiveram muito contato. Quando lhe perguntei como é ser criado longe da mãe ele disse que é normal e que nunca sofreu muito por causa disso. A mãe os sustentava, enviava-lhes dinheiro para os estudos e vinha mais ou menos de dois em dois anos passar as férias. Quando era mais novo, confessa que se confundia um pouco, pois era criado pela tia e via a mãe muito pouco, mas logo entendeu qual era a relação e o lugar ocupado por cada uma em sua vida. Percebeu que sua mãe se sacrificava lá fora para lhes dar o melhor. Graças a ela o rapaz foi estudar em São Vicente e depois pôde fazer o curso em

Portugal. *No começo foi difícil, mas depois a gente se acostuma. Fazer o quê? Se ela não estivesse fora, talvez (eu) não tivesse seguido meus estudos, a vida aqui era muito difícil, ainda mais para nós que somos do Norte* (interior da ilha).

Leninha tem a mãe e o pai emigrados. Quando era pequena, viveu na casa da avó materna e depois foi para outra ilha estudar. Conta que é muito difícil se lembrar de seu pai, pois não conta com ele para nada. Ele foi para o estrangeiro e é raro quando dá um telefonema. Do lado materno as coisas são diferentes, a mãe trabalha muito para sustentá-la, aos irmãos, à avó e aos tios. Estes, apesar de trabalharem, não contribuem financeiramente em casa. É a mãe de Leninha que sustenta a todos. A moça diz que sabe que a mãe sofre por lá, tem que se sujeitar a muita coisa para poder garantir o sustento da família. *Sei que ela chora muito, mas é a vida! Eu também me sinto muito só, quando fui estudar no Sal, sofri muito na casa dos outros e sei que se ela estivesse aqui, teria me ajudado! Eu sei que ela tinha que ir, eu entendo, no início foi triste, mas tem que se acostumar, vida de crioulo é assim!*

O primeiro traço comum aos casos relatados é que a ausência física da mãe gera tristeza no campo emocional, mas, a emigração em si, não parece ser fonte de uma experiência traumática. Contrariando a perspectiva de autores como César Monteiro (1997), a emigração feminina não se constitui, necessariamente, como um risco para a família, especialmente no caso das crianças. Não há uma relação direta entre a existência de um grupo transnacional e casos de distúrbios emocionais.

A categoria “se acostumar” (presente em todas as falas acima descritas) aparece como um *habitus*, no sentido dado por Bourdieu (1991), uma vez que é uma idéia partilhada por um grupo mais ou menos amplo e que faz parte de um sistema de disposições incorporadas que operam na reprodução da estrutura social. Estar acostumado não significa resignação. Na perspectiva dos filhos, a emigração da mãe implica uma situação emocional difícil e dura, mas não a percebem, necessariamente, como abandono. A dureza é diminuída quando a partida é vista como um sacrifício em seu benefício e de sua família, quando têm comunicação constante com as mães emigradas e quando recebem apoio financeiro.

O que os relatos mostram é que não há uma relação de causa e consequência entre emigração da mãe e traumas ou sentimento de abandono

por parte dos filhos. Ser filho de mãe emigrada não significa ter crescido sem o conforto e o calor familiar e os cuidados necessários. Na própria visão dos filhos, mães que os deixam não são consideradas irresponsáveis, mas, ao contrário, são vistas como mulheres que se sacrificam para dar aos filhos melhores condições econômicas e, mais do que nunca, assumem a responsabilidade sobre a família. São consideradas “boas mães” enquanto alimentam uma relação de proximidade pelo envio de prendas, dinheiro, pelas visitas periódicas e contatos regulares.

Os filhos em geral enfatizam que a mãe foi trabalhar, para ajudá-los e que sua ausência é um sacrifício para sua boa educação, para o bem deles. Essa certeza cria a base para o desenvolvimento de um forte sentimento com relação à mãe, o sentimento de estar perto apesar da distância geográfica e dos contatos esporádicos. Os casos relatados acima mostram que as crianças sentem falta da mãe, mas desenvolvem uma relação próxima com outros familiares e um sentimento de pertença à família com a qual ela está ligada social, afetiva e economicamente.

O contrário se passa no universo paterno. Muitos pais podem até estar presentes fisicamente, mas ausentes emocionalmente. O envolvimento com o pai, que já era caracterizado pela distância mesmo quando as mães permanecem na ilha, nos casos de emigração feminina ganha um caráter ainda mais distante e de falta de intimidade. Ao contrário do que se poderia pensar, os pais não aumentam sua presença nas unidades domésticas ou na responsabilidade com os filhos nos casos da saída das mães. Se antes havia uma pressão feita pelas mulheres por necessidades econômicas, agora eles se vêem eximidos dessa obrigação. Os dois relatos apresentados no início da seção também têm esse aspecto em comum, a ausência paterna, até em casos de proximidade física.

No que concerne às mães, seu esforço em manter intimidade à distância é amplamente reconhecido, são elas que acabam por ser as responsáveis por assegurar aos filhos a segurança tanto econômica quanto emocional. Em nossos relatos, fica claro que os filhos reconhecem os modos pelos quais as mães cuidam deles à distância, pelo seu trabalho, sofrimento expresso nos contatos telefônicos, envio de prendas. A idéia de sacrifício é crucial para a criação de proximidade à distância.

As mães precisam demonstrar aos filhos que sofrem para conseguir lhes dar o sustento econômico. O caso de Leninha demonstra a cumplicidade entre mãe e filha nessa relação, ela nos mostra que entende o sacrifício materno, reconhece as contribuições financeiras da mãe à toda a família, entende que o trabalho no estrangeiro limita a habilidade da mãe em ajudar os filhos, porém, nada disso impede que ela faça uma idealização dos cuidados e do amor que teria se a mãe estivesse próxima, nada para ela substitui o vínculo com a mãe. A relação entre elas, então, tem que ser produzida em ações repetidas que afirmem que a mãe emigrante não está fora por vontade individual, mas por um sacrifício em prol dos filhos.

O importante é que ela continue a representar seu papel de mãe e tentar conseguir proximidade na separação. Como já vimos, diversas são as formas para se conseguir tal proximidade, uma das novas formas são os celulares comprados pelas mães na Itália para que os filhos possam enviar e receber mensagens quase diárias. Mas a forma mais esperada ainda são as remessas de roupas, calçados e acessórios da moda. Por causa de tudo isso, os filhos facilmente descrevem a relação com as mães como “muito próximas”, de fácil comunicação. Porém, não pensemos que não seja uma relação sem conflitos.

Quando conversava com terceiros sobre a situação de jovens que têm as mães emigradas, ouvia com frequência um discurso de reprovação a essas mães. Diante do crescente uso de drogas entre os jovens (veremos mais sobre isso no capítulo VI), alguns culpam o êxodo feminino como o causador das transformações negativas na sociedade. Filhos deixados sob os cuidados de outros teriam problemas emocionais sérios e estariam mais vulneráveis a influências negativas.

Esse discurso começa a ser adotado pela igreja católica local, por membros do governo e pela própria imprensa. Ligam a emigração feminina aos cuidados inadequados com as crianças e a uma vida familiar instável que levaria os filhos às drogas, bebidas, comportamentos inadequados e à vagabundagem. Parece-me que por trás deste tipo de acusação está o modelo nunca plenamente alcançado da família nuclear ocidental como a única solução viável para as dificuldades emocionais dos filhos. Por esse motivo, é cada vez mais comum a demanda da família substituta e dos próprios filhos para que a mãe crie condições para que os filhos que estão entrando na

adolescência vivam com ela na emigração. É comum a idéia de que as crianças podem ficar longe das mães, mas, uma vez que atingem certa idade, devem estar perto delas para não se “perderem na má vida”⁶⁵.

4.2. Quando a reciprocidade é quebrada

A situação de “presença à distância” é tolerada quando a mãe consegue manter uma presença econômica e social forte em casa, por intermédio das remessas regulares e das visitas periódicas. Porém, quando os filhos não recebem remessas, notícias ou telefonemas das mães emigradas, surge um sentimento de distanciamento e de que pode vir a causar problemas e conflitos.

Paula é uma moça tímida que conheço desde que estive na Boa Vista pela primeira vez. Bastante reservada, levou muito tempo para que ela me falasse sobre os motivos de sua tristeza. Paula se separou da mãe quanto tinha dois anos de idade. Quando a mãe conseguiu os papéis para emigrar, a criança estava com meningite e ninguém sabia se ela iria sobreviver, mesmo assim a mãe emigrou para não perder a oportunidade. Paula ficou sob os cuidados da avó.

Vanda, a mãe emigrante, teve dificuldades em conseguir os “papéis” na Itália e por isso passou 10 anos sem retornar para Boa Vista. Ao longo desse tempo, mandava notícias e remessas vez por outra. A falta de freqüência gerava descontentamento em toda a família e, em Paula, um sentimento de distância que lhe acompanha até os dias de hoje.

Um fato ocorrido ao longo de meu trabalho de campo desencadeou todo o conflito que estava latente na esfera familiar de Paula. Ela havia conseguido uma vaga numa universidade do Brasil, porém (justamente porque a mãe é emigrante), não conseguiu bolsa do governo. Na esperança de prosseguir seus estudos, acionou a mãe para que financiasse as despesas. A resposta foi negativa por parte de Vanda, alegando que não ganhava o suficiente para se sustentar na Itália e à filha no Brasil. As reações foram imediatas.

A avó me disse que foi ela quem “agüentou” a neta e que se fosse cobrar alguns escudos por ano que “agüentou” a menina, com certeza teria

⁶⁵ No capítulo seis abordarei essa tendência de forma adequada. Aqui, só quero salientar a forma como os boa-vistenses encaram o fato de viver longe das mães de forma diferenciada ao longo da vida.

dinheiro para ela ir fazer seu curso. Ficou chateada porque a filha nunca deu e nem agora está dando apoio para Paula. *Se eu tivesse dinheiro, ela não precisava se preocupar que eu a mandava. Ela foi para o estrangeiro e esqueceu que tinha família, pais e filha!*

Paula também estava profundamente magoada com a mãe, disse que nunca teve nada dela, nunca contou com ela e que se não fosse sua avó e sua família nem saberia como estaria vivendo hoje! Nunca precisou de muita coisa, mas agora que precisava de um apoio financeiro, a mãe lhe negava dessa forma. A moça se perguntava de que serviu a emigração de sua mãe, se quando precisava dela ela não ajudava. *Meus amigos recebem apoio das mães emigradas, mas Vanda é diferente, ela só pensa nela e esquece de nós que ficamos aqui. Hoje eu já estou grande e posso cuidar de mim, mas quando eu era pequena sofria muito, pois ela nunca me deu nada! Eu só precisava de seu apoio para o curso, mas nem isso ela quer fazer!*

Por sua conduta, a emigração de Vanda é frequentemente associada a um desejo individual, emigrou por vontade de emigrar. Esta é uma justificativa muito mal vista em Boa Vista. A emigração deve estar associada a obrigações familiares, emigrar para melhorar de vida é legítimo, é apoiado e incentivado pelos familiares, mas emigrar por aventura, para satisfazer desejos individuais, não. A lealdade com a família é fundamental, emigrantes que esquecem os que ficaram em casa são vistos como egoístas e chegam a colocar os filhos em uma posição delicada na esfera familiar.

Mães substitutas assumem os filhos de emigrantes em troca de certos benefícios, financeiros ou não. Para que a saída de uma mãe seja viabilizada, deve ocorrer uma divisão de trabalho entre as mulheres da família. A divisão consiste em que uma fornecerá sustento e as outras proverão os cuidados para com as crianças. Se essa reciprocidade é quebrada, os filhos deixados começarão a ser vistos como fardos. Mais uma vez percebemos que não é a distância em si, mas a quebra de um padrão de reciprocidade, solidariedade e assistência mútua a fonte de afrouxamento de relações familiares, inclusive a relação entre pais e filhos.

5. O JOGO ENTRE PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

A discussão levantada até o momento pode gerar a idéia de uma aparente contradição. A saída das mulheres e a conseqüente reorganização dos grupos domésticos em redes transnacionais podem ser vistas enquanto formas de se questionar a ideologia de centralidade feminina, tão comum às sociedades crioulas. Porém, o que vimos aqui, é que os arranjos domésticos feitos em virtude da saída da mulher (e mais do que isso, arranjos que viabilizam sua saída) acabam por manter e reproduzir essa visão tradicional.

Alguns aspectos do padrão de vida familiar na Boa Vista foram apresentados aqui sob perspectivas de sujeitos em posições diferenciadas: do pai que minimiza sua presença, já esporádica, em casa, transferindo para outras mulheres de sua família as obrigações que lhe caberia segundo o modelo ideal de família nuclear monogâmica; das mães que potencializam a responsabilidade de “cuidar” das crianças; das mulheres que assumem filhos e casa; e dos parentes que exercem uma pressão social para que as convenções de gênero sejam seguidas. Esse processo de reforço das relações de gênero acabaria, então, por contrapor um desejo inicial de mudança que levaria a mulher a decidir emigrar.

Parreñas (2005), que também aborda estas questões quando discute a emigração feminina do Sri Lanka, afirma que ao mesmo tempo em que a saída de mulheres força um rearranjo na esfera doméstica, a unidade transnacional continua a ter a mulher como centro, agora com um status diferenciado, aquela que provê, fazendo com que as relações de gênero sejam potencializadas, mas não transformadas.

Já discutimos que em meio a tanta mobilidade e fluidez, a família torna-se o principal foco do pertencimento social, como algo que permanece. Essa característica se estende e, em certa medida se fortalece com a emigração de mulheres. Nessa mesma ilha, a mulher em particular centraliza o ideal da unidade familiar, ideal que defende que as relações familiares devem ser caracterizadas por mútua cumplicidade, contatos sociais regulares, recíprocos e constantes fluxos de benefícios materiais e simbólicos. No caso das mulheres que saem, há uma cobrança pela demonstração de sua lealdade ao padrão local. Então, por meio de diferentes estratégias, a distância física não diminui a

proximidade das relações familiares, o que há é uma reconfiguração e, frequentemente, uma potencialização dos padrões locais.

O conceito de proximidade é instrumental para explicar as redes baseadas no parentesco que são fortes elos entre os que saem e os que ficam. As normas e noções que guiam os direitos e obrigações entre parentes são decisivas para que novas formas de estar próximo operem. É interessante observar o caráter mediado dessa relação, ou seja, para que haja proximidade à distância, os envolvidos lançam mão de artefatos, pessoas e estratégias que operam como elos na construção da relação. O foco de minha análise está justamente na construção dessas relações.

Os casos que apresentei aqui demonstram que não são tanto os laços pré-definidos pelo “sangue” que definem o sentimento de proximidade, mas esta idéia encontra-se em contínua construção por ações cotidianas, trocas, partilha e no cumprimento de certas obrigações. Além de demonstrar que relações de proximidade não são, necessariamente, baseadas em laços de parentesco ou procriação, o caso da Boa Vista demonstra que assim como a proximidade não está restrita aos laços de sangue, ela também não existe somente em relações de interações face-a-face.

As relações entre emigrantes e suas famílias mostram que “estar junto” vai além da convivência diária. É mantido pelo cumprimento de uma série de obrigações e mediações, mesmo quando se está longe. Não é a distância, mas a impossibilidade de partilhar substâncias e experiências que limita a possibilidade de estabelecer proximidade.

É certo que manter uma relação próxima à distância exige esforço dos envolvidos, uma permanente construção e eterna vigilância. É um trabalho duro e estressante que gera conflitos e expectativas que nem sempre podem ser satisfeitas. Foi no sentido de demonstrar todo esse esforço que explorei neste capítulo a combinação de elementos que criam o sentimento de estar relacionado.

As caracterizações de Levine (1973), ao traçar os padrões de personalidade africano, se aproximam muito da situação que encontrei em Boa Vista⁶⁶. O autor caracteriza as relações familiares pelo que chama de uma

⁶⁶ Trajano Filho (2005) explora a aproximação dos argumentos de Levine ao caso cabo-verdiano em um artigo sobre a sociabilidade da diáspora e discute a idéia de ecúmeno

“ausência relativa de ansiedade com relação à separação física”. Para essas sociedades, proximidade nem sempre quer dizer proximidade física e a ausência é minimizada por uma lógica transnacional de obrigações materiais. Sob essa perspectiva, a separação entre homens e mulheres e pais e filhos, aparece como menos disruptiva do que é no ocidente cristão.

Por intermédio de uma maior valorização do cumprimento de obrigações materiais, se torna possível a manutenção das relações durante ausências prolongadas. Diferentemente de nós, as famílias africanas não têm que permanecer intactas residencialmente para que se mantenham social e psicologicamente real para seus membros e mais, as obrigações de parentesco não diminuem com a ausência.

Como procurei demonstrar aqui, em muitos casos essas obrigações se tornam mais intensas para aquelas que saem, uma vez que passam a ser as responsáveis na redistribuição dos recursos econômicos. Voltando a Levine, a distância acabaria por ajudar a preservar padrões de organização tradicional. No nosso caso, o movimento de mulheres, ao invés de ser catalisador de mudanças, em muitos aspectos contribui para a manutenção de padrões familiares tradicionais.

Por último, é momento de salientar um aspecto importante e que percorre todo este trabalho por meio do conceito de proximidade à distância: a noção - inspirada na análise de Bourdieu sobre a *maison béarnais* (1980) - de que para reproduzir algo maior os indivíduos lançam mão de estratégias. Ao falar das estratégias matrimoniais, Bourdieu sugere que toda família tem como objetivo único sua manutenção. O casamento de cada filho gera, então, problemas específicos que precisam ser solucionados no sentido de assegurar o que é importante, a *maison*. Na maioria dos casos a norma mantém-se implícita porque as próprias disposições dos indivíduos estão em harmonia com as estruturas objetivas, sendo raros os casos em que a autoridade paterna precisa ser abertamente expressa na organização dos matrimônios ou para reprimir sentimentos individuais.

Ao analisar o caso da Boa Vista, é claro que não estamos tratando de propriedade rural no mundo camponês, porém estamos no campo da

africano, que aproximaria Cabo Verde da África e não tanto do Caribe, como defendem muitos autores.

reprodução de um sistema de organização familiar, uma reprodução conservadora numa sociedade crioula em que ora o pêndulo tende para um lado, ora para outro. O que analisamos ao longo dos últimos capítulos foram as diversas estratégias utilizadas essencialmente por mulheres para reproduzir um sistema que opera entre dois modelos – o ocidental e o africano.

Estratégias matrimoniais, de emigração, de nominação são utilizadas no cotidiano das famílias para que o sistema continue a se reproduzir. O principal objetivo é de manter proximidade apesar da distância física para que o sentimento de pertencimento ao grupo familiar seja reproduzido. Em última instância, o que buscam manter é a família.

Quem vai e quem fica, com quem a emigrante deixa o filho, o reconhecimento paterno (dar nome), as práticas de troca à distância, as visitas periódicas, bem como os conflitos são todas estratégias para uma reprodução conservadora, que muda para permanecer. No próximo capítulo analiso mais uma destas estratégias, a noção de maternidade social.

- V -

AVÓS E NETOS, VIDAS PARTILHADAS

Dentre as senhoras idosas que conheci D. Lúcia era especial, ficamos amigas e freqüentemente parava em frente à sua casa para conversarmos ou simplesmente vermos o movimento das pessoas que iam e vinham. D. Lúcia é mãe de três filhos, é casada com o pai dos filhos e ele vive em casa numa relação que ela própria define como tranqüila. O marido é ex-emigrante, voltou adoentado da emigração e hoje sua vida gira em torno da doença. D. Lúcia retira o principal sustento das roupas que lava para os outros, com isso garante as despesas da casa e ajuda os filhos. Os dois mais novos ainda estão na escola e a mais velha, Zefinha, é funcionária da Câmara Municipal, responsável pela distribuição de senhas para a busca de água no chafariz. Zefinha tem uma filha de cinco anos e ambas vivem na casa de D. Lúcia. A moça mantém relação com o pai da filha e dorme todas as noites com ele em um quarto que ele ocupa na casa de uma tia emigrante. A criança chama D. Lúcia de *mamã* e à mãe pelo nome próprio. Além disso, dorme todas as noites com a avó e, durante o dia, está sempre em sua companhia.

Por diversas vezes D. Lúcia conversou comigo sobre os cuidados que se deve ter com uma criança. Em sua visão, moças novas não têm a devida atenção com os pequenos e para ilustrar dá o exemplo da própria filha: *Zefinha não tem tempo para a menina, tem muita coisa na cabeça, não tem tempo e dá até banho frio na menina em pleno quintal, não tem paciência de dar comida em sua boca e por isso a filha fica sem comer.* D. Lucia diz que as moças jovens da Boa Vista têm muitas coisas na cabeça e que, se não fossem as avós, não sabe como seria a vida dos pequenos.

Dormir, a menina dorme é comigo, pois a mãe deita (dorme) no quarto do pai-de-filho. Eu não confio minha netinha aos cuidados só de Zefinha, ela não tem paciência e acaba por bater na menina. Ela tem seus problemas e precisa de tempo para resolver. Por algumas vezes presenciei cenas corriqueiras em que Zefa perdia a paciência, ameaçava bater na filha e esta se escondia entre as pernas da avó. D. Lúcia repreendia a criança, chamando sua atenção, às vezes reafirmava a palmada prometida pela mãe, mas logo em

seguida aconchegava a neta no colo e dizia: *não é nada minha filha, não é nada! A mamã não vai bater mais não.*

O objetivo deste capítulo é aprofundar a análise de uma relação que é fundamental para o entendimento da organização familiar boa-vistense: a relação entre avós e netos. Avós dão assistência aos netos. Netos cumprem obrigações para com as avós. A relação entre eles é marcada por uma intimidade construída por diferentes razões e de formas diversas, mas que é sempre central. Num contexto em que a circulação das crianças aparece como característica importante das relações que criam e recriam proximidade entre familiares, a importância das avós enquanto mães sociais vem aprofundar as reflexões sobre o lugar das mulheres em diferentes fases do desenvolvimento do ciclo doméstico e sobre a própria constituição do tempo e espaço onde relações de proximidade são construídas.

Apesar de estar interessada no lugar que a avó materna ocupa nas situações em que a mãe se encontra emigrada, é preciso salientar que o vínculo entre avó e neto não depende de uma situação especial ou de crise (morte, doença ou emigração), mas é um fator comum e característico das famílias em todo o Cabo Verde. Tanto é assim que em diversos estudos sobre o arquipélago os autores (ver Akesson, 2004; Almeida, 2003; Dias, 2000; Monteiro, 1997 e Solomon, 1992) têm chamado atenção para o lugar importante da avó na rede de solidariedade construída entre as mulheres das ilhas.

Por outro lado, estudos sobre o parentesco africano que abordam a questão geracional não são novidades para a antropologia. Radcliffe-Brown (1952:96-97) sugeriu uma equivalência das gerações alternadas e a oposição entre gerações próximas. Segundo o autor, esta igualdade amigável entre avós e netos teria a função de minimizar tensões decorrentes da relação entre pais e filhos, relações marcadas pela autoridade parental e obrigações severas. Fortes (1969:236-240) observou como os avos Tallensi “mimam seus netos”, pois se vêem enquanto importantes para a educação da criança e no processo de formação de sua personalidade e de reprodução da sociabilidade.

Em estudo recente, White (2004) chama atenção para o fato de que, enquanto muitos autores continuam a reproduzir a clássica imagem da relação entre avós e netos como de simpatia e amizade, as situações etnográficas

mostram pinturas mais complicadas. Isso porque as novas etnografias dão atenção às práticas cotidianas, à concretude das substâncias compartilhadas entre parentes (2004:04). Tais estudos centrariam menos na estrutura institucional dos sistemas de parentesco e mais nas relações construídas pela prática cotidiana. Nesse sentido, além de perceber a construção do cotidiano, é preciso entender avós e netos num contexto temporal, em relação aos padrões em mudanças na sociedade em análise.

Já vimos como as interações entre as famílias ocorrem num sentido horizontal por meio das relações conjugais. Apesar de o homem ser figura periférica e vista como pouco importante no universo familiar, é por meio das relações conjugais que o parentesco é reforçado, inventado e as famílias se aproximam criando relações de troca e partilha. Analisamos também as características das relações de filiação (sentido vertical) entre pais-filhos e mães-filhos e como a qualidade desta relação cria proximidade e produz distância na esfera familiar.

Neste capítulo darei atenção a um outro sentido no qual as interações familiares operam, o sentido vertical entre gerações alternadas. Tais relações se referem às trocas em diferentes gerações, pais dando filhos às avós, avós assumindo responsabilidades na criação de netos, netos se constituindo no elo que alimenta a reciprocidade entre filhas e suas mães. É preciso esclarecer um ponto antes de adentrar neste universo: na Boa Vista, os netos se referem às suas avós de forma genérica, ou seja, ao nível da linguagem não fazem distinção entre avós maternas e paternas. Mas quando estamos no campo das relações de um neto com sua avó materna e paterna, vemos que estas não ocorrem sem diferenciação e isso vai depender do contexto familiar e social dos indivíduos em cena. Pretendo explorar, no momento adequado, as características inerentes a avós maternas e paternas, por hora, quero destacar que a análise que se segue tem como foco central a relação entre avós e os filhos de suas filhas.

1. O VALOR DAS AVÓS

Para entender o lugar central da mulher e da relação entre mulheres para a reprodução das relações familiares inclusive em situação de emigração, não se pode negligenciar as avós. Diferentemente do que ocorre no mundo

ocidental, onde mulheres idosas podem ser vistas como inativas e até marginais, as avós na Boa Vista jogam um importante papel nos processos de decisões e exercem forte influência na esfera doméstica. Quando se pensa em ter um filho, já se toma como um dado que este não será criado somente pela mãe, mas que será *agüentado* por familiares e, idealmente, a pessoa destinada a essa tarefa é a avó materna da criança. Uma jovem mãe que tem sua mãe por perto, não necessita lançar mão de negociações com outras mulheres da família consangüínea ou afim para ter ajuda substancial na criação dos filhos.

A responsabilidade para com os filhos das filhas é um importante aspecto na vida das mulheres da Boa Vista. Esta responsabilidade começa com a primeira gravidez da filha, o que quase sempre ocorre quando esta ainda encontra-se na casa da família. Antes de a criança nascer, período em que podem ocorrer dúvidas quanto à paternidade, a mãe da moça grávida é quem dá o principal apoio emocional e financeiro. É também ela quem assume as negociações em torno do reconhecimento da paternidade pelo provável pai e sua família. Após o nascimento, especialmente nos primeiros anos de vida, a avó materna será figura central no cotidiano da criança.

Quando avó, mãe, filho-neto vivem numa mesma casa, as duas mulheres dividem a responsabilidade. Geralmente cabe à mãe a amamentação da criança e a busca de meios para seu sustento econômico. A ajuda principal desta avó se concentra nos aspectos práticos do dia a dia, é ela quem passa a maior parte do tempo com a criança, cuida de sua higiene, depois do período de amamentação é a avó quem a alimenta, dorme com ela e a repreende. A criação das crianças, assim como a execução dos *mandados* e a produção de alimentos em uma casa boa-vistense não são assumidos por uma só mulher, mas divididos entre elas. Por sua vez, as crianças estão no centro das atenções das mulheres da casa, recebendo cuidados de diferentes pessoas.

Não percebo, na Boa Vista, uma diferenciação fixa que coloque as relações nos seguintes termos: avó/neto = proximidade e afetividade e mãe/filho = distância e autoridade. Ambas as relações são caracterizadas pelo calor afetivo e pelo exercício da autoridade. Crianças são tratadas com carinho e atenção, mas também lhes é imposta autoridade. Nesse aspecto, mães e avós não se diferenciam. O que muda é a forma como elas vivenciam essa

experiência, pela maneira como dispensam carinho e como tal sentimento é percebido pelos filhos ou netos.

Os sentidos de *agüentar* uma criança variam no tempo, sendo vivenciados de forma diferenciada por mães, avós e outras mulheres da família. A responsabilidade pelos aspectos econômicos, emocionais e práticos não se acumulam em uma pessoa ou um casal (os pais biológicos da criança), mas são partilhados na rede familiar feminina, sendo que os arranjos irão depender das conjunturas de cada família ou grupo. As crianças percebem tal estrutura, reconhecem autoridade, devem obediência e dedicam carinho não só à mãe, mas especialmente às avós.

No universo externo ao grupo doméstico, a autoridade da avó não só é reconhecida, mas incentivada pela escola, órgãos do Estado e comunidade em geral. Por exemplo, na escola em que lecionei por algum tempo, quando as crianças apresentavam problemas disciplinares, frequentemente eram as avós que eram chamadas à escola para serem comunicadas das medidas punitivas. Da mesma forma, no cotidiano da vida de uma criança, é na figura da avó materna que se centra a imposição de autoridade. É comum a frase “menino, vou reclamar para sua avó o seu mal-feito”.

No cotidiano, não causa espanto ou polêmica o fato da avó materna agüentar um ou mais netos. Diferentemente do ideal ocidental que diz “quem pariu o bebê que o embale”, ser avó na Boa Vista pressupõe uma participação efetiva no processo de formação da criança e, na maioria dos casos, um sentimento de responsabilidade para com os netos. Em situações de crise isso é percebido com maior clareza, como por exemplo, quando mãe e pai brigam pela guarda de um filho na justiça e esta é dada à avó materna. Ou quando uma avó se nega a *ajudar* a filha com sua criança e é repreendida por membros da comunidade por meio dos rumores.



Avó materna e neto

Por sua vez, as filhas esperam a *ajuda* da mãe e das outras mulheres da família com seus filhos. É preciso ficar claro que esse não é um fator de angústia ou debate, é simplesmente assim que as coisas acontecem e devem acontecer. Em situações cotidianas, cuidar de um neto ou deixar que a sua mãe cuide de seu filho não necessita de negociação entre as duas mulheres, é um dado. É quando este comportamento esperado é quebrado por motivos diversos, que se abre uma esfera de negociação, rumores e conflitos que irão mobilizar a família e até a comunidade como um todo.

Os motivos para estar com a avó são diversos, desde situações em que vivem todos juntos em uma mesma casa, ou passando por dificuldades financeiras, ou devido à emigração da mãe, até pelo simples desejo das avós ou das crianças. Viver com a avó é uma opção válida e não restrita a eventos especiais. A mobilidade parece ser o ponto chave aqui, a criança pode estar com a mãe ou com a avó materna, assim como pode passar períodos com a avó paterna ou em casa de outro familiar⁶⁷. De uma forma ou de outra, “viver com” não é, necessariamente, encarado como um arranjo fixo ou permanente na vida de um indivíduo e isto é válido para a vida de uma criança. O que torna a avó materna especial é o fato de ela ser identificada como o membro central dos conceitos de *nha casa e nha família* (ver capítulo II).

1.1. Competição ou complementaridade?

⁶⁷ Cabe lembrar que as distâncias físicas ajudam na vinculação entre as casas, pois ficam a poucos metros umas das outras.

Durante o trabalho de campo, por vezes pude observar que os laços entre crianças e avós que vivem numa mesma casa são de maior afeição do que os laços com as mães. Essa interpretação tinha origem em fatores práticos como nos atos cotidianos de partilhar (produção doméstica, consumo e cuidados diários) e nomear: avós e netos partilham o dia a dia da casa e netos se referem à avó pelo termo *mamã*. Ambos são centrais para a vida cotidiana de um indivíduo e constituem o que chamo aqui de proximidade. Nesse contexto, se o parentesco na Boa Vista tem um forte caráter de uma relação construída sobre o cotidiano do viver juntos, podemos afirmar que a avó tem um lugar mais central que a mãe na vida de uma criança?

Não me parece correto afirmar que exista disputa entre mãe e avó, onde esta ocuparia um lugar de vantagem sobre a primeira. O que existe é uma complementaridade de funções e formas de tratamento que advém das conjunturas de vida destas mulheres. A maternidade, tal como entendida na Boa Vista, não está restrita à figura da mãe, ela tem um significado que abarca outras mulheres que compartilham substâncias essenciais para o cotidiano – alimento, cama, casa, bens e valores. Mais do que isso, a particularidade deste caso é que uma geração não é o bastante, a maternidade requer o esforço coordenado de duas gerações de mulheres no interior dessas famílias matrifocais.

Na ausência do homem enquanto figura estável (ou seja, aquele com quem se pode contar) é preciso a união de duas mulheres em fases diferentes da vida para criar uma criança. A mãe e a *mamã* se complementam na tarefa de cuidar e alimentar. Essa união dá o sentido local do que a criança precisa para estar feliz e amparada, a atenção diferenciada da mãe e da *mamã*. Da mesma forma, exercer a maternidade nas duas fases da vida significa o exercício pleno da maternidade para uma mulher. Ser mãe é um ciclo que começa com o nascimento de um filho e a possibilidade de ser mãe e só se fecha quando a mulher tem a chance de se tornar *mamã*.

Ser mãe e ser avó são coisas diferentes, mas complementares. São fases de experiência distintas que se complementam nos atos cotidianos de cuidar da casa, da família e das crianças. Se tomarmos o desenvolvimento do ciclo doméstico poderemos entender melhor este argumento. Quando as jovens começam a procriar, a mãe já se encontra a caminho de uma fase de

maior tranqüilidade e relativa estabilidade. Possuindo um companheiro ou não, esta mulher já é a responsável por sua unidade doméstica e pela manutenção daqueles que vivem nesta. Como no caso de nossa informante (D. Lucia), a mulher-avó chama para si a responsabilidade dos cuidados diários com os netos que vivem em sua unidade, pois acredita ter melhores condições para *agüentar* as crianças. Nos casos dos netos que não vivem na mesma casa, uma relação de proximidade também é alimentada. Ambos tendo que cumprir obrigações de visitação e de troca recíproca⁶⁸.

É importante deixar claro que essa relação não é simplesmente definida pela posição geracional, mas é moldada socialmente a depender do contexto doméstico e, principalmente, das relações de gênero. A vida de uma mulher adulta está dividida em basicamente dois estágios: enquanto mulher e mãe jovem, ela está sob autoridade de outra (ou outros), mas apesar disso é o centro da produção e reprodução da casa; enquanto avó, ela se move gradualmente para fora da esfera produtiva e sexual-reprodutiva, mas ganha em autoridade doméstica. Essa esfera da sexualidade é fundamental para o tipo de relação entre mulher e criança nas duas fases da vida da mulher, bem como para a relação de complementaridade entre as duas mulheres envolvidas.

A mulher se torna mãe, em geral, ainda muito jovem e em uma fase em que as relações conjugais são marcadas pela instabilidade. Por outro lado, é característica desta fase a instabilidade econômica da mulher. Ela deve, então, se dividir entre um trabalho que gera renda financeira para si, a casa e os filhos se dedicar ao homem com quem mantém um relacionamento e ainda cumprir suas funções na sua esfera doméstica de origem. Então, ao longo do dia, ela circula entre casa e trabalho ou, nos casos onde a renda é gerada por uma produção doméstica, ela se ocupa dos diversos afazeres cotidianos.

⁶⁸ A relação com a avó paterna é um bom exemplo. Uma vez que os conflitos em torno da paternidade são solucionados, a relação com a avó paterna também tem grande importância. Como na maior parte dos casos a criança vive com a mãe na casa da família materna, não só é esperado que a avó paterna visite o neto, mas que este também a visite, sendo bem visto que os netos durmam algumas noites com ela e, dependendo das circunstâncias, possa até lá residir. Crianças e avós paternas estabelecem um vínculo fundamental entre as famílias, um vínculo que ultrapassa os assuntos relacionados à conjugalidade, mas que estão ligados a esta pela figura do homem.

De noite, como vimos no relato que abre este capítulo, a mãe se dedica ao seu homem. Como é comum que vivam em casas separadas, ela se desloca para dormir no quarto de seu companheiro, deixando o filho em casa com a sua mãe. O dormir junto cumpre função importante na manutenção da relação conjugal. Por um lado, alimenta o sentimento de proximidade entre o casal, dando à mulher a sensação de estabilidade e, complementar a isso, permite que ela mantenha o companheiro sob sua atenção, afinal, se ele está dormindo com ela, não está com outras.

Portanto, a mãe tem que se dividir entre família, homens e filhos tanto nos cuidados diários, quanto na cama. Segundo as avós, essa divisão as deixa ansiosas e tensas, estados que não condizem com os cuidados que uma criança pequena precisa. Para as moças, a preocupação com a vida conjugal requer tempo e mobilidade e uma criança pode ser um empecilho. É comum, em caso de gravidez, que amigas e familiares julguem a moça como burra, pois a criança *prende* a mulher desde a gravidez o que facilita a mobilidade do homem no relacionamento com outras. Por outro lado, ter um filho é um valor importante para homens e mulheres e, com frequência, são vistos por elas como potenciais elos de estabilidade em uma relação conjugal⁶⁹.

Nesse sentido, a própria organização da rotina doméstica, com grande ênfase nas relações entre mulheres, retira o caráter de exclusividade da mãe biológica com os filhos e pressupõe a circulação da responsabilidade para com estes entre as mulheres da família, principalmente a avó. A criança, que nessas condições poderia ser vista como fardo é encarada como uma dádiva, como um valor para mães e avós.

1.2. *Ter tempo*

As avós são calmas. Ouvi isso algumas vezes quando estas mulheres tentavam me explicar o porquê de se dedicar aos netos, muitas vezes deixando pouco espaço para as mães cumprirem funções diárias de alimentar, dar banho e repreender seus filhos. Elas explicavam que as moças novas não possuem a calma necessária para cuidar de uma criança, pois estão muito preocupadas e

⁶⁹ Na relação mãe-pai, apesar do filho não garantir estabilidade, se constitui como um elo que pode garantir que o homem retorne sempre a esta mulher. Além disso, pela relação com a avó paterna, a criança será um elo importante entre as famílias.

ansiosas com outras coisas (trabalho, diversão e homens). Por isso perdem a paciência, batem nas crianças sem necessidade e não têm os cuidados necessários. A expressão utilizada por elas é a de que as moças *não têm tempo* para estas coisas.

No relato de D. Lúcia, essa expressão é utilizada algumas vezes para definir o tipo de relação entre a jovem mãe e sua filha. Não ter tempo marca a ambigüidade de ser mãe em uma esfera conjugal caracterizada pela instabilidade e mobilidade masculina, onde a mulher é, ao mesmo tempo, o centro da reprodução das relações familiares, a responsável pela esfera econômica e a fonte de intimidade emocional. O universo complexo de uma jovem mãe, portanto, justifica sua falta de tempo e a necessidade de uma estrutura em rede que complemente suas funções nos cuidados com as crianças.

Os netos percebem a diferença. As avós são estáveis, não costumam se movimentar além do espaço da casa e da vizinhança, estando associadas ao universo doméstico. Além disso, não estão mais ocupadas com companheiros infiéis ou com mulheres rivais. Elas *têm tempo*, pois não estão envolvidas nas constantes demandas com fatores externos à casa. Numa idade em que as crianças estão vinculadas e dependentes do espaço doméstico e do universo feminino, a identificação com a avó é total. Ainda neste capítulo veremos que essa relação muda à medida que as crianças crescem, as mães ficam mais maduras e as avós mais idosas.

É importante entender que não há um sentimento de que as mães são preguiçosas ou negligentes com seus filhos - lembremos que a mãe é identificada como figura central no processo de formação da criança, sendo ela a responsável principal por seu sustento e pela transmissão de valores e conforto emocional. A posição da mãe é justificada por sua conjuntura de vida, ou seja, faz parte da experiência de ser mulher passar por um período em que ela deve se dedicar mais a outras esferas do que aos cuidados diários com os filhos. Para isso, o próprio sistema estrutural das famílias boa-vistenses permite que ela saia estrategicamente sem que isso cause traumas ou sentimentos de abandono por parte das crianças.

2. FILHOS DE FILHAS EMIGRADAS

Vemos que o papel central das avós não está restrito às situações especiais ou de crise. Fica, então, uma questão: como é a relação avós-mães-filhos em casos de mães emigradas? Entendo que o foco nos netos deve ser visto em dois sentidos: primeiro, ser avó faz parte da experiência intersubjetiva da mulher, um tempo de intimidade com os netos e de manutenção dos laços com as filhas. O segundo foco é o da qualidade mediada da relação com os filhos das filhas. Esse segundo aspecto é fundamental para a compreensão do papel que as avós assumem nos casos de emigração.

Vimos no capítulo IV que a avó é a candidata natural a ficar com os netos de uma mãe que ambiciona emigrar. Idealmente, ela é a mais apta a assumir o *lugar da mãe* em caso de ausência desta. Um fator importante para a estabilidade da criança é o fato de já estar acostumada com a avó, pois mesmo na presença da mãe, ela já fica a maior parte de seu tempo com as avós, tornando-se habituada a estas e não querendo deixá-las. Portanto, essa é a situação ideal para o bem-estar da criança.

Por outro lado, é a situação ideal também para mães e avós. Os filhos lamentam ter vivido longe das mães e de terem mais intimidade com avós, tias ou irmãs mais velhas. Porém, se há um sentimento de perda por parte dos filhos, há também em suas falas um profundo carinho quando se referem às mães. Eles reconhecem e valorizam não só o esforço feito por essas mulheres para que *tenham uma vida melhor*, mas principalmente a preocupação que elas têm em, mesmo a distância, serem parte de suas vidas e *alguém com quem se pode contar*. Essa proximidade entre mãe e filhos é construída e incentivada pela família materna no dia-a-dia da criança, principalmente pela avó. A avó exerce uma função fundamental nessa esfera, de mediadora entre mãe e filho.

Netos chamam a avó de *mamã* e, num grande número de casos, afirmam que a avó é “sua mãe de verdade”. Algumas destas crianças não se lembram de ter vivido com a mãe biológica, pois esta emigrou quando ainda eram muito pequenas. Tais fatos poderiam nos levar a crer que, em situações de emigração haveria confusão geracional entre mãe e avó. Porém, os dados de campo demonstram que não é assim que as coisas se passam. Fica claro no discurso destas mulheres que ser mãe é diferente de ser avó e que o fato

de agüentar as crianças está inserido no contexto de ajuda, categoria central no universo familiar feminino e na percepção da maternidade como social.

É claro que a divisão de tarefas assume novos arranjos quando a mãe não está presente tratando, inclusive, da relação da criança com as esferas extra-domésticas. Além de passar a ser a principal (às vezes a única) fonte de suporte emocional que a criança reconhece, a avó acaba por acumular funções de administração de esferas da vida dos netos que normalmente ficariam a cargo da mãe. A responsabilidade com a educação é o aspecto mais marcante que encontrei nos relatos. Todos estes fatores podem levar a confusão geracional entre mãe e avó e, de fato, isso pode ocorrer em alguma fase da vida da criança. Porém, o papel que se espera da avó é o de fazer a mediação entre mãe e filho para que o lugar da primeira esteja bem definido e valorizado pelo segundo, ressaltando o caráter complementar da relação.

2.1. Avó como mediadora

A filha de D. Joaninha partiu para Itália antes de Joyce completar um ano. A avó ficou com a criança e, devido às dificuldades de regularizar sua situação como imigrante, a moça já estava fora há quatro anos quando conheci D. Joaninha e sua netinha. Na casa moravam mais sete pessoas, entre filhos e outros netos, pois D. Joaninha era viúva. Os outros netos demonstravam ter ciúmes da relação de Joyce com a avó, segundo eles “está era sua neta de grandeza”. Quando D. Joaninha ouvia tais reclamações, justificava dizendo:

Gosto de todos os netos e filhos igual, eles são todos meus! Mas Joyce tem a mãe longe, eu que tenho que agüentar a carga! Eu sou sua mamã! Apesar de que minha filha está sempre presente na vida dela, manda suas coisinhas sempre que pode e me ajuda a agüentar minha carga! Por isso digo sempre a ela: minha filha foi sua mãe que mandou essa roupinha para você com muito sacrifício lá na Itália, trabalhando na casa dos outros só para nos ajudar! Faço isso sempre porque mãe é quem pariu não é mesmo? Toda mãe tem que ter seu valor e sei que minha filha sofre muito lá no estrangeiro sem nem poder ser chamada de mamã! A menina, coitada, se não fosse pelas fotos que mostro todos os dias, se visse a mãe na rua nem ia saber quem era.

Conheci muitas avós com um comportamento semelhante ao de D. Joaninha, apesar de sentirem orgulho pelo reconhecimento dos netos, cuja mais clara expressão é o ato de nomeá-las de *mamã*, assumem como parte de

sua função alimentar a memória da mãe biológica sempre viva nas vidas das crianças. Para isso, falam constantemente das mães, relatam seu sacrifício, mostram fotos e salientam que tal roupa ou brinquedo foi enviado pela mãe que está fora.

Apesar disso, é comum que a criança se confunda até certa idade. Chico, criado pela avó e longe da mãe desde um ano de idade, me relatou que quando era pequeno não entendia bem quem era quem em sua vida, sabia que tinha uma mãe na Itália, que ela lhe mandava coisas e pagava sua escola, mas *confundia um pouco essa coisa de mãe, pois vivia com a avó e via minha mãe muito pouco. Quando fui crescendo e com minha avó me explicando tudo, entendi o papel de cada uma em minha vida e o lugar ocupado por elas.*

É preciso, então, considerar a qualidade mediada e complementar desta relação. Entender esse aspecto é fundamental para compreender o lugar da avó. Ser avó não é o mesmo que ser mãe, mas a avó também é mãe. Por outro lado, neto não é filho, é o filho da filha. Diferentemente de outras sociedades africanas que consideram haver uma confusão de papéis entre mães e avós, o discurso das mulheres da Boa Vista insiste na distinção das relações entre avós e netos e mães e filhos. Meus dados mostram que, assim como afirma Notermans (2004) ao falar sobre confusão geracional em sociedades africanas, para estas mulheres, ser avó e ser mãe são percebidas como experiências diferenciadas e, por esse motivo, colocam ênfase nas diferenças geracionais entre a avó (mamã) e a mãe.

Quanto às crianças, falam com suas avós como se fossem suas “mães” e, muitas vezes, não identificam outra mãe que não seja a avó. Cabe a esta ter o cuidado em fazer com que a criança tome conhecimento de sua mãe biológica e nutra por ela um sentimento de amor. Como presenciei com D. Joaquina, por diversas vezes ouvi as avós lembrarem aos netos de suas mães, colocarem as crianças para falarem com elas e a insistirem que não têm a ambição de assumir o lugar de mãe, pois *mãe é que pariu*. Reforçando tal quadro, lembro que sempre que as crianças se referem à sua *mamã* a um terceiro, o fazem se utilizando da categoria *nha avó*.

Como entender, então, esta confusão de papéis entre mulheres e crianças? Ao invés de falar simplesmente em confusão geracional ou equivalência de papéis, interpreto uma tensão operando nesta esfera: entre um

sistema que emerge da prática local baseada numa estrutura de relações entre famílias matrifocais que operam com o conceito de maternidade social e um modelo cristão e biologizado de família onde “mãe é quem pariu”.

Na Boa Vista é preciso duas gerações para que se cumpra o papel de *agüentar* os filhos, a maternidade é impossível de ser exercida em apenas uma geração porque é muito centrada na complementaridade entre mulheres. Como a criança é um valor importante num contexto em que as relações conjugais não são estáveis e não há a existência de grupos corporados – ou seja, é um sistema bilateral, mas matricentrado -, observa-se uma tensão entre avó e mãe ao invés de uma equivalência entre avós e netos. O lugar de mediação que a avó ocupa entre mãe e filho é fundamental para os envolvidos, mas emerge em meio a uma tensão entre dois modelos. Mãe e *mamã* são duas facetas da maternidade. Ser *mamã* vem mais tarde, quando se é avó. Esta, quando jovem, foi mãe, mas não pôde ser *mamã*. O ciclo de maternidade só se conclui quando se é avó.

Lembremos que é também função das moças, vizinhas ou parentes, ajudarem a *agüentar* as crianças. Voltamos aqui aos significados complementares da categoria *agüentar*, as avós como atores centrais em assumir a responsabilidade para com os netos - inclusive na gestão financeira dos recursos enviados pelas mães que estão fora; e as outras mulheres auxiliando nas ações cotidianas de cuidar da criança e ajudar nos afazeres domésticos. A relação avó-filha-neto tem, então, um caráter especial, não exclui ou diminui a importância da mãe, ao contrário, realiza uma soma entre as mulheres, o que acaba por fortalecer a rede de relações que poderia ser quebrada na ausência de um de seus membros.

Se tomarmos a noção de matricentralidade com a qual vimos trabalhando e analisarmos a fala destas avós, percebemos que avó também é mãe. É claro que isso é experienciado de forma distinta por avós, filhas e netos. As perspectivas sobre o valor das crianças mudam a depender da posição que os indivíduos ocupam na estrutura social. O que vale salientar é que, dentro do padrão tradicional, avó e mãe se complementam na esfera doméstica, numa noção de maternidade como função que não depende de uma só mulher, mas é estendida a outras mulheres da família não causando prejuízos emocionais às crianças que sempre terão alguém que cumpra o

papel de mamã. Tal estrutura se constitui como problema somente a partir da tensão entre este e uma idealização do modelo ocidental cristão de família nuclear.

3. O VALOR DOS NETOS

Nha Celeste teve 10 filhos. Três mulheres vivem na Itália já há muitos anos. Uma fez sua vida por lá, casou com um branco, teve um filho que também é casado e já lhe deu uma bisneta, eles nunca vieram a Boa Vista e Nha Celeste não conhece a neta. Apesar disso, a filha é considerada boa filha, pois manda uma ajuda à mãe sempre que pode. O assunto preferido de Nha Celeste era os netos, fala-me do carinho que todos têm por ela e diz orgulhosa que a chamam de *mamã*. Todos os 17 netos a chamam assim e ela ri orgulhosa ao falar sobre isso. Conta também que todos eles, mesmo agora depois de grandes, vêm visitá-la todos os dias, pois se sentem bem em ver a *mamã* e comer um pouco de sua comida.

Alguns netos ainda vivem com ela, outros têm suas casas, mas passam o dia lá enquanto as mães vão trabalhar. Conta que eles são sua companhia e que é bom ter muito trabalho com eles, ainda agüenta um netinho de um ano, pois assim não *fica sentada vendo o dia passar*. Pergunto se não fica cansada de ter que agüentar netos. Seu semblante é de estranheza diante de minha pergunta e ela se limita a responder: *eles são minha companhia, os filhos já estão fazendo sua vida! Se não fossem eles não sei como seria minha vida e a desse senhor aqui* (aponta para o marido adoentado na poltrona).

Netos que vivem longe não fazem de uma mulher uma avó, mas os netos que compartilham comida, casa e cama sim. Se a avó cozinha para os netos, os alimenta e dá conforto, por sua vez, cabe aos netos ajudarem as avós em todas as tarefas domésticas, dedicar-lhes respeito e conforto emocional e garantir a reprodução da casa. Ter netos próximos a si, vivendo em sua casa, faz das mulheres avós na Boa Vista. Ter um filho de uma filha por perto constitui característica central na organização de uma casa, portanto, essa relação não está restrita a momentos de dificuldades, mas é um meio comum de fortalecer relações e laços sociais e de exercer a maternidade nesta sociedade.

Os netos geralmente estão integrados nos trabalhos cotidianos, meninos e meninas ajudando nas atividades femininas como cozinhar, lavar e o transporte de água, lenha ou alimento. Enfim, são importantes para o cumprimento de muitos mandados que as avós já não tenham mais condições físicas de cumprir. A presença de netos também ajuda a garantir provisões da geração mais velha com comida e ajuda financeira, em especial se os pais das crianças encontram-se emigrados. Por último, também é tarefa dos netos, cuidar e fazer companhia às avós, ou seja, eles também mediam os deveres entre uma geração e outra, de filhas para com suas mães.

Assim como é importante para as crianças viverem próximas às avós e encontrarem nestas uma fonte segura de apoio emocional, as crianças são elos fundamentais entre as gerações. Nesse sistema, os filhos das filhas não casadas têm especial importância para as avós. À medida que a moça amadurece e constrói uma relação conjugal estável, aumenta a possibilidade de que os netos deixem de morar com a avó a passem a visitá-la. A proximidade física e a partilha são centrais para a performance da avó, o que significa que netos que vivem longe não fazem de uma mulher avó no sentido tal como é entendido em Boa Vista.

Retornando ao relato de Nha Celeste, lembro que ela tem uma neta que vive na Itália com a mãe emigrada e que ela não conhece. Em nossas conversas, sempre tão centradas nos netos que entravam e saiam a todo instante, poucas vezes ouvi Nha Celeste incluir esta neta distante em suas contas para saber quantos netos possuía ao todo. Fazendo a árvore da família, vejo que Nha Celeste tem 18 netos, mas freqüentemente conta somente 17, ou seja, somente aqueles que a chamam de *mamã*.

As avós gostam da presença dos netos, têm prazer em ter a companhia das crianças em uma fase da vida em que os filhos já se dedicam à construção de sua vida adulta em uma sociedade que vê na emigração a melhor saída para sua reprodução. Mas, além do conforto emocional, estar com os netos garante a manutenção de direitos. Não ter netos em casa significa abandono e perda em diversos sentidos. Os netos são a garantia de que os filhos dêem continuidade à contribuição financeira que é substancial para a segurança econômica numa idade avançada. Dentre as famílias com as quais tive contatos regulares, 84 por cento das avós agüentavam um ou mais netos,

destas, 37 por cento recebia suporte econômico das mães ou pais das crianças.

Ter uma boa vida para essas mulheres é viver rodeada de netos e filhos. As crianças são como elos entre as relações, elas realizam uma soma. O desenvolvimento do ciclo doméstico, tal com entendido a partir de Fortes, termina com a fase de dispersão, onde filhos adultos tendem a formar novas unidades e os velhos pais tendem a ficar sós. A estrutura ideal da Boa Vista é de que as filhas permaneçam por muito tempo e que netos sejam incorporados à unidade. Em certo sentido, netos representam a continuação da relação com as filhas, assumem funções cotidianas que eram destas e garantem a fidelidade das mesmas, numa fase do ciclo doméstico caracterizada pela dispersão e esvaziamento da unidade doméstica central.

4. PERSPECTIVAS DIFERENCIADAS

Até o momento, me detive à análise da relação entre avós maternas e netos quando ainda crianças. Centrar nessa relação particular se justifica pela importância que ela assume na vida dos boa-vistenses. Apesar disso, não posso deixar ao leitor a impressão de que a relação avós-netos é uniforme. É preciso distinguir entre avós maternas e paternas, avôs e avós e suas relações com várias categorias de netos: crianças ou jovens, moças ou rapazes. Essa perspectiva vai fornecer uma idéia do desenvolvimento desta relação particular e das mudanças estruturais que trazem impactos para as vidas de novos e velhos.

4.1 Avós paternas

Dora cria dois netos, além dos quatro filhos que vivem em sua casa. Afirma que tudo aquilo que não pôde dar aos filhos, hoje dá aos netos. Pelos netos diz fazer de tudo, porque quando faz pelo neto é como se seu filho (o pai da criança) estivesse fazendo. Seu argumento é de que nenhuma mãe tem que falar que seus filhos estão abandonados pelos pais, porque os pais não podem agüentá-los, mas quando Dora os assume é como se fossem eles. Diz que é ela quem arca com todas as despesas de filhos e netos e que faz isso para ajudar, pois não tem nenhuma obrigação, *faço porque sou doida por todos aqueles que são de meu sangue, ou seja, que são meus.*

Em geral, avós têm menos intimidade nas relações com os filhos dos filhos homens, principalmente porque não é tão comum que estes netos vivam com ela. Dora é um dos poucos casos que encontrei de avó paterna que assumiu os netos como se fosse mãe. No caso do neto mais velho, a mãe da criança não era da Boa Vista e tinha sua mãe na emigração, por isso recorria sempre à Dora quando precisava de ajuda. Assim que teve oportunidade, a moça seguiu também para a Itália deixando o bebê sob os cuidados da avó paterna.

Na esfera das obrigações recíprocas que são esperadas entre todos os netos e avós não há diferença considerável quando se trata dos filhos das filhas ou dos filhos dos filhos. A grande diferença é que os filhos dos filhos não estão dados de antemão. Eles freqüentam a casa das avós paternas, brincam, comem, fazem mandados e podem até dormir lá. Mas voltam sempre para a avó materna ou para a mãe. Já os filhos das filhas são especiais, geralmente vivem com as avós e são muito apegados a ela. A diferença entre uma e outra é que no primeiro caso há escolha, contingências e circunstâncias que podem levar o neto a viver com a avó paterna. No caso dos filhos da filha não é demandada qualquer explicação, eles simplesmente estão em *sua casa*.

4.2 Avôs e avós

As avós são mais afeiçoadas aos netos que os avôs. As razões disso estão ligadas ao papel masculino na esfera familiar. Alguém pode questionar o seguinte: se em uma idade madura o homem está mais tranquilo e mais presente na casa, ele não estaria mais próximo também no universo das relações familiares? Minha resposta é de que o que influencia as relações do homem com a casa não é sua presença ou ausência física, mas a posição que ele assume no universo relacional familiar.

As necessidades de uma criança são socialmente construídas de forma a vinculá-las ao universo feminino. A criança está inserida, e tem papel importante, na rede de solidariedade feminina. Há um só tempo ela depende e alimenta as relações entre mulheres e famílias. A mulher muda de fase, de mulher e mãe passa para avó, assumindo assim papéis diferenciados, porém centrais, na esfera doméstica e social. Em ambos os casos, os filhos

desempenham um papel fundamental, primeiro enquanto filhos e depois como netos.

O homem também muda de fases ao longo de seu ciclo de vida, enquanto homem jovem ele parece estar vinculado mais ao seu grupo consangüíneo do que à nova família que constitui de forma processual ao lado de sua (ou suas) *mãe-de-filho*. Quando maduro, em geral passa a ocupar uma posição mais estável na casa e isso é ritualizado pela formalização do casamento. Apesar disso, na esfera das decisões cotidianas e da administração da casa, ele não sai de uma posição periférica relativa ao mundo doméstico ao longo de toda a vida. Nesse sentido, diferentemente do pai, o avô é figura presente, é fonte de autoridade e, geralmente, é chamado de *papá*. Enquanto homem, não tem que estar fisicamente ligado à criança em seu dia a dia.



Avó, avô, filha e neta.

Devido a uma distância evidente entre pais e filhos, a relação entre as mulheres da família e as crianças é central, no entanto, essa margem diminui à medida que os indivíduos envelhecem. Na vida dos netos, a figura do avô se apresenta como fonte de respeito e relativa autoridade na casa. De novo percebe-se que não é uma relação baseada na intimidade, diferentemente das avós, o que marca a relação entre avôs e netos não é a intimidade física e emocional, mas o sentimento de *poder contar com eles*.

4.3. Netos jovens

Ao longo deste capítulo, ficou claro que avós e netos vivem em situações de alto grau de reciprocidade. Quando os netos são crianças,

necessitam do que as avós têm em abundância: atenção, estabilidade e tranqüilidade. Por sua vez, netos pequenos dão às avós companhia e a oportunidade de partilhar dos prazeres da vida da criança, de sua capacidade de circular e dos benefícios materiais e afetivos (ajuda financeira dos filhos, força de trabalho para os afazeres domésticos, atenção, carinho, companhia). Porém, se damos atenção às relações entre jovens e seus avós, teremos uma situação bem diferente. A relação não perde em importância, mas os conteúdos recíprocos, emoções, experiências de vida, comunicação, tudo isso perde em qualidade. Nessa fase da vida, eles precisam de outros tipos de conhecimento e têm necessidades materiais que avós já não podem suprir: escola, trabalho, contatos, bens materiais, relações afetivas e resolução de conflitos.

Avós têm pouco em comum com netos crescidos e a reciprocidade diminui, ficando restrita à performance do respeito. É nessa fase que a figura da mãe ganha proeminência. Se quando crianças, a performance da avó está casada às necessidades das crianças, na juventude ocorre o inverso. À medida que a mãe tem condições de suprir as necessidades de seus filhos, o vínculo tende a ficar ainda mais forte. Daí a importância e a ambigüidade da emigração feminina nesta fase do ciclo doméstico.

Julinha emigrou há sete anos e deixou dois filhos, um menino e uma menina com as idades de três e oito anos. Eles ficaram com a mãe de Julinha. Há cerca de um ano a mãe, na Itália, começou a ouvir reclamações sobre o comportamento da filha: que ela não ouvia mais a avó, não se comportava de forma adequada, dormia fora de casa e não freqüentava a escola com regularidade. Por sua vez, a moça demandava mais e mais coisas de Julinha: roupas, dinheiro e as providências para que a mãe a mandasse buscar. Em setembro de 2005 estourou o boato acerca da moça, estava grávida há sete meses e ninguém sabia, segundo comentavam, *a menina foi ao hospital com uma dor de barriga e saiu com um filho nos braços.*

Por dias este foi o assunto mais badalado da ilha chegando rapidamente à Itália por meio das redes de fofocas que liga os dois universos. Dois meses depois do acontecido soube que Julinha estava na ilha. Como nos conhecíamos, logo fui fazer uma visita e a encontrei triste e desiludida com seu destino.

Demorei tanto para conseguir emigrar, depois demorei para conseguir os papéis, agora que estava conseguindo me firmar no estrangeiro veja o que me aconteceu! Tive que desistir de tudo para vir ajudar minha filha a criar a criança que um desgraçado lhe colocou na barriga! Minha mãe não pode mais, já está grande e não pode mais com as coisas dos jovens, ela não tem mais força coitada. Sou eu que tenho que agüentar minha carga! Quando eles são crianças, dá para sair, pois é mais fácil agüentar uma criança, mas quando crescem a coisa muda. Talvez se estivesse aqui isso tudo não teria acontecido!

A dificuldade da relação entre avós e netos jovens é bastante comum e ganha em dimensão nos casos de emigração. Com o aumento de problemas sociais como alcoolismo, drogas e a perspectiva da gravidez precoce como um problema, e a idealização da família nuclear, a saída das mães para emigração passa a ser foco de questionamento quando o assunto é o problema da juventude boa-vistense. Da criança dádiva, passamos à visão do jovem como um fardo. Nesses casos, a mãe é chamada a assumir sua função.

O relato de Julinha vem salientar as diferenças de papéis ao longo da vida dos indivíduos envolvidos. Se tomarmos esta relação apenas sob a perspectiva de avós idosos e netos ainda crianças, temos um terreno fértil para a reciprocidade. Se, entretanto, o foco de nossa atenção está na relação com jovens da Boa Vista de hoje, temos uma situação bastante diferente. A relação de sangue está lá, mas os conteúdos de partilha, experiência de vida e comunicação estão vazios. As novas gerações precisam de outros tipos de conhecimentos que as avós não são consideradas aptas a transmitir.

5. NOVOS TEMPOS

Nos últimos anos, não só as relações entre avós e netos estão mudando na Boa Vista, mas as relações familiares em geral. Tais mudanças são encaradas de forma diferenciada a depender da posição dos indivíduos no desenvolvimento do grupo doméstico e da posição das pessoas na estrutura social: as avós são as que mais vêem o processo como negativo, se vêem como perdendo algo. Para os jovens, as mudanças são positivas, pois trazem novas possibilidades de abertura ao mundo externo. As mães têm uma perspectiva ambivalente. Apesar de desejarem suprir a demanda dos filhos,

não são consideradas aptas a assumir uma criança sem lançar mão das redes de ajuda.

Devido a uma série de acontecimentos que vem ocorrendo nos últimos dez anos na Boa Vista⁷⁰, hoje, cada vez mais cedo os filhos demandam se juntarem às mães na emigração. Com o nível de desenvolvimento local, um outro fenômeno se dá: indivíduos ainda jovens vêm conseguindo realizar o projeto de ter sua casa cada vez mais cedo. Com isso, viver com a avó se torna uma opção menos desejada pelos netos, especialmente quando já são jovens.

Mais fator que tem influenciado nos padrões tradicionais dos netos viverem com as avós é a imagem ocidental de família veiculada pela igreja católica e meios de comunicação. Mulheres mais jovens passam a apresentar o desejo de terem o que chamam de uma família *normal*, ou seja, onde os pais vivem numa mesma casa e criam seus filhos. Um dos maiores constrangimentos vistos pelos pais em deixar os filhos com uma pessoa grande, é o pouco valor que elas dão a aspectos modernos da vida que vêm sendo incorporados no dia a dia da ilha: escola, diversão e higiene. Avós não acompanham o rendimento escolar dos netos e, por causa dos mandados domésticos, desviam a atenção das crianças do que deve ser primordial para os pais modernos: o estudo.

Por outro lado, devido à distância geracional, não se sentem aptas a controlar e acompanhar as novidades em termos de diversão juvenil (bares, pub, discotecas). Os netos jovens utilizam isso a seu favor e dizem preferir ficar com as avós não só porque elas são pacientes e atenciosas, mas porque com elas se sentem mais livres para *andar por aí*. Mas há desvantagens: têm que viver de forma tradicional, cumprir os mandados e ainda dividir com um maior número de pessoas a comida, a cama e os recursos.

Num contexto tradicional, quando falam de suas vidas, as conversas com senhoras idosas seguem dois caminhos opostos: (1) a preocupação por estarem ficando velhas, com pouca saúde, muita pobreza, em estado de solidão, perda de carinho e respeito e; (2) os benefícios que a idade lhes trouxe. Ser “grande” é algo positivo, é sinônimo de estabilidade e autoridade. A

⁷⁰

Tratarei deste assunto no capítulo VI.

mulher idosa consegue centrar sua performance na família e, com isso, é identificada como o centro desta.

Mas quando colocam suas vidas num contexto de mudanças trazidas pelos novos tempos, o equilíbrio se quebra. Diante das novas opções, as casas com maiores recursos atraem crianças e jovens e retira-os, cada vez mais cedo, do universo que a avó pode oferecer. Sua interpretação é de que as regras tradicionais de respeito já não têm mais o mesmo valor que no passado. Disso surge uma preocupação, quem ajudará as avós nas tarefas cotidianas nestes novos tempos?

Nha Tereza criou cerca de dez netos em sua casa e hoje reclama que como já estão todos crescidos e não precisam mais dela, ela não tem mais um por perto para lhe ajudar nos mandados.

Se eu quiser comprar um quilo de arroz minha filha, eu tenho que sentar nesse quintal e esperar que algum filho de Deus bata em minha porta para que eu tenha alguém para me fazer um mandado! As netas (ainda são quatro que vivem com ela) acordam de manhã, tomam seu café e ganham o mundo, dizem que vão para a escola, mas eu acho que vão é andar por aí o dia inteiro! O que eu sei é que não precisam mais da avó aqui para nada e por isso nem perguntam se preciso de uma cebola para o almoço! Minha companhia hoje são esse dois gatos que você está vendo aqui minha filha! O mundo hoje está assim, quando a gente não serve mais jogam a gente fora.

No dia a dia da casa de Nha Tereza observava que as netas a respeitam e não respondem aos seus desmandos, porém, não desfrutam mais de sua companhia como o fazem as crianças. O que percebia desta relação era uma espécie de respeito formal que os mais jovens devem ter para com os mais velhos, porém há uma falta de partilha do dia a dia. Isso nos leva a uma reflexão sobre a reciprocidade entre avós e netos em diferentes fases da vida.

Ao longo de todo esse trabalho, o fio condutor teórico tem sido o conceito de proximidade (e, conseqüentemente, o de distância) no universo familiar boa-vistense. Para isso, tenho refletido sobre noções de parentesco na antropologia moderna por intermédio do conceito de *relatedness* de Janet Carsten (2004). Ter algo em comum é a base para a proximidade – a partilha, a troca de bens, serviços, emoções, reprodução e significado constituem a essência para que as relações entre parentes de sangue sejam construídas. A

família matricentrada seria, então, o terreno ideal para a reciprocidade, porém, se a reciprocidade é quebrada, as relações de parentesco se esvaziam de tal forma que podem até virar uma mera memória.

No caso das relações entre avós e netos, a qualidade da afeição e a importância das avós na mediação das relações verticais de filiação são os fatores fundamentais para sua reprodução e para a reprodução do sistema como um todo. Porém, as relações familiares em geral são contextuais e contingentes, relativas às posições e estratégias que são constantemente reconstruídas. Para completar esse quadro de contingências que constrói o que estou chamando de família boa-vistense, resta analisar o que os indivíduos têm chamado de novos tempos e sua influência nas formas de organização familiar construídas até então.

As diferentes perspectivas com relação aos diversos tipos de avós e netos mostram que os papéis não são fixos, mas fluidos e flexíveis, dando espaço à negociações que mudam as relações. As identidades pessoais e sociais são desenvolvidas e sustentadas em relação aos outros. Então, as formas como as pessoas se vêem são influenciadas pelas formas como os outros as percebem e como se comportam com relação a elas. Isto não está dado, mas é construído e reconstruído cotidianamente.

Processos sociais e históricos afetam as relações entre avós e netos. Como temos visto, o significado de ser avó não é o mesmo em situações cotidianas ou em casos de emigração ou crise familiar. Como em todas as relações sociais, a qualidade da relação entre avó e neto não é estática, mas deve ser entendida no tempo e em relação aos padrões de mudança.

6. UMA OUTRA FAMÍLIA

Esther Goody (1982), em seu estudo sobre os Gonjas da África Ocidental, mostra que as crianças circulam com o objetivo de entrelaçar ramos geograficamente dispersos do grupo familiar. Ao falar de circulação de crianças, a autora diferencia entre circulação de crise e voluntária. No caso desta última, o objetivo seria de cimentar laços de parentesco, o filho visto como um recurso da família. Sendo assim *fostering* não pode ser tomado em termos do micro-movimento de crianças, mas como uma forma de replicação e reprodução da sociedade.

Esta hipótese nos leva a refletir sobre alguns aspectos do caso boa-vistense. A facilidade que as crianças têm em circular entre as casas compensa várias tendências que poderiam, de outra forma, enfraquecer a solidariedade do grupo familiar como um todo. Ao cuidar de um neto, por exemplo, uma mulher justifica sua demanda de apoio material e de afeto aos seus próprios filhos. As avós recebem benefícios especiais ao cuidar de um neto: aumentam a chance de receber ajuda filial e consolidam seu direito ao apoio da rede de parentes.

Além de unir gerações numa fase do ciclo doméstico que poderia ser caracterizada pela dispersão, as crianças podem contrapor a tendência masculina a se afastar do novo grupo familiar. Uma mulher pode, a depender do contexto, abrigar filhos de um homem parente seu. Mães podem cuidar dos filhos de seus *filhos* ou mesmo as irmãs abrigam filhos de seu *irmão*. Avós e tias paternas seriam, então, o elo entre o pai e seus filhos. A respeito da relação entre mãe e pai, é certo que um filho não é garantia de estabilidade, mas faz um elo que pode garantir que o homem retorne ciclicamente se fixando ao fim do processo (daí a importância de ser *mãe-de-filho*).

Nos casos de emigração, a depender da relação que se estabelece entre mães e filhos à distância, as mães não sentem que abandonaram seus filhos e estes não se sentem abandonados. O fato de deixar os filhos com outra, mesmo que esta seja sua avó materna (a preferencial), implica a idéia de um sacrifício da mãe em razão do benefício da criança e do grupo familiar. Quem fica com a criança, vê seu ato como solidário e como possibilidade de manter e intensificar relações. Além disso, a companhia das crianças dá um sentido especial à rotina diária, dá prazer e diversão. As crianças não são um fardo, são uma dádiva. Agüentar uma criança preenche o dia, garante interação social com vizinhos, permite o compartilhamento dos afazeres domésticos, é fonte de afeto, é elo entre mães e filhas.

Dentre outras estratégias, compartilhar crianças diminui a ameaça de afrouxar a solidariedade entre parentes advinda de uma valorização da mobilidade social. Entender que a movimentação das crianças no tempo e no espaço, entre gerações e entre as casas, não é um problema, mas um processo que faz parte da dinâmica social nos faz perceber a organização familiar boa-vistense não como um modelo alternativo (que existe quando há

um modelo ideal) ou muito menos como anomalia, é apenas uma outra forma de organização social. Assim como o nosso, é um sistema entre tantos outros.

Como foi demonstrado ao longo deste trabalho, em tal sistema, a idéia de família não se restringe à família conjugal - um casal em co-residência e seus filhos –, a unidade significativa é a família extensa e os arranjos familiares ultrapassam os limites da casa. A movimentação de pessoas, e de crianças em particular, faz parte da dinâmica familiar e, mais do que isso, possibilita a reprodução do sistema. Tal família prioriza laços consangüíneos à relação conjugal, isso vale para homens e mulheres, mas é especialmente importante se estamos falando a partir de uma perspectiva masculina. A presença física do homem é precária, o que não equivale dizer que há uma ausência simbólica. Há uma centralidade nas relações entre mulheres, mulheres e crianças e da perspectiva feminina sobre a família.

Num contexto em que as relações entre parentes são mais construídas do que dadas biologicamente, o conceito de maternidade também é mais social que biológico. A relação entre mãe e filho, apesar de central, é apenas um elemento dentro da esfera familiar. Cada indivíduo está envolvido numa rede consangüínea que exige constante demonstração de solidariedade (laços de sangue têm precedência sobre relacionamentos contratuais) e as crianças são partes importantes nessas relações. A mulher que dá a luz conta com uma rede de solidariedade para criar o filho, pois raramente uma pessoa cuida sozinha de uma criança.

Judith Modell (1998) afirma que a circulação de crianças é um modo de reprodução e, como tal, é um recurso valorizado e sujeito a interesses competitivos de várias partes. Nesse sentido, entra em jogo não só a produção de crianças, mas também sua distribuição. Na Boa Vista, ambas são facilitadas pela própria organização da rotina doméstica que privilegia a circulação dentro da família materna, pois não idealiza a conjugalidade como pressuposto para procriação o que ocasiona que a criança nasça, geralmente, quando a mãe ainda está na casa dos pais.

A figura da avó materna é o principal foco de apoio de uma jovem mãe e, idealmente, tal avó tem o direito e o dever de compartilhar a maternidade da filha. Isso implica que não necessariamente é a mãe quem vai criar o filho e que ambas, tanto a mãe biológica quanto a avó materna (ou, eventualmente,

outra), podem compartilhar a identidade social de mãe. A depender do contexto, isso é fonte de disputa entre as envolvidas, em particular nos casos de emigração da mãe, situação em que (apesar dos esforços e das estratégias de manter proximidade à distância) ela corre o risco de ver sua influência diminuída no dia a dia dos filhos.

Há, porém, outra fonte de tensão entre mãe e filha, a demanda por definições de papéis decorrente do choque entre dois modelos: de um lado a prática social local na qual uma só geração não dá conta da maternidade, as relações conjugais são marcadas pela idéia de instabilidade e não há grupos corporados; e de outro, a percepção do modelo de família nuclear ocidental como ideal. Vamos entender cada um desses níveis de forma mais detalhada.

Estudos sobre a sociedade africana mostram que as pessoas são muito valorizadas e, mais do que isso, são percebidas como uma espécie de “capital” social e político, cada indivíduo traz diversas vantagens ao grupo. Sendo a pessoa um valor fundamental, os direitos sobre pessoas (*rights in persons*) adquirem, neste contexto, um lugar de destaque, sendo que o próprio status de cada indivíduo pode ser pensado como o conjunto de direitos que este possui sobre outras pessoas ou coisas, acrescido de seus correspondentes deveres.

É importante lembrar que os direitos sobre pessoas podem ser transferidos, implicando compensação ou indenização. No âmbito do parentesco, há possibilidade de manipular tais direitos para aumentar o número de pessoas sob o domínio de um indivíduo e as formas como as transferências de direitos são realizadas são de importância fundamental no contexto africano (sobre esse assunto ver Kopytoff & Miers, 1979; Parkin & Niamwaya, 1987 e Radcliffe-Brown, 1952).

Trazendo tal discussão para o tema das famílias boa-vistenses e percebendo o valor das pessoas dentro de uma sociedade caracterizada pela escassez de recursos, a característica de exportação de seus membros e a importância da vida familiar, percebemos as crianças como um valor fundamental. A mulher que tem um filho sabe que ele tem tanto um valor imediato, como a longo prazo: um bebê está no centro da reprodução das relações entre parentes e vizinhos, estimula visitas, é motivo de festas e agrega as mulheres da família da mãe e do pai ao seu redor; a criança, a partir

de 6 ou 7 anos, faz serviços domésticos, faz companhia e circula entre as casas; o adulto, ajuda a sustentar seus velhos.

Diante da impossibilidade de agüentar uma criança sozinha, dada pelo próprio sistema familiar, a pessoa ideal com quem uma mãe pode partilhar o valor dos filhos é com sua mãe, a avó materna da criança. Como já foi demonstrado aqui, para a avó materna, o neto é um bem que garante sua centralidade dentro da esfera doméstica. Para a mãe da criança, deixar o filho com a avó materna pode ser a garantia de que ela sempre será lembrada como boa mãe, mesmo em casos de distância física prolongada. O valor da criança se estende também geograficamente, sendo ela um vínculo fundamental entre as famílias do pai e da mãe, outros parentes e vizinhos.

A mulher deve, então, dividir seus filhos da mesma forma como deve compartilhar alimentos, bens materiais e informações. Num sistema de matrifocalidade, toda a produção feminina é criadora e mantenedora das relações e a mobilidade das crianças é um componente dessa prática: reproduz a centralidade feminina e aumenta o número de mulheres às quais um indivíduo deve lealdade. Por sua vez, as crianças e jovens têm, pela relação com as mulheres (da família paterna e materna), fonte segura de conforto emocional e de transmissão de bens materiais e valores.

Fortes e Radcliffe-Brown explicavam o pertencimento como um dado fundamental na vida de indivíduos em sociedades africanas, por exemplo, entre os Tallensi o princípio da linhagem permite que um homem busque apoio dos seus em qualquer assunto, ou seja, indivíduos de uma mesma linhagem crescem juntos, visitam-se, se identificam uns com os outros e agem da mesma forma em negócio corporados. Além disso, conhecem suas estórias em detalhes e isso é uma força real na vida corporada da linhagem e da comunidade.

Numa sociedade como a da Boa Vista, marcada pela ausência de grupos com estas características, são necessários outros mecanismos que produzam e reproduzam solidariedade. Os grupos familiares assumem, então, um caráter especial, um espaço frutífero para a construção de relações de pertencimento, de transmissão de bens e valores. Se, este espaço privilegiado é marcado pelo caráter distante do homem enquanto pai e companheiro, a centralidade feminina parece ser o espaço de pertencimento por excelência.

Já ficou claro que matricentralidade, para este trabalho, não é sinônimo de ausência masculina na esfera doméstica (já foi demonstrado que os laços consangüíneos entre homem-homem e homem-mulher têm tanta importância como os laços entre mulher-mulher). Porém, não se pode negar que a presença masculina é secundária e, quase sempre, opera por intermédio da cooperação entre mulheres.

A nomeação é um dado importante aqui. Como afirma (Geffray, 1990), a totalidade de membros de uma sociedade são categorizados por meio de uma série de operações lingüísticas distintivas e que as identificam. As palavras permitem ao locutor de nomear as pessoas que surgem a cada um dos momentos estruturais da reprodução material e social de sua comunidade (:157). Ao nomear as avós de *mamã*, os netos não estão simplesmente operando uma confusão geracional, mas estendendo a categoria de mãe para além da figura da mãe biológica e incorporando mulheres de outra geração. Ou seja, são necessárias duas gerações para que a maternidade se realize na Boa Vista.

O interessante é que, diante de um terceiro, uma distinção se opera: a avó que era *mamã* é identificada como vovó, e o neto que era filho passa à categoria de neto. Tal fato deixa claro a fluidez das categorias e a possibilidade dos indivíduos jogarem com as possibilidades de seu sistema a depender de seu interesse ou do lugar que ocupam na estrutura social. É preciso ter sempre em mente o ciclo do desenvolvimento doméstico, onde os indivíduos mudam de posição e perspectivas a depender da fase em que se encontram. Na Boa Vista de hoje, para falar de família, é preciso levar em conta não só seu ciclo interno, mas diversos aspectos da estrutura social em tempos de mudanças rápidas.

As principais tensões que emergem desse esquema social tem a ver com o choque entre um modelo tradicional com todas as características aqui analisadas e a referência constante a um ideal de família nuclear ocidental presente no discurso dos indivíduos. As avós, quando questionadas sobre a relação com os netos, salientam que “mãe é quem pariu”, contrariando, ao nível do discurso, a característica da maternidade compartilhada que observei no dia a dia das famílias. Os netos, especialmente os jovens, começam a valorizar o que chamam de “família normal” e a perder o interesse pelo que as

avós têm a oferecer. As mães, cada vez mais cedo buscam opções para construir seu espaço seguindo padrões europeus de residência e organização familiar.

No próximo capítulo, veremos as novas configurações decorrentes da entrada do modelo europeu de família no universo boa-vistense. As tensões do plano do discurso, por meio do casamento com estrangeiros, passam para a esfera da prática, gerando tensões e questionamentos sobre as novas famílias.

- VI -

NOVOS TEMPOS, NOVOS ATORES, NOVAS FAMÍLIAS

Boa Vista é a primeira ilha onde o sol derrama os seus raios dourados, por ser a mais oriental do arquipélago de Cabo Verde e a mais próxima da costa ocidental africana.

Do seu achamento pelas Caravelas de António de Noli, a 3 de maio de 1460, passando pelo seu povoamento até meados do século XIX, a ilha conheceu períodos áureos de sua história. Com efeito, empório das ilhas de Barlavento, no século XIX, Boa Vista veria sua Igreja Matriz, a de S. Roque do Rabil, indicada para Catedral da Colônia, tendo em conta seu crescimento em riqueza, em edifícios de tipo europeu e em importância social, teria o privilégio de ser proposta para capital de Cabo Verde.

O destino quis que a ilha, ainda no século XIX, se destronasse e se calasse perante suas então rivais, S. Vicente e Santiago, e se resumisse, lembrando o poeta boavistense Daniel Felipe, a um 'ponto anônimo da carta', à espera, do mioceno a esta parte, de um príncipe encantado para a desvendar naquilo que tem de mais genuíno, a natureza, e de mais nobre, a sua gente.

É com recobrado júbilo que hoje ouvimos falar com mais frequência da ilha. Será o prelúdio da chegada do príncipe encantado?

A ilha da Boa Vista espera por ti, o príncipe. Espera-te nua, donzela ainda, nas suas praias qual branca de neve, onde a vista se perde no infinito do círculo da ilha e as águas de um verde claro e azul transportam-se para o merecido repouso da longa viagem.

É príncipe: ali está ela, oferecendo-te a paz nunca conturbada, debaixo de um clima ameno e reconfortante durante todos os dias do ano, a uma temperatura média a oscilar entre os 22 graus e os 25 graus centígrados.

Além das praias e dunas, o mais belo da ilha é a sua gente, com sua particular e genuína morabeza, tanto no acolhimento quanto no fino trato.

António Germano Lima, Revista Fragata N° 22, 1999⁷¹.

Os novos tempos na Boa Vista são marcados por um fluxo que se intensifica a cada ano desde os fins dos anos 90, o fluxo turístico. Dentre as ilhas do arquipélago, Boa Vista e a ilha do Sal são as que têm o maior apelo por causa de suas praias de areia branca, dunas e mar de águas cristalinas. Porém, a descoberta de que seus encantos poderiam ser atrativos turísticos foi tardia, só acontecendo em meados dos anos 90 com a chegada dos primeiros europeus em busca do exótico.

Embora tardia, a movimentação turística foi logo aproveitada e intensificada por políticos e investidores que “vendem” as belas e virgens praias e a tranquilidade e receptividade da gente como os grandes atrativos locais. Em menos de dez anos, Boa Vista saiu do anonimato e da condição de ilha periférica para ganhar um lugar de destaque dentro do discurso de valorização nacional face ao mundo externo. Assim como a africanidade de

⁷¹ A Revista Fragata é a revista de bordo da companhia aérea cabo-verdiana TACV. A edição citada é dedicada ao tema “Cabo Verde o país turístico”. Atenção especial é dada à ilha da Boa Vista.

Santiago e a boemia de São Vicente, as belezas naturais da Boa Vista são incorporadas num novo discurso de nação que encara o turismo como “a grande saída para o desenvolvimento”.

Dado seu lugar na dinâmica da vida que pode compartilhar na Boa Vista, torna-se importante destacar as influências do crescimento do fluxo turístico na mudança do padrão de vida local. O principal aspecto é a tendência entre a população mais jovem de se fixar por mais tempo na ilha, se dedicando aos trabalhos ligados ao turismo. Esses jovens que trabalham têm um status diferenciado dentro da comunidade e têm um comportamento que, se lhes proporciona um lugar de destaque no contexto local, em outras situações pode causar problemas familiares e rumores relativos ao uso de drogas, promiscuidade sexual, comportamentos inoportunos e desprezo pelos modos de vida local.

Num contexto em que jovens são potenciais emigrantes, fator que gera todo um arranjo familiar que vimos estudando ao longo dos capítulos deste trabalho, os novos tempos marcados pela vinda de turistas - e outros - tem gerado mudanças estruturais ao longo dos últimos anos que claramente têm um impacto nas relações familiares: entre casais, pais e filhos e velhos e novos. Sendo assim, as questões centrais deste capítulo são: quais os impactos desses novos fluxos na esfera doméstica? Como se configuram os novos arranjos familiares para abrigar novos atores em uma sociedade especializada em exportar pessoas? O que busco, ao levantar tais questões é dar conta da diversidade de valores em jogo na elaboração dos projetos individuais e familiares, numa tentativa de indicar as maneiras pelas quais os fluxos migratório e turístico também conduzem os assuntos familiares.

Assim, explorarei o contacto da comunidade com os de fora e as mudanças que vêm ocorrendo no seio familiar face ao desenvolvimento local. Além da movimentação de turistas, aqueles que chegam hoje e vão embora amanhã (Simmel, 1971), o desenvolvimento turístico tem intensificado um fluxo de outra ordem, a entrada de um número considerável de imigrantes de outras ilhas e do continente africano que buscam emprego ali. A relação com esses outros é, em certa medida, conflituosa e isso fica claro se tomamos como base os rumores sobre o aumento da violência na ilha, a diminuição das práticas de ajuda mútua e a mudança no comportamento dos jovens. Toda essa dinâmica

tem marcado os novos tempos, percebidos com ambigüidade pelos diversos atores em cena.

Completando o quadro da análise da vida doméstica local que, num jogo de proximidade e distância, valoriza a esfera familiar em uma dinâmica de movimento, de trocas e fluxos de bens e valores inerentes à emigração, este capítulo incorpora uma nova ordem de movimento de pessoas, bens e valores que indivíduos e grupos familiares tem sido desafiados a enfrentar.

1. TURISMO: NOVOS TEMPOS

Dentro do contexto do espaço atlântico tropical, Cabo Verde só valorizou o turismo enquanto estratégia de desenvolvimento no princípio da década de 80. Foi só a partir de 1986, com o Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento, que se verifica um cuidado especial reservado ao desenvolvimento turístico ligado a valorização da paisagem local. Em outro trabalho (Lobo, 2001) aponte para uma transformação no discurso sobre a paisagem no período pós-independência, de feia, hostil e sem atrativos para uma visão de que “o árido é belo”. Essa mudança de perspectiva pode ser percebida nos programas de planejamento que passam a tratar o turismo como “a grande saída para Cabo Verde alcançar o rumo do desenvolvimento” (República de Cabo Verde, 1997) e a convidar os investidores a explorar as belezas naturais e culturais das ilhas.

Nos documentos, a influência benéfica do turismo se daria, imediatamente, em dois níveis: primeiro, traria desenvolvimento econômico, mais empregos e oportunidades de investimento para o país. Num segundo nível, pela valorização turística se daria um processo de resignificação da paisagem pelos próprios habitantes das ilhas. Essa tendência começou a ser contemplada no período pós-independência, mas só veio ganhar força no fim dos anos 80 graças aos estrangeiros que assumiram o desafio dos primeiros investimentos.

José Maria Semedo, geógrafo e pesquisador cabo-verdiano, retrata em uma de nossas conversas o reflexo dessa mudança de perspectiva sobre a natureza das ilhas no caso da Boa Vista.

Até fim dos anos 80 Boa Vista era uma ilha pobre e até maldiziam de suas dunas, que invadiam as portas das casas e ameaçavam a própria permanência da população nas vilas. Por todos os cantos do arquipélago Boa Vista era conhecida como uma ilha perdida e desertificada pela areia. Hoje, afinal, as dunas são o maior recurso da ilha e ela é descrita como uma ilha com grandes potencialidades. Antes (por volta de 1977) brincavam com um aluno meu, boa-vistense, dizendo que o governo deveria vender Boa Vista para os russos e transferir seus pouco mais de 3.000 habitantes para São Felipe (na ilha de Santiago), assim Cabo Verde ganharia muito dinheiro e resolveria todos os seus problemas! Hoje ninguém pensa assim, muito pelo contrário, a secura e as dunas são potencialidades naturais e têm transformado a Boa Vista numa ilha muito importante.

Desta forma, num contexto de valorização da aridez e do que Cabo Verde tem como maior recurso, o mar e as praias, ilhas como Sal, Boa Vista e Maio passam a crescer em importância e a serem contempladas num discurso nacional de desenvolvimento. Cada uma destas ilhas, entretanto, apresenta percursos diferenciados e, com suas particularidades, atraem investidores estrangeiros em momentos distintos da história recente do arquipélago. Primeiro a Ilha do Sal (onde está localizado o aeroporto internacional do país) e logo em seguida a Boa Vista, são os alvos principais de governo e investidores estrangeiros na exploração turística. Quanto a Ilha do Maio, ela é incorporada ao discurso, mas ainda encontra-se adormecida à espera de seu *príncipe*.



Deserto de Viana e Praia de Chaves

Dada sua proximidade com a ilha do Sal (apenas 15 minutos de avião) não tardou muito para Boa Vista ser conhecida pelos turistas e, conseqüentemente, por investidores. A ilha atrai por ter um potencial maior que

o da Ilha do Sal por causa da extensão de sua costa e por possuir uma paisagem mais rica e diversa. Enquanto os investimentos turísticos na primeira estão praticamente restritos à praia de Santa Maria, Boa Vista oferece inúmeras opções de praias ao longo de sua costa, além das dunas e das pequenas vilas dispostas em pontos diferenciados da paisagem.

Foi no começo dos anos 90 que começaram os investimentos visando a criação de uma infra-estrutura para o recebimento de turistas. O primeiro hotel foi construído no centro da Vila de Sal-Rei por um francês que já estava sediado na ilha do Sal e que dizia ter encontrado na Boa Vista “o melhor lugar do mundo para viver”. A construção do Hotel Dunas possibilitou a ida de italianos e outros europeus, fazendo crescer o interesse dos primeiros em investir no local. Por sua vez, o governo facilitava a tais investidores a compra de terrenos e disponibilizava a pouca estrutura existente para a construção dos “novos tempos”.

Foi a partir de 1994 que tais tempos sinalizaram sua chegada. O marco foi a construção do “grande” hotel *Marine Club* construído por italianos na Praia de Cabral, vizinha à Vila de Sal-Rei. Ainda no mesmo período, dois outros complexos foram viabilizados também por italianos, o *Hotel Estoril Beach*, logo à entrada de Sal-Rei, e o *Village de Chaves*, na praia de mesmo nome localizada próxima à vila do Rabil (ambos em 1996). Em 1998, Boa Vista já recebia os primeiros fluxos de turistas italianos, o que incentivou a pequena elite local (formada prioritariamente por ex-emigrantes) a construir pequenas pousadas, restaurantes tradicionais e mercearias que pudessem oferecer serviços ao turista interessado no modo de vida local.

Após esse primeiro ciclo de investimentos, em que foram construídos a um só tempo cerca de cinco unidades hoteleiras de médio porte, os esforços têm sido concentrados na melhoria e ampliação de tais estruturas, bem como na criação de outras que complementam e que prestam serviços aos turistas: escolas de windsurf e mergulho, lanchonetes, espaços com internet, discotecas, lojas de artesanato, centros de aluguel de carros, motos de areia e bicicletas, sorveterias, entre outros. Ao governo local coube a tarefa de melhorar a imagem das vilas com a reforma de praças e fachadas das casas, capacitação de jovens e criação de um Centro de Atendimento ao Turista.

No ano de 2002, começou uma nova fase de investimentos com a construção de dois complexos hoteleiros, os chamados *resorts*. Ambos distantes de Sal-Rei e com estrutura para hóspedes que desejam conforto e pouco contato com a população local. A propaganda em torno de tais complexos turísticos centra no fato de serem os primeiros *resorts* cinco estrelas de Cabo Verde (um com mais de 600 leitos). Tais investimentos têm previsão de inauguração em 2007 e 2008, respectivamente, e têm suscitado opiniões ambíguas e debates calorosos sobre o futuro da ilha.

Os governos, local e nacional, se apropriam desta nova fase como sendo o *turning point* na história da Boa Vista, passando de ilha periférica e sem importância a assumir o lugar de principal ilha do arquipélago, a que mais movimenta a economia nacional. O Primeiro Ministro, José Maria Neves estima que até 2020 será atingida a capacidade de hospedagem de 30.000 leitos, estimativa considerada absurda por muitos, inclusive pelo Presidente da Câmara local, que questiona a previsão do governo uma vez que este não cumpre sua parte: a de criar infra-estrutura que viabilize novos investimentos em praias mais distantes como a Praia de Santa Mônica (a mais exótica e a maior em extensão).

Há um outro tipo de projeto, também de italianos, que trabalha com a reconstituição de uma antiga vila com cerca de 40 camas. Tal projeto visa atingir um outro tipo de turista que está interessado na história do lugar e não somente nas belezas naturais. Em conversa com o investidor, já há longo tempo na Boa Vista (foi um dos sócios do Hotel *Marine Club*), ele afirma que este novo investimento é o primeiro desta natureza em todo o Cabo Verde.

Dados específicos sobre o turismo mostram que a entrada de turistas tem crescido consideravelmente. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, observa-se que no ano de 2001, entraram na Boa Vista 10.168 hóspedes e destes, 6.407, eram de nacionalidade italiana. Depois de Sal, São Vicente e Santiago, as ilhas mais desenvolvidas do arquipélago, Boa Vista é a que tem recebido o maior número de turistas nos últimos anos. Os dados de uma agência de viagens italiana, *Il Viaggi di Atlântico*, mostram que em sua primeira viagem, em novembro de 1999, traziam cerca de 30 clientes para o Hotel *Marine Club*.

Na ótica da população local, e mesmo dos primeiros investidores italianos que já vivem na ilha há cerca de 10 anos, tudo aconteceu de forma muito rápida. O discurso é de que as pessoas ainda estão sob o impacto do *boom* de desenvolvimento na ilha e ainda não sabem como lidar com isso. Diante da perspectiva de crescimento vertiginoso, há um clima de preocupação geral e um misto de sentimentos ambíguos sobre o que o turismo tem trazido para a vida local e o que será o futuro da ilha. Os novos tempos trazem novos atores e, conseqüentemente, novas estratégias e novas formas de organização da vida local. Parto agora para a análise destas novas relações, primeiro entre locais e turistas, depois com os outros que vão em seu encalço.

1.1 A Ilha Fantástica⁷²

Quando cheguei a Cabo Verde pela primeira vez, em 1999, meu ponto de referência era a capital do país, Cidade da Praia na Ilha de Santiago. Porém, sempre era lembrada de que deveria conhecer as demais ilhas. O discurso era de que cada ilha é um universo particular, uma bem diferente da outra em sua geografia e nas características de seus moradores. Após São Vicente, Boa Vista era a que tinha as melhores referências de amigos e informantes. Era caracterizada como a ilha das mais belas praias, de gente pacata e tranqüila, das dunas de areia branca, da origem da Morna⁷³, dos deliciosos frutos do mar, da fartura de peixes e de belos *crioulos*⁷⁴.

Diante de tais referências, não pude deixar de reservar alguns dias de minha estada nas ilhas para conhecer tamanha beleza. A chamada ilha fantástica não negou sua fama, me encantou por sua paisagem árida misturada a dunas de areias branquíssimas e a um mar de águas azuis esverdeadas que nada deve às imagens das ilhas polinésias vendidas nas revistas de paragens exóticas. Como afirma Germano Lima na introdução deste capítulo, mistura-se às belas paisagens a hospitalidade de sua gente, a música, as serenatas e o ambiente pacato que encanta à primeira vista. Em poucos dias na ilha, já me sentia em casa, com “amigos” que me cobriam de mimos, desde o pão quente

⁷² Em referência ao título do livro de Germano Almeida, escritor e poeta cabo-verdiano nascido na Boa Vista.

⁷³ Estilo musical genuinamente cabo-verdiano. Sobre sua origem e importância no contexto nacional ver Dias, 2004.

⁷⁴ Termo usado com sinônimo de cabo-verdiano.

feito no forno à lenha pela manhã, passando pelas deliciosas lagostas ao jantar, até chegar às paródias noturnas regadas a muita música e boa dança.

Após dias envolta neste ambiente, a hora da partida doía em meu coração. Deixar os já amigos queridos, o “crioulo bonito”, o clima de festa e a beleza da vida em uma localidade com menos de 5.000 habitantes, mas repleta de tantos encantos, me trouxe lágrimas nos olhos quando o pequeno avião da TACV levantou suas rodas. Minha relação com Boa Vista e sua gente não acabou ali, idas e vindas marcaram minha história e por diversas vezes pude observar tal seqüência de fatos se repetirem com muitos dos inúmeros turistas que pela ilha passam anualmente.

Os turistas são predominantemente de origem européia, sendo que mais de 70 por cento vêm da Itália. Em segundo lugar estão os alemães e franceses. Um importante grupo é de turistas de alto poder aquisitivo que seguem em grupos organizados e se hospedam no luxuoso hotel *Marine Club* ou no *Village de Chaves*, outros são viajantes independentes que ficam nos hotéis e pousadas dentro da vila. Os primeiros já têm os dias preenchidos num cronograma proposto pelas agências de viagens na Itália. Os outros preferem interagir no dia a dia da ilha, comendo a comida local, hospedando-se em pousadas, para uma experiência mais intimamente “africana”.

Marco, investidor italiano que chegou à ilha 1997 para trabalhar no *Marine Club* e hoje administra dois pequenos hotéis na Vila de Sal-Rei, afirma haver dois tipos de turistas que procuram a Boa Vista:

Primeiro tem os viajantes, com passaporte todo carimbado, em busca do exótico. Estes são mais espertos e sabem o que vão encontrar na África. Não reclamam se não encontram uma comida em condições, estão interessados na população local e na vida tradicional. São europeus de maior poder aquisitivo, que têm mais liberdade para viajar em baixa estação e que vêm em qualquer época do ano. No começo, estes eram os únicos que procuravam a Boa Vista.

Agora já temos um segundo grupo que começou a chegar em 2001, os turistas de massa. Eles surgem em consequência de mais companhias de turismo interessadas na Boa Vista, o que leva a mais concorrência e a baixa de preços. Estes turistas têm o passaporte limpo, geralmente estão em sua primeira viagem e não estão interessados na vida local, mas em um bom hotel com praia e piscina. Eles vão do aeroporto para o hotel, não vão para a vila e não são autônomos, querem a comida que comem na Itália e não abrem mão do conforto.

Em geral, ambos dizem vivenciar experiências exóticas. Mas são os primeiros que criam vínculos com os locais, deixam a ilha com tristeza e levando na memória dias de pura magia. Segundo dados de uma agência turística italiana com sede na Vila de Sal-Rei, mais da metade dos italianos interessados em interagir com a população local retorna à ilha para uma nova temporada de férias duas ou três vezes. O motivo principal é a saudade que sentem dos amigos que fizeram numa primeira visita, da alegria e dos bons momentos que viveram na ilha. Dos que retornam e recomendam uma temporada a amigos na Europa, as mulheres são a grande maioria. Esse será um dado importante a ser analisado mais adiante.

Os atrativos naturais são o cartão de visita da Boa Vista. Um jornalista cabo-verdiano comenta que esta é uma “ilha com alma, a mesma que recebe quem a visita com hospitalidade que já não se encontra em todo o país”. Então, se as belezas naturais atraem para uma primeira visita, é a hospitalidade do boa-vistense que deixa saudades e faz o turista voltar.

Mesmo aqueles que não estão em busca de interação com os locais, encontram nos hotéis a receptividade dos funcionários, especialmente os “animadores”. O grupo de animadores que trabalha nos hotéis é formado por moças e rapazes jovens e bonitos que têm a função de animar os hóspedes, ou seja, acompanhá-los, nas refeições, nos passeios pelas praias, nas atividades esportivas e de lazer, são eles que dançam nas noites cabo-verdianas dos hotéis e acompanham os turistas nas investidas noturnas a danceterias e bares. A relação com estes jovens pode ser intensa e acabar por culminar em amizade ou relação amorosa.

O primeiro tipo de turista geralmente tem uma experiência mais intensa com a população da vila, freqüenta restaurantes locais, vai ao mercado, aos bares, faz passeios com os condutores (espécies de taxistas) que os guiam pelos passeios nas mais belas praias, tentam aprender palavras em crioulo, acabam por se juntar às maltas de jovens nas noites de paródia, chegando a visitar suas casas e conhecer as famílias. Esses turistas são caracterizados como pessoas simples, “brancos sem frescura”. Nesse caso, o encontro vai além dos funcionários do hotel ou de um grupo que está mais próximo do ambiente preparado para receber o turista e chega a uma parcela da população que não está em busca de envolvimento com outros.

Na enquete que realizei a 46 italianos e italianas identificados pelos boa-vistenses como “turistas sem frescura”, 28 estavam em sua segunda ou terceira visita à ilha e, daqueles que a visitavam pela primeira vez, 14 diziam querer retornar em outra oportunidade. As razões para o retorno eram sempre as mesmas: a ilha é um paraíso, as pessoas amigas e as memórias dos dias vividos são mágicas. Uma das informantes se dizia à procura de um lugar tranquilo para descansar do *stress* da vida na Europa quando procurou Boa Vista pela primeira vez, mas acabou por encontrar muito mais, encontrou amigos e agora não podia mais passar um ano sem voltar à ilha para viver dias agradáveis (utiliza a expressão *sab* em crioulo para enfatizar seu sentimento).

O ponto comum nos dois grupos de visitantes é a descrição da temporada na Boa Vista como uma experiência única e mágica. Mas para aqueles que retornam duas categorias marcam seu discurso de forma especial: além da magia da ilha, a disponibilidade da gente. Na visão deste turista que retorna ou que indica a ilha a amigos em seu país, a ilha encanta porque o boa-vistense é simpático, é bonito e é disponível. Além disso, é uma ilha particular, bonita e com uma magia que só ela tem. Este tipo de discurso também é apropriado pelos agentes de viagens nos *sites*, *folders* e guias sobre o local.

Dentre a população em geral, são os jovens os que mais se beneficiam do turismo, aqueles com idade acima de 45 anos têm uma relação mais indireta e menos freqüente. Para os jovens boa-vistenses, o vínculo criado com italianos representa status e mais uma oportunidade possível de seguir para a emigração. A maioria deles quer entrar no mercado turístico como recepcionistas, guias e, especialmente, como animadores. Outros se organizam de forma mais independente, alugando carros, trabalhando como taxistas, guias ou formando grupos de dança para se apresentarem nos hotéis e restaurantes. Há ainda, os “especialistas” em freqüentar os ambientes mais procurados por turistas na busca de algum tipo de aproximação. A população jovem local se beneficia do contato com o turista muito além da remuneração financeira, e isso é mais intenso para aqueles que trabalham como animadores. Além do dinheiro, eles recebem presentes e até a possibilidade de ir para o estrangeiro levado por um deles.

Dina é uma negra de 23 anos esguia e bela. Tem o cabelo sempre bem penteado em estilo africano e as roupas são cuidadosamente escolhidas para

valorizar o corpo. Quando a conheci trabalhava no Hotel *Marine Club* como animadora e, mesmo nas horas de folga, a encontrava acompanhada por um ou mais italianos e italianas. A moça falava a língua com fluência e fazia bom uso de todos os seus atributos para conquistar a simpatia e “amizade” dos visitantes. Apesar de reclamar algumas vezes dos “brancos” (chamava-os de *fastentos* – chatos - com freqüência) que estavam sempre a demandar sua companhia, me elencava as inúmeras vantagens do trabalho como animadora no hotel: as gorjetas, a convivência com pessoas diferentes, a possibilidade de sair da Boa Vista, os presentes que ganhava e a vida movimentada caracterizada pelo fato de não ter tempo para outras coisas, por viver cansada e correndo entre casa, hotel e atividades com turistas. Além do trabalho no hotel era sempre convidada a participar das noites cabo-verdianas para desfilar trajés típicos da África, apresentar as danças tradicionais e, por fim, ensinar os turistas alguns estilos de danças.



Apresentação de noite cabo-verdiana no Hotel Marine Club

A difusão de um estilo de vida tal como o de Dina e de muitos outros jovens na faixa etária de 17 a 30 anos tem influenciado alguns aspectos interessantes do padrão de vida local. Um primeiro aspecto é a tendência, entre a população mais jovem, de se fixar por mais tempo na ilha, se dedicando aos trabalhos ligados ao turismo⁷⁵. Isso nos leva à análise do que tem significado a movimentação turística para a população local.

⁷⁵ Se juntam aos boa-vistenses outros grupos de jovens trabalhadores vindos da Ilha do Sal e de São Vicente que já possuem experiência no ramo do turismo e vão para Boa Vista complementar a mão-de-obra local neste setor.

1.2 O turismo é bom... mas também é mau

Uma parte da bibliografia sobre turismo centra na descrição da relação entre turista e a população local como efêmera e geralmente resumida à questão de mercado, onde os turistas são consumidores e os locais são fornecedores de bens e serviços (Ver Cohen, 1984; Smith, 1989). O encontro poderia ser classificado como essencialmente transitório e assimétrico. A efemeridade das relações propiciaria a exploração, o engano e a desonestidade que seriam moeda corrente na relação entre turistas e população local, justamente porque nenhuma das partes envolvidas se sentiria comprometida com as conseqüências de sua ação (Cohen, 1984:379) numa espécie de versão globalizada da “reciprocidade negativa” analisada por Sahlins em “Stone Age Economics” (1974).

Estudos mais recentes (Nash, 1996; Bindá, 1996; Chambers, 1997) buscam mostrar que este relacionamento é mais complexo. Como todo relacionamento humano em sociedade, tem um importante grau de imprevisibilidade, não podendo ser generalizado e nem predeterminado por modelos genéricos. As reações de turistas e populações locais podem ser diversas mesmo dentro de uma cultura pensada como relativamente unificada (sobre este tema ver estudos sobre os esquimós (Smith, 1989) e os índios Pataxó (Grunewald, 2001)).

A partir de minhas observações em campo, creio que é preciso maior cuidado por parte de pesquisadores que se dedicam aos estudos do encontro ocasionado pelo turismo moderno ao definir esta relação. Não nego que o fator econômico é catalisador do movimento turístico na Boa Vista, mas neste encontro de pessoas outras esferas de relações surgem e ganham importância a ponto de podermos questionar o caráter efêmero que parece caracterizar tal encontro de maneira geral. Portanto, a análise, mesmo que preliminar, do turismo na Boa Vista, pode acrescentar aspectos importantes para enriquecer o debate moderno em torno do tema.

Para os boa-vistenses, o turista é um elo com o mundo exterior; cria uma relação diferenciada que merece ser contemplada na análise. Sua inserção, mesmo quando fortuita, gera uma série de implicações na vida local que tem influenciado e afetado arranjos domésticos em vários aspectos. Nesse

contexto, a questão principal que coloco é: em que medida o turismo vem alterando noções locais de soberania e de “controle da vida” na Boa Vista?

Já vimos que o desenvolvimento turístico na Boa Vista vem ocorrendo de forma intensa e, para as dimensões demográficas e características populacionais da ilha, rapidamente tem assumido um lugar central no cotidiano da vida local. Vou tratar aqui de dois desdobramentos deste processo, o turismo em si e a relação com os turistas e, num segundo momento, de uma outra ordem de fluxos que surge como conseqüência do turismo: Boa Vista como pólo de atração imigratória.

O turismo é um assunto recorrente no dia a dia dos habitantes da ilha. Diariamente ouvia análises da movimentação na ilha em rodas de conversa: se estava forte ou fraca, se fulano tinha sido demitido do hotel em que trabalhava, se um ou outro hotel estava precisando de funcionários e assim por diante. Como em outros contextos, minhas fontes mais ricas de informações eram os boatos e rumores.

Salvo no verão, que é um período de suspensão da rotina diária por causa do intenso fluxo de emigrantes em férias, a dinâmica da vida cotidiana é grandemente influenciada pelo fluxo de turistas. Tal fato é observado no simples movimento de passear pela vila de Sal-Rei; se é um período com muitos turistas há um maior fluxo de carros de aluguel, de pessoas transitando, as lojas ficam abertas durante todo o dia, os bares e restaurantes organizam noites cabo-verdianas, grupos de jovens realizam eventos culturais e as discotecas promovem noites especiais (com temas, sorteio de prêmios, promoção no preço dos ingressos).

Se o período é “fraco”, a vila cai numa rotina de pouco movimento, com menos circulação de pessoas e carros, com pouco ou nenhum evento cultural organizado pelos grupos ou empresários. Essa oposição entre movimentado e parado já foi analisada no contexto da dinâmica emigratória e aparece aqui no processo de movimentação turística enquanto um valor percebido de forma diferenciada a depender de quem fala, o que reflete muito bem o tipo de relação que diferentes esferas da sociedade estabelece com o fluxo de turistas.

Para os jovens, períodos de forte circulação de turistas são valorados positivamente. O aspecto financeiro é o mais citado nas conversas. Muito turista significa benefícios diretos - basicamente mais oferta de emprego - e

indiretos - maior circulação de dinheiro na ilha. Além disso, significa diversão garantida e maior abertura para contatos com o mundo exterior, o turista sendo o elo principal e complementar ao emigrante nestes casos.

A busca por um status diferenciado também é importante na prática desta relação. Como no caso de minha informante Dina, o envolvimento profissional gera a possibilidade de relações pessoais e, por conseqüência, o recebimento de benefícios que vão além dos aspectos financeiros e de uma relação que possa ser definida como material. Todos estes fatores acabam por colocar o indivíduo em um status diferenciado dentro da comunidade: o daquele que manipula os códigos, tem acesso aos turistas e se beneficia diretamente dessa condição. Fazer parte deste grupo é uma ambição importante no contexto local, uma parcela significativa dos jovens busca empregos ligados à infra-estrutura turística. Os postos mais concorridos são aqueles em que conseguem o contato direto com os de fora, as vagas na recepção e animação dos hotéis vêm em primeiro lugar.

Cabe ressaltar que o fato de ambicionar tal condição não implica abrir mão do sonho da emigração, pelo contrário, a aproximação com turistas é vista como mais um meio para concretizar o projeto emigratório. Por outro lado, é fato que nos últimos anos tem-se observado uma maior fixação da população jovem na ilha, especialmente pela diminuição do fluxo de saída para as outras ilhas do arquipélago (principalmente Santiago e São Vicente). O governo local incentiva os jovens a permanecer ali oferecendo cursos de capacitação para o trabalho nos hotéis e restaurantes e benefícios especiais para a compra de terrenos. Além disso, os jovens estão no centro dos discursos sobre o desenvolvimento, sendo tomados como o alvo principal das políticas locais e nacionais.

Embora grande parte das “ações” da Câmara Municipal permaneçam no campo do discurso, a população jovem tem sido capacitada e hoje (diferentemente de cinco anos atrás em que pelo menos 60% dos funcionários dos hotéis eram originários da Ilha do Sal e São Vicente) os boa-vistenses são maioria nos quadros de funcionários dos hotéis. Mesmo com a crescente oferta de emprego nessa área, há muitos jovens que não são contemplados e ficam a margem de uma relação mais direta com os turistas. Estes criticam aqueles que se beneficiam classificando-os como *basofos* (aqueles que se acham

melhores do que os outros) e de *vida fácil*. O principal alvo são pessoas como Dina, que trabalham como animadores e conseguem um status tanto entre os visitantes quanto entre a população local. Há, portanto, uma rivalidade entre os indivíduos a depender da forma como se inserem neste novo contexto.

Para uma outra esfera da população, adultos e idosos, a chegada do que chamam de “novos tempos” é percebida em um contexto de comparação com o passado, sendo vista ora com positividade, ora como perigosa, problemática e fonte dos novos problemas que a comunidade enfrenta. Segundo meus informantes, a movimentação turística, sem dúvida, trouxe melhorias para a vida diária de todos, *hoje temos de tudo na Boa Vista, comida de toda qualidade, maior freqüência nos barcos que trazem os produtos, mais opção de compra, estamos, finalmente, fazendo parte de Cabo Verde apesar de ainda sermos esquecidos muitas vezes!* Um outro fator presente nos discursos é a maior oferta de emprego e a possibilidade de abrir novos negócios, pois há mais dinheiro circulando.

Com emprego as pessoas têm maior poder de compra, aquecendo a economia local e incentivando a criação de pequenos negócios. Desde a primeira vez que estive na Boa Vista, em janeiro de 2000, até o período que estive em trabalho de campo, vi surgirem muitos “negócios” cujos donos eram boa-vistenses interessados em aproveitar a onda de desenvolvimento. Os investimentos foram nas seguintes áreas em ordem de importância: bares, restaurantes, lanchonetes, lojas de aluguel de carros e motos, *cyber* espaços, lojas de artesanato, dentre outros.

Mas no discurso dessa camada da população, os novos tempos são também caracterizados de maneira negativa. Não observo uma tensão direta diante da figura do turista em si. Pelo contrário, tanto jovens, quanto adultos ou idosos são simpáticos à presença dos visitantes, estando abertos à sua curiosidade e à possibilidade do início de uma relação. Porém, o que é visto como problemático é o que vem com os turistas. Estes estão de passagem, mas os que vêm em seu encalço acabam por permanecer.

São três os grandes grupos que estabelecem uma relação mais continua e estável com a população local e que causam respostas variadas por parte

desta⁷⁶. Em termos da movimentação inter-ilhas, a entrada dos chamados *badius*⁷⁷ é a mais importante a ser considerada, tanto pelo número daqueles que entram e fixam residência na ilha, quanto pelo tipo de reações que sua presença ocasiona entre os locais. Num nível externo, temos um número pequeno, mas importante, de italianos que se estabelecem na Boa Vista em virtude do turismo, fixando residência e sendo responsáveis pelo aumento da oferta de emprego verificada nos últimos anos. Existem também os chamados *mandjacos*⁷⁸, africanos do continente que circulam pelas ilhas do arquipélago vendendo artigos artesanais e “bugigangas” em geral (pilhas, baterias, relógios, enfeites para cabelos, perfumes falsificados, xampus, etc). Por causa do turismo, vem crescendo o número de *mandjacos* que passam a residir na ilha, especialmente por causa do apoio que recebem da Câmara Municipal.

Além deles (e em certa medida por causa deles) o que também permanece é o novo comportamento dos jovens, que não ligam mais para a família e para as formas de vida tradicionais, não respeitam os mais velhos e assumem comportamentos que não condizem com o que é “correto”: o envolvimento sexual das moças com os “vindouros” e dos rapazes com as turistas, a “vida de paródia” que levam, o crescente consumo de drogas e a rebeldia são os fatores mais contemplados por pais e avós quando falam dos novos tempos.

Permanece ainda, a forte oposição entre passado e presente, onde o primeiro é idealizado como tempo de calma, paz, segurança, vida familiar e o presente é percebido como destruturador da esfera familiar, gerador de insegurança, de diferenças sociais, perda da soberania e do “controle da vida” pelos boa-vistenses. Isso nos leva a um outro universo que vem com o

⁷⁶ Saliento que essas não são as únicas pessoas que circulam pela Ilha. Em virtude da grande carência de mão de obra especializada, Boa Vista recebe profissionais das outras ilhas e até de outros países, para trabalhar nas chamadas delegações regionais como “chefe de serviço” nas áreas de eletricidade, educação, guarda costeira, telefonia, saúde, etc. geralmente são técnicos vindos da capital ou de São Vicente que vem com toda a família e recebem algumas vantagens do governo para assumirem cargos em outra ilha. Além deles, passam comerciantes, médicos, membros de Ongs que fazem trabalhos ocasionais de assistência à população local.

⁷⁷ A palavra *badiu* do crioulo de Cabo Verde deriva provavelmente do português *vadio* que se aplicava aos escravos fugidos e que optavam por viver em comunidades remotas do interior das ilhas. *Badiu* é uma categoria que pode ter sentido pejorativo e que os cabo-verdianos aplicam, sobretudo, aos habitantes da ilha de Santiago.

⁷⁸ *Mandjaco* é o nome de um grupo étnico da Guiné-Bissau, hoje usado de forma pejorativa para se referir aos imigrantes do oeste do continente africano. O termo é usado a todos, independente de sua nacionalidade, e é percebido como uma forma de preconceito.

desenvolvimento turístico, mas não vai embora com os turistas, os diversos “outros” que seguem em busca de oportunidade de trabalho, investimentos e melhorias na qualidade de vida em terras promissoras.

2. IMIGRAÇÃO: NOVOS ATORES

O desenvolvimento turístico, tal como percebido aqui, nos leva à análise de uma outra ordem de encontros, da população local com aqueles que permanecem. Para me aproximar dessa questão, tomo como base alguns trabalhos interessantes sobre o turismo (ver Bindá, 1995 e Chambers, 1997) enquanto um encontro que tem o poder de mudar perspectivas pré-existentes. Segundo os autores, tal encontro gera formas diferenciadas de relações, de conceber e atuar sobre espaços, formas com as quais as populações que ocupam pontos de atração turística passam a ter que negociar.

O fluxo turístico é intensificado por um discurso desenvolvimentista do governo e dos empreendedores, é apropriado pela população num processo de valorização da ilha e acaba por atrair novos atores que são incorporados num programa de criação de infra-estruturas que viabilizem tal projeto desenvolvimentista. Os novos atores trazem consigo percepções diferenciadas da realidade, novos costumes, valores e formas de vida que se encontram com aquelas da população local num processo de interação que caracteriza os novos tempos.

2.1. *Mandjacos e Badius*

Cabo Verde é um país de emigrantes. Porém, em datas diferentes, entre os anos 80 e 90, e em particular nos últimos cinco anos, têm entrado no país muitos senegaleses, nigerianos, gambianos, serra-leoneses, guineenses e chineses, todos com a mesma motivação: melhores condições econômicas, possibilidades de investimentos, paz e democracia. Há também aqueles originários do continente europeu que desde a independência, vão para as ilhas trabalhar nas agências de cooperação internacional, embaixadas ou como investidores. Apesar de não serem numerosos, estes acabam por influenciar e/ou a constituir a elite local.

O quadro encontrado na Boa Vista não tem sido diferente do das demais ilhas, pelo menos as três mais movimentadas, Sal, Santiago e São Vicente.

Assim como as outras, ela tem atraído tanto a imigração descrita a cima, quanto aquela interna ao país, a movimentação inter-ilhas. Diversos problemas têm surgido a partir da presença destes outros que chegam atraídos pela propaganda do desenvolvimento e por uma demanda real e crescente de mão de obra; nesta ilha que acabou por se transformar numa terra de oportunidades.

Os *mandjacos* são homens que se dedicam à venda ambulante de produtos diversos. Como já salientei, eles são os responsáveis pela venda de objetos essenciais no cotidiano das pessoas. Especialmente na Boa Vista, dedicam-se, também, à venda de artesanatos africanos aos turistas. Andam pelas ruas oferecendo insistentemente seus artigos aos passantes. São considerados chatos, inconvenientes, sujos e doentes (referindo-se a doenças vistas como características do continente africano, principalmente a AIDS).

Os boa-vistenses são categóricos na distância que mantêm com relação a esse grupo. O valor negativo que atribuem a eles é tanto mais evidente quanto menos ultrapassável. A língua, a cor da pele e o uso de vestimentas tradicionais africanas são barreiras importantes, mantidas por ambos como fatores de distanciamento. Apesar da distância, a relação entre *mandjacos* e boa-vistenses é marcada mais pelo respeito do que pela hostilidade.

O fator religioso exerce influência no comportamento dos boa-vistenses para com os *mandjacos*, estes tendo fama de fazer magia e praticar as “esquisitas religiões da África”. Outro fator que gera um “respeito distante” por parte da população local é a fama de violentos que têm os *mandjacos*. Afirmam que eles não costumam se envolver em brigas ou confusões, porém, quando se sentem chateados ou ofendidos são extremamente violentos, facilmente “enfiando a faca” no adversário.

A presença desses outros é fundamental para a dinâmica do turismo na ilha, uma vez que são eles os responsáveis pela venda e fornecimento de artigos africanos artesanais e *souvenirs* que os turistas tanto procuram para comprar. Levanto a hipótese de que, num ambiente em que europeus vão buscar o exótico, os *mandjacos*, mediados pelos produtos trazidos de seus países de origem e vendidos para os turistas, representariam o valor de ser da África nesta sua parte tão pouco africana.

No contexto de migração interna, um grupo chama atenção – pela sua importância dentro do contexto local, pela escala de sua inserção e pelas reações que suscitam – os chamados *badius*, que têm ido cada vez em maior número para Boa Vista em busca de trabalho na construção civil, na pesca artesanal e no comércio de alimentos, especialmente de frutas e verduras no mercado local.

A resposta local à presença de *badius* na ilha é ambígua. Às vezes é fortemente negativa e de medo; outras vezes é vista como necessária. Eles são tidos como sujos, porcos, mal-educados, agressivos e violentos. São considerados os responsáveis pelo aumento da violência na ilha, pelos pequenos furtos que, teoricamente, antes de sua vinda não existiam. Uma das oposições mais enfatizadas aos hábitos dessas pessoas, além da sujeira, é a agressividade e o medo que isso ocasiona entre os locais. *Badius* e *badius* são chamados de *brabus*, no sentido de serem violentos. A forma de falar o crioulo e a cor da pele⁷⁹ são também fatores de oposição entre boa-vistenses e *badius*, características que os aproximam dos africanos do continente.

Como contraponto, eles são vistos como trabalhadores e “um mal necessário”, visto que na ilha não há mão-de-obra qualificada em abundância que responda ao seu acelerado desenvolvimento, especialmente no campo da construção civil. Alguns *badius*, com o passar do tempo, perdem a categorização fortemente negativa quando buscam se comportar como os boa-vistenses, o que significa tomar banho regularmente, usar roupas menos extravagantes (“roupas de *badius*”), freqüentar bares e danceterias “sem arranjar confusão”, entre outros fatores⁸⁰. Portanto, além de ambígua, a caracterização desse grupo não é de forma nenhuma estática, alguns *badius* podem vir a ser incorporados pela comunidade quando demonstram uma mudança em seu hábito.

⁷⁹ É necessário enfatizar que não estamos em uma sociedade segregacionista. Observo apenas uma negação de traços que aproximam os cabo-verdianos dos africanos do continente, traços encontrados, predominantemente, na ilha de Santiago.

⁸⁰ São comuns as expressões “esse *badiu* nem parece *badiu*”, ou “esse é um *badiu* de respeito”, onde vemos ensaiada, uma aproximação entre os grupos.

2.2. Italianos

Um outro fator que diferencia a posição estrutural do estrangeiro é o acesso ao poder. Os italianos são aqueles estrangeiros que exercem o papel de controle sobre os setores econômicos na Boa Vista. Os italianos seriam aqueles estrangeiros que se apresentam enquanto uma classe diferenciada dos demais pelo controle do setor econômico e pela crescente influência na política local.

Se fixando na ilha como donos ou gerentes dos grandes hotéis, das locadoras de carro, de restaurantes, pousadas, lanchonetes, este é o grupo que controla a movimentação turística crescente e a implantação da infraestrutura necessária a esta. A posição desse grupo é muito singular dentro do contexto boa-vistense e as reações negativas extrapolam a ilha, sendo compartilhadas a um nível nacional. Vemos ambigüidades, antagonismos e uma grande variabilidade na classificação desses outros que concentram em suas mãos a oferta de emprego que tem possibilitado um crescente desenvolvimento local e fixação de boa-vistenses na localidade.

Sua inserção e envolvimento com a população local são intensos. Os italianos não são simplesmente estrangeiros, são também empregadores, têm uma forte influência econômica e até política e são verdadeiros elos que ligam Boa Vista com a Europa. Se relacionar bem com um italiano pode significar uma ponte para conseguir os “papéis” que viabilizam a emigração, ou na pior das hipóteses, um bom emprego na Boa Vista mesmo. Não há dúvida de que esse grupo é, marcadamente um outro, mas um outro do qual os locais querem se aproximar.

Os boa-vistenses se esforçam para se aproximar ensaiando uma integração ao padrão de vida desses estrangeiros: aprendem a falar italiano, vestem-se com roupas caras, casam com italianos e formam unidades familiares com características diferentes daquelas descritas nos capítulos anteriores, passam a conviver mais com a comunidade italiana que com seus conterrâneos.

Parto, finalmente, para a análise dos casamentos com italianos⁸¹. Tal análise fornecerá um quadro interessante da importância da relação com estes outros no contexto social moderno da Boa Vista. Assim como nos casos dos *badius* e *mandjacos*, não só na esfera pública, mas na vida familiar, a influência dos italianos emerge no processo de interação na vida cotidiana da ilha, só que agora, numa tentativa de incorporação como parentes.

3. NOVAS FAMÍLIAS

Como não poderia deixar de ser, apesar da ambigüidade inerente a esta relação, locais e estrangeiros despertam interesses mútuos que vão além de interações no universo econômico ou do trabalho, estrangeiros e locais têm relações de amizade, afetivas e casam entre si⁸². Neste tópico, quero me concentrar no universo das relações conjugais interculturais e nas formas como entram em conflito com o modo local de percepção do que é família. A importância dessas relações na Boa Vista está mais no universo das interações cotidianas do que na demografia – identifiquei apenas 32 casais interculturais ao longo de meu trabalho de campo. Apesar de esse número ser, aparentemente, pouco expressivo, os novos arranjos familiares que surgem a partir deles têm gerado conflitos, reflexões e transformações importantes na vida dos moradores de Sal-Rei e que aparecem aqui numa perspectiva de complementar o processo – que é sempre dinâmico – do que entendo ser a família boa-vistense.

Ao traçar o quadro familiar típico da ilha (capítulo II), observei alguns padrões importantes: raramente novas unidades domésticas são criadas no início de uma relação entre homem e mulher. Num primeiro estágio, a relação é marcada pela mobilidade e por um jogo de incertezas onde as regras não são rígidas, pelo menos no que se refere ao universo masculino. O padrão geral é de que os membros do casal transitem entre as unidades domésticas de origem, permanecendo em uma e visitando a outra. Em geral, os primeiros

⁸¹ Como já foi apontado, há casos isolados de relacionamentos afetivos entre boa-vistenses e *badius*. Com relação aos *mandjacos*, observei dois casos de relacionamentos afetivos que, ao contrário do que veremos com os italianos, ao invés de haver uma incorporação do outro, ocorreu uma espécie de expulsão simbólica do membro da sociedade.

⁸² A mesma ordem de fatores ocorre entre turistas e locais, sendo interessante notar que grande parte dos casamentos com europeus nasce de uma relação afetiva quando este ainda era enquadrado na categoria de turista.

filhos nascem com a mãe ainda na casa onde esta foi criada e avó exerce um papel fundamental na vida das crianças. O fato de ter filhos não, necessariamente, catalisa um desejo de estruturar uma nova casa. Quando isso acontece, é mais por um processo de amadurecimento individual ou mesmo da relação.

No que diz respeito aos relacionamentos entre locais e estrangeiros, a dinâmica é outra. Casais interculturais casam cedo (dentro da perspectiva local) e, ainda antes de oficializar a união estruturam uma nova moradia. Quando chegam os primeiros filhos, estes se relacionam com avós e familiares de forma diferente das demais crianças. Isso nos leva aos novos arranjos entre homens e mulheres, entre estes e a família boa-vistense e com a comunidade em geral.

3.1. Famílias interculturais

Uma de minhas informantes estrangeiras (de origem europeia) foi para Boa Vista como parte de uma equipe de estudo com o objetivo de coletar informações sobre as tartarugas marinhas da região. Como acontece em geral, se encantou com a ilha, com os ilhéus e com a magia dos dias em que lá esteve. Também fez amigos queridos e acabou por estender sua estada após o término do trabalho. Havia se envolvido afetivamente com um boa-vistense e dizia não ter vontade alguma de retornar ao seu país. Entre partidas e retornos, a moça acabou por conseguir trabalho na ilha, casou-se e teve um filho. Todos estes fatos ocorreram num intervalo de pouco mais de um ano e com o apoio inicial da família do rapaz.

A comunidade também via com bons olhos a relação com negatividade apesar das queixas das moças, de que as *brancas que vêm para nossa terra e nos tomam os melhores homens*. Reclamavam do rapaz que agora estava *basofo* só porque *tinha* uma *branca*. O casal sabia que era alvo de críticas e fofocas, mas não se sentia discriminado pela comunidade. Pelo contrário, ele avaliava que, por estar envolvido com uma *branca*, era tratado de maneira diferenciada e positiva por alguns que antes nem lhe davam um bom dia.

A moça era elogiada por sua simplicidade, na linguagem local, não tinha *frescura* para comer, dormir ou se vestir, tentava aprender o crioulo e interagiu com os membros da família *como se fosse parte de seu mundo*. Além disso,

em cada um de seus retornos voltava carregada de prendas e encomendas entrando no processo de reciprocidade característico da vida local. Nos períodos em que se encontrava na ilha, tal como as outras, ela desfrutava da companhia das mulheres e ajudava nos afazeres domésticos. De noite, dormia no quarto do namorado. Aparentemente, a relação de namoro não divergia do padrão local e apesar de sempre ser lembrada por traços de diferenciação, a *branca* circulava na esfera familiar com desenvoltura e plena aceitação.

O quadro começou a se diferenciar do padrão local quando o casal decidiu oficializar a união por meio do casamento após sete meses de namoro. Apesar da moça já estar grávida (o que não foi visto como um problema), tal fato causou estranheza, pois todos consideravam muito cedo para tanto. O segundo fator de diferenciação surge quando anunciam que já haviam alugado uma casa para morar. Toda a família considera desnecessária a pressa em sair da estrutura doméstica já existente e começam a surgir algumas críticas ao casal.

Porém, é após o casamento e o nascimento do primeiro filho que o quadro familiar se transforma. Minha informante passa, então, da posição de *como se fosse uma de nós*, para a vilã de uma estória familiar que não condiz com o que é habitual: uma vez instalados em sua nova casa, o rapaz passava dias sem visitar seus familiares, sendo que a maior mágoa da mãe era de que ele não comia sua comida. Além disso, ele não mais contribuía com o orçamento doméstico. A precipitação em formalizar a relação e, depois, em formar uma nova unidade familiar foram os primeiros pontos de atrito que só viriam a ser potencializados com a vinda da criança.

Todos estes fatores eram revelados a mim em caráter de segredo (apesar de todos saberem) e em meio a rumores e comentários. Após o nascimento da criança, tais comentários foram redimensionados, ganhando a proporção de um conflito familiar latente e prestes a eclodir a qualquer momento. Havia toda uma expectativa em torno de um neto que era origem da mistura com uma *branca*. A avó planejava agüentá-lo assim como o fez com os outros netos. Eles cresceriam juntos em sua casa como sempre havia acontecido com os outros filhos e filhas. Porém, após a vinda do novo membro da família, não foi dessa forma que as coisas aconteceram. A mãe amamentou a criança em sua casa, mal visitava a avó nos primeiros meses de vida da

criança e, ao fim da licença maternidade, contratou uma babá para cuidar do pequeno.

Francesca cria aquele menino muito cheio de coisas! A gente não pode fazer nada com ele que ela faz logo uma cara chateada. Minha avó pediu para pegá-lo e ela ficou apreensiva, depois enrolou o menino num pano antes de passá-lo para seus braços, o que ela está pensando? Que nós somos sujós? Ou que vamos maltratar o filho dela? Às vezes me dá vontade de falar para pegar seu filho e seguir seu caminho, mas coitado, ele é um de nós e não tem culpa da mãe que tem! Ele é que vai sofrer, pois vai ficar um menino bobo e todo mole, a gente não pode colocar no chão, não pode *colá* (jogar a criança para cima no ritmo de uma cantiga), não pode fazer nada!

Ela não era assim, ficou *fastenta* assim depois que teve o filho. Ela nos enganou, antes era simpática, fazia os mandados, estava sempre aqui em nossa casa, a gente até esquecia que ela era *branca*. Depois que casou ficou um pouco estranha, mas depois que teve o filho, pior! Agora pegou uma babá para cuidar do filho, onde já se viu isso! Pagar 8.000 escudos por mês para alguém cuidar de meu neto, sendo que eu posso fazer de graça, pois já faço para os outros dois. Aí é isso que você pode ver, o menino vive parado, triste e doente porque não é criado à vontade, não vê gente, vive trancado dentro de casa. Eu sofro muito com tudo isso, porque apesar de ser filho dela, ele também tem meu sangue, é meu também assim como os outros. Mas se ele não vem em minha casa, não está comigo como os outros estão, acaba que não tenho o mesmo sentimento por ele. Tudo o que eu mais queria era ele aqui comigo, se arrastando por esse chão e brincando com seus priminhos. Ter ele longe de mim me corta o coração, mas o que eu posso fazer? A gente não pode escolher de quem nosso filho vai gostar não é mesmo? Ele escolheu essa aí para mãe de seu filho, fazer o que?

Portanto, a família local, especialmente na figura da mãe, tem uma perda considerável no controle das relações com a família do filho. Claramente, o ritmo e a qualidade da interação entre as duas unidades são dados pela nova mulher que entra em cena, a estrangeira. Esta, por sua vez, estrutura a unidade familiar segundo os padrões nos quais foi socializada, o que gera toda essa ordem de conflitos presentes nos relatos a cima.

Na perspectiva local, uma união que foi prevista como oportunidade de soma e de potencialização de uma rede que já é ampla por causa da emigração de alguns membros, acaba por gerar uma divisão de recursos na concepção local. Em lugar de ganhar novos elementos, a família perdeu a contribuição financeira do filho, a presença dele na esfera doméstica, a

possibilidade de interação com outra família pelas relações de afinidade e ainda perdeu a oportunidade de incorporar mais um neto – no amplo sentido que tem uma criança para a família na Boa Vista.

Esta criança acaba por viver numa situação liminar, pois é de dentro e de fora ao mesmo tempo. Como nos disse uma das informantes, *ele é filho dela, mas também tem meu sangue*. A avó⁸³, em seu direito inquestionável para com os netos, se vê numa posição de disputa com a mãe para criar este neto assim como o fez com todos os outros. A disputa é desigual, uma vez que a mãe tem proeminência. O resultado é uma relação entre avó e neto mais distante e mediada pela forte presença da mãe estrangeira. A avó perde espaço, mas a percepção é de que quem mais perde é a própria criança. Perde na qualidade da relação com a avó e com os demais familiares, aspectos tão importantes na sua formação enquanto um membro da família.

O sentimento de ter sido traído é recorrente no discurso dos familiares ao se referirem à mudança de comportamento da moça. Para os envolvidos, essa é uma séria consequência do envolvimento com vindouros – veremos isso de forma mais clara no envolvimento de moças boa-vistenses com estrangeiros – uma vez que ninguém sabe de onde vieram, quem é sua família e o que desejam. Em momentos de conflito surgem boatos que colocam em questão a boa origem de quem vem de fora e a ingenuidade dos boa-vistenses, que *cascam os dentes* (sorriem) para qualquer um que se diz com boas intenções.

É interessante notar que esse conjunto de reflexões, rumores e comentários não devem chegar aos ouvidos do casal, tudo se passa nos bastidores sem ganhar a forma de um conflito declarado, ou seja, o casal não participa diretamente do processo de negatização das relações. É claro que tanto a moça quanto o rapaz percebem os acontecimentos e têm suas próprias opiniões sobre os fatos, mas também não declaram guerra abertamente. Quando a família está reunida tudo se passa como se não houvesse qualquer problema. Ao invés de um conflito declarado, percebo uma tentativa de ambas as partes em se adequar aos novos contextos para que não ocorra uma desestruturação familiar.

⁸³ Mesmo a avó paterna, especialmente quando a materna não esta presente.

Apesar das variações entre um caso e outro, a seqüência de fatos apresentada acima tem se repetido com certa freqüência na ilha da Boa Vista. O número de casais que chamo aqui de interculturais não pode ser considerado elevado, entretanto, a inserção dos novos arranjos que surgem destes relacionamentos é importante dentro da esfera familiar local. Ao mesmo tempo em que o envolvimento afetivo de um dos membros com um estrangeiro pode trazer um conjunto de vantagens para toda a família (mais recursos, status, possibilidade de emigração), também coloca a todos diante de arranjos que geram conflitos e ressentimentos.

Minha própria experiência neste universo ultrapassou a relação entre pesquisador e informante tão comum à pesquisa antropológica. Efetivamente, eu me tornei parte desse contexto uma vez que era membro de um casal intercultural. Se, por um lado, essa condição exigia de mim um cuidado maior na análise dos fatos e uma postura de vigilância redobrada na tal busca por um distanciamento recomendável em qualquer pesquisa científica, por outro, fazer parte desse universo me facilitou um grau de cumplicidade e intimidade com os informantes que, sem dúvida, enriqueceu minha visão da realidade.

Como no caso de minha informante, bem como em todos os outros casais interculturais, também vivenciei a experiência de construir uma estrutura familiar diferente das formas tradicionais, o que fatalmente gerou boatos e constrangimentos na esfera familiar de meu companheiro de então. Apesar de não considerar a relação com seus familiares como conflituosa, percebia que algumas atitudes geravam constrangimentos e estranheza.

Isso ficava claro quando observava, por exemplo, que o fluxo de circulação de alimentos, bens e pessoas entre a casa de minha sogra e dos outros filhos que também viviam em suas próprias casas era consideravelmente maior do que em meu caso. Ao longo de uma jornada circulavam crianças, porções de alimentos, utensílios domésticos e água, dentre uma enorme variedade de outras coisas. Apesar de perceber a importância do fluxo e me esforçar para entrar na rede de trocas, minha simples condição de estrangeira impunha uma barreira no desenvolvimento da relação. Conseqüentemente, não conseguia cumprir o ciclo de trocas segundo os padrões locais, fazendo jus ao título de mesquinha e *grandiosa*.

Como típicos homens boa-vistenses, tanto o meu companheiro quanto aqueles das outras estrangeiras, permitiam que as mulheres manipulassem as relações sem muito interferir no processo. Tais homens, por mais que tentassem manter os mesmos hábitos com relação a seus familiares, acabavam por ser enquadrados numa categoria liminar: de dentro, mas também de fora. Portanto, tanto no caso das crianças quanto dos homens, parece haver um contágio daqueles que fazem parte destas novas famílias, como se o processo de inclusão parcial da outra gerasse uma afastamento simbólico - e também parcial – dos de dentro.

As mulheres estrangeiras também desenvolviam um entendimento acerca da situação que vivenciavam. Apesar de optarem pela vida na Boa Vista como fruto de uma relação afetiva com o homem que escolheram para companheiro, também criticavam fortemente os padrões de vida local. Sua situação de liminaridade e a de seus filhos na esfera familiar não deixava de ser confortável em alguma medida. Muitas afirmavam que as crianças da Boa Vista são mimadas demais e não reconhecem a autoridade da mãe, pois recebem ordens desencontradas de todos aqueles que vivem em uma casa e não possuem uma estrutura familiar organizada. Afirmavam não querer que seus filhos reproduzissem tal estrutura e, por esse motivo, alimentavam uma relação de distância com os afins.

A depender da sensibilidade dos envolvidos, as relações eram mais ou menos conflituosas. Invariavelmente, não ultrapassavam o plano do discurso e, por fim, acabavam por se acomodar enquanto um tipo de relação que mantinha a nova família numa categoria especial e, em certa medida, negativa porque perde em reciprocidade.

Como não poderia deixar de ser, por causa matricentralidade das famílias da Boa Vista, quando o casal intercultural é formado por uma mulher boa-vistense e um homem estrangeiro, as relações tendem a ser diferentes, isto é, mais próxima ao padrão local e com menor risco de perda de reciprocidade entre seus membros. Se só o homem tende a ser beneficiado pela relação com uma estrangeira, em geral, toda a família ganha quando é a mulher quem se casa com um vindouro. Nesse último caso, a mãe assume o controle da situação desde o namoro. Pode-se afirmar que as coisas se passam de forma inversa ao que ocorre com os homens. O estrangeiro não é

recebido com bons olhos pela mãe. A primeira idéia é de que ele é aproveitador e mal intencionado para depois, com a formalização da relação pelo casamento, ele passar a ser aceito e tratado *como se fosse um de dentro*.

3.2. *Homem cabo-verdiano só é bom para mulher estrangeira. Já a mulher cabo-verdiana ...*

No universo da relação conjugal dentro da unidade doméstica, observo também uma nova organização das relações. A estrutura da casa e as formas de tratamento entre homem e mulher são diferentes quando um dos membros do casal é estrangeiro e isso é percebido pela comunidade através dos rumores e comentários sobre os seus comportamentos. Eu costumava ouvir que quando as pessoas da ilha se envolvem com *brancos* acabam por ficar piores do que eles, achando-se superiores e pensando que *embranqueceram*. A letra da música do grupo Bulimundo mostra como este é um fenômeno interessante não só na Boa Vista.

N'ta incontra cu bo na rua
 N'ta mostrabu nha dentona
 N'ta xinta, n'ta ri cu bo
 Bo ta pensa mo mi é bo amigo
 La di riba na nha trabadjo
 Chefe grande gosta de mi
 De servil vira capataz, de capataz vira servil
 Nha corpo sta bem disposto
 Nha barriguinha dja vira grande
 La na casa n ca tem problema
 Nha minins sta tud gordinho
 Oi, oi, oi, oi mundo sta pa bo
 Oi, oi, oi, oi djam brancu dja
 Se bu crê ser cima mi
 Se bu crê saber nha segredo
 Bo fala cu engraxador
 Na mon esquerda n tem lata de graxa
 Na mon direita n tem escova fino
 Na ponta de bota sim senhor
 Começo sab na travessar
 Oi, oi, oi, oi mundo sta pa bo
 Oi, oi, oi, oi djam brancu dja.

Djam brancu dja, Bulimundo⁸⁴.

⁸⁴ Eu encontro com você na rua/ eu te mostro meu sorriso/ eu sento e rio com você/ você pensa que sou seu amigo/ lá em cima no meu trabalho/ o chefe gosta de mim/ de servil vira capataz/ de capataz vira servil/ meu corpo está bem disposto/ minha barriguinha já cresceu/ lá

Aqueles que “embranquecem” são os que começam a adquirir hábitos de brancos. Assim como na música, estas pessoas aproveitam do contato com brancos e acabam por adquirir um tom de superioridade perante os outros. Para que isso ocorra não é necessário que ocorra uma relação conjugal, pessoas que trabalham e convivem diariamente com brancos correm o risco de *embranquecer*, o que as leva a serem foco de críticas de amigos e parentes.

Nos casos de relacionamentos conjugais todos são enquadrados nessa classificação. Porém, há diferenças importantes entre casais formados por homens cabo-verdianos e mulheres estrangeiras e aqueles formados por estrangeiros e mulheres locais. Sempre que estava em uma roda de conversas de mulheres em que o tema girava em torno das traições e *cachorrices* tão características dos homens cabo-verdianos e dava meu depoimento de que nunca havia passado por tais situações com meu companheiro, ouvia a célebre frase: *homem cabo-verdiano só é bom para mulheres estrangeiras, aliás, para as brancas eles são uns príncipes! Agora, deixa seu marido se envolver com alguma de nós, vamos passar o diabo em sua mão!* Além disso, sempre ouvia dizer que as estrangeiras chegavam de suas terras e logo tomavam os melhores homens da ilha, deixando aqueles que não prestavam para as boa-vistenses.

Pela observação do cotidiano dos 12 casais nos quais os homens eram boa-vistenses verifiquei uma conduta diferenciada destes dentro da esfera doméstica. Os rumores em torno de situações de traição diminuía consideravelmente e sua presença efetiva na unidade doméstica era maior. Até nas relações de paternidade, observava uma mudança de comportamento masculino. Em geral, as estrangeiras se diziam satisfeitas com seus companheiros, eram bons pais, companheiros atenciosos e presentes, além de excelentes parceiros sexuais (eram consideravelmente melhores que os europeus, fato sempre enfatizado nas conversas sobre o tema).

Na concepção masculina, as mulheres estrangeiras tinham a grande vantagem de não serem interesseiras e de terem um comportamento diferente

em casa não tenho problemas/ meus meninos estão todos gordinhos/ oi, oi, oi, oi o mundo está bom/ oi, oi, oi, oi já embranqueci/ se você quer ser como eu/ se você quer saber meu segredo/ vai falar com o engraxador/ na mão esquerda tenho lata de graxa/ na mão direita tenha uma escova de qualidade/ é na ponta da bota sim senhor/ e começo bem a esfregar/ oi, oi, oi, oi o mundo está bom/ oi, oi, oi, oi já embranqueci.

do das cabo-verdianas, sendo mais carinhosas e companheiras. Além disso, justificavam sua maior atenção em casa pelo fato das estrangeiras não terem ninguém na ilha, além deles. Observo que tais rapazes manifestavam admiração pela coragem das estrangeiras em fazer o caminho inverso do que é esperado, ou seja, deixar uma terra rica e cheia de possibilidade para viver na Boa Vista. Com relação ao desempenho sexual, as respostas eram um tanto evasivas. As *brancas* eram classificadas como diferentes, porém, sendo enfatizado o fato de serem mais carinhosas e atenciosas que as cabo-verdianas.

Por outro lado, a maioria dessas mulheres era originária da Europa e trabalhavam na Boa Vista, ou em negócios próprios, ou como alto escalão nos hotéis. Por consequência, além do status de viver com uma *branca*, elas proporcionavam uma boa qualidade de vida ao companheiro, a possibilidade de um bom trabalho e de saída para o exterior numa condição melhor do que a de qualquer emigrado. Um de meus informantes, em uma conversa de bar, me disse em alto e bom som que não trocava cinco cabo-verdianas por metade de uma *branca*, afirmação que gerou um debate quente entre os presentes.

A comunidade faz uma leitura do comportamento destes homens, que são tidos como oportunistas, *grandiosos*, *basofos* e, por vezes, dominados por suas *brancas*. Revoltadas com a declaração de meu informante, as mulheres presentes diziam que ele não podia trocar uma pela outra mesmo, já que era um *chulo* (no sentido de aproveitador) e as boa-vistenses não tinham mesmo nada a lhe oferecer. Para os rapazes, a afirmação era um sinal de *basofaria*, pois, no fundo, ele vivia *preso* pela *branca*, que não o deixava fazer paródia com os amigos, não lhe dava tempo para conquistar outras pequenas e ainda o colocava para fazer mandados de mulher.

Os casos de moças boa-vistenses que mantinham relações conjugais com estrangeiros também são importantes em número (identifiquei 19 casais) e grau de inserção na sociedade. Como afirmei anteriormente, a família tende a se beneficiar mais deste tipo de interação, talvez como consequência de ser imposto um maior controle social sobre o casal numa primeira fase da relação. Quando uma mulher da Boa Vista anuncia que está namorando um vindouro, uma crise familiar se instala.

Vanda passou por maus momentos desde que sua mãe descobriu que estava com um rapaz italiano que trabalhava como engenheiro na construção de um dos grandes *resorts* da Boa Vista. Em uma de nossas conversas ela desabafou que, apesar de ser tratada como uma princesa pelo namorado, a mãe não aceitava o relacionamento.

Minha mãe disse que não sabia que eu já estava assim, como essas *pixinguinhas*⁸⁵ da Boa Vista que ficam com esses vindouros sem saber quem eles são e que alguns meses depois suas mulheres estrangeiras aparecem e as desorientadas daqui ficam chupando o dedo. Disse-me que eles só vêm para Boa Vista para fazer as moças daqui abuso, para as levarem para cama e depois jogarem fora. Ela chegou a mandar que eu escolhesse entre ele e minha família, pois se é para eu ficar com ele que eu esqueça que tenho mãe.

Quando o estrangeiro em questão é de origem européia esse conflito inicial tende a durar alguns meses, mas, se o relacionamento vinga, o rapaz é incorporado na família e passa a ser visto como um excelente partido⁸⁶. Especialmente após o casamento formalizado, a sogra tende a tratá-lo com a mesma grandeza que os homens estrangeiros costumam tratar suas filhas. Como são, em sua maioria, investidores ou administradores de hotéis, estes homens proporcionam uma qualidade de vida muito a cima dos padrões locais às suas mulheres, seus filhos e, por extensão, ao restante da família. A mulher boa-vistense assume, mais uma vez, a função de elo entre as unidades domésticas num esforço de potencializar o padrão tradicional de partilha e fluxo constante entre as mesmas.

Por outro lado, poucos estrangeiros impõem mudanças substanciais ao modo de se relacionar com as famílias locais, permitindo que as crianças estejam próximas às avós, a presença da família da mulher em sua casa de origem e a continuação de um fluxo contínuo de bens e pessoas entre as unidades domésticas que compõem a família. Além disso, a filha tem mais

⁸⁵ No sistema de mercado sexual cabo-verdiano, há a distinção entre prostitutas e *pixinguinhas*. *Pixinguinha* é fundamentalmente uma categoria moral e são consideradas assim todas as meninas nas quais se percebe um início de carreira desviante quanto ao comportamento sexual. Sobre este assunto ver, Dos Anjos, 2005.

⁸⁶ Dos 19 casos estudados, somente um era de uma moça que vivia com um senegalês. O restante dos casais eram todos formados por italianos e boa-vistenses. Ao se envolver com Xandó (o senegalês), Dá teve sérios problemas familiares, a ponto de, para viver com ele ter cortado relações com os parentes. Hoje moram na área adjacente à Vila, nas barracas, e Dá vive numa condição de marginalidade dada pela expressão, *mulher de mandjaco*.

condições em ajudar a mãe e o restante da família pelo fato de ter mais recursos e status.

Estas mulheres afirmam que o homem estrangeiro é muito diferente dos boa-vistenses. A relação tem melhor qualidade, mais respeito e tranqüilidade. Uma de minhas informantes define bem as características dessa relação, o que justifica que algumas moças da localidade dêem grande valor aos vindouros, menosprezando os relacionamentos sérios com os homens boa-vistenses. Em sua fala, fica claro que, além do fator econômico, muitas outras qualidades fazem do estrangeiro um excelente partido.

A vida conjugal com um estrangeiro é, portanto, marcada pela tranqüilidade e o respeito que elas gostariam de viver nos relacionamentos com os homens nacionais. Os estrangeiros propiciam viver num modelo cada vez mais difundido de relação ideal na visão feminina, o modelo ocidental de família nuclear monogâmica. As categorias valorizadas são o respeito, a fidelidade e a tranqüilidade, ou seja, tudo aquilo que afirmam não encontrar com os homens locais.

Como é de se esperar, a condição privilegiada dessas mulheres gera comentários e boatos na comunidade. Os rumores são de que elas só estão com eles por interesse em seu dinheiro e em tudo o mais que podem lhe proporcionar. Os rapazes da ilha queixam-se por elas serem *grandiosas*, preferindo os *brancos*. A expressão, aquelas são *pixinguinhas de branco* retrata o conflito, ao nível do discurso, decorrente dessas relações. Justificando a fama de *pixinguinhas*, muitas são acusadas de traírem seus maridos estrangeiros com rapazes da Boa Vista e isso se justifica pela fama que os europeus têm de serem maus amantes na cama, ou seja, são considerados *fracos* quando o assunto é sexo.

Fulana está com o italiano porque ele tem dinheiro e a trata muito bem, porque estrangeiro é homem bom e trata a gente com grandeza. Eu, se tivesse um estrangeiro fazia o mesmo que ela faz, ia querer ele como marido e os cabo-verdianos para curtir, porque para curtir tem que ser com nossos homens que fazem sab! Homem branco é muito ruim na cama. Não tem nenhuma piada!

Estas mulheres são, portanto, alvo de conquistas por parte dos homens da localidade, que parecem considerá-las disponíveis para relacionamentos

extraconjugais uma vez que os *brancos* não a satisfazem sexualmente. Os dados que possuo me levam a inferir que os rapazes que buscam envolvimento com tais mulheres, se aproximam numa tentativa de tirar proveito de seu status e retirar algum proveito financeiro da relação. Lembremos que os estrangeiros não fazem parte das redes de boatos e, dificilmente, chega aos seus ouvidos as notícias de uma traição.

Tais mulheres admitem que o relacionamento sexual com europeus não tenha a mesma qualidade que com os cabo-verdianos, justificam que o desempenho sexual tem a ver com a cor das pessoas, sendo que as de pele escura são mais quentes que os brancos. Por outro lado, nenhuma daquelas com quem conversei sobre o tema admitiam recorrer aos cabo-verdianos por se sentirem insatisfeitas, afirmavam que o sexo era diferente, mas não necessariamente ruim. Além do mais, o tipo de tratamento que recebiam compensava as dificuldades inerentes à relação.

Aliás, tanto para homens quanto para mulheres envolvidos afetivamente com estrangeiros, estes relacionamentos eram caracterizados como difíceis. As diferenças culturais geram conflitos que, por vezes, culmina na separação do casal (durante minha estada em campo três casais chegaram a romper a relação). O problema mais comum tem a ver com dificuldades de comunicação na valorização do que é importante para cada um.

Os estrangeiros reclamam que os boa-vistenses não têm ambição, não fazem planos e são acomodados, além disso, não têm o hábito de conversar sobre os problemas. Para os boa-vistenses, os *brancos* não valorizam o toque, não se abraçam, em certa medida são mesquinhos (só pensam em trabalho e em acumular dinheiro) e fechados com relação aos sentimentos. Apesar de elencarem os problemas, todos valorizavam seus esforços para mudar, numa busca por manter uma relação que tem mais aspectos positivos que negativos.

As novas famílias nascem num contexto de desenvolvimento que tende a mudar os processos que levam ao sucesso individual e familiar. O relacionamento afetivo com estrangeiros surge como uma possibilidade a mais, além da emigração, para se chegar a uma boa vida. Tal possibilidade é, aparentemente, mais fácil, pois não implica em ter que deixar a terra para mudar de vida. Com isso, observa-se um movimento inicial de formação de uma nova elite local - ainda pequena, mas com grande influência na formação

de novos valores para a sociedade – que se estrutura dentro de padrões familiares próximos aqueles encontrados na Europa.

Vemos uma “exogamia radical” se configurando na Boa Vista. É radical porque não ocorre dentro do sistema, diferentemente das práticas exogâmicas tradicionais africanas de grupos corporados, onde se casa fora da linhagem, mas dentro do sistema⁸⁷. Por outro lado, faz parte de uma prática africana comum em que, pelo casamento com estrangeiros, se realiza a incorporação de pessoas ao grupo de parentesco (Ver a discussão sobre escravidão em África e incorporação de pessoas em Kopytoff & Miers, 1979).

Entretanto, no caso da Boa Vista esta incorporação (pelo casamento) não, necessariamente, garante a continuidade do sistema, uma vez que não é uma aliança entre grupos, mas entre um grupo local e um indivíduo estrangeiro que nem sempre abre mão de seu pertencimento de origem para ser incorporado ao novo sistema. Esta configuração gera um questionamento importante: até que ponto o sistema se reproduz por meio deste tipo de exogamia? Vimos que esta resposta depende, prioritariamente, do fator gênero. Se o estrangeiro é homem ou mulher vai influenciar no tipo de pertencimento ao grupo local e na capacidade de incorporação não só de si mesmo, mas dos filhos que serão gerados nesta relação.

A ambigüidade entre a busca por alcançar o modelo europeu de família e a prática que se distancia de tal modelo opera aqui de uma forma curiosa. O

⁸⁷ O estudo de Kopytoff e Miers (1979) sobre a escravidão em África demonstra como as sociedades africanas são receptivas a toda e qualquer oportunidade de incorporar os de fora ao seu meio como dependentes ou retidos. Nos exemplos de escravidão fornecidos pelos autores, há um ponto em comum: todos os escravos são estrangeiros em um novo lugar, em um novo grupo de parentesco, comunidade, região e, até mesmo, em um novo país. A transferência dos seus velhos valores para a incorporação numa nova realidade funciona como um rito de passagem, sendo a primeira fase deste, um período de marginalização.

Quando uma pessoa é transferida para outro grupo, ou por força de parentes ou de armas, o indivíduo é completamente banido de seu próprio povo, perdendo sua identidade, sua personalidade social e seu status. O que ocorre é um ritual de transição; a pessoa é expulsa do seu antigo nicho social e colocada num limbo, em um estágio de marginalidade. Entretanto, aquele que é de fora não pode ser mantido neste limbo, ele precisa ser incorporado. O problema é: como incorporar alguém que não pertence ao sistema social local, aquele que, mesmo incluído, permanecerá numa posição inferior ao de dentro?

Para a resolução desse problema e com o propósito de incorporação, novas fronteiras são criadas para que ele deixe sua condição de escravo – o outro – e assuma sua condição de “de dentro”. Isso só é possível de ser pensado quando se verifica que na maioria das sociedades tradicionais africanas, o de dentro não é um indivíduo autônomo. Sua cidadania está ligada ao fato do seu pertencimento a um grupo de parentesco corporado, uma unidade de proteção social, legal, política e ritual.

casamento com estrangeiro é, teoricamente, uma forma eficiente de se constituir uma família ideal, nos moldes europeus de uma unidade residencial formada pelo casal e os filhos, onde homem e mulher partilham as funções da casa e o homem mantém o respeito e proximidade necessária para uma boa vida familiar. Porém, na prática, a realização deste ideal pode chegar a ameaçar a reprodução de um sistema que, apesar de ser entendido como símbolo de desestrutura, mantém valores e práticas que são essenciais para sua reprodução. Como já é característico do mundo crioulo, o desafio para os boa-vistenses é, então, de incorporar os novos tempos, mas se reproduzindo em suas formas tradicionais.

4. DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?

Hoje aquilo tudo está adstrito ao turismo. Aliás, toda a Boa Vista está em vias de se transformar num imenso hotel, que Deus ajude os boa-vistenses a guardarem para si quanto mais não seja os sete palmos de terra onde meter o caixão.

Germano Almeida, 2003.

A articulação entre o turismo, a entrada dos estrangeiros e a incorporação dos italianos nas famílias tem imposto novos arranjos, problemas e conflitos que a comunidade tem sido chamada a enfrentar. Enquanto atores na cena do desenvolvimento, boa-vistenses não podem ser encarados enquanto vítimas passivas de um processo maléfico. Como vimos, tanto no discurso quanto na prática cotidiana, os ilhéus conduzem a relação com estes outros e lançam mão de estratégias para lidar com as novas situações. É claro que esse processo não é homogêneo e tem trazido conseqüências importantes para a estrutura social local ficando a questão: Boa Vista é a ilha do desenvolvimento, mas este desenvolvimento é para quem?

Contrapondo o discurso governamental de um desenvolvimento turístico enquanto chave para solucionar os problemas das ilhas, muito debate tem ocorrido sobre a forma como tal desenvolvimento tem se dado e sobre qual é o futuro que se quer para as ilhas. Pensadores, intelectuais, literatos e jornalistas insistem na comparação com as Ilhas Canárias que tiveram um *boom* de desenvolvimento que priorizou um turismo de massa, sem ter em conta a preocupação com o meio ambiente ou com um envolvimento igualitário e que beneficie a população local. A reflexão é de que o mesmo modelo tem sido

implantado para o turismo nas Ilhas do Sal e da Boa Vista e que isso já começa a trazer conseqüências negativas para a população local.

Duas questões principais têm assustado a população e gerado um processo de reflexão: (1) a entrada vertiginosa de diversos outros e; (2) a situação da juventude local diante de problemas sociais como prostituição, alcoolismo e uso de drogas. Diante dos novos tempos, a população da Boa Vista - acostumada a exportar mulheres e a administrar tal fenômeno com uma desenvoltura tal que mantém unidos e comprometidos membros que estão separados pelo tempo e espaço – agora se vê diante de arranjos sociais e domésticos que trazem uma nova ordem de percepções, valores, conflitos e desafios que devem enfrentar.

Não compartilho da visão de alguns pensadores do fenômeno turístico que vêem o desenvolvimento e o turismo enquanto males sociais e a comunidade atingida como vítima de um processo maléfico. Analisar o desenvolvimento da Boa Vista nesta perspectiva seria desconsiderar a própria visão que os boa-vistenses têm do processo que vivenciam. Em sua perspectiva, os novos tempos trouxeram muitas coisas boas: desenvolvimento, movimento, maior circulação de gente, materiais, dinheiro, valores, informações e saberes. Trouxeram também desafios, novos atores sociais, novos problemas, preocupações e a necessidade de outras soluções.

O desafio que mais tem mobilizado os discursos aos níveis local e nacional e, em certa medida, tem deixado a população atônita tem a ver com os caminhos da juventude. A abertura ao outro, tão característica da *morabeza* cabo-verdiana, tem facilitado o aumento da circulação de drogas e de estrangeiros com interesse em turismo sexual. As famílias, perplexas com essa nova realidade, se vêem sem condições de instruir seus jovens e crianças que são facilmente enredados nestas redes.

A sociedade tem vivido uma situação de perplexidade. Na leitura local, a culpa é de vários fatores: da vinda de estrangeiros que têm causado uma *mistura* muito grande e o descontrole sobre as dinâmicas locais; do governo, que tem *vendido* a Boa Vista para os italianos sem dar condições para que a população tome as rédeas de seu próprio desenvolvimento; da emigração, que faz com que as mães estejam longe dos filhos que, nessas condições, se tornam vítimas mais fáceis das *más influências*; por fim, a culpa é dos próprios

boa-vistenses, que buscam crescer na vida pelo caminho mais fácil, se vendendo por muito pouco.

Decorrente desse processo, a população lança mão de um esquema classificatório que estigmatiza os jovens sob categorias como *pixinguinhas* para as moças, *chulos* para os rapazes e *drogados* para ambos. O que, à primeira vista é percebido como injúria, tem rapidamente se transformado em destino de grande parte destes envolvidos. Da acusação inicial para a adesão a um estilo de vida, um modo de ser que os coloca na vanguarda das relações tradicionais o caminho é curto. As formas de se vestir e de se comportar marcam a distinção entre estes jovens, que se autodenominam modernos, e os outros que são atrasados e estão presos às formas antigas de comportamento.

É imperativo, e a própria população clama por isto, que haja políticas estrategicamente dirigidas para se reverter um processo que tem atingido esse segmento social em particular. De maneira mais geral, a população reclama por ser enquadrada, de fato, numa política desenvolvimentista que vê a Boa Vista como o ícone do desenvolvimento nacional mas, não tem feito nada para que ela o seja de fato.

Por fim, com os novos tempos, vieram as novas famílias. Tal como os primeiros, elas atualizam novos arranjos que valorizam uma outra configuração familiar como o modelo de boa família. As novas formas de viver em família geram conflitos, angústias e ressentimentos entre os membros envolvidos, mas também podem viabilizar projetos tradicionais por caminhos diferenciados.

Todos os processos analisados neste capítulo e que caracterizam na linguagem local os novos tempos, encontram-se em pleno desenvolvimento na Ilha. Da mesma maneira, as formas de vivenciá-los estão em contínua construção pelos atores envolvidos. Como a dinâmica irá se desenvolver, só o tempo dirá. Se há alguma conclusão possível, ela se origina do otimismo característico do boa-vistense e que está presente na fala de uma informante.

Apesar de não vivermos mais como uma família e sermos obrigados a conviver com essas pessoas estranhas, Boa Vista hoje voltou ao mapa de Cabo Verde. Não é mais uma ilha abandonada, hoje todos falam da Boa Vista. Como posso dizer que isso é ruim? Tenho é que me acostumar. Antes não tinha nem açúcar de saco e hoje posso até escolher a marca que quero comprar! Isso é bom não é?

Apesar das desigualdades originadas por um modelo de desenvolvimento que beneficia a poucos, gera diferença e exclusão social e, em grande medida, deixa acuada a população local; no cotidiano das relações sociais e familiares a percepção é de que a vida tem melhorado e de que os problemas devem ser enfrentados. Como espero ter demonstrado, por meio da incorporação – ou da não incorporação proposital e premeditada – dos novos atores, boa-vistenses ensaiam maneiras de tomar as rédeas de seu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é resultado de um longo percurso que teve início no processo de aproximação à sociedade boa-vistense por intermédio de uma experiência pessoal, passou por meses de trabalho de campo e está se concluindo com as reflexões, análise e produção do presente texto. Os resultados deste processo refletem a perspectiva de uma pesquisadora que acredita na pesquisa de campo como forma privilegiada de produção de conhecimento - nas horas e horas de observação de pessoas comuns em suas rotinas mais banais, nas boas conversas com as pessoas com quem convivi e no mergulho nas formas de sociabilidade locais.

Os capítulos apresentados aqui contam, antes de tudo, as histórias dos grupos familiares que estudei. Escritos a partir da pesquisa etnográfica em Boa Vista, refletem uma das preocupações conhecidas dos antropólogos: a de analisar formas alternativas de vida social que fogem da lógica prevista e previsível da dita modernidade. É claro que os dados não falam por si mesmos, são moldados pelo pesquisador de acordo com temas pertinentes para si próprio ou para os debates acadêmicos. Os fragmentos tirados dos diários de campo e dos cadernos de notas conformam, portanto, enredos montados explicitamente para dialogar com temas que considere importantes: organização familiar, relações de gênero, maternidade, conjugalidade, emigração, proximidade, distância, movimentação e fluxos em Boa Vista. A importância dada a tais temas surgiu, então, numa relação dialética entre os conhecimentos adquiridos pelo estudo da antropologia e minha própria experiência naquela sociedade.

Foi com estas considerações em mente que empreendi minha análise em busca do entendimento da lógica particular que subjaz à organização familiar em Boa Vista. Nesse contexto, a emigração feminina não só melhora a condição econômica da mulher e de sua família, mas também adquire um status social diferenciado. Dentre os diversos motivos econômicos que podem levar a mulher a emigrar, está presente a percepção da emigração como excelente oportunidade de melhorar seu status e de ganhar liberdade. Por outro lado, a emigração retira esta mulher da esfera doméstica. Com

freqüência, para emigrar ele tem que deixar filhos sob os cuidados de outras mulheres, bem como as responsabilidades com a casa e com o pai-de-filho.

A questão central que busquei responder foi: tais rearranjos estruturais geram mudanças na configuração familiar boa-vistense? Minha hipótese é de que apesar da saída da mulher, estratégias são utilizadas para que muitos dos laços que a ligam ao grupo doméstico continuem a operar de forma eficaz. Trabalha-se no sentido de criar o que denominei de “proximidade à distância”. Sendo assim, as mudanças que ocorrem na sociedade boa-vistense por causa da saída de mulheres acabam por funcionar de maneira a reforçar e reproduzir formas de comportamento tradicionais desta sociedade.

Características importantes da organização familiar – matricentralidade, família extensa como unidade significativa, prioridade dos laços de filiação face à relação conjugal, mobilidade, fluidez da relação com o homem enquanto marido ou pai – acabam sendo reforçadas nessas famílias transnacionais e isso ocorre de diversas formas: o pai que minimiza sua presença já esporádica em casa, outras mulheres assumindo a responsabilidade da casa e dos filhos deixados pela emigrante e esta assumindo a função de provedora.

Espero ter demonstrado que, no caso da emigração feminina da Boa Vista, a saída da mulher força rearranjos na esfera doméstica, porém, esta nova unidade doméstica, agora transnacional, continua a depender do trabalho de outras mulheres para se reproduzir. Portanto, as relações não são necessariamente transformadas. Uma vez distante, a emigrante faz um enorme esforço para a manutenção dos laços que a ligam à família e, especialmente, aos filhos. Isso se dá por meio do envio de presentes, recursos, bens, informações e pelas visitas periódicas.

Porém, a busca pela manutenção de laços à distância não se restringe àquela que emigra, também é partilhada pelos que ficam na ilha. Como explorei ao longo do trabalho, o esforço de estar próximo à distância também deve acontecer para aqueles que ficam. Numa relação de troca, estes também enviam os “artigos da terra” (cachaça, queijos, doces) para as mulheres que estão fora. Além disso, trocam um bem primordial para a manutenção do sentimento de pertencer, as notícias da ilha. Tudo isso porque estamos diante de uma sociedade que está muito mais ancorada num sistema de símbolos e

significados e numa rede de relacionamentos do que numa base territorial. Tais redes são alimentadas tanto por quem sai quanto pelos que permanecem.

A análise apresentada aqui revela os mecanismos usados pelos membros destas “famílias espalhadas” para superar a distância, utilizando estratégias eficazes que mantêm a solidez dos laços e o sentimento de pertencimento vivo. A coesão familiar nesta sociedade depende, portanto, da eficácia dos mecanismos para solucionar os riscos de uma estrutura especializada em ejetar alguns de seus membros para fora do sistema social. Numa sociedade assim, o pressuposto de que a família deve viver junta dá lugar a uma outra idéia de família em que os membros encontram-se distantes uns dos outros, porém, continuando a se sentirem próximos e pertencendo a um grupo comum.

Para formular esta hipótese, percorri um caminho longo. Primeiro, inseri Boa Vista no contexto mais amplo das sociedades crioulas. Enquanto tal, a organização desta sociedade revela práticas e modelos em competição – o africano e o europeu - que ora enfatizam uma vertente, ora outra. Tal discussão ganhou forma pelo diálogo que empreendi com a teoria social nativa da “desorganização familiar”. Tentei demonstrar que o pressuposto de desorganização surge a partir da adoção do modelo familiar europeu - de família nuclear, um casal em co-residência com os filhos – como ideal e correto. Argumento que tal idealização está inserida num contexto de criouliização que, embora tendo um modelo de normalidade como perspectiva, na esfera das práticas reproduz formas tradicionais de organização familiar muito distantes deste ideal.

O próximo passo foi entender a organização familiar existente de fato na Boa Vista. O ponto chave foi desvendar como as relações se reproduzem por intermédio da transmissão de substâncias partilhadas. Os conceitos de proximidade e distância foram fundamentais para a análise de relações que são caracterizadas por um alto grau de mobilidade. Na Boa Vista as pessoas, os bens e os recursos circulam constantemente, porém, o sentimento de pertencimento permanece na idéia de *nha* família.

O conceito de *nha* família é elástico, ou seja, pessoas podem ser incluídas ou excluídas no círculo daqueles que um indivíduo considera ser sua família e essa dinâmica vai depender mais da forma de tratamento que um

dispensa ao outro do que da existência de parentesco consangüíneo. “Viver junto” é a categoria chave para entender o contexto familiar boa-vistense. Compartilhar substâncias, comidas, presentes especialmente durante a infância, cria e reforça laços que geram o sentimento de estar próximo. A casa é, portanto, a unidade básica, o espaço onde os laços de proximidade são atualizados e que dá identidade social ao indivíduo.

Tal espaço encontra-se fortemente ligado às mulheres e crianças, sendo elas as grandes responsáveis pela reprodução de estratégias que geram proximidade e pertencimento entre indivíduos e entre grupos domésticos. As mulheres o fazem por meio da rede de solidariedade feminina e as crianças pela facilidade de circulação em diversas unidades domésticas. Mulheres e crianças também têm forte ligação entre si, sendo o binômio mãe-filho central na esfera familiar boa-vistense.

Porém, como procurei mostrar ao longo do trabalho, a maternidade em Boa Vista não deve ser entendida em nossos termos. Deve, antes, ser analisada no contexto da solidariedade feminina, particularmente entre mãe e filha. Quando nasce uma criança, mãe e avó se mobilizam e se complementam na tarefa de criá-la e educá-la. De certa forma, para uma criança, estar com a avó é complementar a estar com a mãe e isso se expressa pela complementaridade dos termos “mãe” e “mamã”. Sendo assim, em Boa Vista a maternidade é social e só pode ser completamente exercida pela ação conjunta de duas gerações. Ser mãe é um processo que começa quando nasce uma criança e só atinge sua plenitude quando a mulher se torna avó, sendo necessária a presença das duas mulheres para que se possa criar e prover uma criança.

A centralidade feminina é, portanto, uma característica fundamental deste modo de organização familiar e a dispersão das funções entre duas ou mais mulheres não leva, como se poderia pensar, num enfraquecimento dos laços entre mães e filhos ou mesmo entre os membros da família. Neste contexto, a partilha - de bens, alimentos e até crianças - não enfraquece, pelo contrário só vem a fortalecer a reprodução do sistema. A mobilidade e o compartilhamento são valores que criam e recriam relações familiares.

Tudo isso deve ser entendido face à posição do homem na esfera doméstica. Dadas as características fluídas da conjugalidade, as dificuldades

financeiras e o *ethos* masculino, o homem enquanto marido e pai é figura distante na esfera doméstica boa-vistense. Especialmente na perspectiva dos filhos, o pai se apresenta na forma de uma “presença ausente”. Apesar de próximo fisicamente, por que não partilha, não troca e não “vive junto”, a relação é marcada pela distância emocional. A rede feminina se constitui, então, como estratégia eficaz para compensar a ausência do marido e do pai.

Quando deslocamos o homem da relação conjugal para a de filiação, percebemos que ele não está tão ausente como parece à primeira vista. Se dirigirmos os refletores para mulheres e homens enquanto irmãos ou mães e filhos, vemos surgir uma dimensão nova da relação entre os sexos, uma relação de complementaridade e proximidade. Da mesma forma, por trás da colaboração entre mulheres, frequentemente há uma presença masculina que dá apoio tácito à situação ou que atua como laço mediador a unir duas ou mais mulheres (pertencentes ou não à mesma casa). Esse é o caso, por exemplo, do relacionamento entre netos e suas avós e tias paternas, uma relação que se efetiva a partir do reconhecimento pelo pai de que aquela criança é sua. Um olhar aprofundado, e em diálogo com a teoria sobre matrifocalidade, mostrou que há presença masculina nesta família de mulheres.

Devo também ressaltar a importância da idéia de processo no sistema familiar que analisei. Tanto as relações de filiação quanto as conjugais ganham e perdem proeminência a depender da fase do ciclo doméstico que está em foco. Por exemplo, a percepção da conjugalidade enquanto um processo que começa com uma relação marcada pela instabilidade e termina, já na fase em que os filhos estão adultos, na formalização do casamento na igreja vem mostrar que a conjugalidade boa-vistense, ao invés de ser entendida como anomalia, adquire um outro sentido quando analisada como atualização transformada das formas tradicionais africanas de casamento processual.

Uma vez recapitulados os pontos fundamentais da estrutura familiar local, resta-me retornar a uma questão fundamental: como tal estrutura se mantém (se é que isso acontece) nos casos de uma emigração feminina tão intensa, tal como a que ocorre em Boa Vista?

Mulheres que estão longe fisicamente, ao contrário dos pais que estão próximos, conseguem criar laços de proximidade à distância. As estratégias utilizadas passam pela mesma idéia de partilha presente no conceito de “viver

junto”. A manutenção de diálogos à distância (por meio de cartas, telefonemas, fotos e rumores), a troca transnacional de serviços, recursos, bens criam e recriam os valores positivos tradicionalmente vinculados à emigração cabo-verdiana. A idéia central é que, quando tais estratégias são atualizadas com sucesso, a distância espacial não diminui a proximidade que caracteriza as relações de parentesco.

A quebra dos laços de pertencimento ao grupo ocorre quando não mais se partilha, quando as trocas são interrompidas por uma das partes envolvidas. O conceito de proximidade não está restrito, então, à noção de espaço partilhado, expresso na idéia de proximidade física. A ausência física da mulher que emigra é mitigada por uma lógica transnacional de obrigações materiais. Adapto para meu caso os argumentos de Levine (1973) para o caso africano: as famílias boa-vistenses não têm que permanecer intactas residencialmente para que seus membros se mantenham unidos e atualizando as obrigações de parentesco e casamento.

A ênfase nas transações materiais, ou seja, nas obrigações de dar e receber bens materiais – alimento, ajuda financeira, presentes, coisas – e a ausência relativa de ansiedade com relação à separação, são características de um padrão de sociabilidade que os indivíduos lançam mão para a reprodução do sistema. Da mesma forma, o valor dado à mobilidade, a relativa tolerância e flexibilidade das relações conjugais, a importância das redes de solidariedade feminina, a relativa ausência masculina e a percepção do grupo doméstico como uma unidade processual, são todos fatores que se combinam de forma a viabilizar a expulsão de alguns membros. Minha análise conduz, então, à percepção de que a família não se reproduz apesar da saída de mulheres, ela se reproduz porque as mulheres saem.

É bem verdade que esta é uma estratégia ousada que gera conflitos e riscos à estrutura familiar local e acarreta tensões e dificuldades aos indivíduos. No entendimento dos boa-vistenses, enviar a mulher ao invés do homem para a emigração tem sido uma forma eficaz de diminuir tais riscos, pois entendem que as mulheres são mais fiéis do que os homens no cumprimento das obrigações familiares. Da mesma forma, a emigração cabo-verdiana deve ser entendida num contexto histórico em que o bem maior de um país pobre e sem recursos é sua população. Se ampliarmos para o contexto africano, em que as

peças são valores fundamentais, percebemos a coerência de um sistema familiar que exporta seu bem maior - a mulher enquanto mãe - em prol da manutenção do grupo familiar.

A segurança de que estratégias serão atualizadas pelos indivíduos para que o sistema se reproduza parece estar na importância dada ao "pertencimento". Ora, se a mulher é aquela que está mais ligada ao ambiente doméstico a emigração feminina, mais do que a masculina, obriga os membros de uma unidade doméstica a negociar papéis não só para definir quando e qual mulher pode sair, mas para estabelecer quem vai assumir as responsabilidades deixadas por ela e para definir as novas funções daquela que sai. Pela análise da organização familiar boa-vistense no contexto da emigração feminina percebemos que novas formas de pensar e viver o mundo, associadas diretamente a processos globais de transformações sociais, podem funcionar como importantes reprodutores de formas tradicionais da vida local.

Porém, como toda e qualquer sociedade, Boa Vista está em constante mudança e com ela, novos desafios são colocados aos indivíduos e grupos. O que meus informantes denominam de "novos tempos" levanta questões que fornecem material para uma outra tese. A crescente movimentação turística que tem transformado a ilha no mais novo pólo de desenvolvimento do país tem gerado um fluxo diferente do que se via até então, o fluxo imigratório, com a chegada de estrangeiros africanos e europeus e dos *badius* de Santiago.

Não tive o propósito de empreender neste trabalho uma análise do turismo e do fluxo imigratório, porém, não poderia deixar de incorporar ao meu argumento sobre a organização familiar boa-vistense os novos atores que passam ou ficam na ilha levados pela movimentação turística. A relação dos moradores locais com estes "outros" e a incorporação destes, pelo casamento, ao universo familiar local tem sido um tema importante no cotidiano da ilha.

Como tento explicitar no último capítulo, os casamentos interculturais entre boa-vistenses e europeus, pela diferença, ajudam a entender padrões de comportamento tradicionais. As novas configurações familiares colocam desafios aos atores que passam a ter que lidar com "outros" que são originários de matrizes culturais diferentes e que nem sempre estão dispostos a atualizar os padrões locais de organização familiar. Vimos que, ao incorporar novos membros, os grupos domésticos fazem uso de determinadas estratégias para

manter o sistema operando: uma das mais eficazes é deixar os conflitos latentes, acontecendo apenas no campo dos rumores.

O que resulta da análise desses casamentos interculturais é que, teoricamente, tais alianças aproximam o casal do modelo considerado ideal pelos boa-vistenses, o padrão europeu de união conjugal. Relembro o relato que abre este trabalho, em que a professora compara dois padrões de comportamento que estão à mão para as pessoas da Boa Vista. Enquanto uma sociedade crioula, ela pode operar com as duas matrizes, porém, o que ocorre no universo estudado é que a matriz europeia só é realizada, e ainda precariamente, na última fase do ciclo doméstico, quando o homem “senta a cabeça” e decide casar. Nas demais fases, o modelo está presente enquanto um ideal (em especial para as mulheres), algo que deveria acontecer, mas que quase nunca se consuma.

Como vimos, mulheres e homens que casam com italiano(a)s justificam sua escolha tendo em vista este modelo. Porém, a possibilidade real de sua realização plena traz grandes problemas para a esfera familiar, que podem gerar um obstáculo a sua reprodução. A incorporação de estrangeiros constitui, então, um risco ao sistema porque é uma “exogamia radical”. A depender se o “outro” é homem ou mulher, os riscos podem ser minimizados ou maximizados. O que estas novas realidades trazem de interessante (inclusive para estudos posteriores) é a relação entre modelo e prática, uma relação que é equilibrada por meio das decisões individuais que no fundo são estratégias de grupos.

Por último, e ainda tratando do tema do processo de criouliização, gostaria de trazer uma discussão que não foi explorada de forma direta na tese: as assimetrias e diferenças sociais e suas relações com os modelos e práticas existentes na sociedade boa-vistense. Como em toda e qualquer sociedade, em Boa Vista há estratificação social, ou seja, há uma pequena elite local educada, lusitanizada e mais próxima do modelo cristão. Este é o grupo que mais se articula e se aproxima da vertente europeia. É uma maioria que pertence a estratos sociais mais baixos que vivem segundo as tradições locais, mas sempre ambicionando adotar as formas de condutas consideradas cristãs e europeias. A “elite embranquecida” seria formada por aquelas famílias tradicionais, descendentes dos grandes comerciantes do início do século XX e

até mesmo pelos ex-emigrantes que “tiveram cabeça” e, ao retornarem para a ilha, investiram os recursos de forma a adquirirem um status diferenciado.

É de se esperar que tal grupo tenha padrões de comportamentos diferentes dos estratos inferiores e que tais formas de vida exerçam relativa influência no restante da sociedade. São estas famílias, por exemplo, que conseguem enviar os filhos para fazer faculdade em outros países, sonho que justifica a emigração de muitas mães que conheci; são eles que adquirem vistos para emigração com maior facilidade, porque possuem contatos políticos e relações de amizade com pessoas de influência na capital e; também são eles que têm uma maior intimidade com o “mundo dos brancos”. Seriam eles também os que adotariam uma forma de comportamento mais próxima ao modelo familiar europeu?

Tal questão não foi aprofundada em meu trabalho porque observei que nesta sociedade as diferenças sociais não são correlatas à utilização de formas de comportamento que atualizam o modelo ocidental de família. As práticas características do que chamamos de modelo africano operam também nas famílias dos estratos sociais mais elevados. Homens de famílias tradicionais e abastadas também têm seus casos com outras mulheres, percebem o casamento formal como último passo de um longo processo e são ausentes na esfera doméstica e na criação dos filhos. Por sua vez, as mulheres desta elite também partilham do sonho de emigrar (e emigram), se percebem como fracas diante do homem conquistador, são percebidas como o centro das relações domésticas e cumprem suas responsabilidades numa rede de solidariedade que compensa a ausência masculina.

Está claro que tais padrões de comportamento variam em sua forma a depender do lugar que se fala. Em certo sentido, homens e mulheres que estudaram e que têm tradição e recursos estão mais próximos das formas ocidentais de família e exatamente por isso são percebidos como “mais brancos”. Porém, isso não ocorre de forma a definirmos comportamentos de “ricos” como de acordo com o modelo europeu e dos outros com o modelo tradicional africano. Em outras palavras, em qualquer lugar da estrutura social ou em qualquer momento do tempo que se tome, a sociedade crioula se mostra internamente diferenciada, contraditória, fluida e ambígua, e isto não significa ausência de ordem ou de princípio orientador (Trajano Filho, 2003).

Minha perspectiva é de que, não importa se estamos no domínio de uma elite ou em camadas mais pobres, no seu todo, esta sociedade é produto de um compromisso social entre as vertentes sociais que a formaram e o modo de organização familiar e os valores ali desenvolvidos revelam o funcionamento deste compromisso que tem uma natureza pendular, oscilando entre o mundo europeu e o africano.

Mesmo deslocando a análise para a esfera da estratificação social, ainda estamos diante de uma sociedade crioula que atua com dois modelos e é marcada por identificações e sentimentos de pertencimento múltiplos e muitas vezes contraditórios. A opção por um modelo ou outro não vai depender exclusivamente da camada social a qual o indivíduo pertence, mas das estratégias que lhe convém lançar mão em situações determinadas. Portanto, não se pode efetuar uma associação direta de ricos aos padrões europeus e pobres ao padrão tradicional africano de comportamento familiar. Mesmo se tomamos como exemplo casos que representam os dois pólos opostos da pirâmide social da Boa Vista, observaremos o movimento pendular entre um modelo e outro a depender das circunstâncias que os indivíduos enfrentam.

Ao analisar esta sociedade inserindo-a no quadro do ecúmeno africano privilegiei suas características de fluidez, hibridez, ou seja, crioulição. Ao cruzar esta perspectiva com os dados coletados em campo, observei que os indivíduos, independente do sexo, idade ou estrato social irão idealizar e praticar um modelo ou outro porque ambos constituem o campo de possibilidades desta sociedade. Estamos, então, num campo de assimetrias relativas, no qual nenhuma das vertentes consegue dar continuidade plena a suas formas e projetos de vida social. O que se reproduz é uma entidade terceira, nem europeia e nem africana, mas que se apresenta em formas de organização social, instituições e sintaxes culturais que combinam as duas vertentes.

O que posso concluir deste percurso é que a família que encontrei em Boa Vista é um projeto. Ou seja, é resultado de negociações constantes entre os membros, passando pelos desafios inerentes à valorização dada à mobilidade enquanto estratégia de reprodução. Este entendimento não vem do discurso imediato dos indivíduos, mas da observação e análise das práticas nos universos familiares no interior dos quais as pessoas que conheci se

constroem enquanto tais. Espero que esta opção tenha tornado menos obscuras as formas como estas famílias funcionam e as maneiras como as pessoas se constituem enquanto membros de um grupo, independente da proximidade física entre elas. Mais do que isso, incapaz de se reproduzir por meio de suas relações internas, estas famílias tm que assimilar e incorporar valores e práticas sociais externos, transformando-os em algo que lhe é verdadeiramente seu.

Ao empreender a tarefa de entender a organização familiar boa-vistense fui contaminada pela realidade que encontrei. Durante o trabalho de campo, e a partir das relações pessoais, históricas, sociais e espaciais que encontrei, construí minha perspectiva sobre o que seria a família boa-vistense. Para cada uma das relações estudadas levantei hipóteses no sentido de realizar o exercício de entender a lógica de pessoas que se reconhecem como família apesar da distância e do tempo que os separa. Hoje, quando olho para a família boa-vistense por mim construída, vejo que muitos pontos encontram-se ainda obscuros e que a análise apresentada aqui é apenas uma versão da realidade estudada; que, em certo sentido, já está em ruínas, à medida que vão mudando as relações que ela cobriu por um momento.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AKESSON, L. 2004

To make a life: meanings of migration in the transnational homeland of Cape Verde. PhD Thesis. Department of Social Anthropology, University of Gothenburg.

ALMEIDA, G. 2000

A Ilha Fantástica. Lisboa: Editora Caminho.

ALMEIDA, G. 2003

Cabo Verde. Viagem pela história das ilhas. Cabo Verde: Ilhéu Editora.

AMSELLE, J. 2002

"Globalization and the future of Anthropology", *African Affairs*, 101:213-229.

ANDRADE, E. 1995

As ilhas de Cabo Verde da Descoberta à Independência Nacional (1460-1975). Paris: L'Harmattan.

BALDOCK, C. V. 2000

"Migrants and their parents. Caregiving from a distance", *Journal of Family Issues*, 21(2):205-224.

BESTARD, J. 1998

Parentesco y Modernidad. Buenos Aires: Ed. Paidós Argentina.

BINDÁ, A. 1995

Viajar é Mais. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília.

BLACKWOOD, E. 2005

"Wedding bell blues: marriage, missing men, and matrifocal folies", *American Ethnologist*, 32(1):03-19.

BOURDIEU, P. 1980

"La terre et les strategies matrimoniales". In *Le Sens Pratique*, Editions Minuit, Paris

BOURDIEU, P. 1991

Outline of a theory of practice. London: Cambridge Studies in Social Anthropology.

BOYER, R. 1964

“The matrifocal family among the Mescalero: additional data”, *American Anthropologist*, New series, 66(3):593-602

CARDOSO, H. 1998

“O erro de António Carreira”, *Cultura*, 2:32-43. .

CARLING, J. 2001

Aspiration and ability in international migration: Cape Verdean experiences of mobility and immobility, Cand. Polit. Thesis, University of Oslo.

CARLING, J. 2004

“Emigration, return and development in Cape Verde: the impact of closing borders”, *Population, Space and Place*, 10:113-132.

CARREIRA, A. 1977

Cabo Verde. Classes sociais, estrutura familiar, migrações. Lisboa: Ulmeiro.

CARREIRA, A. 1983

Migrações nas ilhas de Cabo Verde. Instituto Cabo-verdiano do livro: Praia

CARREIRA, A. 1984

Cabo Verde. Aspectos sociais. Secas e fomes do século XX. Lisboa: Ulmeiro.

CARSTEN, J. 1995

“The substance of kinship and the heat of the heart: feeding, personhood, and relatedness among Malays in Pulau Langkawi”, *American Ethnologist* 22(2):223-241.

CARSTEN, J. 2000

“The politics of forgetting: Migration, Kinship and Memory on the Periphery of Southeast Asian State”, *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 1(2):317-335.

CARSTEN, J. 2003

Cultures of Relatedness. New approaches to the Study of Kinship. University of Edinburgh: Edinburgh.

CARSTEN, 2004

After Kinship. Cambridge: Cambridge University Press.

CARSTEN, J. & e HIGH-JONES, S. 2005

“Introduction”. In Janet Carsten and Stephen Hugh-Jones (orgs), *About the*

house, Lévi-Strauss and beyond. Cambridge: Cambridge University Press.

CHAMBERS, Erve (ed.). 1997

Tourism and Culture, an applied perspective. New York: University of New York Press.

CLARKE, E. 1979

My mother who fathered me: a study of the family in three selected communities in Jamaica. London: G Allen & Unwin.

COHEN, E. 1984

"The sociology of Tourism: approaches, issues and findings", *Annual Review of Sociology*, 10:373-392.

COUTO, C. F. 2001

Estratégias Familiares de Subsistências Rurais em Santiago de Cabo Verde. Lisboa: Instituto da Cooperação Portuguesa.

DIAS, J. B. 2000

Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília.

DIAS, J. B. 2004

Mornas e coladeiras de Cabo Verde: versões musicais de uma nação. Tese de Doutorado apresentada ao PPGAS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

DOS ANJOS, J. C. G. 2004

"A condição de mediador político-cultural em Cabo Verde: intelectuais e diferentes versões da identidade nacional", *Etnográfica*, 8:273-295.

DRESSLER, W. 1995

"Household structure in a Southern Black Community", *American Anthropologist*, 87(1):853-862.

EHRENREICH and Arlie HOCHSCHILD, 2002

"Introduction". In Barbara Ehrenreich & Arlie Hochschild (eds.), *Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy*, New York: LLC.

FINAN, T. & HENDERSON, H. 1988

"The logic of Cape Verdean female-headed households: social response to economic scarcity", *Urban Anthropology*, 17:87-103.

FONSECA, C. 2004

Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora UFRGS.

FONSECA, C. 2006

Os Caminhos da Adoção. São Paulo: Cortez.

FORTES, M. 1969

Web of kinship among the Tallensi: The second part of an analysis of the social structure of a trans-volta tribe. London: Oxford Univ Press.

FORTES, M. 1974

O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico. Brasília: UnB.

GEFFRAY, C. 1990

Ni pere ni mere: Critique de la parente: le cas makhuwa. Paris: Ed. Du Seuil.

GERMANO LIMA, A. 1997

Boa Vista. Ilha de capitães. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.

GERMANO LIMA, A. 1999

“Ilha da Boa Vista”, *Revista Fragata*, 22.

GLICK SCHILLER, N. 1995

“Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration”. In Nina Glick Schiller et. al. (eds.), *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*, New York: New York Academic of Sciences.

GOODY, E. 1982

Parenthood and social reproduction: fostering and occupational roles in West Africa. Cambridge: Cambridge University Press.

GRASSI, M. 2006

“Cabo Verde pelo mundo: o gênero e a diáspora cabo-verdiana”, *Working Papers*, Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa. Lisboa.

GRUNEWALD, R. 2001

“Turismo e o “resgate” da cultura Pataxó”. In Álvaro Banducci e Margarita Barretto (org.), *Turismo e Identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus.

HANSEN, K. (Ed.) 1992

“Introduction: domesticity in África”. In Karen Hansen (ed.), *African Encounters*

with domesticity. New Jersey: Rutgers University Press.

KASPER, J. 1987

Ilha da Boa Vista – Cabo Verde. Aspectos históricos, sociais, ecológicos e econômicos, tentativa de análise. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.

KOPYTOFF, I. & MIERS, S. 1979

“African Slavery as an Institution of Marginality”. In Kopytoff & Miers (org.). *Slavery in African: Historical and Anthropological Perspectives*. Madison: The University of Wisconsin Press.

KUNSTATDER, P. 1963

“A survey of the Consanguine or Matrifocal Family”, *American Anthropologist*, New Series, 65(1):56-66.

LEACH, E. 1961

Rethinking Anthropology. London: Athlone Press.

LESOURD, M. 1995

État et société aux îles du Cap-Vert: Alternatives pour un petit État Insulaire. Paris: Karthala.

LEVINE, R. 1973

“Patterns of personality in África”, *Ethos*, 1(2):123-152.

LINARES, O. 2003

“Going to the city and coming back? Turnaround migration among the Jola of Senegal”, *África*, 73(1):113-131.

LITTLE, K. 1975

African Women in Towns. An aspect of Africa's social revolution. Cambridge: Cambridge University Press.

LOBO, A. 2001

Seca, Chuva e Luta. Reconstruindo a Paisagem em Cabo Verde. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília.

MALINOWSKI, B. 1978

“Introdução”. In *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, São Paulo: Abril Cultural.

MEINTEL, D. 1984

“Emigração em Cabo Verde: solução ou problema?”, *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 2:93-120.

MODELL, J. 1998

“Rights to the children: fosters care and social reproduction in Hawai’i”. In Sarh Franklin and Helena Ragoré, *Reproducing Reproduction. Kinship, towers and technological innovation*, University of Pennsylvania press: Philadelphia.

MONAGAN, A. P. 1985

“Rethinking matrifocality”, 46(4):353-362.

MONTEIRO, C. A. 1997

Comunidade Imigrada. Visão sociológica. O caso da Itália. Praia: Edição do autor.

MURTEIRA, M. 1988

Os Estados de língua portuguesa na economia mundial. Lisboa: Presença.

NASH, D. 1996

Anthropology of Tourism. Oxford: Pergamon.

NEEDHAM, R. 1971

“Introduction”. In Rodney Needham (org.), *Rethinking Kinship and Marriage*, Tavistock: ASA Monographs.

NOTERMANS, C. 2004

“Sharing home, food and bed: paths of grandmotherhood in East Cameroon”, *África*, 74(1):28-46.

OLWIG, K. F. e SORENSEN, S. 2002

“Narratives of the children left behind: home and identity in globalised Caribbean families”

PARKIN, D & NYAMWAYA, D. (eds.) 1987

Transformations of African Marriage. Manchester: Manchester University Press.

PARREÑAS, R. S. 2002

“The care crisis in the Philippines: children and transnational families in the new global economy”. In Barbara Ehrenreich & Arlie Hochschild (editors), *Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy*, New York: LLC.

PARREÑAS, R. S. 2005

Children of Global Migration. Transnational families and gendered woes. Stanford: Stanford University Press.

PINA CABRAL, J. 2003

O Homem na Família. Cinco ensaios de antropologia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PINA CABRAL, J. 2005

“O limiar dos afectos: algumas considerações sobre nomeação e constituição social de pessoas”. Aula Inaugural do PPGAS da UNICAMP: São Paulo.

PINA CABRAL, J. 2006

“Em Nome do Pai: Mães e Nomes no Baixo Sul (Bahia, Brasil)”. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional *Nomes e Pessoas: gênero, classe e etnicidade na complexidade identitária.* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Versão preliminar.

RADCLIFFE-BROWN, B. 1952

“Introduction”. In A.R. Radcliffe-Brown and D. Forde (eds.), *African Systems of Kinship and Marriage*, London: Oxford University Press.

RODRIGUES, G. 1999

“O strass e o Preto – Nota sobre casos de emigração”, *Anais/AECCOM*, 1(3):77-79.

SAHLINS, M. 1974

Stone age economics. London: Tavistock.

SCHNEIDER, D. 1984

A critique of the study of kinship. Ann Arbor: University of Michigan Press.

SENA BARCELOS, C. J. 1989

Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné, 1899-1913. Lisboa.

SILVA, K. 2006

“O poder do campo e o seu campo de poder”. In Soraya Fleischer & Alinne Bonnetti. (Orgs.), *Entre saias Justas e Jogos de Cintura.* No prelo.

SIMMEL, G. 1971

On Individuality and Social Forms. Chicago: The University of Chicago Press.

SMITH, R. T. 1996

The Matrifocal Family: Power, Pluralism, and Politics. New York: Routledge.

SMITH, V. 1989

Hosts and Guests: the anthropology of tourism. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

SOLIEN, N. L. 1965

"The consanguineal household and matrifocality", *American Anthropologist*, New series, 67(6):1541-1549.

SOLOMON, M. J. 1992

We can even feel that we are poor, but we have a strong and rich spirit": learning from the lives and organization of the women of Tira Chapéu, Cape Verde. A dissertation in Education presented to the Graduate School of The University of Massachusetts.

TRAJANO FILHO, W. 1998

Polymorphic creoledom: the "creole" society of Guinea-Bissau. PhD dissertation. University of Pennsylvania.

TRAJANO FILHO, W. 2003

"Uma experiência singular de criouliização", *Série Antropológica*, 343. UnB: Brasília.

TRAJANO FILHO, W. 2005

"A sociabilidade da Diáspora: o retorno", *Série Antropológica*, 380. UnB: Brasília

TRAJANO FILHO, W. 2006

"Some problems with the Creole Project for the Nation: the case of Guinea-Bissau". Paper presented at the Seminar Powerfull Presence of the Past, at the Max Planck Institute, Halle, Germany.

TURNER, V. 1972

Schism and continuity in an African Society. A study of Ndembu village life.

VAN DER GEEST, S. 2004

"Grandparents and grandchildren in Kwahu, Ghana: the performance of respect", *África*, Vol. 74(1):47-61.

WHITE, S. 2004

"Lifetimes Interwined: African grandparents and grandchildren", *África*, 74(1): 76-95.